

~~ATÉ~~
~~VOCÊ~~
~~SER~~
~~MINHA~~
~~SAMANTHA~~
~~HAYES~~



SAMANTHA HAYES

Até você ser minha

TRADUÇÃO DE
Domingos Demasi



TÍTULO ORIGINAL

Until you're mine

PREPARAÇÃO

Vilma Homero

REVISÃO

Marcela Lima

Tamara Sender

DESIGN DE CAPA

Elena Giavaldi

FOTOGRAFIA DE CAPA

Perry Matrovito / All Canada Photos / Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-666-5

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)
[Dedicatória](#)
[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

*Para Lucy, minha luz.
Com todo meu amor.*

AGRADECIMENTOS

O autor é apenas o começo de um livro. Muitas outras pessoas estão envolvidas a partir do momento em que a história sai da minha cabeça. Gostaria de agradecer, sinceramente, a Oli Munson, meu agente extraordinário; a minhas editoras brilhantes, perspicazes e amáveis, Selina Walker e Georgina Hawtrey-Woore, por acreditarem e tornarem as coisas ainda melhores; a Dan Balado, por enxergar o que não consegui; a Richard Ogle, pela linda capa; e a toda a equipe da Century and Arrow — imprensa, marketing, comercial e demais departamentos —, agradeço imensamente pelo trabalho árduo de todos vocês. Muito obrigada ainda às minhas editoras ao redor do mundo, por propagarem essas palavras.

Finalmente, meu amor a Terry, Ben, Polly e Lucy. Obrigada por serem parte disso. Não conseguiria sem vocês!

Eu sempre quis um bebê, mesmo quando era pequena e não sabia de onde eles vinham. Tem sido uma dor contínua, bem no fundo da minha alma, desde que consigo me lembrar — uma doença, um desejo maligno rastejando pelo meu corpo, serpeando em torno das veias, retorcendo-se ao longo de bilhões de caminhos nervosos, envolvendo o cérebro numa vontade enevoada de hormônios. Tudo o que eu queria era ser mãe.

Uma menininha. Isso é pedir demais?

É engraçado e me deixa sem jeito lembrar isso agora. Quando criança, eu costumava desejar e desejar revirando os olhos, invocando toda a magia possível, os dentes rangendo e os punhos cerrados, preparando um imaginário pó mágico com o talco de minha mãe que fedia a cravo e um tubo de glitter prateado. Pulverizava aquilo em cima do bebê de brinquedo, prendendo a respiração à espera do momento em que a boneca ganharia vida — meu parto de virgem, sem dor, com a duração de três minutos inteiros. Sim, isso agora me faz rir. Faz com que eu queira quebrar coisas.

Lembro-me do halo de pó cintilante caindo no carpete num pairar decepcionante, enquanto eu cutucava delicadamente a inerte boneca de plástico. Por que ela não estava respirando? Por que não estava viva? Por que o pó mágico, ou Deus, ou meus poderes especiais — *qualquer coisa* — não transformou a minha boneca num bebê de verdade? Ela continuava um plástico frio e sem vida. Como chorei enquanto ela simplesmente permanecia ali, imóvel e rígida em meus braços, envolta num cobertor tricotado. E o amor que eu lhe dera todos aqueles anos — a mais longa gestação de que se tem notícia? Isso não valia nada? Queria tirá-la do baú de brinquedos para a vida real, a fim de que eu pudesse ser sua mamãe. Ela não queria ser minha? Não queria ser amada e alimentada e embalada e animada e contemplada e acariciada acima de qualquer coisa? Ela não me amaria de volta?

Devo ter tentado o pó mágico uma centena de vezes. Era sempre um fracasso, assim como uma inútil e dispendiosa fertilização *in vitro* — não que eu soubesse o que era isso na época. Com cerca de doze anos, arranquei a cabeça da boneca e joguei-a no meio do carvão incandescente da lareira da sala, quando ninguém estava olhando. Ela respingou no coletor de cinzas. Os olhos derreteram por último, cada qual me encarando em atordoantes direções azuis diferentes.

Bebê derretida idiota.

— Se alguém vai me dar netos, será você — costumava dizer mamãe, enquanto sua bochecha direita executava uma febril dança de contração muscular.

Eu rezava para não frustrá-la. Minha mãe não era o tipo de pessoa que aceitava docilmente uma decepção. Ela tivera muitas delas em sua vida para ainda ser leniente com isso.

“Ceci” era como minha irmã mais velha me chamava. O apelido pegou quando ela não conseguia pronunciar meu nome. Há apenas dezoito meses de diferença entre nós e, sendo os únicos bebês vivos que nossa mãe teve, fomos forçadas pelo seu sufocamento a ficar ainda mais próximas. Fora nós duas, houve oito abortos, três natimortos e um irmãozinho que morreu de meningite aos dois anos. Eu fui a mais nova — *a última sortuda*.

— Quase perdemos você também — lembrava-me ela habitualmente, como se perder filhos fosse algo que todo mundo fazia.

Ela estava sentada no velho banco, invadido pela pendente trepadeira vermelha, mastigando ruidosamente suas pílulas e fumando sem parar. Parecia em chamas.

Dizer que sobrevivi contra todas as dificuldades deveria fazer com que eu me sentisse especial,

como se eu fosse sua habilidosa quase falha que, de alguma maneira, quebrara o encanto, já que de qualquer modo eu não deveria estar realmente ali se não tivesse tido sorte; graças a imensos salpicos de pó mágico, aqui estava eu. Respirando e viva.

Papai, em comparação, era um homem calado, despretensioso, que ingeria sua comida apoiado na pia da cozinha, olhando as três mulheres de sua vida, piscando para mim quando o maldito senso de culpa pela minha existência espregueava lágrimas dos meus olhos quase secos. Sentia muito por todos os meus irmãos e irmãs mortos, como se eu tivesse avançado, empurrando, e tomado o lugar deles. Papai mexia seu purê de batatas com o garfo, um cigarro enfiado atrás da orelha para depois, e sempre com aquelas linhas de pó de carvão circundando seu pescoço. Papai me amava. Papai acariciava meu cabelo quando mamãe não estava olhando. Papai estava morrendo desde que eu conseguia me lembrar.

Os círculos de sujeira ainda envolviam seu pescoço quando, como uma adolescente de quinze anos praticamente muda, bisbilhotei dentro de seu caixão. O colar tatuado pelos anos lá embaixo nas minas (câncer de pulmão e, além disso, enfisema, disse orgulhosamente minha mãe para todo mundo) foi a única coisa que reconheci nele. No velório, ouvi mamãe falar com tia Diane sobre a probabilidade de papai ter ido para o céu e se tornado novamente um bebê. Mamãe acreditava tanto nesses lances espirituais malucos que foi visitar um médium antes mesmo de o corpo de papai ter esfriado. Normalmente, tia Diane fazia as vontades de mamãe durante seus “períodos menos normais”, como os chamava, para fazer com que ela se sentisse melhor. Mas agora acho que era apenas para eu e minha irmã nos sentirmos melhor, para nos fazer acreditar que tudo estava bem quando não estava.

— A mãe de vocês é doida de pedra — disse-nos certa vez.

Depois disso, desejei que tia Di fosse nossa mãe de verdade.

Mais tarde, no banho, espalhei o resto de minha antiga mistura mágica de talco por toda a barriga, fingindo que eram as cinzas do meu pobre papai, rezando para que, de algum modo, ele fosse absorvido pelos meus óvulos, meu ventre, se tornasse um bebê e não estivesse morto de maneira alguma. Tudo o que eu sempre quis foi cuidar de algo. Imaginava que era a melhor coisa depois de ser cuidada. Eu sabia, porém, que, mais do que tudo, ter papai novamente vivo faria mamãe feliz — mesmo que ele nascesse como uma menininha.

Ter um bebê, decidi, seria a missão da minha vida.

— Alguém respondeu ao nosso anúncio.

Lanço um olhar por cima do laptop, fazendo uma cara meio frustrada. Parte de mim esperava que ninguém respondesse, que eu pudesse de algum modo me arranjar sozinha. O calor do computador está cozinhando minhas pernas, mas não me preocupo em tirá-lo dali. É trabalho e aquecimento de inverno num só pacote.

— Você não devia deixar essa coisa tão perto, sabia? — James bate na tela enquanto passa a caminho do armário. Tira a panela wok. — Radiação e esses lances.

Eu o adoro por ele cozinhar, por ele se importar.

— O ultrassom diz que ela tem todos os braços e pernas. Pare de se preocupar. — Eu já mostrei a ele as imagens da ultrassonografia uma dezena de vezes. Até agora, ele faltou a todos os meus exames. — Temos uma bebezinha saudável a caminho. — Mudo desconfortavelmente de posição e coloco o computador sobre o velho sofá afundado a meu lado. — Não está interessado em quem respondeu ao anúncio?

— Claro que estou. Diga.

James joga óleo na panela. Ele faz bagunça quando cozinha. O anel de chamas azuis salta para a vida, no momento em que ele liga o bico de gás no máximo. Morde o lábio inferior e joga pedaços de frango na wok. A fumaça é sugada pelo exaustor.

— Uma mulher chamada Zoe Harper — falo mais alto do que a chiadeira. Vasculho os detalhes no e-mail outra vez. — Aqui diz que ela tem muita experiência e todas as qualificações adequadas.

Vou telefonar depois, para sondar qual é a dela. Preciso mostrar disposição, ainda que ter uma estranha em casa não seja uma ideia particularmente agradável. Sei como James se preocupa por eu ter que cuidar de tudo quando ele estiver longe novamente. Ele tem razão, é claro. Vou precisar de ajuda.

Nosso papo sobre babá é subitamente interrompido por ruídos, confusão e gritos vindos da sala de visitas. Levanto-me do sofá, pernas abertas e mãos na lombar para evitar que minha coluna ceda. Ergo os braços para deter a investida de salvamento de James.

— Tudo bem. Eu vou.

James parece pensar que sou incapaz de fazer qualquer coisa quando ele está em casa. Provavelmente porque da última vez que me viu eu não estava do tamanho de uma casa.

— Oscar, Noah, o que está acontecendo?

Estou na porta da sala de visitas. Os meninos erguem o olhar para mim. Desconsolados, tiveram que recuar nos estágios iniciais da guerra. Oscar tem algo duro e amarelo grudado no canto da boca. Noah está brandindo o revólver de brinquedo do irmão.

Só deixo que eles se divirtam com brinquedos desse tipo quando James está em casa. Ele não vê problema. Em outras ocasiões, fica tudo trancado no armário. Armas de brinquedo foram um assunto polêmico naquele jantar horrível, já faz alguns anos, não muito depois de eu ter conhecido James. Eu queria que todos os amigos dele gostassem de mim, que não fizessem comparações, que confiassem que eu tinha minha própria coleção de instintos maternos quando chegasse o momento de criar meus filhos recém-herdados.

— Como você lida com esse tipo de coisa com os gêmeos, Claudia? — perguntou uma das mulheres quando declarei que não gostava de ver crianças brincando com espadas e revólveres.

Deus sabe quantos meninos perturbados vejo em meu trabalho para ter aprendido que há coisas melhores que eles poderiam fazer com seu tempo.

— Deve ser difícil ser mãe... *sem ser* uma — concluiu ela.

Eu poderia ter lhe dado um tapa.

— Oscar, venha aqui — digo, e faço o impensável.

Lambo um lenço e limpo sua boca. Ele se contorce e se manda. Olho o revólver na mão de Noah. Tomá-lo dele causaria um grande incidente.

No tal jantar, expliquei debilmente que, como madrastra de gêmeos que perderam a mãe biológica para o câncer, eu acreditava que isso me dava o direito de me considerar mãe deles — mas, na ocasião, ninguém se importou realmente ou prestou atenção. O assunto fora adiante.

— James é da Marinha — ouvi-me dizer —, portanto, é claro que os meninos são fascinados por guerras... Não existe esse tipo de proibição em nossa casa, mas... — Àquela altura, eu estava toda vermelha. Queria apenas que James me levasse para casa.

— Devolva o revólver para o seu irmão, Noah. Você o pegou?

Noah não responde. Aponta o revólver de plástico, encosta-o na minha barriga e aperta o gatilho. Há um leve estalido quando ele atira de mentirinha.

— *Bang*. A bebê está morta — diz ele com um sorriso dentuço.

*

— Eles estão dormindo. Mais ou menos — fala James.

Ele está usando seu suéter favorito, um que não sabe que levo comigo para a cama quando ele está longe. E segurando uma taça de vinho. Felizmente para ele, é noite de sexta-feira. Tomei um chá de hortelã e minhas costas doem. Estou convencida de que hoje meus tornozelos estão inchados.

Ele se senta a meu lado no sofá.

— Bem, o que achou dessa Mary Poppins? — Um braço envolve meus ombros, dedos enrolam as pontas do meu cabelo.

Enquanto ele colocava os meninos para dormir — cantando meio embriagado “Janie’s Got a Gun”, do Aerosmith, substituindo os nomes por Oscar e Noah na letra —, liguei para Zoe Harper, a mulher que respondeu ao nosso anúncio.

— Ela me pareceu... legal — digo, um tanto frivolamente, pois não tinha esperado de modo algum que ela parecesse legal. — Aliás, adorável. Para ser honesta, eu esperava que ela parecesse uma bruxa e falasse arrastado como se estivesse bêbada.

A questão é: já tentei duas babás antes. E, de um jeito ou de outro, não eram exatamente o que afirmavam ser. Além disso, os meninos não gostavam muito de tê-las por perto. Então, entre amigos compreensivos, creche e, mais recentemente, escola pela manhã e atividades extraclasse à tarde, de alguma forma temos nos virado. James prefere que eles sejam cuidados totalmente em casa enquanto estou no trabalho e, agora que nossa bebê está quase chegando, ele quer as coisas mais bem-estabelecidas.

— Mas ela realmente não pareceu... — alego, observando sua expressão mudar para esperança — uma bruxa.

Com James no mar por semanas ou mesmo meses a cada vez, e eu tentando enfiar um trabalho que exige muito de mim em horas que geralmente não são regulares, estava arrancando os cabelos por causa da culpa. Queria ser a melhor mãe possível, mas sem abandonar minha carreira. Foi algo que prometi a mim mesma ao assumir essa família já pronta. Adoro meu trabalho, ele me define. Acho que quis agarrar tudo e agora estou pagando o preço.

— Sim, ela pareceu perfeitamente normal e realista.

Ficamos sentados em silêncio por um momento, ambos avaliando o que fizemos — o anúncio levou várias noites de deliberação. Creio que nunca consideramos o que viria depois disso: ter alguém vivendo novamente conosco.

— Ah, meu Deus, e se ela for como as duas últimas? Não é justo com os meninos. Ou com a bebê. Ou comigo. — Ajeito minha barriga para poder entrelaçar as pernas em cima do sofá.

— Câmera escondida? — sugere James. Serve-se de outra taça de vinho.

— Me dê um cheirinho — peço, inclinando-me, desesperada por um golinho.

— Emanações do vinho — alega ele, afastando a taça de mim e cobrindo-a com a outra mão.

Dou-lhe um tapinha nas costas e sorrio. É só porque ele se importa.

— Mas preciso de emanações. Câmera escondida? Não está falando sério, está?

— Claro que estou. Todo mundo faz isso.

— E como fazem. É uma violação dos... dos direitos humanos da babá ou algo assim. Além do mais, o que quer que eu faça? Que fique encarando meu computador o dia todo, vendo os meninos brincar com Lego, enquanto a babá alimenta a bebê? Isso meio que anula a necessidade de ter uma babá, não?

— Então, saia do trabalho — sugere ele, com sua voz suave, mas séria.

— Ah, James — reclamo, quase sem acreditar que ele está tentando isso de novo. — Sem essa.

A mão em sua coxa é um alerta suficiente, enquanto ele dá de ombros e liga a TV. Está passando *Children's Hospital*. A última coisa que quero ver são crianças doentes, mas não há mais nada para assistir.

Reflito sobre a câmera escondida. Acho que poderia dar certo. De repente, Oscar está parado na porta, para impressionar (ele faz isso muito bem): menininho em cenário de época dramático com sangue escorrendo do nariz. Ele nem mesmo tenta conter o fluxo. Seu pijama do Ben 10 parece teatral.

— Ah, Ossy querido! — exclamo. Não adianta eu me mexer. James fica de pé rapidamente e arranca, no caminho, um punhado de lenços de papel da caixa sobre a mesa. — De novo?

James levanta nosso filho e o coloca no sofá a meu lado. Sai para pegar gelo, e Oscar se encosta em mim para se aninhar. Descansa a cabeça na minha barriga, e o sangue suja minha camiseta velha.

— A bebê está dizendo que ama você, Ossy — digo-lhe. Ele olha para mim com grandes olhos azuis e um mortífero nariz ensanguentado. James volta com um pacote de ervilhas congeladas. — Pano de prato — peço, sem querer colocar o pacote diretamente sobre a pele de Oscar.

James concorda com a cabeça e sai para buscar um.

— Como ela pode me amar? Ela nem me conhece. — Ele parece todo entupido.

— Bem...

James retorna da cozinha. Envolvero o pacote no pano de prato e o comprimo delicadamente sobre a ponte do narizinho de Oscar. O médico diz que, se isso continuar, será preciso uma cauterização.

— Ela ama você, eu garanto. É instintivo, vem com ela. Bebês chegam com seu próprio amor, e ela já sabe que nós a amamos.

— Noah não ama ela — afirma Oscar por baixo das ervilhas. — Ele diz que odeia a bebê e quer chutar ela para fora do planeta.

Embora seja apenas Noah, meu pequeno enteado, me encolho por dentro.

— Ele talvez esteja apenas com um pouco de ciúmes, só isso. Ele ficará bem quando ela nascer, você vai ver.

Olho por cima da cabeça de Oscar e faço contato visual com James. Nós dois fazemos careta,

imaginando que delícias estão para acontecer com três crianças com menos de cinco anos em casa, e em seguida estou me inquietando para fazer com que eles se acostumem outra vez com uma nova babá. Talvez fosse mais fácil se eu largasse o trabalho.

— Bem, agora vejamos como estão as coisas aqui embaixo.

Levanto o pacote de ervilhas e descolo o tecido encharcado de vermelho. A hemorragia parece ter parado.

— Como eu estava dizendo — continuo, depois que Oscar é levado para a cama —, Zoe Harper pareceu... adorável. — Outros adjetivos me escapam. — Não, é sério. — Dou uma risadinha quando James faz uma careta. — Ai, meu Deus, não sei. — Passo as mãos na barriga. — Aparentemente, ela trabalhou em Dubai e Londres.

— Quantos anos?

O hálito de James cheira a vinho. Quero beijá-lo.

— Trinta e alguma coisa, eu acho. Não perguntei.

— Quanta esperteza. Ela poderia ter doze anos.

— Confie em mim, James. Vou botar a moça numa prensa, virar pelo avesso e depois colocar novamente na prensa. Quando eu terminar, saberei mais sobre ela do que ela sabe sobre si mesma.

— Só não entendo por que você cisma em voltar para o trabalho. A gente não precisa do dinheiro.

Esse é o momento em que dou uma gargalhada. Uma boa gargalhada, de tremer a barriga.

— Ah, James. — Eu me inclino e pressiono o corpo contra ele. Beijo seu pescoço. — Você sabia do acordo desde o início. Nós queríamos um bebê, mas também amo meu trabalho. Sou egoísta por querer tudo? — Beijo-o novamente, e, desta vez, ele vira o rosto e retribui, mas é muito difícil para a gente. Ele conhece o acordo. São ordens do médico e, agora, eu as cumprio direitinho. — De qualquer forma, as coisas só iriam piorar se eu parasse de trabalhar completamente. Estamos com falta de pessoal.

— Pensei que a Tina estivesse cuidando das coisas na sua ausência, não?

Nego com um gesto de cabeça, começando a me sentir estressada.

— O pessoal vai dividir meu trabalho durante a licença-maternidade, mas, quando estiver tudo certo com a bebê e os meninos, vou querer voltar. Se eu trabalhar até a data do parto, terei mais tempo em casa com a bebê depois que ela nascer.

Sentindo minha ansiedade, James segura meu rosto e tasca um beijo na minha boca. É um beijo cálido que diz: não vou tocar nesse assunto novamente e, mais importante, não vou pressionar você por sexo.

— De qualquer modo, Zoe Harper, a babá extraordinária, vem tomar um café amanhã, às onze. — Sorrio.

— Ótimo — diz ele, mudando o canal para o Sky News.

Começa a se perder em todos aqueles lances da bolsa de valores e geme por causa do fundo de pensão e dos investimentos. Não consigo enxergar tão adiante assim... Ser velha, me aposentar, precisar sacar a bolada herdada de James. Consigo enxergar no máximo até o fim da gravidez, ter minha bebê, ser uma família completa. Tornar-me finalmente uma mãe de verdade.

Vou me atrasar. Sinto a ruga de preocupação na testa talhar meu rosto, enquanto o ar gelado morde minha pele. Não posso me dar ao luxo de me atrasar. Preciso demais desse emprego, e fracassar não é uma opção. Meu Deus, ninguém sabe como preciso desse emprego com James e Claudia Morgan-Brown. Como preciso conquistá-los — com sobrenome hifenizado e tudo o mais, numa grande casa em Edgbaston. Pedalo mais rápido. Vou parecer um borrão vermelho e suado quando chegar. Quem decidiu que ir de bicicleta era uma boa ideia? Foi para impressioná-los com meu amor pela vida ao ar livre, minha preferência pelo transporte ecologicamente correto, meu amor pelo exercício que sem dúvida transmitirei aos seus filhos? Ou, talvez, isso os faça apenas pensar que sou uma idiota por chegar de bicicleta a uma entrevista de emprego.

— St. Hilda's Road — repito sem parar, estreitando os olhos para as placas da estrada.

Oscilo quando estendo o braço para virar à direita. Um carro buzina enquanto trepido e vacilo no meio da pista.

— Desculpe! — berro, embora aquele não pareça o tipo de vizinhança onde as pessoas berrem.

É bem diferente da minha casa... Da minha *última* casa.

Encosto no meio-fio e tiro do bolso um pedaço de papel. Verifico o endereço e continuo. Pedalo, passo por mais duas ruas e viro à esquerda na deles. As casas eram grandes antes, mas as de St. Hilda's Road são imensas. Dos dois lados da rua guarnecida de árvores imponentes, construções georgianas assentam-se absolutas em seus próprios terrenos. Residências nobres, como seriam chamadas por agentes imobiliários.

A casa de James e Claudia é, assim como as outras, uma destacada construção de época, com a metade de baixo sendo estrangulada por uma ramosa hera-americana. Não sou jardineira, mas a reconheço da casa da minha infância, que, por sinal, caberia vinte vezes dentro desta. A trepadeira ainda tem algumas folhas avermelhadas, embora seja meados de novembro. Passo com a bicicleta por dois imensos portões de ferro batido. O cascalho range sob meus pés. Nunca me senti tão perceptível.

A residência dos Morgan-Brown é uma casa simétrica de tijolos vermelhos. A porta da frente, circundada por um pórtico de pedra, é pintada de verde-brilhante. De cada lado da impressionante entrada, há enormes janelas de vitral. Não sei o que fazer com minha bicicleta. Devo simplesmente deixá-la no cascalho ao pé dos degraus da frente? Isso fará os losângicos canteiros de rosas e os quadrados de grama da extensa área de estacionamento parecerem um ferro-velho. Olho em volta. Há uma árvore bem do lado de fora dos portões. Rapidamente, volto para a rua. As raízes estão forçando para cima e quebrando o calçamento, como um miniterremoto, e o tronco é grande demais para eu dar a volta nele com minha corrente. Caminho mais um pouco pela calçada, empurrando a bicicleta, e noto que há outro acesso de entrada, menor, ao lado da casa, que leva a uma garagem com três vagas. Tento novamente entrar na propriedade, com a sensação de que dezenas de olhos me encaram das janelas, observando minha tola e incompetente chegada.

Ainda não sei o que fazer com a bicicleta. Parece muito brilhante e nova para alguém que ande com ela por toda parte. Decido encostá-la na parede lateral da garagem, fora da vista da rua e da casa. Tomo o cuidado de não roçar o guidom na lateral do enorme 4x4 ou do BMW estacionados lado a lado.

Inspiro fundo e passo os dedos pelos cabelos para que pareçam de novo minimamente penteados.

Enxugo o suor da testa com a manga. Caminho de volta até a porta da frente e bato três vezes com a enorme aldrava de bronze em forma de peixe de cabeça para baixo. Sua boca fica aberta na minha direção.

Não preciso esperar muito. Uma criança pequena abre a porta como se usasse toda a sua força. O menininho é quase transparente de tão pálido, bate mais ou menos na altura do meu quadril, com um cabelo louro-claro desgrenhado. Um dos meus encargos, deduzo. Acho que são gêmeos.

— O quê? — pergunta rudemente.

— Olá. — Agacho-me, como fazem as babás. Sorrio. — Meu nome é Zoe e vim ver sua mamãe. Ela está?

— Minha mamãe está no céu — retruca ele, tentando fechar a porta.

Eu devia ter trazido balas ou coisa parecida.

Antes de eu decidir entre empurrar a porta e arriscar uma discussão com ele ou recuar e bater o peixe outra vez, uma bela mulher surge. Sua barriga é enorme por baixo de uma camiseta preta esticada. Está bem diante do meu rosto. Não consigo tirar os olhos da barriga.

— Você deve ser Zoe — diz ela.

Sua voz é adorável, assim como todo o resto. Isso me sacode de volta à realidade. O sorriso que ela me dá cria um leque de linhas minúsculas nas laterais de cada olho, assim como duas covinhas nas bochechas. Parece a mulher mais amistosa do mundo.

Levanto-me e estendo a mão.

— Sim, e a senhora deve ser a Sra. Morgan-Brown.

— Ah, pode me chamar de Claudia, por favor. Entre. — Ela sorri.

Claudia afasta-se para o lado, e entro na casa. Cheira a flores — há um vaso de lírios na mesa do hall —, mas, principalmente, cheira a torrada queimada.

— Vamos para a cozinha, ficaremos à vontade lá. Tem café.

Claudia aponta o caminho com um sorriso e a gigantesca barriga. O menino que abriu a porta corre por entre nós, olhando para mim, enquanto caminhamos pelo chão quadriculado de ladrilho preto e branco. Ele tem um revólver de brinquedo enfiado no cós da calça.

Entramos na cozinha. É imensa.

— Querido, Zoe está aqui.

Um homem ergue o olhar por trás do *Times*. Bonito, suponho, como todos parecem ser nesta família.

— Olá — digo, soando o mais animada possível.

Há um momento de hesitação entre nós.

— Oi, sou James. Prazer em conhecê-la. — Ele se levanta brevemente e me cumprimenta.

Claudia me oferece um café, que surge como mágica de uma máquina reluzente, aparentemente impossível de se usar — uma máquina que, sem dúvida, terei que operar se conseguir o emprego. Tomo um golinho e olho em volta, tentando não ficar boquiaberta. É uma cozinha impressionante. Onde eu moro... quase *não* moro... há uma cozinha do tamanho de um armário. Não há lugar para um lava-louça nem para utensílios chiques, mas então lembro que somos apenas nós duas, e quase não toma tempo lavar dois pratos e uma panela.

Esta cozinha, porém, é de tirar o fôlego. Grandes janelas georgianas erguem-se atrás da pia dupla Belfast, propiciando a vista de um jardim grande demais para estar na cidade. Há armários cor de creme cobrindo três paredes do cômodo, com um fogão Aga vermelho, do tamanho de um carro, instalado sob a velha chaminé. Balcões com superfícies de madeira da mesma cor de mel do antigo chão dão à cozinha um ar rural. No fundo do cômodo, perto da mesa de pinho, há um velho sofá cheio

de almofadas e com um pregueado meio encardido. Está repleto de peças de Lego.

James dobra o jornal e muda de posição. Sento-me a seu lado. Ele cheira a sabonete. Não há lugar para Claudia, mas ela arrasta uma cadeira da mesa.

— É melhor eu me empoleirar nisso — observa. — É preciso um guindaste para me içar dessa coisa velha.

Um momento de silêncio.

Em seguida, dois menininhos deslizam aos nossos pés. Idênticos. Estão brigando por um brinquedo de plástico.

— Oscar — pede James, enfadado —, dê para ele.

Não sei por que ele deveria. Ele pegou primeiro.

— Bem — começo, após o fim da barulheira —, vocês vão querer saber sobre minha experiência.

Tenho tudo preparado, bem ensaiado. Desde a cor dos olhos do meu último empregador até a potência de seu carro. Marrom-esverdeado e dois ponto cinco. Estou pronta para tudo.

— Para quantas famílias você trabalhou? — pergunta Claudia.

— Quatro no total — respondo com facilidade. — O período mais curto foi de três anos. Só saí porque eles foram morar no Texas. Eu poderia ter ido com eles, mas preferi permanecer na Inglaterra.

Ótimo. Ela está parecendo impressionada.

— Por que deixou seu último emprego? — interrompe James.

É o primeiro fragmento de interesse que ele demonstra. Deve estar deixando a decisão por conta da esposa, para não levar uma bronca, caso acabem com uma babá infernal.

— Ah! — exclamo com um sorriso confiante. — Babás se tornam supérfluas quando as crianças crescem.

Claudia ri, mas James não.

Tomei o cuidado de me vestir para esta manhã — calças com pernas bem afuniladas, para ciclismo, cor de ferrugem, e uma camiseta cinza de gola alta, com um bonito cardigã amarelo sobre ela. Cabelo curto ligeiramente desarrumado — moderno, mas não de modo exagerado. Nada de anéis. Apenas meu colar com coração de prata. Foi um presente especial. Minha aparência é legal. Babá urbana sofisticada.

— Fiquei cinco anos com os Kingsley. Beth e Tilly tinham dez e oito anos, quando cheguei. Depois que o mais novo foi para o internato, aos treze, não precisaram mais de mim. A Sra. Kingsley, *Maggie*, disse que, por minha causa, valeria a pena ter tido outro bebê.

Usei o primeiro nome dela porque, obviamente, é como Claudia gosta que sejam as coisas. Relação com primeiros nomes.

A maneira como suas mãos pousam delicadamente sobre a barriga dilatada... está me matando.

— E há quanto tempo está desempregada? — indaga James de forma brusca.

— Não me vejo exatamente como desempregada. Deixei a residência dos Kingsley no verão. Eles me levaram à casa deles no sul da França, como presente de despedida, depois fiz um breve mas intensivo curso na Itália, num centro montessoriano.

Espero a reação.

— Ah, James. Eu sempre disse que deveríamos matricular os meninos numa escola montessoriana.

— Foi uma experiência maravilhosa — comento. — Mal posso esperar para pôr em prática o que aprendi.

Faço uma anotação mental para reler as informações sobre Montessori.

— Isso ajuda com filhos delinquentes de quatro anos? — pergunta James com um sorriso

malicioso.

Não consigo evitar uma pequena risada.

— Certamente. — Então, nessa deixa, uma chuva de lápis de cera cai sobre mim. Tento não me retrair. — Ei, vocês estão tentando me colorir?

O gêmeo que atendeu à porta — só sei disso por causa da camiseta verde que está usando — sibila para mim entre dentes. Agarra alguns lápis de cera do chão e os joga em cima de mim à queima-roupa.

— Guarde isso, Noah — ordena o pai, mas o menino não está prestando atenção.

— Você tem papel? — pergunto, ignorando o formigamento no meu rosto.

— Sinto muito — desculpa-se Claudia. — Eu diria que eles são briguentos, mas não propriamente delinquentes. E Noah de vez em quando gosta de provocar.

— Problemas de parto — acrescenta James baixinho, enquanto os meninos brigam para ver quem vai pegar o bloco de papel.

Olho para Claudia e espero que ela me diga. Eu, de qualquer modo, sei de tudo.

— Não *meus* problemas de parto — começa ela com um carinhoso deslizar de mão pela barriga. Então, num sussurro: — Os gêmeos não são meus. Isto é, são, é claro, mas não sou a mãe biológica deles. Bem, você já sabe.

— Ah. Ok. Tudo bem.

— Minha primeira esposa morreu de câncer quando os meninos tinham dois meses. Surgiu do nada e levou a vida dela. — Ele ergue a mão diante de minha súbita expressão comovida. — Não. Tudo bem.

Mudo para um leve e solidário franzido de lábios e um respeitoso baixar de olhos. É o suficiente.

— Ei, muito bem — falo para Noah, que corre na minha direção sacudindo um bloco de papel. — Agora, por que vocês não fazem uma disputa para ver quem consegue juntar mais lápis de cera do chão? Depois, passa a ser uma disputa para ver quem faz o desenho mais bonito de mim. Certo?

— Tá! — responde Oscar.

Ele dá pulinhos de animação. Suas bochechas ficam rosadas.

Noah para por um segundo, me encarando — o que é enervante, devo confessar —, em seguida, calmamente arranca uma folha de papel do bloco.

— Pra você, Oscar. — E dá a folha para o irmão.

— Muito bem — digo. — Agora, vão desenhar e, depois, quando terminarem, quero ver os desenhos!

Os gêmeos saem arrastando os pés em seus chinelos bobos — personagens de algum desenho animado — e se instalam na mesa com os lápis de cera. Oscar pede o azul ao irmão. Noah o passa para ele.

— Estou impressionado — comenta James com relutância.

— Pura distração, com um pouco de competição saudável entre irmãos, para acalmar as coisas.

— Estamos procurando alguém para morar aqui de segunda a sexta, Zoe. Isso seria um problema?

As bochechas de Claudia ficaram vermelhas, fazendo-me imaginar que eu havia tocado nelas com o polegar, um pequeno borrão de blush. O calor da gravidez.

— Não seria problema algum. — Penso no apartamento e em tudo que há dentro dele. Então penso em como seria morar aqui. Meu coração fica tão alvoroçado que preciso respirar fundo. — Entendo perfeitamente por que precisa de alguém para cuidar das coisas durante os dias de semana.

Para ser honesta, o *timing* desse emprego é perfeito.

— Mas você poderia ir para casa nos fins de semana — diz ela.

Meu coração fica apertado, embora eu não demonstre minha decepção. Preciso me adaptar ao que eles querem.

— Posso desaparecer sexta à noite e reaparecer magicamente na manhã de segunda-feira. Mas também posso ficar nos fins de semana, se precisarem de mim.

Uma resposta satisfatória, por enquanto, espero. Na verdade, não é assim que vai funcionar. Não consigo evitar confiar no destino.

— Olhe! — chama Noah.

Ele agita uma folha de papel na minha direção.

— Ah, mantenha em segredo até terem terminado — falo para ele, e viro-me novamente para seus pais. — Quando estou num emprego, gosto de me tornar parte da família, mas também de manter distância, se é que me entendem. Estou aqui se precisam de mim, desapareço se não precisam.

Claudia dá sua aprovação com um gesto de cabeça.

— Fico longe, no mar, por muito tempo — avisa James, como se eu não soubesse. — Sou oficial da Marinha. Submarino. Você vai lidar quase sempre com Claudia.

Você vai lidar quase sempre... Como se, na cabeça dele, eu já tivesse conseguido o emprego.

— Quer dar uma olhada na casa? Ver no que está se metendo? — Claudia está de pé, mãos na parte de trás dos quadris, naquela pose típica de grávida.

Faço questão de não olhar para sua enorme barriga.

— Claro.

Começamos pelo andar de baixo, e Claudia me leva de um cômodo a outro. São todos grandiosos, e alguns parecem nunca ter sido usados.

— Não usamos esta aqui com frequência — anuncia ela, ao entrarmos na sala de jantar, ecoando meus pensamentos. — Apenas no Natal, em ocasiões especiais. Quando amigos vêm jantar, normalmente comemos na cozinha.

O cômodo é frio e tem uma comprida e reluzente mesa com doze cadeiras entalhadas arrumadas à sua volta. Há uma lareira decorada, intrincadas cornijas de gesso e, no centro, um candelabro em tons escuros de violeta. É uma sala linda, mas nada aconchegante.

Atravessamos novamente o corredor parecido com um tabuleiro de damas.

— E os meninos, bem, eles quase nunca vêm aqui.

Não têm permissão, é o que ela quer dizer. Ela me mostra uma grande sala com suntuosos sofás cor de creme. Nada de televisão, apenas vários quadros antigos nas paredes e mesas antiquadas com travessas de cristal e abajures arrumados sobre elas. Imagino os gêmeos, com os sapatos sujos de lama, pulando de um sofá para outro, brandindo varas compridas, enquanto os enfeites voam e as pinturas são rasgadas. Contenho o sorriso.

— E é aqui que vemos televisão — comenta ela, ao passarmos para o aposento seguinte. — Fica bem quentinho e aconchegante quando o fogo está aceso.

Claudia segura a porta aberta e dou uma olhada no interior. Vejo grandes sofás roxos e um grosso tapete felpudo. Uma das paredes é revestida de prateleiras, transbordando de livros. Imagino-me aqui, lendo para os meninos, esperando Claudia chegar em casa, correndo para tomar seu banho, pensando em quando será sua hora. Eu serei a babá perfeita.

— E aqui é o quarto de brincar. — Ela hesita, a mão na maçaneta. — Quer mesmo entrar? Em geral é uma zona.

— Tudo bem — digo, passando por Claudia. É aqui que eu preciso brilhar. — Excelente. Vocês têm um monte de Lego. Eu adoro. E olhe quantos livros. Insisto em ler para as minhas crianças pelo menos três vezes por dia.

É melhor tomar cuidado. Claudia está me olhando como se eu fosse quase perfeita demais.

No andar de cima, um conjunto de quartos estende-se do patamar avarandado. Bisbilhoto a suíte de hóspedes, então ela me mostra o quarto dos meninos. Eles dividem. O quarto é bem-arrumado. Duas camas de solteiro com edredom vermelho e azul, um grande tapete impresso com ruas cinzentas e casas achatadas e, num canto, duas gaiolas contendo, suponho, hamsters ou camundongos.

— Temos uma faxineira que vem três vezes por semana. Você não precisaria fazer nada disso.

Confirmo com a cabeça.

— Não me importo em fazer umas coisinhas pela casa. Mas prefiro gastar meu tempo cuidando das crianças.

— Então vamos subir e ver seus aposentos.

Seus aposentos.

Outro lance de escada nos leva ao último andar. Não é um sótão empoeirado e cheio de caixas, e sim um ambiente com teto inclinado, vigas e mobília antiga em estilo rural. Há um baú gasto pintado de branco no pequeno patamar. O chão é coberto com sisal, e corações feitos de retalhos pendem das portas que levam para fora do espaço.

— Há três cômodos aqui em cima. Um pequeno quarto, uma sala de estar e um banheiro. Você é bem-vinda para comer conosco na cozinha. Use os cômodos como seus.

Como seus.

— Que lindo! — exclamo. — Bem rústico.

Parece algo saído de uma revista de decoração e, para ser honesta, não faz muito meu estilo.

— Você terá um pouco de paz aqui em cima. Vou transformar em zona proibida para os meninos.

— Ah, não é necessário. A gente pode se divertir aqui em cima.

Analiso novamente os cômodos, entrando em cada um como uma criança empolgada. O quarto tem o teto inclinado e uma janelinha com vista para o jardim, enquanto no banheiro há uma banheira e uma privada antigas.

— Adorei! — exclamo, desesperada para que ela perceba que gosto, sem denunciar minha condição de quase sem-teto.

De volta à cozinha, onde James está novamente atrás do jornal, Claudia me entrega uma lista. Tem duas páginas.

— Uma coisa para você levar e refletir — sugere. — Uma lista de tarefas e coisas que esperamos. Além das que não queremos.

— Grande ideia — afirmo. — Assim, não há possibilidade de confusão — acrescento, pensando que, por mais listas que ela faça, quaisquer que sejam as regras básicas e descrições de serviços que ela imagine, tudo isso parecerá uma grande futilidade a longo prazo. — Estou sempre aberta às sugestões das minhas famílias. Gosto de ter uma reunião semanal com os pais para discutir como as crianças estão indo e coisas assim.

Então, os gêmeos estão pulando à minha volta, como uma dupla de *terriers* que não param de latir.

— Vê o meu, vê o meu!

— Não, o meu!

— Veja o que você arranhou — observa Claudia com uma risada, mas, em seguida, subitamente coloca as mãos na lombar.

Apoia-se no balcão e faz uma careta.

— Você está bem, querida? — James faz menção de se levantar, mas Claudia acena com a mão para ele, movimentando os lábios para dizer *Tudo bem*.

— Deixem-me ver. Hum. Neste desenho, pareço uma alienígena com enormes lábios cor-de-rosa e

nenhum cabelo. E neste outro acho que pareço meio humana e meio cavalo, com uma crina que vai até o chão.

— Nããão! — entoam os meninos em uníssono. Eles dão uma risadinha e Noah empurra Oscar. Ele não arreda pé. — Qual dos dois, qual é o melhor?

— Adorei os dois igualmente. Vocês são ótimos desenhistas, e os dois são vencedores. Posso ficar com eles?

Os meninos fazem que sim com a cabeça, admirados, e suas bocas se abrem, expondo os dentinhos. Eles saem correndo, felizes, e ouço uma cachoeira de Lego, quando uma caixa inteira é virada no quarto de brincar.

— Acho que você é um sucesso — comenta Claudia. — Há alguma pergunta que queira me fazer?

— Sim — respondo, incapaz de evitar uma olhada para sua barriga. É como se alguém acelerasse as batidas do meu coração. — Para quando é o bebê?

Era o que eu estava doida para perguntar o tempo todo.

A investigadora de polícia Lorraine Fisher nunca havia vomitado em serviço. Apoiada na parede, ela limpou a boca com as costas da mão. Não tinha lenço de papel.

— Quem é você? — perguntou ao homem parado no minúsculo corredor do apartamento.

A garganta queimava e sua expressão era amarga.

— Pode me dar uma declaração exclusiva? Acha que se trata de uma investigação de assassinato? — indagou ele.

— Tirem esse cara daqui, seus idiotas. Esta é uma cena de crime — bradou para os colegas.

Seguiu-se um alvoroço de atividade de pessoas vestidas de branco e foi como se o jornalista nunca tivesse existido.

Lorraine sentiu outra onda erguendo-se no gorgolejante e nauseado abismo de sua barriga, mas sabia que não havia restado nada lá dentro. Não tivera tempo para tomar café da manhã, havia pulado o almoço, e o jantar parecia improvável. Agora, nem mesmo aquele saco de batatas fritas estava dentro dela.

— Eu nunca tinha visto algo parecido — disse, erguendo a mão em direção à testa.

Puxou-a rapidamente de volta quando se deu conta de que o gesto poderia dar a impressão errada aos que não a conheciam. Vinte anos na polícia e nada tão repugnante ou deplorável surgira em seu caminho. Como mulher — como *mãe* —, ela estava enfurecida até o âmago. Colocou novamente a máscara branca no rosto e inspirou fundo, parte para tomar coragem, parte para não ter que aspirar o fedor pútrido que dominava o pequeno banheiro.

Tudo tinha acontecido ali, ela pôde perceber instantaneamente. Não havia sangue em mais nenhum lugar do apartamento. Os ladrilhos de cerâmica da banheira, outrora brancos com rejantes bolorentos na borda, estavam salpicados e manchados — alguns em um rosa-avermelhado e outros em um tom de vinho escuro, quase marrom, como se o sangue tivesse produzido finas fissuras nos ladrilhos, formando uma estranha obra de arte coagulada, como as da Tate Modern.

Meu Deus... o que tinha acontecido ali?

Na pia, havia um martelo e uma faca de cozinha. A faca fazia parte de um conjunto da cozinha do apartamento. Ambos estavam ensanguentados. A torneira da banheira pingava a cada dois segundos, formando um visível rio branco numa das extremidades da banheira de plástico suja de sangue. A mulher deitada nela estava seminua. A tampa permanecia no ralo. O bebê estava azul e sem vida, e a delicada pele, manchada. Machucados com a forma de dedos decoravam seus ombros, do momento, ela supôs, em que aquilo fora puxado do ventre.

Lorraine deteve-se. *Aquilo?*, pensou. *É um menino*, repreendeu-se internamente. *Um bebezinho*.

Pensou nas próprias filhas e consultou o relógio. Stella tinha prova de piano na manhã do dia seguinte, mas os ensaios não vinham sendo exatamente prioridade em sua agenda.

Ela tinha que pensar nessas coisas — forçar-se a se concentrar no normal, no dia a dia, no mundano.

E ainda havia Grace e suas malditas provas para ingressar na faculdade. Ela fizera vários testes após o Natal, e Lorraine não tinha ideia se a filha estava indo bem. Fez uma anotação mental para se informar sobre isso, enquanto olhava a bagunça na banheira. Imagens de suas filhas ainda bebês lampejaram em sua mente. *Tudo bem*, pensou. *Estou ótima... apenas atolada neste mundo fodido*. O que não parecia bem ou ótimo era pensar em sua família ao mesmo tempo em que pensava no merda

que fizera aquilo.

A mulher era jovem. Um pouco mais de vinte anos, calculou Lorraine, embora fosse difícil dizer. Seu abdome, outrora grávido, havia sido aberto com um corte — de modo habilidoso, ela tinha que admitir — do esterno ao osso púbico, e agora estava enrugado e vazio. Ainda havia o cheiro levemente adocicado de líquido amniótico misturado ao penetrante odor metálico de sangue, mas o fedor nauseante vinha, sobretudo, da decomposição. A tampa do ralo da banheira estava preservando quaisquer segredos contidos nos cerca de três centímetros de líquido viscoso. Em breve o material estaria a caminho do laboratório para uma cuidadosa análise.

— Quem fez isso não teria passado nas provas de medicina — observou Lorraine através da máscara e por sobre o ombro.

Ela havia notado Ainsley, o investigador assistente, hesitando na porta, a mão pressionando a boca.

— Olhe, direção errada. — Ela indicou com o dedo, desenhando uma linha no ar acima do corpo. — Minha cicatriz fica mais abaixo. — Sentiu-se inclinada a tocá-la, a pequena e caprichada linha da abertura através da qual Stella e Grace foram puxadas, contorcendo-se e chorando, mas não o fez.

Lorraine olhou o rosto morto da mulher. Retorcida em agonia, a língua mordida pendendo da boca, dedos entrelaçados nos próprios cabelos, ao arrancá-los de dor, marcas de marteladas no rosto — aquela mulher morrera num sangrento acesso de terror e medo.

— O que sabemos sobre ela? — perguntou Lorraine, afastando-se.

Precisava sair dali. Sentia-se claustrofóbica no banheiro minúsculo.

— Sally-Ann Frith — informou o investigador assistente Ainsley. — Mãe solteira. Bem, ela ia ser mãe solteira — corrigiu. — Não sabemos quem é o companheiro ou o pai. Vizinhos dizem que alguns homens a visitavam de vez em quando. E que às vezes havia gritaria.

— Continue conversando com os vizinhos. Quero que todos os moradores do prédio sejam interrogados hoje — ordenou Lorraine, puxando um par de luvas de látex.

Caminhou lentamente pela pequena sala de estar, os olhos examinando os objetos. Um sofá estampado, uma velha TV, um abajur, uma lareira com alguns porta-retratos sobre o consolo. Carpete bege com manchas. Tudo normal. Havia uma pequena escrivaninha num canto, com um laptop, alguns papéis e livros didáticos espalhados.

— Pelo visto, ela era estudante — arriscou Lorraine, lançando um olhar para os livros. — *Ciência Contábil Básica* — leu. — Parece divertido.

— Ray... — Surgiu uma voz urgente. — Vim o mais rápido que pude.

Lorraine congelou, mas apenas por um segundo. Virou-se para cumprimentá-lo.

— Olá, Adam — saudou ela, enfadada. Secretamente, havia desejado que outra pessoa tivesse sido designada para aquele caso. Ter o marido conduzindo uma investigação nunca fora fácil. — Não me chame assim, por favor.

— Desculpe, *Lorraine* — disse, sabendo muito bem que ela detestava ser chamada de Ray, tanto no trabalho como fora dele. — Sabemos o que aconteceu?

Aproximou-se dela, ignorando o modo como ficou tensa. Ele havia usado seu novo gel de banho. Lorraine podia sentir muito bem a porra do cheiro.

— Há uma mulher morta na banheira. Estava grávida.

Adam foi examinar a cena, enquanto ela cuidadosamente erguia algumas das pastas da escrivaninha. A maior parte era de pastas e fichários típicos de estudante, mas uma era diferente. Estava encapada com plástico cinza-claro e tinha impresso na frente, em prateado, Centro Médico Willow Park. As palavras eram encimadas pela imagem de um salgueiro azul-marinho — o logotipo da clínica. Ela ouviu Adam ter acessos de vômito no banheiro.

Lorraine abriu a pasta. A primeira folha continha detalhes gerais sobre Sally-Ann. Data de nascimento, números de telefones, contato de emergência — alguém chamado Russ Goodall, embora ela notasse que o nome anterior tinha sido riscado à caneta preta com tanta força que não era possível lê-lo. Um antigo parceiro?, pensou. O pai?

As páginas seguintes eram gráficos e detalhes da gravidez — peso, pressão arterial, resultados de exame de urina. Tudo parecia perfeitamente normal. Era novembro, e as anotações tinham começado no final de abril, pelo visto quando ela foi à primeira consulta médica. Seu parto aconteceria dentro de duas semanas.

Adam voltou suando e extremamente pálido.

— Meu Deus!

— Eu sei — respondeu Lorraine com um olhar sombrio.

Aquilo não importava mais. Nada daquilo. Eles tinham suas meninas, a casa, os empregos. Estava tudo bem, não estava?

— Sinto muito por mais cedo, Ray — desculpou-se Adam.

Ela o ouviu se esforçar para engolir algo. Ele parecia abatido.

— Tudo bem — disse ela. Sabia que nada mais seria dito sobre a explosão de raiva durante o café da manhã. Tinha sido uma briguinha sem motivo, alimentada pela logística da família e por ciúmes sem sentido. — Ela estudava contabilidade — prosseguiu Lorraine. Nem mesmo o repreendeu por mais uma vez chamá-la de Ray. — Vinte e quatro anos. O contato de emergência é um cara chamado Russ Goodall. Vou até a clínica.

Ela pegou a pasta.

— Por que alguém faria isso a uma mulher grávida? — perguntou Adam, balançando a cabeça e olhando pela janela.

Na casa em frente, uma mulher dobrava lençóis no quarto do andar de cima, fingindo não olhar para o outro lado da rua, onde havia meia dúzia de viaturas policiais estacionadas e o prédio estava cercado por fita para isolar a cena do crime. Eles precisavam falar com ela, pensou Lorraine. A mulher tinha uma visão privilegiada.

— Alguém tentou cortar o cordão umbilical. Você percebeu?

Adam confirmou com a cabeça. Ele nunca tivera estômago para aquele tipo de confusão. Ela sabia que ele precisaria correr pelo menos oito quilômetros para tirar aquilo da mente.

— Talvez ela tenha entrado em trabalho de parto, tido problemas, e quem quer que estivesse com ela quis bancar o herói e realizou uma cesariana de emergência — continuou Lorraine.

Ele pegou um dos três cartões que estavam alinhados no parapeito da janela.

— Alguma coisa deu errado, eles ficaram apavorados e fugiram — concluiu ela.

— Veja isto.

— “Boa sorte! Com todo o meu amor, Russ.” — Lorraine suspirou. — Sem dúvida, o mesmo Russ da ficha médica.

— Nenhum dos cartões diz realmente por que ela precisava de sorte — observou ele, colocando-os de volta no parapeito com as mãos enluvadas. — Um deles é de uma Amanda, e o outro, da mãe de Sally-Ann.

— É comum enviar cartões de boa sorte para quem vai dar à luz? Poderiam se referir a outra coisa. Um exame de direção, talvez.

— Normalmente os cartões não são enviados depois que o bebê nasce? — questionou Adam.

— Você está me perguntando ou me informando? — quis saber Lorraine, sentindo algo inadequado surgir dentro de si. — Mas, por outro lado, você não é bom em mandar cartões, independentemente

da ocasião, não é mesmo, Adam? Principalmente de aniver...

— Pare. — Adam ergueu a mão.

Ele tinha razão. Lorraine ficou tentada a segurar a mão enluvada de Adam, mas achou melhor não. Em todos os anos em que trabalharam juntos — e, meu Deus, ela tinha perdido a conta —, demonstrações de contato físico ou afeto em serviço eram, para eles, pessoalmente inaceitáveis. Em geral era uma surpresa, para os colegas que não os conheciam bem, saber que eram casados. Sobrenomes diferentes, discussões normais e a recusa de Lorraine a usar aliança, tudo apontava para o fato de os dois não terem nada a ver um com o outro fora do trabalho. E, nele, normalmente procuravam se evitar. Apenas em casos importantes — como o de Sally-Ann — é que eles sabiam que uniriam forças e combinariam décadas de experiência.

— Poderiam ser cartões de “boa sorte na cirurgia”. — Lorraine estava vasculhando novamente a pasta com documentos médicos.

Da outra vez, ela deixara aquilo passar.

— Que cirurgia? — perguntou Adam, juntando-se a ela perto da escrivaninha.

Com certeza tinha usado a porra do gel de banho Acqua di Parma, que custava quase trinta paus. Daqui a pouco, ia até mesmo lavar o carpete com ele.

— Esta aqui — disse ela, planejando esconder o gel de banho.

Ela queria apenas um pequeno prazer, algo que a fizesse se sentir um pouquinho especial.

Lorraine apontou para a caligrafia bem-desenhada na margem superior da página. Era a mesma das folhas de estudo; a letra de Sally-Ann, deduziram.

Adam leu as anotações:

— “Cesariana. Dezoito de novembro. Chegar antes das oito da manhã. Dr. Lamb. Ala Bradley. Fazer a mala.”

— É amanhã — concluiu Lorraine, encarando o marido. — Mas alguém chegou primeiro.

O quarto dela finalmente está arrumado. Eu o deixei o mais simples possível. Oscar e Noah estão brigando para ver de quem será o ursinho de pelúcia que ela vai querer em sua cama.

— Acho que ela é velha demais para um ursinho — digo para os dois.

Eles não concordam.

Estou exausta. Atualmente, até arrumar a cama me cansa. Se as coisas continuarem desse jeito, fico imaginando se depois vou conseguir meu corpo de volta. James se ofereceu para me ajudar, é claro, mas eu lhe disse que preferia que ele distraísse os meninos. Obviamente, não conseguiu, pois durante a última hora eles correram à minha volta com acessos de risadinhas, se jogando no edredom que eu lutava para enfiar na linda capa florida cor-de-rosa e creme. Estou contente com a aparência do quarto e da sala de estar. Quero que ela fique à vontade, embora esteja um pouco nervosa com a sua chegada. Está demorando para minha cabeça aceitar o fato de ter uma babá de novo.

— Como está indo, querida? — Exatamente no momento em que estou pensando nele e naquela terrível e iminente data marcada no calendário, quando ele vai embora de novo, James sobe o último lance da escada para ver como estou me saindo. Pelo som, dois degraus de cada vez... — Está ótimo. Ela vai adorar. — Desta vez, ele ficou em casa apenas duas semanas.

— Espero que goste — respondo, esperançosa. Ele me envolve com os braços e tenta me beijar, mas estou exausta demais até para abraços. Desabo na cadeira de balanço. — Ai! — digo, segurando a barriga.

— Cuidado — pede ele, tentando acariciá-la.

Ele tem me tratado com uma atenção exagerada desde o minuto em que lhe contei que estava grávida. Não surpreende, na verdade. James não teve a chance de acompanhar o crescimento da minha barriga e, portanto, de se acostumar à minha nova forma física, à sua preciosidade ou mesmo à sua resiliência. Acho que isso o desorienta, o fato de eu estar tão imensa, incapaz de fazer todas as coisas a que estava acostumada, embora ele nunca diga nada. James é muito atencioso e seguimos ao pé da letra as recomendações do médico. Minha amiga Pip diz que o marido adora seu corpo de grávida e que não cansa de se aproveitar dele. Acho que, levando tudo em consideração, meu marido está sendo supercauteloso, e eu gosto disso. Mas sinto falta dele. Sinto falta de *nós*.

— Estou contando os dias até a gente poder... — declaro, e sopro um beijo silencioso por cima da cabeça dos meninos, enquanto os dois chutam o ursinho pelo quarto. Ele sabe o que quero dizer. — Ah, esqueci as toalhas — falo, pensando na viagem que é descer e subir as escadas.

— Descanse agora. Vim lhe dizer que preparei o jantar.

— É mesmo?

É por isso que não está distraindo os meninos, suponho, mas não posso me queixar. Quando está em casa, James é pai e marido perfeitos. É um verdadeiro homem do mar, mas também não há nada que goste mais do que se ocupar com as coisas da casa. As metades de sua vida não poderiam ser mais distintas.

— Sim, Sr. Capitão — afirmo, batendo uma rápida continência.

Não suporto vê-lo de uniforme, embora seja sua roupa mais sensual. O uniforme significa apenas uma coisa: ele vai voltar para o mar.

— Venha. — James me iça da cadeira pelas mãos. — Vamos alimentar vocês duas. — Sorri e acaricia sua bebê.

É incrivelmente difícil para ele também. Eu sabia no que estava me metendo quando nos casamos; sabia o que estava assumindo. Meus amigos diziam que eu era maluca, que me tornar mãe de dois bebezinhos que haviam perdido a mãe biológica poucos meses antes já era loucura suficiente, quanto mais me amarrar a um oficial da Marinha que passava dois terços do ano longe de casa.

— Bem, espero que Zoe goste mesmo de trabalhar aqui — digo, apagando as luzes do cômodo.

Foi uma decisão conjunta contratá-la, embora eu me sinta totalmente responsável por dar certo ou não.

— O tempo dirá — pondera James, e me conduz para baixo, na direção do mais maravilhoso cheiro de frango salteado no vinho branco ao molho de tomilho fresco.

*

Bocejo. É cedo e não dormi bem à noite. Sinto-me enorme e não estou acostumada a ter mais alguém a meu lado. Além disso, estava morrendo de calor no meu grosso pijama de inverno. Pobre James, acordava com cada sacudida e a cada movimento dificultoso do meu corpo, tentando ficar mais confortável, por isso, logo fui para o quarto de hóspedes. Após a meia-noite, ele deu uma batidinha na porta, dizendo que também não conseguia dormir. Estava arriscando a sorte, mesmo sabendo que é inútil e que não podemos.

— Apenas um abraço, então — queixou-se pela porta entreaberta.

— Ah, James — respondi, e o silêncio que se seguiu mandou-o de volta, sozinho, para nossa cama.

Quando retornou de sua missão, duas semanas atrás, mostrei-lhe novamente a prescrição de meu obstetra, listando regras rigorosas, incluindo “nada de sexo”.

— É algo sério — falei. — Você conhece meu histórico. Não farei nada que coloque a bebê em risco. — Sua expressão quase me matou. Detestei mentir para ele. Não lhe contei realmente tudo sobre minhas perdas anteriores, pois era muito doloroso falar sobre elas. — Não importa que você esteja de licença, não podemos arriscar — insisti. — Agora falta pouco.

*

A campainha toca exatamente às oito horas, e segue-se uma louca confusão dos meninos para atender a porta.

Eu os acompanho até a entrada. Sou inundada pela dúvida e pela hesitação. Ainda estou dividida sobre ter uma estranha em casa, e também em dúvida sobre minha habilidade em me virar sozinha depois que a bebê chegar. Para ser honesta, a situação toda me faz sentir um pouco inútil.

James e eu concordamos durante o fim de semana que Zoe era perfeita. Nós lhe oferecemos o emprego na hora do almoço de segunda-feira, assim que tive a chance de checar todas as referências e passar uma hora no Google verificando se havia algum horror de Zoe Harper espreitando on-line. Não encontrei nada. Suas referências não podiam ser melhores. Quando lhe telefonei, Zoe ficou extasiada e avisou que poderia começar na manhã de quarta-feira, o que era perfeito para mim, pois tenho um pré-natal às dez e meia de hoje, portanto, tirei a manhã inteira de folga no trabalho. Antes, porém, levaremos juntas os meninos à escola. Quero que ela conheça a professora deles.

— Bem-vinda, Zoe — exclamo calorosamente. E ali está ela, nos degraus da entrada, um táxi indo embora e duas malas antiquadas de cada lado de suas pernas finas. Notei sua bicicleta encostada na parede. — Que bom ver você de novo.

— Claudia, é ótimo rever você também — diz ela com um sorriso largo. — E Oscar, Noah... hum.

— Então fala isso mais uma vez, mas, apontando para o outro gêmeo com uma longa risadinha falsa. Eles adoram.

Oscar ergue uma das malas do degrau.

— Eu sou forte — diz ele.

— Eu sou mais — rebate Noah, e arrasta a outra mala para dentro.

No mesmo instante, ela se abre, e Zoe mergulha em sua direção, enquanto o conteúdo se espalha pelos ladrilhos.

— Ah, Noah — repreendo —, olhe o que você fez.

Lentamente, junto-me a eles para recolher os pertences de Zoe. Camisetas, leggings, roupas íntimas, alguns livros... Nada muito bem guardado. Então vejo aquilo, saindo de um nécessaire com o zíper semiaberto. Sabe Deus quantos eu já tinha visto em minha vida. Um teste de gravidez. Zoe tira-o rapidamente de vista, xingando a mala velha e seu fecho com defeito.

Sinto meu estômago se revirar quando me endireito segurando-me na maçaneta da porta. Com certeza devo estar enganada. Olho para Zoe, mas ela já está brincando com os meninos. Segura com firmeza uma mala em cada mão e carrega uma bolsa de lona atravessada ao corpo. O peso a deixa encurvada.

Um teste de gravidez?

*

— Não, é sério — digo para James. — Vi tão claro como o dia. Fechado. Saindo do nécessaire dela.

— Talvez a menstruação esteja atrasada e ela apenas queira se certificar — sugere.

Ele acha que estou maluca, posso perceber.

— Ou talvez pertença a uma amiga... Sim, sim, isso. — Então me calo quando ouço os passos de Zoe na escada.

Os meninos são como rastro de poeira atrás dela, todos corados e felizes enquanto a babá desliza até a cozinha.

— Ficou uma maravilha lá em cima, Claudia. Obrigada por ter deixado tudo tão bonito. Estávamos brincando de pega-pega, é por isso que estamos esbaforidos.

— E eu ganhei — berra Noah.

— Sem essa, a Zoe ganhou — rebate Oscar.

— De agora em diante, acho que devemos deixar o pega-pega para o parque — diz ela. Aponta para a jarra de água filtrada no balcão que, de algum modo, nunca é colocada de volta na geladeira. — Posso?

Aceno com a mão para ela tomar.

— Fique à vontade. Há um belo parque não muito longe daqui, se quiser espaço para correr. — Os meninos sabem que o jardim é proibido para futebol e bicicletas. Não pago ao jardineiro para o jardim ser revolvido com as atividades de lazer.

— Canon Hill Park — diz Zoe entre ofegantes goles de água. — Estive pesquisando a vizinhança. — Ela lava e seca o copo.

— Canse-os o máximo que conseguir — interrompe James, aproximando-se da pia para lavar as mãos após ter trazido as latas de lixo vazias.

Desconfio de que a atitude descontraída de James em relação a ter uma estranha morando com a gente se deva à sua vida apertada num submarino com dezenas de outros tripulantes. Compartilhar nossa casa não é grande coisa para ele.

— Venha, Zoe, ainda temos algum tempo para eu lhe mostrar onde ficam as coisas. Em seguida, vamos até a escola. Eu costumava ir a pé, mas agora prefiro ir de carro. — Resisto ao impulso de acariciar minha barriga. — James vai sair mais tarde, e logo estarei fora para minha consulta e para

a aula de ioga. Depois, passarei a tarde no trabalho. Você acha que vai ficar bem? — No mesmo instante, me arrependo de ter perguntado.

— *Claro* — responde ela, e quase chego a pensar que Zoe ia gritar de alegria. — Este é o meu trabalho e vou adorá-lo.

*

Enrolo minha esteira e a coloco na bolsa. Eu nunca tinha pensado em fazer ioga antes de engravidar. Deixa minha mente totalmente concentrada e me permite esquecer os problemas do trabalho ao menos por uma hora. Também desvia meu pensamento da iminente chegada da bebê. Consigo me ver meditando e fazendo a saudação ao sol durante o parto? Não, claro que não, é a resposta honesta. Eu sei o que é dar à luz, mas, desta vez, será diferente. Por enquanto, a ioga ajuda a acalmar minha mente e me dá algo mais em que pensar, em vez de um caso particularmente difícil do trabalho e o fato de ter deixado uma estranha tomando conta dos meus meninos.

— Pare de se preocupar — recomenda Pip. — Você fez tudo certo e checou as referências dela, não foi?

— Eu mesma falei com a última pessoa que a contratou. Ela colocou Zoe nas alturas. Disse que quase sentia ciúmes por eu ter ficado com ela, pois as duas se tornaram boas amigas.

— Então.

Pip e eu andamos bamboleando em direção à porta, onde esperamos pelas outras. Havia se tornado uma espécie de ritual após a aula — nos entupirmos de bolo de cenoura e cappuccino na cafeteria no fim da rua. Embora eu tenha muito trabalho, isso me atrasa apenas meia hora e faz com que me sinta um pouco mais como uma mãe de verdade.

— Vou levar Lilly para brincar com seus filhos depois da escola e faço uma análise sobre ela — continua Pip. — Posso ser sua espiã.

— Você também vai vê-la de manhã na escola. Não imagina a vantagem que é ela levar os meninos. Agora posso chegar ao trabalho às oito.

Pip franze a testa. Ela começou sua licença-maternidade um mês atrás e continua sugerindo que eu desista do trabalho. Eu vou pedir minha licença, é claro, mas ainda não estou pronta.

— E o que ela vai fazer o dia todo, antes de a bebê chegar?

— Eu lhe deixei uma lista. Há uma porção de tarefas, se ela souber costurar, e então há compras a fazer, além de lavar e passar as roupas dos meninos. Será meio tranquilo até o dia D, mas depois ela vai ter muito trabalho. Fico feliz por ela ter esse tempo para se ajeitar. — Seguro a barriga do modo como todas as grávidas fazem quando estão falando de seu bebê.

— Vocês já decidiram o nome?

Quatro de nós estamos descendo a rua em direção à cafeteria, cada uma carregando bebês de diferentes tamanhos. Pip e eu ganhamos a disputa. Estamos mais ou menos no mesmo período de gestação, com diferença de uma ou duas semanas, a mais ou a menos, e vamos ter meninas.

— Por enquanto estamos pensando em Elsie ou Eden. Ainda estamos na fase do “E”.

Todas rimos. Hoje faz frio e me envolvo no meu casaco estilo poncho. Normalmente, reclamo que estou com muito calor.

— São nomes bonitos — opina Pip, segurando a porta aberta.

O cheiro de café se espalha pelo ambiente.

— E aí, aprendemos algo novo na aula de hoje? — pergunto ao nosso pequeno grupo, assim que estamos todas sentadas com bolo e cafeína suficientes para induzir todos os partos.

— São as técnicas de respiração que me confundem — confessa Bismah. — Não sei como me

concentrar nisso enquanto faço força para empurrar o bebê para fora, ao mesmo tempo em que aspiro gás e ar e arranco a mão do meu marido.

— Não se esqueça de gritar pedindo uma peridural — sugere Fay.

Provavelmente, ela é a mais apavorada de todas nós. É muito jovem. Eu pelo menos tenho um pouquinho de experiência de vida para me ajudar. E Fay vai ser mãe solteira. Sinto pena da situação dela, por isso a convidei para nossos encontros na cafeteria. Ela não parecia conhecer ninguém do grupo. Fiquei feliz em me tornar sua amiga.

— É assustador pensar que, nos próximos cinco meses, todas nós teremos tido nossos bebês — observo. — Acho que você será a primeira, Claudia — arrisca Pip. — É a que está mais próxima da data estimada. E, com toda certeza, sua barriga parece mais baixa do que na semana passada.

Um bom sinal, espero. Olho para o belo barrigão de Pip. Ela não está muito atrás.

— Espero que ainda possamos ser amigas depois que eles nascerem — diz Bismah. — Eu gostaria de manter contato. — As compridas unhas mergulham no bolo úmido, enquanto ela pega um pedaço. Os dedos são da mesma cor de caramelo da cobertura.

De todas as mulheres da turma de gestantes, acho que é mais provável que eu mantenha contato com Pip. Ela é professora e, coincidentemente, seu marido também fica muito tempo longe de casa. Não tanto tempo quanto James. Nós os convidamos para jantar, no início de minha gravidez, não muito depois de tê-la conhecido na aula de ioga para gestantes. Passamos uma noite agradável, mas qualquer coisa envolvendo casais geralmente é complicada. Recebo o convite recíproco e tenho que explicar que James se encontra a meio quilômetro sob o Atlântico e não estará disponível para jantar nos próximos dois meses.

— Você sabe se seu marido vai estar aqui? — pergunta Bismah. — Para o parto?

— Com certeza não — respondo. — Engravidar foi muito difícil, então nem nos preocupamos em planejar datas para garantir que ele estivesse de licença quando nossa bebê chegasse.

— Isso é ruim — comenta Bismah, olhando-me de modo triste.

Não respondo. Em vez disso, penso no que ela disse e engulo meu bolo.

*

Todos ficam contentes ao me ver no escritório, embora ligeiramente decepcionados.

— Achemos que você já tinha ido ter o bebê — comenta Mark. Ele passa pela minha mesa e larga a pasta de um caso sobre ela. — Nesse meio-tempo, enquanto todos esperavam que você fosse ter o bebê, Christine teve mais um filho. Acho que ela vai receber outra visita não esperada.

Olho para a pasta e fico imaginando o que há de errado com a mulher que continua trazendo bebês ao mundo só para que eles sejam tirados dela dias depois do parto. Fora o primeiro, Christine Lowe não conseguiu manter nenhum de seus filhos nos braços por mais de uma semana.

— Este é o número oito — lembro, pensativa, enquanto vasculho a pasta que conheço muito bem. Tento ajudá-las, de verdade, mas essa nunca vai mudar. Sei quando sou derrotada. O máximo que posso fazer é cuidar para que seus bebês tenham o melhor início de vida que somos capazes de oferecer. — Ela ainda está com o mesmo homem? — Esqueço seu nome.

— Ela confirmou a paternidade, mas ele está novamente na prisão — responde Mark de forma pragmática.

— Acha que ela tem alguma chance, com ele fora do caminho?

Mark ergue e baixa várias vezes uma das sobancelhas, um truque que ele gosta de fazer, como se todos estivéssemos no pub numa noite de sexta-feira. Entendo o que ele quer dizer.

— Ok.

Inspiro fundo. Sabemos que é um caso perdido. Há telefonemas a dar, papelada para cuidar, outra criança a ser retirada de sua mãe. Às vezes, ser assistente social parece bastante com brincar de ser Deus.

A casa está silenciosa. As coisas do café da manhã ainda estão na mesa, e o cheiro de café, crianças e amor persiste. Meu estômago revira diante disso. Recolho pratos e xícaras e experimento encher a lava-louça. Essa tarefa é minha?, pergunto-me. Claudia disse que a faxineira aparece quando está a fim, mas, desde que ela cumpra suas dez horas por semana, ninguém se importa com como ou quando a casa é limpa. Pelo que soube, seu nome é Jan. Fico imaginando se vamos nos dar bem, se ela vai se meter no meu caminho. Faço uma anotação mental para bater papo com ela, descobrir quando é provável que apareça na casa. Não quero que nada dê errado.

— Já estou saindo.

Viro-me subitamente. Tinha esquecido que James ainda estava aqui. Ele parece desconfortável em sua própria casa. Mais cedo, Claudia me disse que ele estava em seu escritório, colocando a papelada em dia. Consegui enfiar a cabeça pela porta e dar uma rápida bisbilhotada no lugar, quando ele saiu de lá por um momento. A sala tem uma grande escrivaninha com tampo revestido de couro e estantes por todos os lados. É decorada com objetos náuticos — quadros de navios, fotos de homens fardados, certificados emoldurados na parede e uma cabeça de porcelana branca com marcações frenológicas no crânio. Ver os óculos escuros se equilibrando em seu rosto me fez sorrir. Há também, posicionada entre duas poltronas, uma mesa feita com a roda do leme de um navio. Imaginei James e Claudia sentados ali, tomando chá, conversando sobre a vida. Claudia diz que ele passa muito tempo no escritório, o que pode tornar as coisas complicadas para mim até ele partir.

— Tchau — falo, pensando se deveria dizer algo mais.

Sorrio, e então James espera, acena com a cabeça e sai. Acho que ele se sente tão sem jeito quanto eu.

Inclino-me para trás, forçando a cabeça contra a parede. Está na hora de prosseguir.

*

Naquela tarde, saio mais cedo para a escola. Conhecer as amigas mais próximas de Claudia poderia ser útil, e me demorar no pátio é a melhor maneira de fazer isso. Além do mais, é o que uma babá faria. Vou a pé, embora ela tenha me dado permissão para usar o pequeno Fiat enfiado na garagem ou, para viagens mais longas, o carro de James depois que ele partir. Além disso, é uma caminhada agradável. O sol brilha de leve por entre uma espuma de nuvens, e há um frio cortante no ar que ajudará a entorpecer meu coração. É assim que deverá ser de agora em diante.

Talvez eu pegue um desvio pelo parque com os meninos, na volta para casa, para ver se há patos e dar uma volta no gira-gira. Fingir que sou algo parecido com uma babá.

Como fui a primeira a chegar à escola, observo os outros entrarem no pátio, sem notarem minha presença, e fico espreitando embaixo de uma árvore, imaginando quem é quem. Ainda não são três horas, e as aulas só terminam daqui a dez minutos, mas já há várias mulheres reunidas em grupos, batendo papo. Ouço menções à Associação de Pais e Mestres e a liquidações, algo sobre um menino chamado Hugh e sua detestável mãe. Mais alguém está reclamando da merenda escolar, enquanto uma mulher permanece sozinha, esfregando as mãos enluvadas e batendo os pés, constrangida por não ter com quem conversar.

Finjo que estou lendo os avisos pregados num quadro, quando uma das mães se aproxima de mim.

— Deixe-me adivinhar — diz. Ela tem um leve sotaque escocês. — Você deve ser Zoe.

Viro-me e forço um sorriso. Meus olhos fixam a barriga da mulher — não posso evitar — e substituo a ação involuntária por um sorriso ainda maior.

— Sou eu, claro. As notícias se espalham depressa.

— Sou Pip — apresenta-se. — Grande amiga de Claudia, sua patroa. — Ela estende a mão. Aperto-a. Seus dedos estão gelados.

— Você... — É grosseiro mencionar isso? Não consigo me conter. — Você também está grávida.

— Deve ser alguma coisa na água daqui — brinca, com uma gargalhada cadenciada. — No momento, há um grupo inteiro de grávidas.

A água. Preciso me conter para não bater na lateral da minha cabeça e dizer: Ah, é tão simples assim? Basta tomar alguns goles de uma torneira de Birmingham e logo vai ficar grávida? Por que diabo não pensei nisso?

Mas não digo nada. Rio de sua piada e tento desesperadamente pensar em algo normal para dizer.

— Seus filhos estudam aqui na escola?

— Tenho apenas uma. Lilly. Ela está na mesma turma de Oscar e Noah. Eles costumam brincar juntos, por isso, se algum dia você quiser escapar um pouco do caos pós-escola, podemos combinar uma visita.

— Eu gostaria — concordo.

O pátio, com seu trepa-trepa de formato estranho e piso emborrachado, sua área cercada de tijolos com várias árvores recém-plantadas e sinos pendurados em seus finos galhos, além de alguns vasos grandes com alecrim e lavanda desidratados (curiosamente rotulados de “jardim sensorial”), está repleto de mães. Algumas trazem carrinhos que empurram para a frente e para trás de modo despreocupado, enquanto tagarelam, outras estão sozinhas, e há apenas um pai, com um grupo de mulheres aglomeradas à sua volta, como se ele fosse um touro premiado.

— Acho que os meninos iam adorar. Quero manter tudo o mais normal possível para eles — digo.

Não é culpa deles, penso.

— Ela disse que você era boa — declara Pip.

Sua mão está em meu braço. Retiro-a delicadamente.

— Quero apenas ajudar em tudo que puder. É o meu trabalho.

— De onde você é? — pergunta Pip.

Lá vamos nós.

— De Kent. Mas meus pais se divorciaram e acabei vivendo com minha mãe num fim de mundo no País de Gales. Poucas crianças da minha escola foram para a universidade, mas eu já sabia, desde muito jovem, o que queria ser. Sempre adorei crianças. Especializei-me em assistência à infância e isso me proporcionou empregos maravilhosos. Recentemente estive na Itália, onde fiz um curso sobre o método montessoriano. Foi uma experiência incrível.

Contraio-me por dentro. Parece ensaiado demais.

— Não brinca! — exclama Pip. — Uma das minhas amigas é louca pelo método montessoriano. Ela colocou seus três pequenos numa lista de espera. Preciso apresentá-la a você.

Por favor, não, penso. Então, dou aquele sorriso de novo. É tão ensaiado quanto a minha história e permanecerá assim até eu ir embora.

Finalmente a campainha toca e, como um bando de cães treinados, as mães que esperavam e o pai — que agora tem vários outros pais à sua volta — se viram para o portão da escola. Uma fileira de crianças sai com uma professora parecendo exausta liderando o caminho. Ela faz com que permaneçam em fila e, uma por uma, elas avistam suas mães; os pezinhos começam a se inquietar para ir em direção aos braços do lar. Oscar e Noah não estão à vista.

— Essa é a turma deles? — pergunto a Pip.

— É — responde, sem tirar os olhos de uma lourinha no fim da fila.

Elas estão acenando uma para a outra. Lilly, presumo. Com cachos assimétricos e um lindo narizinho arrebitado, sapatos lustrosos e lancheira cor-de-rosa, ela é claramente o anjo da classe.

— Não vejo os gêmeos — observo.

— Ah, não. Você está certa. — Pip percorre a fila com o olhar, para o caso de eu ter me enganado. Não creio que alguém deixaria de ver aqueles dois meninos bagunceiros numa fila bem-comportada como aquela.

— Vou falar com a professora — digo.

Meu coração acelera. A culpa é minha se eles fugiram da escola ou foram sequestrados no meu primeiro dia de trabalho? Ser demitida tão cedo assim não seria nada bom. Nada bom mesmo.

— Olá, Sra. Culver — cumprimento. — Os meninos. Os gêmeos. Oscar e Noah.

Sua expressão demonstra que ela se lembra vagamente de mim, daquela manhã, embora seu cérebro extenuado por causa das crianças provavelmente lhe diga que faz mil anos que nos cumprimentamos naquela sala de aula vivamente decorada.

A Sra. Culver analisa a fila.

— Eu contei todos — informa ela. — Lilly, você sabe aonde os gêmeos foram? — Então, ela se vira para mim, ignorando o que Lilly diz. — Provavelmente estão no banheiro dos meninos fazendo bombas de água.

— Eu acho que Lilly sabe...

Olho para a menina. Ela está tentando dizer alguma coisa.

— Fale, Lilly — vocifera a Sra. Culver.

Lilly aponta para o prédio. Pisco para ela e sorrio. Isso me valerá pontos, quando finalmente formos apresentadas. Entro, deixando a Sra. Culver entregar o restante das crianças a seus pais.

Dentro, está escuro e frio e cheira a tinta em pó, lanches e peidos. O assoalho de madeira emana um odor evocativo enquanto espreito pelos corredores. Pelas pequenas janelas de vidro das portas das salas de aula, vejo que crianças mais velhas ainda estão juntando suas coisas. Muito em breve acontecerá uma debandada. No fim do corredor, há uma porta com uma placa anunciando “Clube de atividades extracurriculares”.

— Ah, meninos, vocês quase me mataram de susto — declaro, assim que entro.

O professor, um homem na casa dos cinquenta anos, ergue o olhar dos trabalhos empilhados em sua mesa.

— Posso ajudá-la?

— Vim buscar Oscar e Noah. Sou a nova babá deles. Venham, meninos.

Preciso dar o fora daqui. É sufocante e abafado, o oxigênio havia sido sugado por trezentas crianças vorazes.

O professor tira os óculos.

— Só estou sabendo disso agora. Os meninos sempre vêm aqui depois da aula. A mãe os busca às seis.

— Não, não mais — rebato um tanto bruscamente e, de imediato, coloco-o contra mim. — Olhe, me chamo Zoe Harper. Claudia Morgan-Brown me apresentou à Sra. Culver esta manhã e lhe explicou a nova situação.

— Há autorizações a serem preenchidas — informa o homem inutilmente. — Precisa falar com a secretária.

— Onde ela está?

— Já foi para casa — diz ele. — Mas os papéis precisam ser assinados pelos pais, portanto não poderá levar os meninos hoje. Não sem o formulário.

— Ora, pelo amor de Deus... — *Mantenha a calma*. — Oscar, Noah, querem, por favor, dizer ao seu professor quem sou eu?

Os gêmeos apenas me encaram. Estão despedaçando massa de modelar e espalhando-a pelo chão. Parecia que o professor gostaria de se livrar dos dois.

— Por favor — imploro. — Você não entende. Se eu não conseguir levar os meninos, bem, vai pegar muito mal no meu primeiro dia de trabalho.

Meus braços oscilam frouxamente ao lado do corpo. Na verdade, o que gostariam de fazer é bater naquele velho idiota.

— Sinto muito — responde. — Não é problema meu. Agora, devo pedir que se retire.

Num lampejo de desespero, caminho até os meninos e seguro cada um pela mão. Sem falar nada, eles me seguem obedientes enquanto puxo-os pelo braço. *Bons garotos!*, penso, aplaudindo-os internamente por não fazerem estardalhaço enquanto saímos depressa. Atrás de mim, porém, o professor está fazendo um.

Pare! Pega! Sequestro!

Ouçoo-o tropeçar entre as carteiras, tentando uma perseguição, mas ele é velho demais para nos alcançar. Grita, chamando seu assistente, e telefona, pedindo ajuda, enquanto corro com Noah e Oscar.

Ao seguirmos para o parque, preciso lembrar a mim mesma que isso não é algo que se faça, roubar crianças dos outros.

*

Depois rimos de tudo, é claro, e ela fica totalmente do meu lado.

— Secretária idiota. Eu escrevi uma carta. Enviei um e-mail. Pedi que ela informasse à equipe. Falei até mesmo com a Sra. Culver, antes de você começar. E nós nos encontramos com ela esta manhã. Meu Deus! — Claudia acabou de chegar do trabalho. Largou chaves, pasta e sapatos na entrada. — Alguém poderia pensar que você os sequestrou.

Eu os sequestrei.

— Foi o que aquele velho casca-grossa disse quando fui embora com os dois — comento, com uma risada irônica.

— Eles me telefonaram imediatamente. Não podemos censurá-los por fazerem seu trabalho.

Claudia dá uma gargalhada, uma bela gargalhada mostrando os dentes brancos e com a cabeça jogada para trás. Seu pescoço é muito bonito.

*

Mais tarde, no meu quarto, depois de dar banho nos meninos, ler uma história e acomodá-los em suas camas, exaustos e felizes, com os dentes recendendo a hortelã, ligo meu laptop. Rapidamente, digito um e-mail e clico em enviar.

Em seguida, começo a desempacotar o restante das minhas coisas. Camisetas numa gaveta, lingerie em outra, tudo meio bagunçado. Penso na cansativa tarefa de colocar tudo de volta na mala cada sexta-feira à noite. Parece ridículo. Claudia quer que eu suma nos fins de semana — consigo entender a necessidade de um tempo em família —, mas, honestamente, não posso me dar esse luxo. Ela está muito perto do momento de parir.

Pego o laptop e faço algumas anotações. Quando escrevo “de parir”, meu dedo erra as teclas e sai

“de partir”. Roo uma unha quebrada. Finalmente, com o computador equilibrado no colo, adormeço totalmente vestida.

*

Acordo tempos depois com o pescoço rijo. O relógio ao lado da cama pisca duas e vinte da madrugada. Espreguiço-me, levanto-me e tiro a roupa. Completamente nua, encaro minha imagem no espelho de corpo inteiro. Estou pele e osso. Meus quadris vazios se projetam, e minha barriga plana, quase côncava, seria invejada por quase todas as mulheres. Nem mesmo consigo começar a me imaginar grávida.

Russ Goodall era um homem magricela e nervoso. Se fosse um cachorro, pensou Lorraine, seria um galgo inglês. Estar no mesmo cômodo que ele já a deixava nervosa, e isso não acontecia com frequência. Ela aprendera, ao longo dos anos — e sobretudo recentemente —, a irradiar uma calma e uma serenidade que nem mesmo Adam era capaz de perturbar. Nem mesmo com a mania dele de acordar muito cedo e correr quinze quilômetros, ou o modo de contar o número exato de ameixas e pesar a granola para o café da manhã, ou a obsessão em beber exatas oito garrafas de água mineral diariamente; tampouco a rotina de trinta minutos de meditação (ele é conhecido por fazer isso inclusive em cenas de crime) abalou seu sólido equilíbrio. Russ Goodall, no entanto, com sua débil compleição e seus tufo de cabelo laranja, conseguiu balançá-la com a irrequieta aura que o envolvia.

— Você lhe enviou um cartão desejando boa sorte.

Lorraine estava minimizando os riscos de sua aposta. Russ não era um nome tão raro, mas incomum o bastante para que Sally-Ann conhecesse dois.

— Eu já disse, não conheço nenhuma Sally-Ann.

— Você foi mencionado como contato de emergência nas anotações sobre a gravidez. O Centro Médico Willow Park confirmou que você é o Russ Goodall citado por Sally-Ann em sua ficha. Você também é paciente do lugar.

— Eles não deviam ter feito isso. É quebra de sigilo.

— Não quando se tem uma ordem judicial.

Lorraine tentava respirar o menos profundamente possível sem desmaiar. O lugar fedia, uma nauseante mistura de suor, gordura rançosa de uma frigideira suja sobre o fogão de uma só boca e fumaça de cigarro. Os pais de Sally-Ann devem ter ficado encantados quando ela o levou em casa pela primeira vez. Mas, estranhamente, o quarto onde Russ vivia, no último andar de uma grande casa tipo república de estudante (embora ele tivesse dito que não era um), era incrivelmente bem-arrumado. Apenas muito longe de ser limpo.

— Você se importa se eu abrir a janela? — perguntou ela.

Russ deu de ombros e observou a investigadora lutar com a janela guilhotina. Finalmente, esta cedeu aos decididos empurrões e deslizou. Lorraine inclinou-se para fora e inspirou profundamente ar fresco.

— É mais fácil para todos nós se você admitir que conhece Sally-Ann. Então poderá me ajudar com o que preciso saber — continuou.

Ela olhou o lixo espalhado pelo telhado plano mais abaixo. Teria Goodall o jogado ali?

— Por quê? — questionou ele.

Acendeu um cigarro. Estava sentado de modo rijo na cama, as pernas ridiculamente magras e de aparência frágil juntas na altura dos joelhos. O pescoço e os ombros agitavam-se, fazendo a cabeça tremer e sacudir como em um florescer feio e suado.

— O que aconteceu?

— Sinto muito. — Lorraine virou-se para ele. Havia presumido que ele sabia. — Sally-Ann está morta.

— Foi quando ele começou a chorar muito. Sem parar.

Lorraine deu uma mordida no rolinho de salsicha, e Adam separou porções da salada de lentilha e feijão comprada pronta, como se ela fosse radioativa. Ele normalmente preparava a sua.

— Como você consegue comer essa porcaria?

— Eu deveria lhe perguntar a mesma coisa? — indagou ele.

Pararam num banco. A camada de gelo matinal havia se dissolvido sob o sol que finalmente irrompera do meio das nuvens. Estava frio — frio demais para almoçar ao ar livre —, mas eles queriam ar fresco, espaço, um lugar neutro para discutir o caso. Vinte e quatro horas desde a descoberta do corpo e não haviam avançado. Tinham voltado com a equipe várias vezes à cena do crime, interrogado vizinhos, obtido depoimentos. E Lorraine ainda podia sentir nas fibras de seu casaco o fedor repugnante do quarto de Russ Goodall. Ia se esforçar para lembrar de comprar um eliminador de odores a caminho de casa.

— Depois que se acalmou, porém, ele concordou em nos ajudar. O fato é que ninguém conseguiria forjar a reação dele ao receber a notícia. Acredito sinceramente que ele não fazia ideia da morte de Sally-Ann.

Adam ergueu uma sobancelha, com o garfo de plástico a meio caminho da boca.

— Vou fingir que você não fez essa suposição — informou, e continuou comendo.

— A reação dele foi bem verdadeira. Disse que era o pai do bebê de Sally-Ann e concordou em fornecer uma amostra de DNA.

— Mas eles não viviam juntos. — Soou como uma afirmação de Adam.

— Não. Vizinhos contam que ele visitava Sally-Ann com frequência. — Lorraine limpou migalhas de massa folheada da calça. — Parece que os pais dela eram contra o relacionamento e não sabiam que Goodall era o pai do bebê. Acredite em mim, Adam, se uma de nossas meninas levasse alguém como ele para casa, você o expulsaria.

— Está supondo demais outra vez. Espere o resultado do DNA antes de rotular o homem como pai. De qualquer modo, ainda não sabemos quem era o verdadeiro alvo. Mãe ou bebê.

— Ou os dois — acrescentou Lorraine, devorando o resto de seu almoço. — E por que ele não seria o pai? Sally-Ann tinha anotado o nome dele em sua ficha médica.

— Ela riscou outro nome da ficha antes de escrever o de Goodall.

— Sally-Ann riscou o nome? — enfatizou ela. — Quem está fazendo suposições agora?

Adam jogou o recipiente de plástico da salada na lata de lixo mais próxima. Não tinha comido tudo.

— Como foi a aula para gestantes? — pergunta James.

De um modo irritante, ele está tomando uma taça de vinho.

— Boa. Você deveria ter ido. — Digo isso bruscamente e logo me arrependo. — Desculpe. De qualquer forma, não se sinta mal. Só havia dois pais lá.

Com James no mar durante a maior parte de minha gravidez, envolver-se naquela última etapa apenas realçaria o fato de que, a menos que eu entre em trabalho de parto nos próximos dias, ele não vai estar presente no nascimento de nossa filha. Nós concordamos — ou melhor, *eu* concordei — que tornaria as coisas mais fáceis em todos os aspectos se fosse sozinha às consultas e às aulas. Mas não posso dizer que não penso nele acariciando minha cabeça enquanto permaneço deitada na esteira, um travesseiro sob a parte inferior das costas e outro debaixo dos joelhos, ou massageando meus ombros, enquanto pratico minhas técnicas de respiração.

— Eu fui à sua primeira consulta. O que mais você quer? — observa com um sorriso amargo, aquele que ergue um lado da boca, mas não o outro; aquele que acrescenta pequenas rugas em volta dos olhos e me faz reagir com um risinho dissimulado.

— Foi generoso de sua parte. — Lembro-me de entrar no consultório do médico segurando orgulhosamente a tira de plástico com a linha azul que confirmava meu estado recém-descoberto... O início do restante de nossas vidas. — Embora não tenha acontecido muita coisa, não é mesmo? Não foi exatamente difícil para você ficar sentado ali. — Preciso parar agora, antes de me descontrolar. Tenho que bloquear o pensamento que estou fazendo tudo isso sozinha. Eu sabia no que estava me metendo quando me casei com James: dedicação total à carreira naval e dois menininhos. Família instantânea, mudança instantânea de estilo de vida. — Você deveria experimentar carregar isso por aí. — A mão se dirige para a enorme barriga.

— Quando fomos embora, carreguei sua pasta com os papéis sobre a gravidez — insinua James, mas percebe que está levando a brincadeira longe demais. — Por que não me mostra as estranhas posições de ioga que aprendeu hoje, enquanto os meninos estão ocupados?

Pisca para mim, e eu sei o que ele está querendo.

— James! — exclamo, chocada. — Zoe está lá em cima, e os gêmeos podem aparecer aqui a qualquer momento.

— Faria muito mal se eu, sabe, apenas inclinasse você...

Ele me segura bem delicadamente pela cintura, ou melhor, onde costumava ficar minha cintura, e me conduz até o balcão da cozinha. Inclina-me para a frente, de modo que preciso me apoiar com as mãos na madeira. Por trás, põe as mãos levemente sobre minhas pernas e as sobe um pouco por dentro do vestido. A sensação é ótima.

— Pare com isso — peço com um risinho. Afasto as mãos dele com uma batidinha. — Pode chegar alguém...

— Eu poderia só... — Ouço-o abrir o zíper. — Só... assim. Seria rápido.

Sei que ele está certo sobre aquilo. Já se passaram séculos. Viro-me para beijá-lo intensamente. Minha barriga está espremida entre nós e parece muito esquisito ela continuar impressada entre a gente naquele momento tão íntimo. Viro-me outra vez, a barriga pendendo quando me curvo para a frente.

— Depressa, então — digo, rezando para que tudo dê certo, rezando para que eu não esteja

estragando aquilo que sempre quis com um único ato insensato.

*

Quando desço para a cozinha na manhã seguinte, Zoe já está lá. Estou correndo, atrasada para o trabalho. Os meninos estão de uniforme, comendo torradas com ovos mexidos. Há suco de laranja e uma banana ao lado de cada um. Sinto-me estranhamente supérflua diante daquela cena tão simples. Como me sentirei ao ter que entregar minha bebê, cada manhã, após o término da licença-maternidade?

— Estou impressionada — comento.

Na pia, Zoe se vira. O sol da manhã que se derrama pela janela desenha sua silhueta.

— Parece frio lá fora — acrescento, ao notar a quantidade de neve.

Há um silêncio que acho constrangedor, embora Zoe não pareça concordar. Ela continua seu trabalho, enxaguando e secando os pratos. Os meninos batem papo, e não há nada dos habituais empurrões, das disputas ou da recusa a comer algo que não seja um açúcarado cereal matinal com cores brilhantes. Estão agindo assim para me mostrar que, embora me amem, sabem que não sou sua mãe verdadeira?

Vamos ser bonzinhos com a Zoe e terríveis com ela...

Os sussurros fantasiosos me fazem tremer. Claro que não, penso, envergonhada.

— A que horas você vai chegar esta noite? — quer saber Zoe.

Ela pendura o pano de prato na barra de metal do fogão.

— Nós temos lava-louça para tudo isso, você sabe... — lembro-lhe com um sorriso. Ela dá de ombros. — Por volta das seis e meia.

Minha mente paranoica está se perguntando por que ela quer saber. É para poder soltar os gêmeos trancados nos quartos? Expulsar o homem com quem ela passou a tarde fazendo sexo? Parar de remexer nas minhas coisas no momento certo ou acordar de uma longa soneca?

Ah, pelo amor de Deus!, digo a mim mesma. É o caos hormonal desta manhã.

— Depois de deixar Oscar e Noah na escola, vou à loja de produtos orgânicos comprar alguns legumes para fazer uma sopa — avisa Zoe. — Você e James também gostariam de tomar um pouco no jantar?

— Obrigada — digo, supondo que a sopa será servida com pão caseiro. — Parece uma delícia, mas não sei se os meninos vão... — Olho para eles. Estão raspando o prato. — Bem, podemos tentar, não é mesmo? — Tento soar jovial.

Aposto que Oscar e Noah vão ficar loucos pela sopa caseira de Zoe. Antes que eu perceba, ela fará com que eles mesmos plantem legumes e façam a própria sopa.

Dirigir até o trabalho me dá tempo para pensar. Parada no trânsito, meu egoísmo me atinge. Era o que eu queria, não é mesmo? A perfeita vida em família. Não estou vivendo o sonho da minha infância? Tenho um marido que me ama, dois filhos que me aceitaram como mãe, uma boa carreira e, em breve, terei minha própria menininha. Minha casa parece ter saído direto da revista *Beautiful Homes*, e tenho até uma babá que, depois de apenas um dia de trabalho, já se mostrou inestimável. Tenho certeza de que vou precisar dela para me ajudar se a vida for parecida com o que tem sido nesses últimos anos.

Quem teria imaginado que, quando visitei a trabalho aqueles dois pobres menininhos órfãos, acabaria me casando com o pai deles? Não posso deixar de acreditar que era para ser assim, como se alguém tivesse escrito o roteiro da minha vida.

Mark é o único que está na repartição quando chego, embora eu esteja um pouco atrasada. Como

chefe da equipe, tenho cinco pessoas para comandar, assim como outros funcionários de grupos de desenvolvimento e proteção aos quais estou ligada. No momento em que piso no prédio, qualquer insegurança ou autopiedade é varrida para longe pelas torrentes de carência das dezenas de crianças em perigo, todas cuidadosamente registradas em pilhas de processos. Fico imaginando até onde iriam para se tornar parte de minha vida, para se tornar meu filho querido. É algo em que penso na maioria dos dias. Afasto a culpa quando penduro meu casaco. É um pensamento impossível. Não conseguiria ficar com todos eles.

— Bom dia — cumprimenta Mark, sem erguer os olhos.

Aqui, o espaço é aberto, mas temos nossas próprias áreas. Nada de cubículos ou coisa parecida, pois prefiro ver o rosto de meus colegas de trabalho enquanto discutimos e implicamos uns com os outros por causa de algum caso, de reality shows e do lugar aonde vamos nas férias. Sinto um movimento na barriga ao imaginar nossa próxima viagem em família. No verão, minha filhinha terá oito meses.

— Bom dia. — A resposta saiu carrancuda. — Cadê a Tina?

— A babá está doente. Ela teve que passar na casa da mãe e, por isso, vai chegar atrasada.

Mark não parece solidário. Não tem filhos, e é pouco provável que tenha uma família a curto prazo. É solteiro desde que o conheço.

— Que chato. Esta manhã ela ia comigo na casa dos Lowe.

— Então você vai ter que me aguentar de novo. — Mark bebe toda sua xícara de café. Ele toma cerca de dez por dia. — Não posso deixar você ir até lá sozinha. Não no seu estado.

Agora que Christine Lowe deixou o hospital com seu bebê, nossas visitas serão diárias. No passado, ela nos atacava.

Eu a conheci logo após ela ter tido o segundo filho. Uma semana depois do parto, estávamos cuidando da papelada para tirar as duas crianças dela. Um menininho, se me lembro bem, e uma menina de dois anos. Um bebê adorável com um monte de cabelo preto e marcas roxas de pancadas nas pernas. A irmã estava igualmente ornamentada. Isso foi há cerca de treze anos. Desde então, Christine teve um filho a cada dois anos, e tiramos todos dela.

— Você tem acompanhado aquela história medonha nos jornais? — indaga Mark. Vejo-o engolir em seco, como se questionasse se passou dos limites. — Da pobre mulher grávida?

— Que mulher grávida? — pergunto, fazendo com que ele se sinta desconfortável, de propósito. Sorrio um pouco, para ele perceber que estou brincando e que, claro, já ouvi falar do caso.

— É simplesmente terrível. Como alguém pôde...? — Ele não sabe até onde pode ir. Será que acha que vou desabar se falarmos sobre isso?

— É a história do assassinato da mulher grávida? — Com o ouvido atento, sai da cozinha, carregando uma bandeja com canecas de café. — Não pude acreditar. E sabem da maior? Minha mãe conhece a mãe da mulher assassinada. Estudaram na mesma escola, anos atrás, e mantêm contato. Quando a foto da jovem apareceu na TV, a mãe dela estava no fundo da imagem, e minha mãe a reconheceu. E, com o sobrenome, ficou claro. Frith não é comum, não é?

Diane serve as canecas. Na minha está escrito: “Me deem um pepino JÁ!” Ninguém sabe o que dizer sobre o assassinato. Já vemos tragédias demais no trabalho para precisar disso.

— Vocês não precisam deixar de mencionar esse assunto por minha causa — falo. — Não é mais terrível para mim ouvir essa história do que é para vocês. Só porque estou grávida não quer dizer que não posso lidar com a vida real. — Dou de ombros e tento não pensar no que aquela mulher deve ter passado antes de morrer. Duas vidas desnecessariamente perdidas.

— A polícia já prendeu alguém? — quer saber Mark, bebendo ruidosamente o café e voltando para

seu computador.

— Acho que não — responde Diane. Ela prende uma mecha do cabelo preto atrás da orelha e morde um biscoito. Gira para ficar de frente para sua mesa. — Minha mãe vai passar lá depois. Para ver se pode ajudar. — Ela está digitando no teclado.

Surge a primeira ligação do dia. Um médico local está preocupado com uma jovem paciente. Trata-se de uma adolescente em crise, e cabe a mim resolver o caso.

*

Christine Lowe não mudou muito com o passar dos anos. Apesar das múltiplas gestações, dos vários parceiros abusivos, de todos os filhos terem sido tirados dela e de um vício em drogas que impressionaria o mais inflexível dos viciados, atualmente é uma mulher tranquila, quase bem-educada, que se resignou com sua sorte na vida.

— Entre — diz ela.

Um cigarro balança ligeiramente entre os lábios quando ela fala. Sua casa não cheira tão mal como de costume, e parece que ela até mesmo fez um esforço para arrumá-la. Dois pastores-alemães estão prostrados diante de uma lareira a gás. Ao lado deles, no chão, o bebê está em um moisés bastante gasto. Christine não faz mais tanto escândalo quando aparecemos.

— Quem temos aqui? — indago.

— Nathan — responde ela, em tom resignado. — Alguma chance de a avó poder vê-lo antes de o levarem? Ela está no hospital.

Christine afasta um dos cachorros, puxando-o pela coleira, quando ele se aproxima preguiçosamente para farejar o rosto do bebê. Percebo que foi um ato maternal por parte do cão, e duvido que ela tivesse intervindo se não estivéssemos presentes.

— Depende — responde Mark.

Ele me olha.

— Depende de quê? — rebate ela.

Christine nunca se deu bem com os homens da repartição.

— De você ter cumprido o plano de cuidados que estabelecemos. — Mark está fazendo anotações.

— Quanto tempo sua mãe vai ficar no hospital? — pergunto, tentando acordar o bebê. Não gosto do que vejo. Quero esse bebê fora daqui.

Christine põe a mão na testa e cambaleia. Está muito pálida.

— Sente-se — sugiro. Ela desfalece no sofá, e um dos cachorros pousa o focinho em seu joelho. Seria melhor se os cães fossem os responsáveis pelo bebê. — Você comeu hoje? — pergunto. Ela balança a cabeça. — Onde está seu companheiro? — Imediatamente, lembro-me de Mark dizer que ele havia sido preso de novo. De qualquer modo, é um milagre Christine ficar grávida.

— Na prisão — confirma ela.

— Nathan está sendo alimentado adequadamente?

Ele não fez qualquer ruído nem se mexeu desde que chegamos. Sei que o inspetor de saúde virá fazer uma visita todos os dias, mas, até a papelada ficar pronta, nossas mãos estão atadas.

— Está — responde ela.

Posso perceber que está se concentrando, tentando se lembrar. Christine tem dificuldade de aprendizagem. Parte de mim fica imaginando se ela ao menos sabe que não é normal tirarem o filho de alguém assim que ele nasce. Ela olha para o bebê.

— Ele gosta de leite — acrescenta, como se o conceito fosse uma revelação.

— Quando ele tomou leite pela última vez? — indago.

Mark está agora acariciando a cabeça do bebê, tentando acordá-lo. Lentamente, ele se mexe.

— Desligue a calefação — peço, ao perceber subitamente o quanto o lugar está abafado. Não há ar.

— Ele tomou um pouco, à noite — responde Christine, satisfeita consigo mesma.

Ela está muito magra para uma mulher que recentemente teve um bebê. Meu peso vem aumentando desde que engravidei.

— Você também vai ter um — observa Christine, sorrindo para mim. Levanta e vem na minha direção, as mãos estendidas. Pousa-as na minha barriga. Fico tão chocada por ela estar fazendo isso que não consigo me mexer. — É um menino — anuncia, radiante.

Você está errada, penso, pois já sei que vou ter uma menina.

Inclino-me e cochicho no ouvido de Mark:

— Temos que tirá-lo daqui. — Ele concorda com a cabeça. Sabemos que, a não ser que Christine esteja de acordo, precisaremos de uma ordem judicial.

— Quer descansar um pouco dessa trabalhadeira de cuidar de Nathan? — pergunto.

Embora eu apenas queira arrancar o menininho dali, levá-lo para casa, alimentá-lo, banhá-lo, acariciá-lo, as coisas têm que ser feitas do modo correto. Há documentos a serem assinados, e sei que ela pode mudar de ideia a qualquer momento.

Finalmente, Christine me dá o mais vago gesto de concordância com a cabeça, e faço uma oração silenciosa de agradecimento antes de sairmos para a repartição. Telefono antes para alertar a equipe. Já tenho em mente um bom lar adotivo.

— Estou de saída — disse Lorraine a caminho da porta, enfiando a cabeça para dentro do escritório de Adam. Ele ergueu o olhar de sua escrivaninha. — Para interrogar os pais de Sally-Ann, lembra? — Ela revirou os olhos. Adam ergueu a mão num aceno indiferente enquanto ela saía. Estava imerso em alguma coisa.

Lorraine levou consigo o investigador assistente Patrick Ainsley, seu agente favorito dentre o sangue novo do Departamento de Investigações Criminais. Os dois, além do clínico geral, que acabara de passar para aplicar mais sedativos na mãe, como também o traumatizado oficial de ligação com a família, conseguiram fazer a Sra. Frith encadear algumas frases coerentes. Era apenas um palpite, pensou Lorraine, enquanto a mulher se abria de modo gradual e doloroso; mas ela acreditava que a mãe poderia ter mais utilidade, em vez do pai rigoroso e um tanto indiferente que ainda precisava reagir ao fato de que sua única filha estava morta.

— Simplesmente não consigo acreditar — repetia várias e várias vezes a Sra. Frith. A voz era débil, quase inaudível. — Belisquem-me, belisquem-me, pelo amor de Deus. Acordem-me desse pesadelo. — Ela se balançou, pegando uma porção de lenços de papel.

— Lamento sua perda, Sra. Frith. É impossível compreender como alguém pode ter feito isso. Por favor, esteja certa de que vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para descobrir o responsável, seja quem for.

Responsável, pensou amargamente Lorraine. Quem quer que tivesse feito aquilo não tinha um grama de responsabilidade. Ela só dissera aquela palavra para evitar o termo “assassino”.

— Pode me dizer quando foi a última vez que viu sua filha? — Lorraine estava pronta para tomar notas. O investigador assistente estava encarregado da gravação. Eles haviam combinado assim: nada formal, mas era importante que depois ouvissem os comentários dos Frith. Nunca deixava de impressionar Lorraine o quanto podia ser perdido numa primeira análise. — Sra. Frith?

— Sábado passado — interpôs friamente o Sr. Frith. Ele mal tinha dito uma palavra. — Daphne foi visitá-la, não foi? — Olhou para a esposa.

Lorraine achava que ele ainda estava em estado de choque, sofrendo do seu modo, embora as palavras não demonstrassem emoção, como se tudo aquilo não passasse de um aborrecimento.

A Sra. Frith assentiu.

— A que horas de sábado foi isso? — perguntou Lorraine.

A Sra. Frith inclinou-se para mais perto, na esperança de, desta vez, responder por si mesma.

— De manhã — retrucou baixinho. Ela tremia, sem controle.

— Fim da manhã — acrescentou o Sr. Frith.

— E como acham que Sally-Ann parecia estar? — Lorraine olhou para Ainsley.

— Bem. Ela estava empolgada, mas nervosa, para ter o bebê.

— Pelo que sei, ela tinha planejado uma cesariana.

— Sim.

Não era preciso perguntar por quê. O hospital já confirmara que Sally-Ann tinha placenta prévia — uma condição em que a placenta cresce demais e bloqueia a rota natural de saída do bebê. O obstetra havia explicado a Lorraine que uma cesariana era imprescindível, mas se deteve quando ela o interrompeu, dizendo-lhe que as duas filhas tinham nascido desse modo, exatamente pelo mesmo motivo.

— Falta de sorte — foi tudo o que ele disse, e Lorraine teve que concordar.

— Portanto, era muito importante que Sally-Ann não entrasse em trabalho de parto de modo natural — concluiu Lorraine.

A Sra. Frith concordou com a cabeça. Lorraine lembrou-se de que seu obstetra lhe dissera, anos antes, que se ela entrasse em trabalho de parto de modo natural sua vida estaria em risco, pois poderia sofrer uma hemorragia interna, e o bebê seria privado de oxigênio assim que a placenta se descolasse. Não era uma situação confortável para nenhuma das partes, e marcar o parto foi a melhor opção. *Timing* era tudo.

— Terrível... — conseguiu dizer a Sra. Frith — que mesmo assim ela tenha morrido. — Lançou um olhar para o marido, como se soubesse o que viria a seguir. Os olhos se encheram de lágrimas.

— De um jeito ou de outro, Deus quis levar Sally-Ann e seu bebê bastardo — observou o Sr. Frith. Ele se benzeu.

— Entendo que sua dor fale pelo senhor — alegou Lorraine, tentando amenizar a insensibilidade que havia surpreendido a todos.

— Não, não é a dor — retrucou a Sra. Frith, lamentando-se. — Ele odiava o fato de que Sally-Ann ia ter um bebê.

— Por quê? — Era exatamente por esse motivo que Lorraine decidira gravar o encontro.

— Ela não era casada — sussurrou a Sra. Frith, como se até mesmo pronunciar as palavras fosse pecado.

— E nenhum neto meu ia nascer fora do casamento. Já foi um choque suficiente saber que Russell Goodall era o pai. — O rosto do Sr. Frith avermelhara-se de ódio e raiva. Veias azul-escuras sobressaltaram-se em seu rosto e no nariz parecido com um morango.

— Vocês têm certeza de que Russell Goodall era o pai biológico do bebê?

O exame de DNA em breve lhes diria isso, mas ela queria a opinião deles.

— Sally-Ann nos disse que era — confirmou o Sr. Frith.

Deixou escapar uma espécie de meio rugido, meio suspiro.

— Não, Sally-Ann não tinha certeza, Bill — prosseguiu a Sra. Frith. — Ela era uma garota... popular.

— Vadia, você quer dizer.

— Continue — falou Lorraine para a Sra. Frith.

— Ela tinha dois namorados. Não conseguia se decidir. Quando Liam soube do bebê, não quis mais nada com ela. Ele disse que não havia chance de ser dele — explicou com calma a Sra. Frith.

— Uma puta, isso é o que ela era.

— Bill! — objetou a Sra. Frith o mais alto que pôde. — Nossa filha não era... ela não era assim.

— Qual é o sobrenome de Liam, Sra. Frith?

— Rider. Liam Rider.

— E é casado, tem uma família, devo acrescentar. — As mãos do Sr. Frith arredondaram-se com os punhos cerrados. Ele respirou como se não restasse oxigênio na sala. — Não é muito surpreendente que o sacana imundo tenha dado no pé quando Sally-Ann engravidou.

— Então, vocês não sabem ao certo quem é o verdadeiro pai do bebê?

O que mais interessava, Lorraine sabia, era qual dos dois homens *acreditava* ser o pai.

— Ela estava tentando se recuperar. Quando Liam não quis mais nada com ela, Sally-Ann tentou esquecê-lo — explicou a Sra. Frith. — Queria apagá-lo de sua vida, mas era difícil. Ela o amava.

Literalmente, pensou Lorraine, ao lembrar-se do nome riscado com força na ficha médica.

— Russell assumiu a responsabilidade. Ele é um rapaz de bom coração — continuou a mãe.

— Um fracassado, é isso o que ele é — atacou outra vez o Sr. Frith.

— Onde Sally-Ann conheceu Liam Rider? — perguntou Lorraine. — Quem ela conheceu primeiro?

— Ela conhecia Russ desde o ensino fundamental. Liam, porém, ela só conheceu quando entrou na faculdade. Ele ensinava contabilidade. Tudo mudou quando ela o conheceu.

— É mais provável que ele a ensinasse a ser imoral — comentou o Sr. Frith.

O rosto dele pareceu inchar na altura das bochechas, como um balão, assumindo um tom escuro de beterraba, e então ele se desfez em soluços secos, ásperos. Cobriu o rosto e baixou a cabeça. Do alto de seu couro cabeludo, estendiam-se fios de cabelos oleosos e grisalhos.

Lorraine olhou de relance para Patrick. Deram um momento para o homem.

— Coloque para fora, querido — consolou a Sra. Frith.

Ele encolheu os ombros para afastar a mão dela. Teria que fazer aquilo do seu modo.

— Mais uma pergunta — emendou Lorraine, mas se deteve.

Ela ia perguntar por que Sally-Ann havia colocado, na ficha, Russ Goodall como contato de emergência, em vez de um deles. Mas, olhando para os dois, ela meio que adivinhou.

*

Liam Rider não estava em casa. Uma mulher, com cerca de trinta e cinco anos e parecendo surpresa, atendeu a porta com duas crianças espiando do corredor. Era uma casa bonita, semiclássica, dos anos cinquenta, com um bem-cuidado jardim frontal e um vaso de amores-perfeitos ao lado da porta principal. Um cheiro de comida — batatas assadas ou fritas — emanou para fora enquanto a mulher olhava para a identificação policial. Lorraine sentiu o estômago roncar.

— Está tudo bem? — perguntou a mulher, empalidecendo um pouco. — Liam está bem? — Ela se segurou ao batente da porta quando Lorraine a convenceu de que estava tudo bem, que não houvera acidentes. Mas não poderia dizer que ninguém havia morrido.

— É com o Sr. Rider que eu gostaria de falar — explicou Lorraine. — Sabe onde posso encontrá-lo?

— Na faculdade, acho — respondeu ela.

Seus olhos lampejavam sob uma bem-arrumada franja loura. Não parecia ser o tipo de esposa que alguém trai. Por outro lado, Lorraine também não achava que era esse tipo de esposa até que Adam, embriagado de culpa, decidira lhe contar que tivera um breve — *ah, muito breve* — caso. Lorraine conteve aquilo. Não era o momento.

— No campus de Craven Road? — perguntou Lorraine.

A mulher confirmou com a cabeça. Era o lugar onde o marido dela trabalhava e também se divertia, só que ela não sabia disso. *Temos algo em comum, você e eu*, Lorraine quis dizer, mas não disse.

Breve... sem sentido... acabou... Adam continuava dizendo que havia sido burro, estava bêbado, atravessava uma crise, que ela o perseguira, não era culpa dele. Que conselho, pensou Lorraine, daria àquela mulher mais jovem? Dê o fora enquanto pode? Vingue-se do mesmo modo? Tire toda a grana dele? Apesar da impressionante aparência da casa, estava claro que Liam Rider não era exatamente alguém de quem se podia tirar muito dinheiro. E Adam tampouco, embora isso não a impedisse de fantasiar a respeito.

— Se seu marido voltar para casa antes que eu consiga falar com ele, poderia pedir para me ligar?

— Lorraine entregou um cartão à mulher. — É urgente.

— Ele não está com algum problema, está? — Ela enxotou as crianças no momento em que elas se aproximaram da porta.

— Não. Só preciso da ajuda dele numa investigação. — Lorraine sorriu, tensa, antes de partir para

a faculdade.

*

— Sabe qual foi a primeira coisa que ele disse?

Lorraine estava empoleirada num banquinho alto na cozinha. Assim que as meninas estivessem prontas para dormir, ela voltaria ao trabalho.

Adam balançou a cabeça.

— “Não vai contar para a minha mulher, vai?”?

Ele fez uma careta. Não estivera presente no interrogatório.

— Naturalmente.

Adam acabara de voltar de sua corrida e pingava suor, embora uma camada branca de gelo tivesse começado a rastejar pelo chão e pelos parapeitos. Enxugou o rosto no pano de prato. Lorraine arrancou-o de suas mãos e jogou-o pela porta para a área de serviço.

— Que coisa nojenta — reclamou. — Em todos os aspectos.

Lorraine não conseguiu evitar o comentário acidental. Ainda nem fazia um ano. Na maior parte do tempo, era capaz de enfrentar, superar aquilo, e seguir sua vida. Mas houve momentos em que não conseguiu aguentar, e tudo o que queria fazer era tornar o resto da vida de Adam o mais insuportável possível.

— O que mais Rider disse? — Adam deu uma mordida numa maçã. — Ele concordou com o exame de DNA?

— Ele soube da morte de Sally-Ann pelo noticiário, portanto, teve alguns dias para absorver o choque. Mas ainda estava muito abalado. Não foi uma boa maneira de descobrir. Ele disse que ela era uma aluna promissora, que tentava se destacar nos estudos, blá-blá-blá. — Inspirou fundo. Aquele não era o momento. — E, sim, ele concordou imediatamente em fornecer uma amostra.

Adam tirou sua luminosa camiseta de corrida e atirou-a no chão da área de serviço, onde estava o pano de prato.

— A hora da morte já foi determinada? — perguntou ele.

— Falei com o patologista. O mais provável é que ela estivesse morta, no mínimo, há trinta e oito horas e, no máximo, há quarenta e uma. Sem que eu perguntasse, Rider me disse que podia provar seu exato paradeiro durante a semana passada. Foi quando praticamente implorou para que eu não contasse à mulher dele. “Isso a mataria”, acho que foram as palavras dele.

Lorraine mordeu a bochecha. Adam não parecia nem um pouco incomodado.

— Rider havia terminado com Sally-Ann vários meses atrás, quando ela insistiu que o bebê era dele. Ela queria dinheiro, mas ele não tinha. E, é claro, não queria que a mulher soubesse do caso nem do bebê. Se quer minha opinião, ele se arriscou ao terminar com ela, e disse que, se tudo aquilo viesse à tona, ele simplesmente negaria. — Lorraine levantou e apoiou-se no balcão. Sentiu o coração aos saltos. — Sabe o que mais ele me disse? — Fez uma pausa. — Falou que, a menos que você seja pego em flagrante, ninguém pode provar nada.

Nesse momento, Lorraine quis lhe dar um tapa.

— Vou me lembrar disso — retrucou Adam de modo ácido, e subiu para tomar banho.

A pior coisa de não estar grávida é que de repente tudo na vida parece envolver bebês. E a pior coisa de ter que inventar tantas histórias, vivendo literalmente no centro de uma mentira que muda o tempo todo, é que as histórias se aprofundam mais e mais, tornam-se mais enroladas e falsas, de um modo que, no final, tenho problemas em lembrar quem eu realmente sou.

Mas, levando tudo em conta, decido que, no momento, não é tão ruim ser outra pessoa; que ser eu mesma seria perigoso e inútil na atual situação. Estou aqui por um só motivo, e minha hora logo chegará. A espera em si é uma gestação.

— Bem... — diz Pip, tentando quebrar o silêncio.

Estamos ficando sem assunto. Lilly e os gêmeos estão no quarto de brincar. Eles parecem estar se dando muito bem. Posso ouvir ruídos, tagarelices e gritos ocasionais, mas pelo menos não estão matando uns aos outros. Pip e eu estamos sentadas à mesa da cozinha de Claudia (penso em tudo nesta casa como algo que pertence a Claudia), trocando ideias sobre crianças e bebês e gravidez e parto. De repente, Pip me pergunta à queima-roupa:

— Você nunca quis ter seus próprios filhos?

É uma daquelas perguntas impossíveis de responder. Bem, posso respondê-la se eu permanecer na minha recém-construída bolha de mentiras e farsa, para manter meu emprego a todo custo. Se eu me atrapalhar, serei demitida. Qualquer explicação é impossível.

Como resposta, tentei dar uma risada. Depois, dei um demorado gole na minha xícara de chá. Em seguida, tentei um gritinho em direção às crianças, para checar se ainda estavam brincando direitinho. Consultei meu relógio e olhei para o da parede, mas só fazia dez minutos que Pip estava aqui. Ela ainda não iria embora. Além do mais, eu não tinha respondido à sua pergunta.

Você nunca quis ter seus próprios filhos?

— Eu... — hesitei. Não fazia ideia do que dizer. — Bem...

O sorriso interessado de Pip diminuiu, e agora ela também estava procurando meios de evitar que eu respondesse. Minha linguagem corporal tornou-se desajeitada — rosto aflito, braços cruzados abraçando meu corpo não grávido, ambos os pés sacolejando nos ladrilhos de forma nervosa; eu não conseguiria deixar mais óbvio que não quero falar sobre isso. Mas agora tenho que falar.

— É complicado — declaro. As sílabas são navalhas em minha boca.

Pip simplesmente olha para mim, sentindo-se desprezível, desejando nunca ter feito a pergunta. *Olhem para ela. Sentada na bela cadeira de pinho na cozinha de Claudia, grávida e imensa, transbordante de vida, esperança e amor. Seus seios estão grandes e empinados no interior do enorme suéter. Deve ter sido feito em casa — um esforço tricotado à mão para combinar com o bebê. Como é adorável! E como eu não sou!*

— Eu realmente ainda não encontrei a pessoa certa.

Não preciso dizer mais nada. Devo parar imediatamente. Ela jamais entenderia. Pip apenas ficaria aliviada por ter passado o momento embaraçoso, e poderíamos conversar sobre cozinhar ou escolas ou há quanto tempo ela conhece Claudia. Em vez disso, por algum motivo horrível e desconhecido, eu continuo.

— Não é por não ter tentado, isso eu lhe garanto. Sei que está pensando que obviamente já passei dos trinta e que não há nenhum homem em minha vida, e que, portanto, é melhor eu me apressar. Mas como vou fazer isso sem um parceiro?

O que estou dizendo?

Enfio as unhas na palma da mão para me conter. Sei muito bem que há vários modos de se conseguir um bebê sem outra pessoa. Só que nenhum funcionou ainda.

— Você já passou dos trinta? — pergunta Pip, numa tentativa pouco convincente, mas lisonjeira, de mudar de assunto. Seu rosto está tenso e vermelho. Grávidas enrubescem com facilidade.

— Trinta e três — digo. — Trinta e três, solteirona e sem filhos.

Dou uma risada, mas ela soa meio insensata. Ouço as palavras de minha mãe vindas do além: *Imagine só, ela não se casou, nem tem filhos. Eu lhe disse...* Em seguida, outra risadinha para aliviar um pouco as coisas, enquanto, de algum modo, desejo que Pip, alguém, *qualquer um*, sinta minha dor; mas não posso deixar que isso estrague tudo. A última coisa de que preciso é que ela conte para Claudia que sou uma maluca obcecada por bebês. Ela me colocaria no olho da rua rapidinho. Está tudo tão perfeitamente planejado. Recupero o fôlego.

— Mas tudo bem. Tenho sorte em trabalhar com crianças. — Outra risada. Desta vez, mais convincente.

— Fico feliz em ouvir isso — acrescenta Pip com um suspiro, que claramente é de alívio. Um sinal de pontuação; um ponto final.

— Mamãe, o Noah quebrou a Barbie — queixa-se Lilly, empurrando para a mãe uma boneca nua e retorcida.

— Ah, querida — responde Pip, olhando de esguelha para mim, como se, de algum modo, fosse minha culpa. — Deixe eu ver.

— Noah — chamo-o, com um desprezo forçado —, por que você fez isso? — Na verdade, gostaria de lhe afagar a cabeça e dizer “muito bem”.

— Porque a Barbie é idiota e não é de verdade — responde ele, ecoando meus pensamentos.

— Não é um bom motivo para quebrar a boneca de alguém — explico. — O que você tem a dizer para Lilly?

Noah dá de ombros. Morde o lábio até sangrar.

— Peça desculpas — exijo.

— Ela não está mais quebrada — anuncia Pip, devolvendo a boneca consertada para Lilly. — Só entortou um pouco.

Observo os olhos de Noah seguirem Lilly e a Barbie ligeiramente torta enquanto elas saem da sala. Com certeza ele aprontará outra. Estou aprendendo que ele é bem parecido comigo: as coisas perfeitas estão simplesmente pedindo por algo assim.

*

Quando Pip finalmente vai embora levando uma Lilly emburrada e prometendo tornar o encontro para brincadeiras um evento semanal, começo a preparar o jantar dos meninos. Prometi sopa caseira, não prometi?

Dou uma espiada na sala de estar e vejo que os gêmeos estão assistindo algum desenho animado. Uma segunda olhada me mostra que Oscar está realmente dormindo, reclinado sobre o braço da poltrona com um fio de baba escorrendo para o estofado. Noah me lança um olhar preguiçoso, um novo laço silenciosamente estabelecido entre nós, e vira-se de volta para a televisão, sem uma palavra.

Puxo a porta para fechá-la e pego meu casaco, bolsa e chaves. Do último degrau próximo à porta, analiso a rua, à esquerda e à direita. Não há ninguém por ali, ninguém para prestar atenção em mim. Quase consigo ver tudo daqui e, inspirando fundo, lanço-me escada abaixo e pelo portão da frente.

Sem parar, vou até a loja da esquina, compro o que preciso — xingando em silêncio a velha que está à minha frente, contando cada centavo poupado com dificuldade — e, antes que eu perceba, estou de volta em casa, tirando o casaco. Tentando não ofegar, dou mais uma espiada na sala de estar. Os meninos continuam seguros no mesmo lugar, mas então minha visão fica embaçada enquanto a adrenalina percorre meu corpo. Seguro-me no batente da porta para me equilibrar.

— James — pronuncio automaticamente.

Forço o sorriso enterrado sob o choque.

— Zoe — diz, e tenho menos de um segundo para decidir se ele está zangado, se sabe que deixei seus filhos sozinhos. — Como foi seu dia?

— Ótimo — respondo, ainda insegura e xingando a mim mesma por não ter ideia de como fazer uma sopa.

— Você parece estar com frio — observa ele, levantando-se e espreguiçando-se.

— É que acabei de levar o lixo reciclável até as latas — explico, com uma prece silenciosa de agradecimento por ter cuidado dessa tarefa no início da tarde e pela presença de espírito de me lembrar disso. Latas de lixo cheias na cozinha teriam me denunciado. Afasto com o pé o saco plástico das compras caído no chão, embora não precisasse me preocupar com isso, pois James se joga de volta no sofá e envolve cada filho com um braço.

— Ótimo — diz, sem jeito.

Agora Oscar está acordado, e James está mais interessado em conversar com o filho sonolento do que em se preocupar comigo.

— Vou começar a preparar o jantar deles — aviso, e saio para a cozinha.

*

— Algo está com um cheiro maravilhoso — elogia Claudia.

Ela parece cansada e estressada, mas com a coragem revestindo seu rosto. Acho que ainda não se sente totalmente à vontade por eu estar aqui. O que precisa entender é que se trata de uma necessidade para nós duas.

— É a sopa — informo, orgulhosa.

Uma grande panela está fumegando na chapa de aquecimento do fogão Aga. Uma rápida busca na internet me mostrou como usar a maldita coisa, antes de eu começar. Finjo que meus antigos empregadores tinham um.

— Caseira, é claro.

Dez latas vazias — sopa caseira tem que ser em grande quantidade, aprendi certa vez com minha tia — estão agora amassadas e depositadas bem no fundo da lata de lixo. Misturada com alguns vegetais frescos, ninguém vai questionar a procedência da sopa. Não se pensarem que passei a tarde toda descascando e picando legumes.

— Pip veio aqui mais cedo — conto, para desviar a atenção do cheiro, mas ela vai diretamente até ele, com o nariz pairando acima da panela, a barriga contra a barra de metal do Aga, inspirando o aroma da minha falsa comida caseira.

— Aposto que há algum ingrediente secreto — comenta ela, fechando os olhos por um breve momento.

Nossos rostos estão próximos. Ela está apenas a uma respiração de distância.

E com toda aquela vida nova se agitando dentro dela.

— Se for preciso revelar o segredo — digo, com um sorriso —, terei que matá-la.

*

Mais tarde, depois de os meninos rasparem suas tigelas e repetirem não pela segunda, e sim pela terceira vez, além de comerem pedaços de pêssegos e lamberem os dedos, tomarem um banho morno brincando com uma dezena de dinossauros de plástico e ouvirem uma história contada por mim, e após eu ter dado boa-noite a James e Claudia (com algumas perguntas, em particular, sobre como ela está se sentindo, se ela acha que sua hora está próxima), afundo na minha cama como se meus ossos tivessem se dissolvido de exaustão e tristeza. Quando as lágrimas surgem, tenho que sepultá-las no travesseiro. Quando a raiva vem, mordo-o, deixando pequenas marcas de dentes e frustração no limpo tecido de algodão.

Por que isso teve que acontecer agora? Puxo minha pequena mala de debaixo do guarda-roupa. Abro o zíper de um compartimento interno e retiro a caixinha azul e branca. Clearblue, diz na frente. Mais de noventa e nove por cento de precisão. Dois testes de gravidez.

Tudo isso me faz querer ir para casa. Tudo me faz sentir vazia e completamente inútil por dentro.

— Ela andou fumando. — Caminho bamboleando de um lado para outro da sala de visitas.

— Bobagem — diz James, enfadado. — Ela não fuma. Esqueceu que perguntamos na entrevista?

— Senti o cheiro nela. Não há dúvida.

Penso por um momento. Ele tem razão. Ela com certeza declarou que não fumava. Mas não quero que os meninos a vejam fumar um cigarro sorrateiramente nos fundos de casa, nem que sintam o cheiro nela. Logo vão achar que tudo bem, que podem fazer a mesma coisa. Não é desse jeito que quero criá-los.

— Já que está tão chateada com isso, pergunte a ela — sugere James.

— Como poderia? — Estou andando de um lado para outro, entre ele e a lareira. — Não é bom ela achar que não confiamos nela.

— Você está sendo tão boba — comenta James.

Por algum motivo, ele está apontando para a lareira vazia. Sempre faz frio nesta sala, mas James insistiu para que viéssemos aqui para conversar, pois é o cômodo mais distante do quarto dos meninos e da escada de Zoe.

— Você não se lembra de que, mais cedo, ela acendeu a estufa da sala de estar e reclamou de como era difícil fazê-la funcionar? Ela contou que a sala se encheu de fumaça e se desculpou por isso. Foi o que aconteceu, Claudia. Fumaça de madeira nas roupas dela.

Certamente James sabe tanto quanto eu que há diferença entre as duas coisas. Posso estar grávida, mas não perdi o olfato.

— Não, não, você está errado. Era cheiro de fumaça de cigarro na respiração dela.

Ficamos subitamente em silêncio, quando a porta se abre com um estalido, ao mesmo tempo em que ouvimos uma leve batida.

— Sou eu — anuncia Zoe. — Sinto muito por interromper vocês. — Ela parece ansiosa.

Será que nos ouviu falar sobre ela?

— Entre — convida James.

Rezo para que ela não tenha me ouvido.

— Não é nada, na verdade — começa ela, talvez sentindo nosso constrangimento. — Podemos conversar amanhã, se estiverem ocupados.

Ela espera nervosa junto à porta, olhando alternadamente para nós. O rosto está igualmente suplicante e lamentoso. Há algo em sua mente, mas ela não sabe exatamente como expressá-lo. Parece que já havia se deitado, talvez sem conseguir dormir. O cabelo está ligeiramente desganhado de um lado, e a leve maquiagem que ostentava mais cedo nos olhos foi removida. A pele pálida das maçãs do rosto e da testa tem o suave brilho de um creme noturno ainda sendo absorvido, enquanto a camiseta ao contrário e as meias de lã são outros indícios de sua intenção de dormir mais cedo. O que a fez descer a escada novamente?, pergunto-me.

— Não estamos tão ocupados assim — digo, sentindo pena dela.

Sinalizo o espaço vazio no sofá com um tapinha, e quando ela se senta, hesitante, olho para James com um leve arregalar de olhos que apenas ele poderia perceber.

Não há fumaça sem fogo, algo que minha mãe costumava dizer, lampeja em minha mente.

— O que está preocupando você? — Sou subitamente atingida pela ideia de que, depois de apenas dois dias, ela ia pedir demissão. Não levei em conta que ela poderia nos deixar.

— Não há nada me preocupando exatamente. É que...

— Querem que eu saia para vocês duas conversarem? — sugere James.

— Boa ideia — respondo. — Por que você não põe a chaleira no fogo?

James concorda com a cabeça e sai, grato pelo alívio temporário.

— E então? — pergunto a Zoe, tentando retomar a conversa.

— Não sei como dizer. Acho que a melhor maneira é perguntar francamente.

Zoe mordisca as unhas bem aparadas. O cabelo marca com finos tufos o contorno do pescoço. Se fosse sua mãe, neste momento eu o prenderia atrás de suas orelhas e, com delicadeza, colocaria o dedo por baixo de seu queixo para erguer-lhe a cabeça. Fitaria seus olhos cinza leitosos e sondaria o que estava errado antes mesmo que ela notasse. Eu a puxaria para perto e a abraçaria, fazendo com que percebesse que estou aqui para o que ela precisar, e que pouco importa o que vai me perguntar.

— É sobre os fins de semana. — Suas palavras são delicadamente tênues.

— Qual o problema?

— Bem, não sei o que acha disso... mas seria bem mais útil se... — Ela baixa ainda mais a cabeça.

— Zoe, eu não mordo.

Ela finalmente levanta a cabeça e me encara de frente. A linha do queixo é perfeita e pequenina, como se esculpida por dedos delicados. As maçãs ecoam a precisão do rosto e dão lugar àqueles olhos nebulosos. Parece ter lágrimas permanentes nos olhos, apenas esperando para escorrer.

— Eu não tenho para onde ir nos fins de semana.

Tento compreender o que isso significa, mas, antes que consiga, já respondi.

— Então pode ficar aqui. — Foi o extravasamento do alívio em saber que ela não ia pedir demissão, apesar de minhas suspeitas, que me fez dizer isso.

— É mesmo? — Seu queixo ergue-se, e os olhos brilham. Há o vislumbre de um sorriso.

— Sim — confirmo, agora mais hesitante, percebendo que antes devia ter perguntado a James, principalmente depois do que acabei de acusá-la.

Mas tenho certeza de que ele não se importará. Além disso, em breve James vai partir novamente, e foi ele, em primeiro lugar, que me incentivou a procurar alguém para me ajudar em casa.

— Está tudo bem com você, Zoe? — Sinto que preciso perguntar. Apesar da entrevista, de seu currículo e das referências, ocorre-me que, na verdade, sei muito pouco sobre sua vida.

— É muita gentileza sua. — Ela balança a cabeça, agradecida. — Está tudo bem. É apenas que...

— Novamente, ela parece tão triste, tão sofrida, tão incerta sobre mim.

— O quê, Zoe?

— Tenho problemas com a pessoa com quem estou vivendo. — Ela para e pensa. — *Estava* vivendo, aliás. Tivemos alguns contratemplos, e não está dando certo. Não quero que pense que estou me aproveitando de você.

— Uma separação?

Zoe dá de ombros e me dou conta de que, ao contratar alguém para me ajudar em casa, também me envolvo na vida íntima dessas pessoas.

— Mais ou menos — responde. — Algumas coisas são impossíveis de se resolver.

E, por algum motivo, Zoe olha ardentemente para minha barriga de grávida.

*

Estou deitada em nossa cama, exausta. Daqui a pouco, vou fugir para o quarto de hóspedes, mas, por enquanto, sei que não conseguirei dormir. James está deitado a meu lado, quase dormindo, e preciso falar. Ele mal está ouvindo.

— Não posso dizer que foi exatamente assustador — falo para ele. — Mas foi quase. — Cutuco um pouquinho seu ombro.

Estou deitada em cima das cobertas, com minha camisola florida, que mais parece uma barraca, e um grosso robe que mal cobre toda a barriga. James costuma brincar, dizendo que a última vez que me viu nua foi quando minha cintura media perfeitos sessenta e oito centímetros. Espero conseguir voltar a esse tamanho até a próxima vez que ele estiver em casa. As mulheres de nosso grupo de ioga para gestantes estão sempre comparando estrias e a circunferência abdominal. Prefiro não pensar no meu corpo. Se pensar muito, entro em pânico. Tenho tido muitas decepções.

— James, você está me ouvindo? Falei que não posso dizer que foi exatamente assustador...

— Então não diga — murmura ele. Os olhos estão fechados. Está deitado de lado, o rosto virado para o outro lado.

— Foi o jeito como ela me olhou. Foi... — Não quero parecer convencida. — Foi quase como se estivesse com inveja de mim ou coisa parecida.

James abre os olhos e rola para ficar deitado de barriga para cima. Ele me encara. Estou apoiada sobre um cotovelo e não muito confortável.

— Está tarde, querida. — Os olhos voltam a se fechar. — Não aja de modo esquisito.

— E também a fumaça de cigarro... Será que ela mentiu para mim?

Os olhos de James agora estão abertos de novo.

— Seus hormônios estão levando a melhor sobre você, Claud. Zoe não é assustadora nem sente inveja e não fuma. Ponto final. Ela apenas queria ficar aqui nos fins de semana. Pode ser que funcione bem para vocês duas.

— Não tenho certeza, James — falo baixinho, mas os olhos dele já estão fechados de novo.

Desabo de volta no travesseiro e repasso mais uma vez a cena em minha mente. Foi o momento em que ela disse “Algumas coisas são impossíveis de se resolver”. Quanta tristeza continham aquelas palavras? “Parece complicado”, respondi, mas ela não revelou mais nada.

— E então ela estendeu a mão e tocou minha barriga, James — conto para meu marido, que já está cochilando. — James — chamo mais alto. — Eu disse que ela pôs as mãos na bebê.

James rola novamente e geme.

— E daí? — resmunga. — É isso que as mulheres fazem, não é? — Puxa um travesseiro para cima da cabeça.

Ele tem razão, é claro. Desde que minha barriga começou a aparecer — e isso não aconteceu até os cinco meses — tenho atraído mais atenção do que gostaria. A princípio, optei por não contar a muita gente que estava grávida, exceto para a família e os amigos próximos, embora tenha sido cautelosa com eles também. Tendo em vista meu histórico, decepcionar todo mundo com mais um aborto seria outro fardo de dor que eu podia dispensar. Eu havia aprendido a lição. Além disso, no meu tipo de trabalho, as pessoas estão dispostas a me criticar por me tornar mãe, uma forma de retaliação por eu simplesmente fazer meu trabalho.

— Foi o *modo* como ela me tocou, James. Como se... — Faço uma pausa e mudo de posição. Estou cansada. Provavelmente, o que falo não deve estar fazendo sentido. — Ah, não sei. Mas ela botou as mãos bem aqui. — Toco minha barriga, embora ele não esteja olhando. — Ela as deixou aqui muito mais tempo do que o necessário. E olhou diretamente para mim, bem nos meus olhos. Não gostei.

— Ela devia estar esperando um chute do bebê — murmura James.

— Talvez — concordo com um suspiro. — Estou cansada. Vou para a cama. — Beijo a lateral da cabeça de James e vou para o quarto de hóspedes. Assim, nós dois podemos ter uma boa noite de sono.

Após escovar os dentes, e já deitada na cama do quarto de hóspedes, sentindo calor como nunca, mesmo com a janela um pouco aberta, reflito sobre a parte que não contei a James; a parte que, por apenas um segundo, deixou meu coração apertado.

— Você tem muita sorte — disse ela, com as mãos tocando meu corpo. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, transbordando com aquele cinza profundo. — Você tem muita sorte de estar grávida.

Solto um longo suspiro de alívio quando subo de volta para meu quarto. Garantir acomodação para os fins de semana com Claudia não foi tão difícil quanto eu imaginara e me poupou de muito esforço e dor de cabeça. Sinto como se conseguisse respirar novamente. Além do mais, não quero que nada aconteça enquanto eu não estiver aqui. Antes que eu pudesse dizer o contrário, ela decidiu por si mesma que devo ser péssima em relacionamentos; supôs que eu era um desastre ambulante com os homens. No final, achou melhor não perguntar. Muito sensato da parte dela. Estou certa de que não vai investigar mais a fundo. Pela expressão em seu rosto, pensou que eu fosse me demitir. Não há chance de isso acontecer. De qualquer modo, ainda não.

Desconecto meu celular do carregador e olho para o visor. Nenhuma mensagem desde que chequei pela última vez. Digito uma, mas gravo como rascunho, pensando que talvez não devesse enviá-la; isso seria precipitado e causaria mais problemas. Vou até a bolsa de viagem no fundo do guarda-roupa e tiro uma meia garrafa de uísque. Não é o mais apropriado para uma babá, mas estou morta de cansaço e minhas costas doem de carregar aqueles meninos escada acima. Eles são bons garotos, impetuosos e interessados nas coisas, embora eu possa dizer, com minha limitada experiência com crianças, que meninas são mais fáceis.

Pensar nisso já me faz tomar um gole da garrafa — um bem pequeno — e pegar novamente o celular. Percorro todos os rascunhos de mensagens que escrevi no passado para desabafar. Então, releio a mensagem que acabei de digitar. Ela me deixa nervosa e me faz sentir um pouco enjoada, ao imaginar o destinatário a lendo. Ponho novamente a garrafa nos lábios e, desta vez, tomo um gole demorado. Com o percurso do uísque ainda queimando garganta abaixo, aperto a tecla enviar. Não consigo me conter.

Você sabe que eu sempre a amarei voa pelo espaço.

*

Quando desço pela manhã, segurando uma pequenina mão de gêmeo em cada uma das minhas, Claudia já saiu para o trabalho. James entra a passos largos na cozinha, vestido com a farda da Marinha, e os gêmeos fazem o maior alvoroço enquanto comem o cereal.

— Não se preocupem, meninos, ainda não vou viajar — diz ele, quando as crianças deixam de lado o café da manhã e abraçam suas pernas.

É um grande sofrimento para os gêmeos o fato de o pai ficar longe com tanta frequência, principalmente após a morte da mãe deles. Que conveniente James ter se casado com Claudia. Que sorte ela ter me contratado. Crianças passadas adiante. Quando isso vai parar?

— Tenho uma reunião de trabalho — ele me informa, após um bom-dia apressado.

Presto atenção. Não estou convencida de que ele gosta de mim. Ficarei com sua mulher e seus filhos quando ele não puder; cuidarei deles enquanto ele estiver fora. Sou o novo homem da casa.

— Voltarei às seis, e Claudia também deve chegar mais ou menos a essa hora. Ela saiu mais cedo para cuidar de um caso complicado.

— Ahn? — solto, tentando não parecer intrometida, mas estou interessada.

Há muita coisa que preciso descobrir sobre eles, e o tempo é tão curto. Quero perguntar desesperadamente sobre a reunião de trabalho de James. Além disso, admito que o trabalho de Claudia me intriga. Sei que ela é assistente social na seção de proteção à infância, onde chefia uma

equipe. Porém, não faço ideia do que envolve sua rotina diária. Suponho que tente fazer as pessoas viverem melhor, levá-las a viver do modo que acredita ser o certo. Não negligenciar os filhos; não ficar grávida aos quinze anos; não bater na namorada; não usar drogas.

Então me ocorre que ela deve trabalhar regularmente com a polícia. Essa ideia provoca uma explosão de adrenalina pelo meu corpo, no mesmo instante em que Noah derruba seu copo de suco de laranja. Minha primeira reação seria gritar com ele, mas consigo manter a calma. James ainda não saiu. Ouço-o ir para o escritório.

— Ops — digo, com uma risada. — Pegue o pano de prato, está bem, Noah? — Ele vai buscar o pano, enquanto Oscar zomba de sua falta de jeito. Ele arrasta o dedo pelo líquido entornado em vez de enxugar a bagunça. — Me dê aqui, deixe que eu faço — peço.

Não preciso de uma trilha de suco grudento até a pia. Limpar o chão é a última coisa que quero fazer. Há outras tarefas mais importantes.

*

— Você e os gêmeos gostariam de ir comigo e Lilly hoje, depois da escola, ao centro de recreação infantil? — Pip está batendo os pés no chão e esfregando as mãos sem luvas. Faz muito frio. A ideia me enche de medo, mas, mesmo assim, vejo-me concordando. Sem dúvida, ficarei cercada por mais mulheres grávidas do que consigo enfrentar, cada uma delas protegendo uma criança com menos de dois anos enquanto acaricia a compulsória imensa barriga, imaginando por que optaram por essa loucura que é a maternidade. No momento, as grávidas estão por toda parte. Isso torna tudo muito mais difícil — faz com que eu me sinta mais vazia do que o vazio; mais solitária, mais inútil e incapaz de fazer qualquer coisa que já tenha feito antes. Digo a mim mesma que não é por muito tempo; não será assim para sempre. Tudo vai se resolver.

O telefone vibra no meu bolso. Não posso, de modo algum, atendê-lo aqui. Sinto meu coração ficar apertado.

— Isso vai cansar bastante os gêmeos e deixá-los dispostos a ir para a cama — continua Pip. Ela está usando um casaco de pele falsa com punhos enormes e um chapéu combinando. — Lilly adora ir lá. Há aquela piscina de bolinhas coloridas na qual ela literalmente se perde...

Pip continua falando sem parar sobre o centro de recreação; eu sorrio, concordo com um gesto de cabeça e rio, soltando fumacinha com a minha respiração enquanto tento imaginar uma desculpa para ir embora. Meus dedos enluvados acariciam o celular no bolso.

— Ah, olhe, estão entrando na escola — anuncio, enquanto as turmas de crianças enfileiradas serpenteiam para as respectivas salas de aula. Aceno freneticamente, enquanto os gêmeos partem sem olhar para trás. Afinal de contas, não sou a mãe deles.

— Então, vamos nos encontrar depois da aula? — pergunta Pip ao sairmos pelo portão da escola.

— Claro — afirmo, imaginando como posso me livrar daquilo.

Finalmente, mudo de direção e me afasto, deixando Pip bater papo com outro grupo de mães. Espero até dobrar a esquina antes de checar a mensagem de texto em meu celular.

Eu tb amo vc me conduz direto ao que tenho que fazer em seguida.

*

Quando abro a porta, o quarto de Claudia e James cheira levemente a desodorante, laquê e perfume. A mistura dos três junto a um fraco bafejo de sono me faz pensar que realmente há alguém comigo no quarto. As cortinas ainda estão fechadas, o que provavelmente é algo bom, caso vizinhos bisbilhoteiros da casa em frente me vejam. Acendo a luz e entro. O quarto é um lugar tão bom para

começar como qualquer outro. Apesar de minha paranoia, tenho certeza de que estou sozinha na casa. Até chequei a garagem para me certificar de que o carro de James já tinha saído. Para sair com aquilo que vim buscar, tenho que descobrir o máximo que puder sobre eles. Não ousarei entrar no escritório de James até ele sair do país. Não posso estragar tudo. Tenho apenas uma chance.

Entro no banheiro da suíte. O cheiro de Claudia é ainda mais pungente aqui, com o vapor de seu banho matinal ainda pairando no ar como uma agradável poluição. Há uma toalha no chão, e a prateleira acima da pia está uma bagunça — apinhada de frascos destampados e cremes para o rosto e o corpo. Um pedaço de fio dental pende dali, enquanto uma escova de dentes está jogada na pia. As cerdas tocam um glóbulo de pasta de dente presa à porcelana, como se alguém tivesse saído às pressas.

Olho em volta. O que devo vislumbrar do santuário íntimo da existência de Claudia e James? Há poucos motivos para eu estar aqui, mas não consigo resistir a uma espiada. Cada pedacinho de informação que conseguir obter me ajudará a formar um cenário.

Imagino Claudia no trabalho, envolta por uma névoa de perfume e pais negligentes, tomando decisões vitais acerca de famílias despedaçadas das quais ela não sabe realmente muita coisa, se for honesta consigo mesma. Então, em minha mente, vejo-a sentada em sua sala, mordendo a caneta, mudando para sempre a vida das pessoas, mas, antes que perceba, está sufocando sob uma avalanche de talco para bebês e uma montanha de fraldas sujas, ensurdecida pelos berros de mil crianças. Ela sufoca, inspira tudo para o corpo grávido. De maneira instintiva, segura a barriga, encolhendo-se de dor, ao entrar em trabalho de parto. Cai no chão, pernas abertas... Então, estou lá para ajudá-la...

— Pare com isso.

Olho-me no espelho. O que há de errado comigo? Minhas bochechas estão afundadas, e tenho anéis cinzentos embaixo dos olhos. Preciso me controlar. Inspirando fundo, apago a luz do banheiro.

De volta ao quarto, o armário de Claudia é mais organizado do que seu banheiro bagunçado. Do lado esquerdo, ela pendura blusas e vestidos e, do lado direito, há uma seleção de saias de *stretch* e calças de cintura larga. A maioria é de cores escuras para contrastar com seu estoque de túnicas volumosas e muito coloridas. Imagino-a usando cada uma dessas roupas, todas perfeitamente combinando e escolhidas em butikues caras. Se eu estivesse grávida (só pensar nisso já me faz sentir um enjoo matinal de inveja), usaria camisetas justas, em tons de marrom ou cinza, esticadas ao máximo para envolver minha barriga enorme. Jogaria por cima um cardigã de lã masculino, com bolsos fundos, que encheria com lenços de papel. Um montão de lenços. Eu ficaria muito emotiva, com todos aqueles hormônios percorrendo meu corpo, controlando-me, fazendo-me sentir louca e triste num minuto, e então em êxtase no momento seguinte. Mas, pelo andar da carruagem, estou na mesma situação, nem perto de ficar grávida; nada de hormônios malucos para mim. Sinto-me sem ânimo para eles agora.

Toco um dos vestidos de grávida, e ele desliza do cabide. Olho-o, caído no chão do armário. Pego-o e o coloco diante de mim. Claudia é mais alta que eu. Sem estar grávida, imagino que seja tamanho quarenta ou quarenta e dois, contra o meu trinta e oito. O vestido é cor-de-rosa e laranja, estampa estilo Pucci, e dificilmente eu me destacaria por trás de seu gregarismo. Em mim, ele bate na metade da batata da perna, embora reconheça que ele fique mais elegante em Claudia, na altura dos joelhos. Além disso, sua tonalidade — aquelas mechas de cabelo preto e sua tez rosada — controlaria o choque de cores desse vestido. Em mim, ele simplesmente reafirmaria minha invisibilidade.

Jogo-o no chão e piso nele com os pés calçados com meias. Nós se acumulam em minha garganta, como se alguém estivesse com as mãos em volta do meu pescoço, apertando-o com cada vez mais força. Quando essa sensação de sufocamento terminará?

Seguro-me no armário para me apoiar e me acalmar, a cabeça baixa entre os braços. Em que eu estava pensando? Perda momentânea de controle não faz parte do meu plano. Pego o vestido e o sacudo. Não deve parecer amarrotado. Penduro-o de volta no armário e estou quase fechando as portas quando noto algo no fundo dele. É uma linda caixa branca e verde com motivos florais e a palavra “Lembranças” impressa na tampa.

Já vi esse tipo de coisa antes. Ah, sim, muitas vezes, em numerosas idas à seção de itens para bebê da John Lewis, da Debenhams ou empilhadas em meio a Primeiros Álbuns do Bebê e macios livros de pano naquela elegante butique infantil perto de casa. Minha *antiga* casa.

Paro e inclino a cabeça em direção ao teto, tentando fazer com que as lágrimas escorram de volta para dentro dos meus olhos.

Inspiro fundo. Esta é uma caixa para guardar fotos de recém-nascido, o primeiro sapatinho e mechas de cabelo amarradas com tecido de algodão. É o tipo de lugar em que você guarda dentes de leite caídos — pequeninos e irregulares — além de fotos tiradas logo após o parto, que a mãe não quer no álbum da família. É onde você encontra os cartões do primeiro aniversário do bebê e a certidão de batismo, ou as primeiras linhas ondulantes riscadas no papel com um desajeitado lápis de cera. Esta caixa contém as memórias mais intensas, as lembranças mais especiais, os primórdios da vida. Ela é aberta apenas uma vez ao longo de alguns anos, e cada vez menos e menos coisas são acrescentadas com o passar do tempo.

Levanto-a. É mais pesada do que eu esperava. Dou-lhe uma leve sacudida. Há coisas lá dentro. Claudia já andou juntando lembranças de sua gravidez? Ou talvez o conteúdo seja dos gêmeos, guardado por James e sua primeira mulher. A tampa está coberta por uma camada de poeira, indicando que não mexem na caixa há algum tempo.

Sopro com força a tampa, coloco-a sobre o carpete e me ajoelho perto dela. Paro. Escuto. Será que ouvi algo, alguém? Algo martela na minha garganta como um segundo e culpado batimento cardíaco. O que eu faria agora se Claudia voltasse para casa, entrasse em seu quarto e me encontrasse revirando seu armário? *Desculpe, Claudia. Queria apenas saber qual é a sensação de estar grávida; ter coisas de grávida; usar roupas de grávida.* Ela aceitaria isso? Entenderia que eu provavelmente quero — não, *preciso* de seu bebê mais do que ela?

Levanto a tampa. Olho o conteúdo da caixa.

Sinto-me como se estivesse bisbilhotando o interior de um útero, o próprio santuário íntimo onde a vida se mantém tão preciosa. Meus dedos formigam para saquear aquela caixa de... de... o que é aquilo? Lembranças? Tesouros? Sinto os olhos lacrimejarem diante do que vejo.

Ah, meu Deus.

Meu coração bate mais depressa, se é que é possível. Prendo a respiração e me curvo sobre a caixa. Em cima de todos os itens, há uma fotografia. Não está particularmente em foco, mas é de um bebê — um bebê pequenino, nu, a pele enrugada — deitado num berço de plástico transparente de hospital. O bebê é azul-cinza-rosa, e não há fralda em volta das pernas iguais às de uma rã. Uma pulseira de plástico branco faz seu braço parecer menor, como um graveto.

Alguém escreveu com caneta hidrocor azul: *Charles Edward. Nascido prematuro com 22 semanas. 20/9/2007 a 24/9/2007.*

Ergo a foto com os dedos gelados. Estou tremendo. Embaixo dela, encontro um pequenino gorro de lã, tricotado com o mais delicado fio azul-claro. Um ensanguentado grampo amarelo de cordão umbilical está aninhado numa dobra lanosa. Em seguida, vejo uma tira de imagens de ultrassom, já amarelado nas bordas por causa do tempo. Já vi esse tipo de coisa na televisão e admito ter dado uma olhada na internet, imaginando como seria ter um médico me explicando onde estava cada

membro, se era menino ou menina, mostrando-me a fraca batida do coração, que faz *tum-tum* e se enche com o pouquinho de sangue que circula pelas minúsculas veias.

Na pequena impressão digital da imagem escura, lê-se *Claudia Brown*. São as imagens de seu ultrassom, mas a data — 19/4/2003 — me diz que não são desta gravidez. É possível identificar o útero — uma área oval escura — e, no interior desse espaço, está uma indistinta bolha branco-acinzentada. Se é um feto, não parece muito grande. Estou olhando dentro do útero de Claudia. Esse pensamento me faz tremer ainda mais. No verso, alguém escreveu: *Bebê Ella. 18 semanas. Natimorto.*

Saliva se acumula em minha boca como se eu estivesse prestes a vomitar. Continuo minha caça à tragédia. A caixa está repleta de lembranças semelhantes, e cada uma é a recordação de um bebê perdido. Há mais três imagens de ultrassom, todas de gestações diferentes, realizadas por volta da décima quarta semana de gravidez, e todas com a data do aborto anotada no verso. Há poemas escritos por uma mente desolada pela perda — *Meus braços vazios sofrem para poder segurar você... Os dedinhos, o nariz mais fofo... Nenhuma mulher é tão estéril quanto eu...* — e um pedaço de papel amassado com as impressões de dois pezinhos: *James Michael, falecido em 7/10/2008.*

— São impressões dos pés de uma boneca — sussurro, impressionada com os dez dedinhos perfeitos.

A desgraça de Claudia, seu vazio e a aversão a si mesma ficam evidentes nos poemas desolados. Deduzo que foi ela quem os escreveu, enquanto meus olhos absorvem o pesar que contêm. Como uma mulher pode sofrer tal perda e ainda prosseguir com a tentativa de ter um bebê? Deixo as mãos caírem no colo. Isso me faz sentir ainda mais desprezível pelo que estou prestes a causar a esta família.

— Mas tudo isso a tornou mais forte — digo a mim mesma, acariciando a lateral da caixa de lembranças, tentando amenizar a culpa.

De repente, fico imóvel. Será que ouvi alguém? A mesma coisa outra vez. Recoloco a tampa na caixa e a empurro de volta para dentro do armário. Precipito-me para fora do quarto e desço a escada correndo. Alguém está martelando à porta. Quando chego lá, um entregador está parado no último degrau da entrada, tamborilando em um grande pacote apoiado na coxa.

— Assine aqui, por favor — pede, com impaciência, entregando-me um aparelho eletrônico e uma caneta Stylus. Assino e ele me entrega a caixa. Vai embora sem dizer mais nada, e arrasto a encomenda para dentro.

Está endereçada a Claudia, e uma das extremidades está afundada e danificada. Através da pequena abertura, posso ver algo como vime, envolto em plástico. Não dizem que é preciso checar imediatamente os itens recebidos? Ou será que minha curiosidade está vencendo? De qualquer modo, não quero me meter em encrenca.

Arrasto a caixa até a cozinha e corto o que resta da fita adesiva. Retiro o papelão e, dentro, encontro um moisés de vime envolvido em polietileno. Deslizo-o para fora do embrulho e encontro um conjunto de lençóis brancos e tecidos para usar nele. Arrumo a roupa de cama e coloco o cesto no suporte branco de metal que o acompanha.

Recuando para admirar meu trabalho, tento imaginar o bebê recém-nascido de Claudia dormindo naquele berço. Por algum motivo, não consigo.

*

— O que você está fazendo no meu quarto?

Viro-me. Minhas mãos estão tremendo. Ela me flagrou, embora eu estivesse fazendo algo legal.

Não estou mexendo em seus pertences pessoais.

— Isso foi entregue mais cedo — explico. — Não é adorável? Pensei em arrumá-lo para lhe fazer uma surpresa. O pacote estava todo danificado, e eu quis ter certeza de que o que havia dentro estava inteiro. Achei melhor trazer aqui para cima, para você. — Afasto-me do moisés. As cortinas de Claudia ainda estão fechadas, e agora está escuro lá fora. — Não é adorável? — repito, enquanto silenciosamente ela caminha até o cesto. Eu o coloquei ao lado de sua cama.

— É — admite ela vagamente, olhando-me de esguelha, como se não confiasse em mim.

Ainda está com o casaco e as luvas de couro que usa para dirigir. A bolsa está pendurada no ombro, e ela cheira a inverno. Dá uma leve balançada no cesto e, então, olha de maneira incisiva para mim, diretamente em meus olhos. Percebo o mais minúsculo dos músculos se contrair em sua face.

Liam Rider se encontrava sentado na sala de espera, as pernas abertas e um cotovelo apoiado em cada joelho. A cabeça baixa se projetava para a frente, e o cabelo preto e grisalho estava desgrenhado, sem lavar e ralo no alto da cabeça. À primeira vista, parecia apenas uma das pessoas presas nas rondas de sábado à noite, ainda que fosse um dia de semana; um bêbado desajustado oscilando entre o vômito e o desmaio. Ele demorou vários minutos para erguer o olhar quando Lorraine chamou seu nome. Os outros, na sala de espera, fitaram-no. A mulher com vários piercings e uma criança enfurecida, o homem de paletó, o casal de jovens vestindo roupas esportivas — todos na fila se levantaram alegremente com um salto para tomar seu lugar.

— Sr. Rider — repetiu ela. — Posso atendê-lo agora.

Lorraine manteve a porta de segurança amplamente aberta enquanto Rider tentava se organizar ao perceber que estava sendo chamado. Levantou-se lentamente, com todo o esforço necessário para um homem cuja vida estava prestes a se despedaçar. Lorraine não conseguiu evitar o ligeiro sorriso interno. Afinal, Rider viera por livre e espontânea vontade, portanto, ela prometera a si mesma ser... *legal* com ele, ver o que tinha a dizer. Rider atravessou a porta, e Lorraine captou o leve odor de um homem na sarjeta, um homem cujos hábitos de higiene haviam sido cortados da lista de prioridades. E tudo isso para quê? Algumas trepadas com uma de suas alunas. Ela imaginou se agora ele achava que tinha valido a pena.

— Sente-se — disse Lorraine, assim que entravam na sala destinada a depoimentos.

Era um espaço cinzento e mal iluminado, sem muita luz natural. Ela não se importou em acender as fileiras de luzes fluorescentes.

— Por que deseja falar comigo? — perguntou ela, empoleirada na quina da segunda e menor mesa da sala.

Sentar-se de frente para ele seria, de algum modo, um sinal de que ela aprovava sua presença e, por sua vez, seu comportamento. Algo que ela não podia tolerar. Se ele tivesse vindo revelar algo útil para a investigação, ótimo. Caso contrário, ela terminaria depressa com aquilo.

— Eu sou o pai do bebê de Sally-Ann — declarou Rider baixinho, despertando Lorraine de seus pensamentos.

As mãos de Liam uniam-se com força, os dedos entrelaçando-se como os de amantes desesperançosos, ao surgirem para fora das mangas de tweed.

— Ela não estava dormindo com mais ninguém.

Que coisa mais grotesca, pensou Lorraine, enquanto absorvia a presunção do que ele acabara de dizer. Como ele sabia que Sally-Ann não estava dormindo com mais ninguém? Do mesmo modo que a mulher dele, sem dúvida, acreditava na fidelidade do marido, supôs Lorraine.

Ela o imaginou em meio aos professores universitários, dedicando-se a intermináveis brincadeiras acadêmicas e gracejos animados. Então, lembrou-se de que ele era apenas professor da pequena faculdade local — dificilmente um professor de Oxford — e os remendos de couro nos cotovelos, o cabelo desgrenhado e os óculos de aro fino subitamente perderam o encanto intelectual. Ela ficou imaginando o que diabo Sally-Ann, uma mulher jovem e bela, tinha visto naquele sujeito.

— Já sei disso — afirmou ela.

O resultado acabara de chegar do laboratório.

— Mas juro que não matei Sally-Ann. — Ele baixou a cabeça.

Também sei disso, pensou Lorraine, mas não disse. O álibi dele havia sido checado. Rider estava dando aula na faculdade no dia do crime, e um trecho da gravação da câmera de segurança podia provar isso. Os movimentos de Russell Goodall, porém, não tinham sido tão fáceis de mapear.

— Por que eu deveria acreditar? Você tinha um bom motivo.

— Posso ter estragado tudo com minha mulher e com Sally-Ann, mas não sou assassino, pelo amor de Deus. — Rider agarrou a mesa e, por um segundo, Lorraine pensou que ele ia chorar. — De algum modo, eu teria feito a coisa certa por ela e pelo bebê. Arranjaria um segundo emprego ou algo assim. Mas não conte à minha mulher. — Baixou novamente a cabeça. — Por favor.

— Esse foi o único motivo para você querer falar comigo pessoalmente?

Lorraine de repente sentiu-se poderosa. Ele estava implorando.

— Não. — Olhou novamente para cima. Engoliu em seco. — Tenho o nome de alguém que talvez possa ajudá-la.

— É? — *Que sacana*, pensou ela. — Então você quer que eu prometa não contar à sua esposa sobre sua pulada de cerca em troca dessa pequena informação preciosa?

Ele confirmou com a cabeça.

— Sabe que eu poderia prendê-lo agora mesmo por causa disso?

Ele engoliu em seco.

— Eu... Eu não estou sonegando nada. Quero apenas ser justo. Sally-Ann e eu...

— Você estava traindo sua mulher, Sr. Rider. Como alguma coisa relacionada a isso pode ser justa?

Lorraine sentiu o coração acelerar. Era como uma droga que ela não conseguia expelir de seu organismo; uma droga da qual desejava nunca ter ouvido falar.

— Justo para a minha mulher — esclareceu ele. — Sei que fiz uma besteira. Mas isso já acabou.

— Obviamente — observou Lorraine.

— Portanto, não há motivo para Lesley descobrir ou se magoar, não é mesmo? — Ele se recostou na cadeira de plástico.

— É melhor você perguntar aos jornalistas — sugeriu Lorraine. Ela consultou o relógio. — Eles vão publicar o que quiserem.

— Olhe, Sally-Ann frequentou aquelas aulas sobre parto. Ela tinha visto o anúncio num jornal local. Uma ou duas vezes, pediu para eu ir junto, mas, obviamente, recusei. Não teria sido certo. Acho que ela via algum tipo de futuro para nós, esperava que eu deixasse Lesley e meus filhos. Não havia a menor chance de eu fazer isso. De todo modo, Sally-Ann fez novas amigas no curso e ficou íntima de uma mulher em particular. Amanda Simkins. Elas logo se tornaram amigas.

— E...? — Lorraine estava perdida. — Você chegou a encontrá-la?

— Várias vezes — respondeu Rider. — Mas, desde o início, não gostei dela.

Lorraine não via, de fato, alguma relevância naquilo tudo, mas deixou que ele continuasse.

— Elas costumavam fazer aulas de técnicas de respiração e ioga, aprender os sinais do trabalho de parto e a trocar fraldas. — Rider fez uma pausa. — Esse tipo de coisa. — Fez uma cara indicando que nunca entendeu aquilo.

— Para mim, tudo isso parece normal — observou Lorraine, escorregando da beirada da mesa e levantando-se. Cruzou os braços. — Grávidas frequentando aulas sobre parto e fazendo amigas. Não me diga, aposto que elas também iam tomar café depois — acrescentou com uma risadinha.

— Sim, iam — confirmou ele. — Mas quer saber uma coisa estranha sobre essa mulher? — disse Rider, também se levantando.

Ele era bem mais alto que Lorraine, então ela ficou olhando para cima, para seu rosto com barba

por fazer.

— Diga, então.

A mão dela estava na maçaneta da porta. Mal podia esperar.

— Amanda Simkins nem mesmo está grávida.

*

Não contaram à instrutora da turma que estavam indo. Por isso, esperaram no corredor da velha igreja batista, olhando através da pequena janela envidraçada da porta para dez ou mais mulheres em vários estágios de gravidez se contorcendo sobre esteiras de ioga.

— Você não fez nada disso quando estava grávida — comentou Adam com um sorriso desagradável.

— Não — retrucou Lorraine. — Eu estava ocupada demais prendendo criminosos para poder me dar esse luxo.

A mulher que dava a aula, Mary Knowles, continuava olhando de relance para eles pela abertura envidraçada de trinta centímetros, franzindo cada vez mais a testa. Finalmente, a curiosidade venceu e, assim que as mulheres se deitaram, com cobertores por cima, as persianas foram baixadas, e as luzes, reduzidas, ela foi até a porta e abriu-a com um puxão.

— Posso ajudá-los? — perguntou, com um sussurro ríspido.

— Sou a investigadora Lorraine Fisher, e este é o investigador Adam Scott. — Ambos mostraram suas identificações. — Somos da Unidade de Investigação de Grandes Crimes. — Lorraine fez uma pausa para permitir que a apresentação penetrasse a mente da mulher. — Íamos esperar o término da aula, mas... — interrompeu-se e ergueu as sobrancelhas.

— É a respeito da pobre Sally-Ann, não é?

Lorraine assentiu.

— Estamos interessados no que você sabe sobre ela. Em particular, sobre as mulheres que se tornaram amigas dela em suas aulas, como Amanda Simkins.

— Ah, entendo — disse Mary Knowles, quase como se pedisse desculpa. — Isso foi na minha turma de Bordesley Green. Eu leciono em diferentes áreas de Birmingham. As aulas são muito populares.

— Se preferir, podemos esperar até você terminar — sugeriu Adam, voltando a olhar pela porta as mulheres deitadas de barriga para cima. — E conversaremos mais à vontade após a aula.

Várias delas estavam, desconfortavelmente, mudando de posição.

— Terminaremos em cinco minutos — avisou Mary. — Agora elas estão apenas relaxando. É importante.

Lorraine e Adam recuaram até um banco de madeira e esperaram. Lorraine gostaria de poder relaxar. Soltou um demorado suspiro e virou-se. Avisos de vários eventos que aconteceriam na igreja estavam pregados num quadro de cortiça acima deles. Uma feira de objetos usados, venda de brownies, uma festa para jovens. Um ou dois eventos já haviam ocorrido, e os folhetos eram antigos. Um deles anunciava as aulas para gestantes de Mary Knowles. Aparentemente, ela alugava piscinas para partos na água como um negócio paralelo.

— Isso lhe traz recordações? — perguntou Adam, enquanto esperavam.

— Não mesmo — respondeu Lorraine, mas então desejou que tivesse dito sim, quando a porta se abriu e se seguiu um desfile de mulheres andando e tagarelando, algumas tendo de abrir os dois lados da porta dupla para passar. As filhas de Lorraine tinham agora quatorze e dezessete anos, eram jovens adultas, e pensar na implacável passagem do tempo a deixava triste. Aquelas mulheres

estavam apenas começando a jornada, com noites insones, fraldas intermináveis e sentimentos culposos de inadequação se estendendo diante delas. Mas então sentiu-se subitamente aliviada por ter chegado àquele ponto de sua vida sem muito trauma maternal. Tinha sido uma boa mãe, não tinha? E agora que as meninas estavam mais velhas e independentes, e também bonitas, amorosas, populares e diligentes, tecnicamente ela poderia fazer o que quisesse no pouco tempo livre que tinha. O problema é que nunca tinha. *Embora uns e outros tivessem, porra*, pensou, olhando para Adam.

— Podem entrar agora — anunciou Mary após a última mulher ter saído.

Ela havia aberto as cortinas das janelas altas, e um fraco sol de inverno tocava de leve o empoeirado chão de madeira. Enfiou os braços num casaco cinza de um traje esportivo, aninhando os seios fartos em seu interior ao fechar o zíper. Lorraine não deixou de notar que, enquanto fazia isso, Adam observava a mulher. Era patético. Ou ela era patética por notar que ele notava?, perguntou a si mesma. Ou talvez ele nem mesmo os estivesse olhando, como ela pensava que estivesse? Paranoia, então. Talvez eles devessem tentar outro terapeuta, no fim das contas.

— Bem — começou Mary, um tanto autoritária, como se fosse ela quem buscasse informações. — Sally-Ann Frith.

Ela dividiu as palavras em sílabas exatas. Isso, de algum modo, fez parecer que a pobre moça ainda estava viva, pensou Lorraine. Lembrou-se da mãe da garota, Daphne, da maneira como parecera estranhamente sob controle apesar da terrível morte da filha. Se tivesse sido uma de suas meninas... Ela estremeceu, afastando o pensamento. Regra de ouro: não transforme os casos em algo pessoal. Nunca.

— Ela ia dar à luz a qualquer momento, se me lembro bem. Deixe-me lembrar... Sim, acho que ela ia fazer uma cesariana, não? — Mary Knowles olhou para Lorraine e Adam evidenciando seu longo nariz. O rosto todo era comprido, como o de um cavalo, pensou Lorraine.

— Sim. Receio que alguém tenha se antecipado ao hospital, como, sem dúvida, você já deve saber — observou Lorraine.

— Minhas alunas ficaram aflitas, sabem — rebateu Mary, como se os repreendesse por ainda não terem pegado o assassino.

— Aflitas? — indagou Adam com irritação. Provavelmente pensou que se tratava de um efeito colateral da gravidez.

Um dedo magro com uma inexequível unha comprida e vermelha prendeu para trás uma pequena mecha de cabelo.

— E se ele atacar novamente? E se for um assassino em série atrás de mulheres grávidas? — Sua voz praticamente implorava para que Adam a salvasse, pensou Lorraine.

— Não se trata de *mulheres* — falou, para enfatizar que fora um caso isolado.

É claro que, para poder acrescentar algo à curta declaração que havia sido dada à imprensa, vários jornais de circulação nacional pesquisaram histórias semelhantes nos estados onde bebês haviam sido arrancados do ventre de suas mães em ataques violentos. Foi o bastante para provocar especulações.

— Não temos motivos para acreditar que Sally-Ann foi um alvo porque estava grávida. Seria realmente útil se você pudesse me dizer algo que não sabemos sobre a Srta. Frith.

Mary pensou por um momento.

— Ela era adorável e bastante popular na minha turma. — Sua voz tremeu um pouco. — E estava cuidando de si mesma e do bebê. Sabe como é, mantendo-se saudável e comendo as coisas certas. Não creio que tenha sido uma gravidez planejada, mas ela se resignou em ser mãe.

Lorraine assentiu.

— E quanto a Amanda Simkins? Você a conhecia? Ela frequentava suas aulas?

— Quanto a Amanda? — Mary disse isso com uma risada, sem de fato responder a nenhuma das perguntas diretas de Lorraine. — Ela era uma figura, com certeza.

— O que quer dizer com “uma figura”? — indagou Adam.

— Você sabe, uma *figura*. Alguém que se destaca, mas não necessariamente pelos motivos certos.

— De que modo ela se destacava? — quis saber Adam.

Mary olhou pela janela, como se isso pudesse ajudá-la a encontrar as palavras. Franziu o nariz.

— Ela é o que chamo de parasita — afirmou finalmente. — Sempre tentando participar das coisas, jamais querendo perder uma piada, desesperada para ser o centro das atenções. Sabe como é.

— Sei — concordou Adam, embora Lorraine pudesse garantir que ele não sabia.

— Para resumir, eu diria que ela é carente. — Mary pareceu contente com sua descrição.

— Quando vai nascer o bebê dela? — perguntou Lorraine, lembrando-se do comentário feito mais cedo por Rider. Ela olhou para Adam.

— É isso que quero dizer — frisou Mary. — Ela nem mesmo está grávida. Frequenta minhas aulas porque acha que isso vai ajudá-la a *ficar* grávida. — Em seguida, comentou com um sussurro: — Acho que estão tendo dificuldades, ela e o parceiro. Sabe como é...

— Não é um pouco estranho participar de aulas para gestantes sem nem mesmo estar grávida? — De qualquer modo, Lorraine achava que era.

— Um pouco, talvez. Mas não é incomum. Já tive uma ou duas alunas que simplesmente queriam relaxar. Não posso dispensá-las.

— Gravidez por procuração — comentou Adam, de forma insensível.

— Exatamente — foi a reação de Mary. — Esse é o tipo de mulher que ela é. Uma parasita. Mas tê-la no curso significa mais algum dinheiro por semana, e a grana dela é tão boa quanto a de qualquer outra.

— Pode nos dar o endereço dela, por favor? — pediu Lorraine.

— Claro que não — retrucou Mary. Pegou a pasta que estava na mesa e a enfiou numa enorme bolsa a tiracolo. — As informações sobre minhas alunas são confidenciais.

— Mary — disse Adam, passando à frente de Lorraine —, nós somos da polícia. Esta é uma investigação de assassinato.

Os dois olharam para ela. Lorraine subitamente lembrou-se de que Grace tinha aula de direção na hora do almoço e que ela se esquecera de lhe deixar o cheque pela manhã. Adam pigarreou alto, impaciente.

— Está bem — assentiu Mary, e uma leve expressão de medo tomou seu rosto. — Mas não lhe digam que fui eu. Não posso perder outra aluna.

— Outra? — Lorraine deixou escapar, sem pensar.

Mary tirou a pasta da bolsa. Abriu-a e anotou o endereço num bloco. Arrancou a página.

— Bem, Sally-Ann não virá mais às aulas, não é?

— Ela estava *no nosso quarto*, James. Não está me ouvindo direito? — Estou tremendo. É raiva ou medo? Preciso de uma bebida forte, mas não posso tomar.

— E daí? — James não parece perceber o problema. — Ela trabalha para nós, Claudia. Ela mora aqui agora. Terá que se acostumar com o aparecimento dela em lugares estranhos, em momentos estranhos. Espere até eu topar com ela quando estiver tomando banho, ou a encontrarmos se agarrando com algum cara na porta da frente. — Ele está fritando fígado de cordeiro. A aparência e o cheiro são repugnantes.

— Sinceramente, espero que ela tenha passado *dessa* fase — digo, acalmando-me um pouco. — Foi por isso que procurei uma pessoa um pouco mais velha e, portanto, esperançosamente, mais sensível.

— Exato. Você perguntou o que ela estava fazendo no nosso quarto?

— Arrumando o novo moisés. Foi entregue hoje.

— Ah, não! — zomba James. — Isso certamente merece uma demissão imediata. — Ele balança a espátula de madeira na minha direção, e eu coloco a língua para fora. James já fez um molho de cebola roxa caramelizada, que está com um cheiro delicioso, e há uma panela com um cremoso purê, além de um pouco de brócolis cozinhando no vapor. Mas aquelas pequenas fatias de fígado não têm uma aparência muito boa, cobertas de farinha e crocantes nas pontas, enquanto ele as desliza na manteiga.

— Os dois meninos apagaram! — Zoe nos assusta ao anunciar seu sucesso. — Estavam exaustos, por causa das brincadeiras de hoje cedo. — Suas mãos estão enfiadas de modo firme nos bolsos frontais da calça *skinny* cinza. Usa também uma camiseta verde desbotada, coberta por um casaco de lã fechado com zíper. Parece bem mais jovem do que seus trinta e três anos. A pele é clara, lisa e ainda livre de rugas, fazendo me sentir vinte anos mais velha que ela, e não apenas os seis que realmente sou. Aliso o amarrotado vestido cinza de alcinha que estiquei hoje com meu barrigão. Com uma meia-calça grossa e botas de cano curto, eu não parecia tão mal de manhã cedo. Mas um dia de reuniões-que-se-arrastaram-uma-eternidade e uma visita particularmente desagradável a uma casa não ajudaram a melhorar minha aparência nem meu humor. Sinto-me cansada e irritada.

— Fomos ao Tumblrz Play Zone com Pip e Lilly — comenta ela, orgulhosa, como se tivesse andado na lua. — Foi muito divertido. Acabei na piscina de bolinhas, totalmente coberta. — Ela ri e caminha de modo imponente para a cozinha. — Claudia, sinto muito por tê-la deixado chateada mais cedo. Não pensei direito. Eu não deveria ter ido ao seu quarto.

James me olha, expectante. Levanto as mãos.

— Ora, tudo bem — digo. — Foi gentil você ter levado o moisés até lá para mim. É tão lindo, James. Mal posso acreditar que, daqui a poucas semanas, nossa filha estará dentro dele.

Engulo o nó na garganta. Detesto dizer coisas assim, provocando o destino. E se algo sair errado? Com meu histórico, não vou respirar direito até segurar de fato uma menininha saudável.

— Pode ser que você demore a entrar em trabalho de parto — arrisca Zoe, como se fosse uma especialista nessas coisas. — Portanto, pode ser daqui a um mês, não? Eles induzem o parto, se você passar de quarenta e duas semanas.

— Tem razão — concordo.

— Há um perigo crescente de mortalidade infantil, tanto depois como antes do parto, de bebês com

uma gestação muito prolongada. Também há risco de outras complicações, como insuficiência placentária ou hipertensão.

— Minha parteira está cuidando bem de mim — asseguro a ela, impressionada com seu conhecimento sobre gravidez tardia, embora não consiga deixar de me perguntar como ela sabe tanto.

*

No fim da semana, acostumo-me um pouco mais com a presença de Zoe. É uma coisa boa, pois, de segunda em diante, seremos apenas eu, ela e os meninos. James sugere um dia de folga para todos nós, e imediatamente me vem à mente um daqueles lugares de formação de equipes corporativas, onde temos que construir juntos uma jangada ou uma ponte com palitos, fortes o bastante para aguentar uma pessoa. Sei que ele faz isso para ter paz de espírito antes de partir. Uma verificação final para ver se não vai me abandonar nas mãos da Babá Psicopata.

— Mas está chovendo muito — alego.

A cama está quente e aconchegante e, embora ainda nem tenhamos aberto as cortinas, consigo ouvir claramente o martelar da chuva no telhado, nos carros, no solo já encharcado.

— Mas o clima está ameno.

James rola para o lado e tenta envolver minha barriga com o braço. Afasto-o delicadamente. Não está nada confortável desse jeito. Ou, admito para mim mesma, definitivamente não é agradável saber que não podemos terminar o que começamos, e certamente não é nada agradável saber que ele vai partir em breve. Eu me aconchejo na curva do seu ombro. Ele cheira a sono e desodorante, e me angustia demais saber que vamos ficar separados por tanto tempo.

— Foi uma bela surpresa encontrá-la aqui quando acordei — murmura.

Ele se refere ao fato de eu ter rastejado para a cama, a seu lado, às quatro da manhã. Eu estava acordada desde às três. Minha mente percorrendo tudo o que ainda vai acontecer.

— Temos mesmo que ir a algum lugar hoje? Está tão frio e horrível lá fora. — Quero simplesmente ficar aqui para sempre, com James aninhado a meu lado. Sinto-me maior do que nunca, empacotada contra a temperatura abaixo de zero em meu grosso pijama de inverno e robe atoalhado. James sempre zomba de mim. Num minuto, estou me queixando de que está muito quente; no seguinte, estou gemendo porque está congelante.

Ele baixa a voz, embora não haja como Zoe ouvir.

— Acho que deveríamos sair todos juntos. Isso me dará uma última chance de ter certeza sobre ela antes de partir. Faço isso para deixar você tranquila.

— E o que faremos se não nos convencermos? — James não responde, mas quase consigo ouvi-lo dizer que vou ter que deixar meu emprego. — Olhe, serei honesta. Sabe por que realmente vim para cá tão cedo?

James solta uma forte e ressonante gargalhada.

— Para compartilhar sua insônia?

— Ouvi ruídos vindos do andar de cima. — Minha vez de sussurrar.

— É porque temos uma babá morando lá, Claudia.

— Ela estava andando ruidosamente por toda parte. Eu devia ter imaginado. O quarto de hóspedes fica logo abaixo do dela.

— Talvez tenha ido ao banheiro. Ou estava com fome. Ou talvez ela ainda se sinta um pouco inquieta por ter se mudado para a casa de uma nova família e também não estava conseguindo dormir.

— Não. Não foi nenhuma dessas coisas.

— Você tem muita certeza, não é? — James rola de volta e se apoia em um cotovelo.

— Não ouvi a descarga. Você sabe como os encanamentos antigos são barulhentos. Se ela estivesse com fome, teria descido, mas não desceu. Conheço cada som desta casa. E, certamente, ela não está inquieta por morar aqui. Longe disso. Ela pediu para ficar nos fins de semana, não pediu? Já me arrependi de ter concordado com isso. Dois dias sozinha com meus filhos a cada semana era tudo que eu queria.

— Você tem razão, é claro. — Ele tenta me agarrar. — Ela, sem dúvida, é uma psicopata assassina que sofre de insônia e vai acabar com todos nós no meio da noite.

— James, não. — Rolo para longe dele e deslizo as pernas para fora da cama. Levanto antes que ele consiga me agarrar de novo. De repente, não estou mais disposta a me aconchegar.

Abro as cortinas e solto um gemido. O tempo não está bom para passar o dia fora. Grossos fios retos de chuva são despejados de um céu baixo e cinza-esverdeado, que parece se fundir com os telhados como uma pintura borrada. Olho nossa rua de um lado a outro. Apesar do tempo, as pessoas continuam saindo para cuidar de seus afazeres da manhã de sábado. O Sr. Ford, o velho que mora do outro lado da rua, perambula pela calçada em frente à sua casa com Ned, seu terrier, preso a uma longa guia. Certa vez, ele me contou que havia nascido naquela casa; tudo em sua vida acontecera ali — mortes, casamentos, divórcios, brigas, histórias de amor, risos e lágrimas, disse com um olhar triste, encarando os pés. “Antigamente, esta casa era cheia de gente, minha cara Claudia.” Ele resolveu se apresentar assim que me mudei com James. “Foi sempre muito movimentada, vibrante, repleta de barulho e tagarelice... O arranhado de alguém praticando violino ou um piano sendo martelado quase até a morte.” Ele deu uma risada desdentada, e percebi uma grossa lágrima em cada olho. Com uma fungada, ele fez com que recuassem. “Agora somos apenas eu e Ned.”

Imagino-o retumbando pela casa vitoriana de seis quartos, com os corrimões pintados de marrom, portas rangentes e cozinha estilo anos cinquenta, na qual prepara refeições de micro-ondas para uma pessoa.

“Tudo vazio”, concluiu, arrasado, e eu soube exatamente o que ele quis dizer.

James está a meu lado, esquadrinhando a rua abaixo.

— Que curiosa — diz ele afetuosamente.

Seus braços estão em volta de mim, apertando-me na altura do peito, como se fosse uma cintura alta. Não consigo respirar, por isso me livro dele.

— Coitado, ele está tão sozinho — comento, enquanto o corpo curvado do Sr. Ford, coberto por um chapéu impermeável de cor brilhante, segue lentamente rua abaixo num borrão amarelo.

— Ele está bem. Saiu para buscar o jornal e fazer Ned passear um pouco. Na idade dele, tudo é rotina.

— Acho que sim — digo, virando-me e beijando James. Sua boca é quente e profunda e me sinto absolutamente sortuda e grata por fazer parte desta família.

*

Duas horas depois, estou cara a cara com um tubarão-martelo. Não consigo deixar de me impressionar nem de sentir um pouco de medo das criaturas de olhos pequenos, redondos e brilhantes, que nadam bem perto do vidro, levando Oscar e Noah a prenderem a respiração diante do absurdo de seus rostos e da proximidade do perigo. Os tubarões são feios e belos ao mesmo tempo, e não fazem a menor ideia de que estão no centro de Birmingham. Parecem bem felizes, apesar de estarem longe de casa.

— Eles conseguem nos ver? — pergunta Oscar. Ele enfia dois dedos numa caixinha de uvas-

passas.

— Não sei. O que você acha? — Zoe está agachada ao lado dos gêmeos, alternando o olhar entre eles e os tubarões. Ela recua um pouco quando um deles se aproxima velozmente do vidro e, então, muda de direção no último segundo.

— Sim, e eles pensam que a gente está num zoológico — responde Noah, quase intuitivamente.

Deslizo meu braço pelo de James, enquanto nosso filho dá uma risadinha diante da ideia de todos nós estarmos em cativeiro.

— E se eles quebrarem o vidro? — pergunta Oscar.

— Aí a gente sai correndo! — retruca Zoe, com uma expressão tola.

— Mas por quê? — questiona Noah, amassando a caixa vazia de uvas-passas. — Eles não conseguem seguir a gente. Não têm pernas. Eu até ajudaria.

— É muita bondade sua, querido — diz James. — Posso tirar uma foto de vocês com os tubarões?

— Simmm! — entoam os meninos em coro. Eles se acotovelam junto ao vidro.

— Entre na foto também, Zoe — sugere James. — Para o álbum de família.

— Agora Família Flickr, não? — observo.

James andou escaneando uma porção de fotos antigas e as colocou na internet, no Flickr, para que o restante da família pudesse ver os meninos crescendo.

— Ah, não, não vai me querer nela — diz Zoe timidamente. Seu rosto fica rosado e ela recua.

— Claro que queremos você nela — reitera James. — Vamos, fique entre os meninos.

— Não, não mesmo. Não vou.

Noto que agora seu rosto está bem vermelho e começando a suar.

— Não a force, James.

— Preciso ir ao banheiro — diz ela, e sai correndo.

— Era apenas uma maldita foto, pelo amor de Deus. — James sente-se um pouco constrangido por tê-la perturbado. Ele tira mais algumas fotos de Oscar e Noah.

— Não seja tão rude — observo. Por algum motivo, quero defender Zoe, embora seu comportamento tenha sido um tanto estranho.

— Você mudou de tom, não é?

James me olha de relance, enquanto passa as imagens na tela, com Oscar e Noah se esforçando para vê-las. Os dois pulam a seu lado.

— Olhem! É a gente! — exclama Noah, empolgado.

— Mas não tem tubarão — sinaliza Oscar.

É verdade. Há um borrão no fundo azul indistinto, mas nada que possa ser identificado como um tubarão-martelo.

— Tira outra, papai — exige Noah, mas Zoe volta, e James o silencia.

— Vamos ver se encontramos a lula? — digo.

— É a tal da cala-mara? — pergunta Oscar, como se estivesse se referindo a um colega de escola.

Ainda estou tentando entender o que ele quis dizer, quando Zoe deduz.

— Você quer dizer calamar? — indaga, com uma risada. Ela agora parece estar bem.

— A gente come isso com maionese — lembra Noah, lambendo os lábios.

— Os meninos as descobriram nas férias do ano passado — explico para Zoe. — A princípio, pensaram que fossem anéis de cebola — cochicho, segurando a barriga, enquanto caminhamos por entre peças expostas e aquários. A confusão de cores e de água através do vidro me deixa tonta, e seguro o braço de James.

— Você está bem? — pergunta, tentando disfarçar a preocupação.

Faço que sim com a cabeça.

— Uau, olhem! — Zoe segura cada um dos meninos pela mão e os arrasta velozmente pela passagem escura. Ouço as arfadas de surpresa quando ela aponta para um enorme aquário de vidro. Andamos até lá e chegamos no exato momento em que o maior caranguejo que já vi estende uma comprida e magra pata em nossa direção.

Oscar grita e cobre o rosto.

— Você é um bebezinho — zomba Noah. — É só um caranguejo velho e idiota.

Apesar de sua bravata, percebo sua mão gordinha apertar um pouco mais os dedos de Zoe, cujas unhas são curtas e funcionais. Ela usa um único anel.

— Não sou, não — rebate Oscar.

Ele agarra a perna de James.

— Olhem os olhos dele! — exclama Noah, espantado. — São feitos de grandes ovas de peixe?

Todos nós rimos, mas Oscar choraminga.

— É como uma aranha horrível — observa ele. Vira as costas para o aquário, que está repleto de outros peixes e crustáceos.

Enquanto seguimos em frente e caminhamos pelo túnel com peixes nadando acima de nossas cabeças como se fossem pássaros, corais tão brilhantes quanto joias e criaturas não identificáveis adejando e deslizando por toda a nossa volta, Oscar começa a chorar.

— O que foi, querido? — pergunto, fazendo o possível para abaixar até a altura dele.

James terá que me ajudar a levantar novamente.

Oscar enterra o rosto no sobretudo de James, torcendo com os dedos a lã do tweed e cobrindo o tecido escuro com muco.

— Tem sombra aqui por todos os lados — diz ele em meio a um choro soluçado.

Ele espia o túnel. É verdade. Cores malucas e trechos de escuridão se arrastam a nosso redor como se estivéssemos realmente nas profundezas do oceano. É lindo, mas assustador para uma criança sensível de quatro anos e meio.

— Elas não podem lhe fazer mal — garanto, e Zoe está bem junto de mim, oferecendo lenços de papel e consolo, além de tantos abraços quanto o pequeno Oscar possa aguentar. — São essas luzes esquisitas que fazem a gente ver cores estranhas. E aquelas ali são apenas reflexos. — Ele pula quando outra família passa por ali, os enormes rostos no vidro, como se fossem uma assombração. — Não precisa se preocupar.

— Estou com medo, mamãe — diz ele, soltando o casaco de James e apertando minha mão. — Aquela sombra parece a pessoa malvada que estava no meu quarto ontem.

Ergo o olhar para James exatamente no mesmo instante em que os olhos de Oscar se arregalam até parecerem dois pires. Não sei se é espantoso que ele tenha me chamado de “mamãe” ou completamente perturbador que tenha afirmado que alguém esteve em seu quarto na noite passada.

Eles provavelmente vão me demitir, agora que pensam que entrei furtivamente no quarto dos meninos para assustá-los. Sem dúvida, acham que sou uma aberração porque evitei veementemente que me fotografassem naquele acesso de nostalgia familiar. Ao caminharmos de volta para o carro, ouvi por acaso Claudia falar sobre ruídos vindos, durante a noite, do meu quarto. James disse-lhe, num rápido sussurro, que ela estava sendo tola, paranoica e hormonal.

Claro que está, sinto que eu deveria dizer, ao seguirmos para casa em silêncio.

Colocando-os entre nós, James e eu tiramos Oscar e Noah dos casulos de suas cadeirinhas para carro, mas, quando os arrastamos para dentro de casa e fizemos força para retirar o peso morto de seus corpos de dentro de seus grossos e acolchoados casacos e dos cachecóis, eles acordaram. Ficaram mal-humorados, e Oscar tinha se molhado.

— Eu ajeito ele — digo, quando o rosto de Claudia se fecha ao pensar que tem de lidar com o acidente do filho.

Ela parece exausta. Aposto que está pensando que é minha culpa ele estar sentado em seu próprio xixi, a capa de sua cadeirinha ter que ser lavada e seu irmão estar rindo maldosamente por ele ser um bebê. Ela acredita que fui eu que me esgueirei ontem à noite pelo quarto deles como uma sombria criatura das profundezas, amedrontando-o a ponto de ele se molhar enquanto dormia, provocando-lhe pesadelos.

— Não tem problema — respondo, quando ela me pergunta se tenho certeza. De certa forma, foi como reprimir uma centelha de culpa.

— Então, vou fazer macarrão com molho de queijo — anuncia Claudia, aliviada.

Ela caminha bamboleando até a cozinha, enquanto James pendura os casacos e larga os calçados na sapateira do vestibulo. Ele capta meu olhar de relance quando conduzo os meninos, ambos agora choramingando, para o andar de cima. Noto uma contração na macia pele cinzenta sob um dos olhos.

Meia hora depois, os gêmeos e eu voltamos para o andar de baixo, bem mais animados. O banho os aqueceu e despertou, e os pijamas limpos, os chinelos com seus personagens favoritos de desenhos animados e o cheiro de macarrão com molho de queijo fazem com que corram em disparada para a mesa.

— Bem na hora — observa Claudia, despejando bocados de massa cremosa em cinco pratos.

A mesa já está posta: suco de maçã numa jarra, uma garrafa de vinho branco aberta, copos, garfos e facas espalhados com guardanapos de papel quadriculados entre eles.

— Nada para mim — aviso, pouco antes de Claudia servir o último prato. Ela para, me olha. — Eu... Eu vou sair esta noite. Se estiver tudo bem para você.

Baixo a cabeça. É de última hora. É uma coisa maluca e perigosa, eu sei, mas não consigo me conter. Sinto o rosto enrubescer.

— Não vai jantar antes de sair? — pergunta ela, amável. — Tem bastante.

Agita a colher com a qual está servindo a comida, e um amontoado de macarrão cai de volta, estatelando-se na travessa.

— Vou comer alguma coisa enquanto estiver fora.

É mentira. Não estou a fim de comer, nem aqui nem na rua.

— Tudo bem — concorda ela.

Não posso deixar de notar o leve tom de alívio em sua voz. Agora eles podem comer sem mim, uma

família de quatro pessoas, como costumavam fazer antes de eu aparecer.

— Passe estes pratos para os meninos, James — continua Claudia, e seu marido, silenciosamente, coloca a comida diante das crianças. Juntos, eles me observam deixar a sala.

Após pegar o casaco e a bolsa no andar de cima, grito o tchau mais animado que consigo. A porta da frente se fecha antes de eu ouvir a resposta deles.

*

O pub está lotado, mas tenho certeza de que ela ainda não está aqui. Meu corpo não está queimando nem doendo, como se tivesse ficado em carne viva, e minhas pupilas não estão dilatadas com a visão dela. O cabelo em minha nuca não se arrepia por causa da ansiedade e não consigo detectar as notas almiscaradas de seu triste perfume.

— Gim-tônica, por favor — peço ao rapaz atrás do balcão, quando, finalmente, consigo abrir caminho por entre a multidão até o bar.

O cabelo do homem é comprido e desgrenhado, e usa uma camiseta com a frase “Deus salve a rainha”. Ele se vira para pegar um copo da prateleira. Não costumo beber gim, mas nesta noite é algo quase impositivo. De algum modo, parece apropriado. Ele pousa minha bebida em um porta-copo de papel branco e eu lhe dou o dinheiro.

Viro-me, dando um gole na amarga efervescência, e procuro uma mesa vazia. Precisamos de um canto tranquilo para duas pessoas, um abrigo escondido onde ninguém nos veja. Não quero ninguém nos espionando. Mas tudo que consigo ver é um pub repleto de corpos — a maioria homens, bramindo histórias hilariantes para os outros antes de finalmente seguirem para casa, para suas famílias. Há grupos de mulheres de pé por ali, usando sapatos com saltos absurdamente altos e vestidos curtos que mais parecem tops. Eu passo me espremendo pelo meio de um grupo de homens de negócios e fico na ponta dos pés para ver se consigo avistar uma mesa. Não consigo. Aquele não era o melhor lugar para encontrar alguém.

Minha mensagem foi impulsiva, mas passei toda a noite anterior pensando nela, andando de um lado para outro, sem conseguir dormir, preocupada.

Quero ver você. 8 horas. Old Bull, esquina da Church com Brent. Bj.

Só recebi a resposta depois que saímos do oceanário, piscando sob o fraco sol de inverno que finalmente tinha aparecido após a chuva da manhã. O mundo de repente ficou espelhado, novo, perigoso — de algum modo refletindo tudo o que eu tentava ignorar. As sensações que eu tinha não permaneceriam ocultas para sempre.

Ela concordou em me encontrar. *Ok* foi a mais breve das respostas, sem o habitual *Bj* no fim. Aquilo me colocou instantaneamente numa onda de preocupação em relação a ela.

Há uma pequena área livre perto da porta, para onde eu vou, na esperança de avistá-la quando ela entrar. Mal tenho espaço para respirar. Há pessoas por todos os lados, dando encontrões e empurrando quando saem para fumar ou ir ao banheiro.

É seu cabelo, como sempre, que avisto primeiro. É como se o pub pegasse fogo e todos estivéssemos queimando.

Sacudo a cabeça. Estou sendo ridícula.

— Cecelia! — chamo, um pouco alto demais.

Ergo a mão acima da cabeça e aceno freneticamente. Todos me olham. Baixo-a no segundo em que ela me vê, então começo a enrubescer.

Observo-a caminhar na minha direção, avançando com facilidade por entre as pessoas. O mundo passa a se mover em câmera lenta enquanto ela arrasta toda a nossa história atrás de si.

— Heather — diz ela.

Sua voz, baixa e doce como se ela bebesse melado, me pega desprevenida, embora não tenha se passado muito tempo desde que a ouvi pela última vez. Ergue um copo quase cheio na minha direção, e fico imaginando há quanto tempo ela está aqui, e como eu pude não vê-la.

Há um momento cortante quando nenhuma de nós sabe se deve ou não chegar perto e dar um beijo, mas então um desastrado resolve nosso impasse dando-me uma cotovelada, fazendo com que eu entorne minha bebida sobre a mão. Ela escorre até o cotovelo. Olho para ele, e num segundo Cecelia está me enxugando com um lenço de papel. Rio, nervosa. É tão diferente do seu modo de agir.

— Que bom que você veio — falo.

As palavras se enrolam umas nas outras. Ela deve achar que estou bêbada.

— Pareceu... urgente — diz ela. — Pensei que havia algo errado.

Como deduziu isso daquela mensagem simples e direta, não sei, mas as coisas entre nós são assim. Recordo-me subitamente dos gêmeos e do modo como um parece saber o que o outro está pensando. Já aconteceu várias vezes, desde que comecei a trabalhar para Claudia, como se a ligação entre eles fosse bem maior do que apenas dividir o espaço no útero.

Ah, meu Deus, *Claudia*.

Meu estômago revira e embrulha como se eu fosse acometida por uma doença. Não quero pensar nela neste exato momento, mas aqui estou, reprimindo o sentimento de culpa por estar prestes a despedaçar completamente o lar dos Morgan-Brown. Não é uma questão de se. É uma questão de quando.

— Estava procurando uma mesa, mas não há nenhuma.

Não parece certo dizer-lhe para ficar em pé. Esse é o lance de Cecelia... Como se eu não soubesse: tudo tem que ser perfeito. Mesmo com sua marca registrada do tipo acabei-de-pegar-isso-do-chão, e seu achados-do-brechó, a imagem de Cecelia é cuidadosamente construída, desde as cores malcombinadas de esmaltes que ela usa em cada unha até os fios de cabelo ruivo encrespados que parecem não ter sido penteados por uma semana, mas que na verdade levaram meia hora ou mais para serem ajeitados em mechas desgrenhadas.

— Meus pés estão me matando — comenta ela.

Olho para baixo. Saltos robustos cinza e amarelos, ridiculamente altos, ainda não conseguem deixá-la da minha altura.

— Coitadinha — observo, mas não falo realmente sério. Estou irritada com ela.

Distraída, fico novamente na ponta dos pés e avisto uma mesa, entulhada de copos vazios.

— Depressa — falo, bem perto de seu ouvido. Ela cheira a canela. — Tem uma mesa vazia. — Não peço desculpas por atravessar às pressas o pub e mergulhar em uma das três cadeiras, quando outro casal estava prestes a se instalar. Não consigo deixar de notar que a mulher está grávida. Olho para o lado, fingindo não ter visto.

— Muito bem — parabeniza Cecelia.

Ela usa meia-calça fúcsia e saia curta de retalhos. Agita-a para baixo quando se senta, pernas dobradas de modo afetado, distantes de mim.

Não sei como começar, portanto, dou um gole na minha bebida. Gostaria de ter pedido uma dose dupla. Tripla. A garrafa toda. Uma destilaria.

— Como vai o trabalho? — pergunto, e ela imediatamente inclina a cabeça para mim e coloca o cabelo para trás. — Ah, uau! — exclamo. — São formidáveis.

— É Diana. Deusa da fertilidade.

Sinto um nó se instalar em minha garganta. Ela os usou de propósito? Inclino-me na direção dos

brincos e dou uma olhada mais de perto. Qualquer coisa para me distrair.

— Ela é metade árvore — observo frivolamente.

— Transformei as pernas dela num carvalho. Diana também é caçadora. É tipo minha heroína. — Ela diz isso com uma lenta risada, olhando por cima da armação dos óculos, ao dar um gole na bebida.

Já sei disso. Ela me falou um milhão de vezes. De repente, sinto-me muito incapaz. Cecelia é muito talentosa. Descruzo os tornozelos, e minha bota bate na perna dela.

— Desculpe.

— Como vai o novo trabalho?

Mal posso acreditar que ela perguntou. Meu nariz franze e os lábios se abrem, mas não sai nada. O que devo lhe dizer?

— Estávamos falando sobre o *seu* trabalho — digo.

Cecelia parece bastante feliz em voltar para suas joias. Faz parte dela, inerente a cada dia de sua vida.

— Recebi um novo pedido hoje.

Balanço a cabeça.

— Ótimo — respondo.

Imagino a cliente escolhendo alguma de suas peças bizarras. Certa vez, ela projetou uma polêmica coleção de joias batizada de “Estupro”. Foi até mesmo matéria nos jornais de domingo. No dia seguinte, houve várias reclamações sobre as fotografias publicadas. O que ela esperava? A modelo estava seminua, envolta pelo que pareciam ser camisinhas usadas e sangue, presa por algemas, e havia um homem mascarado, também seminu, assomando ameaçadoramente sobre ela, enquanto as joias brilhavam em algum lugar em meio à bagunça. Ela foi acusada de glamorizar crimes sexuais. Não posso dizer que as joias eram particularmente bonitas ou usáveis, embora certamente fizessem com que ela se destacasse como designer. Com isso, algumas lojas de Londres agora encomendam as joias regularmente, embora o que Cecelia lhes forneça não cause tanto impacto quanto os colares fálicos com partes removíveis de corpo feminino. Essa era Cecelia, chapada ou algo assim.

— E aí, como está indo? — pergunto, pouco convincente, apenas para adiar o inevitável.

— Bem, como disse, estou legal — responde ela, examinando-me por cima da taça, ao dar um gole no vinho.

— Cecelia... — Estendo a mão, mas ela a detém com um olhar.

— Não precisa — entoa. Inclina a cabeça. — Por que queria me ver, afinal? — Bebe de uma vez o restante da bebida. Um sinal claro de que está ficando zangada. Um sinal claro de que fiz a coisa certa ao me mudar.

Então é isso. O fim adequado. Sem volta. Era melhor eu acabar logo com aquilo.

— Achei que você deveria saber, depois de tudo — *depois de todas as suas esperanças, seus planos, seus sonhos* —, que eu não estou grávida.

Ela me olha demoradamente antes de se levantar e ir embora.

Lorraine deixou Adam no trabalho. O caso Frith atualmente consumia a maior parte do tempo dos dois, e ele lhe disse que precisava cuidar de outros assuntos. Ela ficara parada ali, enrolando o cachecol no pescoço e calçando as luvas de couro que usava para dirigir, antes de passar a alça da bolsa por cima do ombro. Tinha a esperança de que ele fosse para casa com ela.

— Sinto muito — lamentou ele, olhando de trás de pilhas de processos policiais.

Ela deixara a sala dele sentindo-se vazia, ligeiramente desolada e triste. Era a primeira vez, em muito tempo, que ela se sentia daquele jeito em relação ao marido. Na verdade, desde que ele lhe contara.

— Grace? — chamou Lorraine quando chegou em casa. — Stella? Tem alguém em casa?

Na cozinha, ela encontrou a filha mais velha sentada à mesa com várias folhas de papel e um livro escolar espalhados à sua frente. A seu lado, havia um prato de torradas queimadas intocadas e um copo d'água. Lorraine ficou se perguntando como ela conseguia estudar ali. A iluminação principal estava apagada e apenas as luzes embaixo dos armários projetavam um vago brilho pelo lugar.

— Olá, querida. Isso parece nutritivo. Não viu meu bilhete? — Ela balançou diante do nariz de Grace as instruções rabiscadas rapidamente pela manhã. — Ensopado na geladeira. Micro-ondas por cinco minutos. Difícil demais?

Ela perguntar onde estava Stella, mas lembrou-se de que naquela noite ela estaria na casa de sua amiga Kate. Sem dúvida, ligaria por volta das dez para Lorraine ir buscá-la.

Grace não disse nada. Parecia preocupada, pensou Lorraine, sentada ali como uma criança abandonada, perdida, brincando com o lápis e claramente sem prestar a menor atenção nos livros. Estava determinada a entrar para a universidade, mas aquela não parecia a filha estudiosa que Lorraine conhecia.

— Não está se sentindo bem, querida? — Ela foi para trás da cadeira da filha e alisou o longo cabelo da menina. Parecia um pouco oleoso. Grace desvencilhou-se, e então Lorraine deu a volta e sentou-se diante dela. — O que foi, Gracie? Dia ruim? — Lorraine soltou um grande suspiro para sinalizar que ela também tivera um dia difícil, e que talvez pudessem contar o que tinha acontecido e rir disso juntas, como costumavam fazer. — Gracie?

Grace definitivamente não estava olhando para os livros. Encarava a mesa. A velha superfície de pinho estava manchada de anos de vinho derramado, círculos de canecas de café quente, ranhuras de crianças entediadas riscando com lápis, compassos e unhas, e o que parecia ser parte do jantar da noite anterior ainda estava grudada no jogo americano. Certamente, a história contida nesse pedaço de mobília não era nada cativante. Os olhos de Grace focalizavam algum lugar mais distante. Sentada ali, com seu uniforme escolar amarrotado — ela detestava o fato de os alunos do último ano de seu colégio ainda terem que usá-lo, enquanto outras escolas locais o tinham abolido —, ela poderia parecer uma infeliz garotinha de quatorze anos, em vez da jovem florescente e feliz que Lorraine sabia que a filha era.

— É melhor pegar uma limpa e passada para amanhã — sugeriu Lorraine, inclinando-se para a frente e passando o dedo pela blusa branca de Grace. — Está meio encardida. — Deu uma leve cutucada no nariz dela, mas Grace recuou novamente. — Quer uma xícara de chá?

Nada. Nenhuma resposta.

Lorraine já se cansara daquilo. Levantou-se.

— Se não me disser o que há de errado, não vou poder ajudá-la, portanto, não vou falar mais nada.

— É assim que você interroga criminosos? — indagou subitamente Grace. As palavras tremeram em sua voz.

— Não, sou mais afável com eles.

Ela tentou parecer tranquila enquanto colocava a chaleira sobre a chapa de aquecimento do fogão e a ligava. Recostou-se no balcão olhando para as costas de Grace, percebendo o quanto a coluna havia se curvado para a frente, fazendo com que seus ombros se erguessem protetoramente. Sua blusa tinha sido puxada de dentro da saia plissada cinza que ela insistia em usar, mesmo que fosse ridiculamente curta. A meia preta de lã terminava em chinelos de tecido aveludado cor-de-rosa, com laços de xadrez vermelho na frente. Eram velhos e gastos nos dedos.

Ela ainda é uma criança, pensou Lorraine.

— Não está com fome ou tem algo errado com a minha comida?

— Não tem nada errado com a comida. — Foi a resposta sucinta de Grace.

— Quer que eu esquente um pouco? Talvez eu coma com você. O papai vai voltar mais tarde.

Ela tomou cuidado para não demonstrar qualquer amargura na voz. O casal ocultara das meninas a confissão de Adam, e os dois pretendiam manter desse jeito. Mas, às vezes, apenas às vezes, ela desejava poder despejar tudo em Grace, de modo que, para variar, a filha acariciasse sua cabeça, lhe trouxesse lenços de papel e uma bolsa de água quente, para assistirem a um filme ruim e comerem um montão de chocolate juntas. Os momentos em que ela fizera isso pelas meninas, ao longo dos anos, ao limpar a barra após incontáveis brigas com as melhores amigas, notas baixas na escola (no caso de Stella) e decepções com namorados (no caso de Grace) vieram à sua mente. Cada uma dessas situações, à sua maneira, foi tão desmedida para as filhas quanto a merda em que Lorraine estava afundada por causa de Adam. A estupidez era que ela ainda o amava.

— O quê? — Grace mudou de posição no assento, virando-se para ver a mãe a encarando.

Ah, meu Deus, será que ela dissera tudo aquilo em voz alta?, perguntou-se Lorraine.

— Você parece pálida e cansada. Não vou aceitar um não como resposta. Vou esquentar o ensopado e...

— Eu vou embora — anunciou Grace, prosaicamente. Virou-se de volta para os livros, reanimada por alguma coisa.

Lorraine franziu a testa. Começou a esquentar a comida.

— Espero que tenha tempo de comer antes de ir.

Sua mente vasculhou o horário da filha. Ir embora? O que ela teve ontem à noite? Aula de teatro? Matt veio buscá-la? Aonde eles foram... cinema, boliche? Quando a comida finalmente ficou quente, um reconfortante cheiro de cebola, alho e vinho tinto permeou a cozinha. Ela se serviu de uma taça de merlot.

— Eu quis dizer que estou *indo embora*, mãe.

— Hoje não é noite de aula de teatro, é? — pergunta Lorraine, confusa. Grace não responde. Então ela deve estar saindo com Matt. — Aonde os dois pombinhos vão? Tente chegar em casa por volta das dez e meia. — Mais de uma vez ela tivera de impedir Adam de disparar escada abaixo e sair à rua para arrancar a boca de Matt da boca da filha, enquanto os dois trocavam um prolongado boa-noite. O rapaz era bem legal, mas o fato de ser mais velho que Grace e ter um carro também significava que tinha muita liberdade. E esperava desfrutar dela com a filha deles.

— Não estou apenas saindo para fazer alguma coisa — explicou Grace, paciente. — Estou saindo *de casa*. Para sempre.

Lorraine largou a colher de pau na panela e observou-a afundar. Tomou um demorado gole de

vinho e caminhou até o interruptor de luz. Com um forte clique, iluminou a cozinha.

— O que diabo está dizendo?

— Não sei dizer de modo mais claro, mãe. — Seus olhos mais uma vez encararam o nada. — Estou de saco cheio disso aqui.

Lorraine encarou a filha, tentando ler o ressentimento por trás de seus olhos cansados. Ela parecia exausta. Andava se alimentando adequadamente? Lorraine não tinha certeza, e com toda a pressão das provas se aproximando e as atividades extracurriculares em que ela estava envolvida, não era de admirar que Grace tivesse perdido a cabeça e começado a elaborar planos malucos. Provavelmente, pela manhã tudo seria esquecido.

— Entendo exatamente como você se sente — disse Lorraine. Uma resposta clichê, tirada diretamente de um livro de autoajuda para pais. Ela sabia que isso, na verdade, não significava nada; não significava nada porque, se fosse honesta consigo mesma, ela não fazia a menor ideia de como Grace se sentia.

— Mãe, não se preocupe. Vou morar com Matt. Está tudo planejado. Vou largar a escola, e nós nos casaremos em breve.

Não! Lorraine se esforçou para impedir a explosão. Foi tudo tão repentino, parecendo tão definitivo. O que diabo deu em Grace? Despejou mais vinho na taça e virou-se para olhar a filha, que estava de pé, recolhendo os livros.

— O que está fazendo? — Lorraine tomou outro gole, o merlot queimando garganta abaixo.

— Guardando minhas coisas. E não perca tempo tentando me fazer mudar de ideia.

— E como você acha que vai se sustentar?

Ela tremeu com esse pensamento. Sua filha, sua preciosa Grace, estava saindo de casa, largando a escola e *se casando*. Um dia péssimo se tornou o dia mais merda de sua vida.

Grace consultou o relógio.

— Matt e eu vamos conseguir empregos, é claro. Já me candidatei a alguns. — Ela deu um breve sorriso, o que fez Lorraine sentir como se tudo fosse culpa sua. *Claro* que a merda da culpa era sua! — Não se preocupe, temos tudo planejado.

— E o que você pensa que seu pai vai dizer sobre esse plano maluco? E suas provas, a universidade, o resto de sua vida? Os pais de Matt sabem? — Lorraine sentiu o rosto ruborizar e pruridos de suor despontarem. Ela ainda estava longe desse ponto do espectro hormonal, não era hora para ondas de calor.

— Mãe — disse Grace com uma risada... *uma risada!* —, você está exagerando, como sempre. Não pode me impedir de fazer o que eu quero. E, sim, é claro que os pais de Matt sabem. Eles vão nos ceder o próprio quarto até arranjarmos um lugar para ficarmos.

Lorraine subitamente sentiu-se vinte anos mais velha do que quando chegara em casa.

— Eu nem mesmo sabia que você e Matt estavam... — sua voz foi desfalecendo ao tentar bloquear os pensamentos de Matt e sua filha juntos em uma cama. — Eu não fazia ideia... — *de que era sério*. Mas ela não conseguiu terminar a frase. — Qual é o problema em morar aqui, com a gente, sua família? E quanto a Stella?

— Mãe, pare com isso. — Grace jogou o cabelo para trás. — Nós nos amamos. Estamos noivos. — Estendeu a mão para mostrar o fino anel de ouro com uma pequena pedra que brilhava de leve. — Ele vai me dar um melhor quando puder comp...

— Sua burra! Garota burra! — berrou Lorraine. — Você realmente acha que tenho tempo para isso? — Estava visivelmente trêmula. — Tire logo essa ideia ridícula da cabeça e vá terminar seus estudos ou fazer algo útil como passar sua blusa.

— Você já esqueceu, não é mesmo, mãe? — Grace estava de pé com as mãos nos quadris, o queixo projetado para a frente, o alto das proeminentes maçãs do rosto corado. Os olhos ainda pareciam afundados com círculos cinzentos abaixo deles, e Lorraine não pôde deixar de perceber mais uma vez o quanto ela parecia magra. Não havia séculos que ela estava usando aquela mesma saia do uniforme escolar? — Certa vez, você me prometeu que, independentemente do que acontecesse, do que eu fizesse, ou do que eu me tornasse, você me amaria, me apoiaria e me respeitaria.

As palavras eram como balas atingindo o coração de Lorraine. Na verdade, ela havia mesmo dito aquelas palavras, provavelmente quando Grace tinha seis ou sete anos.

— Portanto, me mostre que você realmente estava falando sério — exigiu Grace, deixando a cozinha e fechando a porta silenciosamente ao sair.

*

Quando Adam chegou, ela havia terminado quase toda a garrafa. Uma hora antes, ela levava um pouco de comida para o andar de cima.

— Querida? — Havia batido na porta do quarto de Grace e colocado a bandeja no chão, do lado de fora. — Seu jantar está aqui. — Em seguida, tinha retornado ao andar de baixo, sabendo que a filha ficaria tentada a abrir a porta e pegar a bandeja, sorrateiramente e pronta para atacá-la, se Lorraine não estivesse olhando. Serviu-se de mais vinho.

Meu Deus, como gostaria de um cigarro. Então lembrou-se do maço de emergência, enfiado no fundo do bar, para quando seus amigos Sal e Dave aparecessem para jantar. Empoleirados no degrau da porta dos fundos, tragavam a fumaça e a exalavam em meio a risadinhas embriagadas, enquanto Adam, que não fumava, permanecia sentado sozinho à mesa da cozinha, lançando-lhes insultos e estatísticas médicas. “Pobre Adam, está soltando fumaça pelas ventas”, observara certa vez Sal em meio a uma gargalhada. Na ocasião, parecera hilariante.

Empurrou para o lado as garrafas grudadas de Southern Comfort e Baileys que só eram consumidas no Natal. Ali. No fundo. O sinal vermelho e branco de um maço de Marlboro. Ela estendeu a mão e o sacudiu. Não estava cheio, claro, mas ainda restavam alguns.

Poucos instantes depois, ela estava parada no jardim dos fundos, encoberta pela sombra da pequena construção que usavam como depósito, tremendo, congelando, desejando que tivesse calçado luvas, vestido o casaco e o cachecol, tragando com força o primeiro cigarro que fumava em anos. Era uma sensação extremamente gloriosa.

Dando pulinhos para se aquecer, ela permitiu que a impactante notícia de Grace fosse gradualmente absorvida. *Sair de casa? Casar?* Sua filha estava falando sério. Adam ainda teria que enfrentar uma nauseante onda de consciência; ela ao menos estava um passo adiante, embora se sentisse arrependida da explosão. Sabia que tinha passado dos limites, mas o anúncio de Grace havia acionado um botão. A vida de sua filha era tão insuportável a ponto de ela querer viver com outra família? Para ser sincera, era isso que a feria mais.

Houve um ruído. Um facho de luz percorreu o gramado às escuras quando a porta dos fundos foi aberta.

— Ray? — *Droga, não me chame assim!* — Você está aí? — Então ela ouviu murmúrios baixos seguidos por “você devia ter ido buscar Stella”. A porta bateu.

Merda.

Lorraine jogou fora o cigarro pela metade, bebeu de uma só vez o resto do vinho e deixou a taça sobre a mureta ao lado do depósito. Disparou de volta para a porta dos fundos, sentindo-se insegura e cambaleante. Atravessou-a no momento em que Adam deixava a cozinha com o braço em volta de

Stella.

Ele virou-se e a encarou.

— Você se esqueceu dela. Stella ligou várias vezes, mas você não atendeu.

— Stel, querida, sinto muito. O tempo passou e... — Abriu a torneira, serviu-se de um copo d'água e bebeu de uma vez. Os dedos exalavam um cheiro repulsivo.

— O que houve, mãe? Está irritada com o papai?

— Não, querida, não estou.

Mais irritada comigo mesma, pensou.

Lorraine olhou de relance para o relógio. Dez e meia. Tinha que estar no trabalho às seis.

— Tenho que dormir. E você também. Depois preciso ter uma conversa com seu pai.

Em geral, significava algum tipo de problema quando ela dizia “seu pai” em vez de “Adam” ou “papai”. Adam fez uma careta e bocejou.

— Boa noite então, mãe. E não se preocupe por não ter ido me buscar. A mãe de Kate não se importou. Ela disse que você devia estar trabalhando. Prendendo criminosos, essas coisas. — Stella deu um beijo estalado na bochecha de cada um e subiu a escada.

Quando ouviu a porta do quarto se fechar, Lorraine começou:

— Você não vai gostar disso. Sente-se.

Adam franziu a testa, mas permaneceu de pé.

— O caso?

Lorraine negou com a cabeça.

— Grace. — Então ergueu as mãos diante da expressão preocupada de Adam. — Ela está lá em cima. Está bem. — Fez uma pausa. — Mais ou menos bem.

— O que houve? — Ele cruzou os braços. Antebraços fortes, observou Lorraine, de algum modo sentindo-se ligeiramente salva agora que ele estava em casa para dividir o fardo. — Diga logo.

— Ela vai largar a escola e se casar, é isso. — Não havia maneira fácil de contar.

Adam foi até o bar, retirou uma garrafa de *scotch* e serviu-se de uma dose. Os dois sentaram e se entreolharam, cada um de um lado da mesa. A casa estava silenciosa, exceto pelo grande relógio da cozinha que de repente pareceu soar absurdamente alto.

Ele passou as mãos pelo rosto.

— Meu Deus! Essa não — foi tudo o que Adam disse.

Exausto não resumiria sua aparência naquele momento, pensou Lorraine com uma pontada de compaixão. Sentia como se a família estivesse desmoronando à sua volta.

— Ah, e vai se mudar para a casa dos pais de Matt, até os dois arranjam um emprego e uma casa.

— Ela está provocando você. É apenas um acesso de raiva.

— Na verdade, acho que ela estava falando muito sério. — Lorraine sabia quando a filha fazia ameaças vazias. Aquela era diferente.

— Mas por quê?

— Porque, obviamente, ela nos detesta. Ou melhor, me detesta. E, pelo que falou, sei que anda dormindo com Matt.

— Puta merda! — exclamou ele. — Você tentou convencê-la a ter bom senso?

A porta da cozinha abriu-se subitamente e Grace entrou carregando a bandeja. Havia comido tudo.

— Obrigada, mãe — agradeceu, animada, como se nada tivesse acontecido. Colocou o prato na lava-louça.

Adam a encarou, aparentemente sem conseguir falar.

— Eu sei sobre o que vocês estão conversando — disse ela, esguia e presunçosa. Lorraine

conseguia perceber que Grace tinha chorado, mas fizera um excelente trabalho para disfarçar.

— Querida... — A voz de Lorraine foi minguando. *Querida, o quê? Querida, gostaríamos que você fosse mais sensata? Querida, gostaríamos que você agisse como sua irmã? Querida, gostaríamos que você tivesse onze anos novamente?*

— O quê, mãe?

— Nós estivemos discutindo... conversando sobre, você sabe, sobre você se casar. Sobre sair de casa.

— Eu estava falando sério — afirmou ela —, para o caso de vocês estarem pensando que tudo isso vai passar. — Exibiu o anel para o pai. — Não vai.

Adam e Lorraine reagiram cada um a seu modo. Lorraine, internamente, com o ritmo do coração se alterando e encolhendo-se no interior de sua gaiola maternal, e Adam, com os ombros baixos, cerrando e descerrando os punhos. Nada daquilo era o que haviam planejado para a filha.

Finalmente, Adam bateu na mesa, fazendo o copo saltar. Levantou-se, assomando sobre a filha. Grace deu um passo para trás.

— Vamos *ver* se não vai! — rosnou.

Grace saiu às pressas.

Com um suspiro e um último olhar ressentido para Adam, que acabara de piorar as coisas, Lorraine foi atrás dela.

No andar de cima, sentou-se ao lado da filha, que deitara na cama completamente vestida. Alisou suas costas, o cabelo, os ombros, imaginando como ela pôde pensar em desperdiçar a vida daquele jeito. Foi preciso uma tremenda força de vontade para sussurrar coisas como “vai ficar tudo bem” e dizer que de alguma forma fariam tudo dar certo e que ela não estava realmente com raiva. E, enquanto fazia isso, deve ter adormecido, pois, quando acordou, abrindo um olho de cada vez, Lorraine estava aconchegada no corpo enroscado de Grace, e já estava claro lá fora.

Hoje é o dia em que perco meu marido.

Rolo para o lado, esperando que sem abrir os olhos, sem despertar completamente, consiga fazer isso não acontecer. Não quero que ele vá embora. Eu o amo. Quero que sejamos uma família inteira. Em breve, seremos cinco. Fico angustiada ao pensar que isso vai acontecer enquanto ele estiver longe.

É um dos exercícios navais mais importantes do ano, minha querida.

Mas é no Mediterrâneo.

Ele nem mesmo teve permissão de me dizer o codinome da operação. Apenas que era no Mediterrâneo. Em algum lugar. Com duração de até dois meses. Sinto uma pontada de inveja. Para mim, o Mediterrâneo era um lugar de sol, biquínis, jantares românticos e dança noite adentro. Para James, significava apenas longas semanas trancado a bordo de um submarino, com uma tripulação de cem pessoas, turnos de seis horas e um beliche compartilhado com mísseis, respirando o ar produzido por uma máquina.

Levanto-me. Meus pés tateiam o chão em busca dos chinelos. Finalmente, amarrando o roupão em volta da imensa barriga, caminho até nosso quarto e encontro a cama vazia. Ele já está de pé e tem que partir às dez em ponto. Não pôde me dizer exatamente quanto tempo ficaria fora, mas seria entre seis e oito semanas. Constatei que ele percebeu a dor se instalar profundamente em meus olhos.

— Quando você voltar, ela estará aqui. — Estou de pé junto à porta da cozinha, alisando a barriga, tentando parecer feliz. Ele está mordendo uma torrada, olhando para o *Times* espalhado no balcão, mas seria entre seis e oito semanas. Constatei que ele percebeu a dor se instalar profundamente em meus olhos.

— Querida... — diz ele, vindo até mim para me acolher. Seu corpo é quente e forte, como se, de algum modo, estivesse se preparando para os longos dias e noites no mar. Não verá o sol ou a lua. Não saberá o momento em que eu segurarei nossa filha pela primeira vez, ou quando ela fungar no meu pescoço, faminta por uma mamada. Ele não ouvirá seu primeiro choro. — Eu tentei alertá-la — lembra ele afetuosamente, e de certa forma brincando — sobre o que era se casar com um marinheiro. — Ele percebe meu desespero.

Às vezes desejo que ele desista de tudo, se reforme, abandone o navio. Não passaríamos necessidade. Longe disso. Mesmo sem sua carreira na Marinha, James já tem dinheiro. “Tanto que nem consigo contar”, admitiu certa vez, numa tola voz sussurrada, quando perguntei a ele quanto dinheiro tinha. “Deixo esses assuntos para meu contador.” Por que, então, passava tantas horas da licença enfurnado no escritório, debruçado sobre aquela papelada? Quando sugeri que arranjasse um contador melhor, ele ficou na defensiva. “A empresa de Jersey cuida dos negócios da família há décadas. Trata-se de dinheiro antigo. Coisas assim não mudam.”

Quando fala em “negócios da família” e “dinheiro antigo”, refere-se aos Sheehan. Ele herdou o dinheiro de sua primeira mulher, Elizabeth, quando ela morreu. No início de nossa relação, lembro que os irmãos dela vinham visitar James, faziam longas reuniões a portas fechadas. Certa vez, houve até gritos. Eu não quis interferir, mas isso é parte do motivo pelo qual continuei trabalhando. Não quero gastar o dinheiro de uma morta. Não seria certo. Acho que James sente o mesmo em relação à sua carreira na Marinha.

— Café? — pergunta, enquanto me serve um antes de ouvir a resposta. Passa a xícara para mim e

eu me empoleiro num banquinho. — Quero que escolha o nome dela — anuncia James solenemente. — Confio em você. Peça aos meninos para ajudá-la a decidir.

Embora tenhamos discutido os nomes muitas vezes, não nos decidimos por nenhum. Eu havia dito a ele que precisaríamos vê-la antes de escolher, e foi então que James deu a notícia de que estaria longe na época do nascimento.

Sorrio diante da ideia de os meninos escolherem o nome da irmã. Já posso ouvir a agitação no andar de cima, enquanto Zoe os prepara para a escola. Amo muito os gêmeos e tratarei todos do mesmo jeito, mas não consigo deixar de pensar que, com esse novo bebê, *meu* bebê, a sensação será ligeiramente diferente. Ela, de fato, será filha de James e minha; será a prova tangível do nosso amor, de nosso compromisso um com o outro. Mal posso esperar para trazê-la à nossa família. Só espero que os gêmeos a amem tanto quanto eu já amo.

Levanto-me e vou até a geladeira. No caminho, tropeço e me apoio na parede.

— Oh, veja! Ela está chutando! — Acho que o tropeção a acordou. — Depressa. Sinta. — James se aproxima, e eu guio sua mão até o local certo. — Bem aqui.

— Sim, sim, eu senti. Talvez ela esteja me dando tchau. — James sorri, encantado com o que quer que tenha causado a sensação em sua mão.

Os gêmeos entram aos tropeços na cozinha, parecendo limpos e bem-dispostos, com camisas brancas e pulôveres cinza. Devo reconhecer que Zoe tem sido uma verdadeira benção no que se refere às tarefas domésticas. Quase me sinto envergonhada pela desconfiança que sentia no início. Admito que fico feliz de poder contar com companhia feminina enquanto James estiver longe.

— Meninos! — chama James, ajoelhando-se e envolvendo um filho com cada braço. — Sabem que dia é hoje?

— Sim — responde Noah, mal-humorado. — É o dia que o papai vai embora. Que droga!

Oscar baixa a cabeça e chora, soluçando. James estreita o abraço, e imediatamente sinto ciúmes e orgulho na tripla demonstração de afeto masculino.

“Quem poderia imaginar”, comentara ele certa vez — em uma festa de Ano-novo, quando tínhamos bebido demais —, “quem poderia imaginar que meus meninos seriam tão bem cuidados por alguém além de mim ou Elizabeth?” Ele me contou suas histórias com a primeira esposa, os grandes sonhos dos dois — a casa no campo, quatro filhos, cachorros, pôneis — e como tudo isso lhes foi tirado subitamente em seis meses, do diagnóstico até a morte. James disse que Elizabeth o fez prometer que escolheria com cautela uma nova mãe para os meninos. Acho que foi uma espécie de consolo para mim, enquanto eu tentava circular alegremente pela festa com meu novo vestido vermelho. Na manhã seguinte, James pediu desculpas.

— Ei, seus bobalhões, aposto que estarei de volta quando vocês menos esperarem, e adivinhem uma coisa.

— O quê? — entoaram em coro.

— Na volta, vocês vão ter uma surpresa especial para me mostrar, não é mesmo?

Com essas palavras, os meninos se acalmaram e pareceram felizes. Olharam para mim, e Noah disse:

— Uma nova irmãzinha.

Tudo havia sido explicado para eles. Acho que entenderam bem a situação. Não se lembram de Elizabeth, embora James e eu façamos questão de mencioná-la nas conversas, quando achamos apropriado. É duro, mas necessário. Ela é mãe deles. Eu apenas tento ser.

— Mas eu quero a bebê agora — reclama Oscar, com a voz chorosa.

Durante todo esse tempo, Zoe fez barulho ao colocar pratos, torradas, cereais e frutas na mesa.

Coloca o pote de Marmite e geleia de morango, leite e uma caixa de suco no centro, em seguida pega uma xícara e se serve de café. De repente, sinto-me com muita sorte, e a impaciência para segurar minha bebê faz com que eu estremeça de emoção, embora tente não pensar na dor e na aflição do momento de voltar para casa, acomodá-la e, finalmente, retornar ao trabalho. Depois do que passei, tudo isso parece tão impossível, tão irreal.

— Venham, Oscar e Noah — chama Zoe. — Depressa, tomem seu café ou chegaremos atrasados.

A pressa matinal recomeça praticamente da mesma maneira de todos os dias, salvo que, depois de os meninos escovarem os dentes, guardarem os lanches que Zoe preparou, calçarem os sapatos e vestirem os casacos, tudo voltará a ficar triste.

— Tchau, papai — choraminga Oscar. — Tome cuidado debaixo d'água.

Sou lembrada do seu medo no oceanário e me dou conta de que isso provavelmente se deve às brincadeiras do pai sobre a vida no mar. Duvido que realmente houvesse alguém espreitando em seu quarto.

— Tchau, pai — entoa Noah. Ele gosta de usar “pai” em vez do “papai” de Oscar. Faz com que se sinta mais adulto. — Divirta-se com os peixes. — Ele sorri e tira do bolso do casaco um pacote de jujubas pela metade. O rosto se ilumina.

— Nada disso — repreendo-o e pego os doces. Ele faz uma careta.

— Mantenham tudo em ordem até eu voltar, entenderam, rapazes? Cuidem... cuidem da mamãe.

Ele não imagina como me sinto maravilhosa ao ser chamada de mamãe.

— Quando menos esperarem, estarei de volta. — James bate continência e puxa o capuz dos meninos. — Está frio lá fora. Cuidado nunca é demais — diz ele, com uma risada. — Agora vão ou chegarão atrasados. — Sei o quanto isso é difícil para ele. Seus filhos o encaram, os rostos pálidos e expectantes. James inclina-se e pousa um beijo na bochecha de cada um. — Eu amo vocês dois — declara ele. E eu solto um suspiro de alívio.

— A gente também ama você, papai — respondem em coro.

Saem de casa de mãos dadas com Zoe, enquanto a babá se despede com um adeus amistoso e deseja boa sorte a James. A porta se fecha.

— Foi horrível — comento.

James passa as mãos pelo rosto.

— Sinto muito — desculpa-se. — Sinto muito por não poder estar aqui no dia mais importante de nossas vidas. Eu me odeio por isso.

Ele me contou que esteve presente no nascimento dos gêmeos. Viu o cirurgião cortar a barriga de sua mulher e retirá-los — primeiro Oscar, que saiu se contorcendo, pele cor de alfavaca, e chorando. Noah seguiu-o minutos depois, mas a princípio estava sem vida e tinha uma cor acinzentada. Recebeu oxigênio e foi vigorosamente massageado, mas teve que ser levado para a Unidade de Tratamento Intensivo. Elizabeth culpou a si mesma — a cesariana fora a única opção, devido à sua saúde. A pobre mulher sabia que jamais veria seus bebês crescerem. Mas, na manhã seguinte, teve permissão para segurar os dois. Saudáveis, mas pequenos. Bebês perfeitos e deles.

— Olhe, James, não quero mais saber disso. Sinceramente, acho que vou pirar se você não parar de se sentir tão culpado. Sou uma mulher adulta. Vou dar conta de tudo. E tenho Zoe para me ajudar. — Sorrio. Quero que tenha certeza de que tudo ficará bem enquanto ele estiver longe. — Quando voltar, sua filha e eu estaremos esperando por você na janela. Mantereí as lareiras da casa acesas. — Rio. É uma risada nervosa com um toque de medo.

James assente com a cabeça e segue para seu escritório.

— Só falta providenciar umas coisinhas. Já fiz as malas. Vou avisá-la quando estiver pronto para

ir.

Minha deixa, penso. Ele quer ficar um pouco sozinho antes da partida. Já me disse que vai manter o escritório trancado enquanto estiver fora. É algo que ele nunca fez antes, mas me contou onde vai esconder a chave. Não consigo imaginar por que Zoe ficaria interessada pelo que tem lá, mas concordo com a precaução de James.

Volto ao andar de cima e me tranco no banheiro. Esse cuidado é automático, não um pensamento consciente, assim como no caso de James e seu escritório. Ficaria mortificada se alguém entrasse enquanto eu estivesse nua e me visse assim. Não posso dizer que gosto da atual aparência do meu corpo. Tiro tudo e me olho no espelho. Ligo o chuveiro na temperatura mais quente que consigo aguentar, e deixo a água escorrer pelo meu corpo. Olho para o piso de cerâmica e me convenço de que está tudo bem, não há sangue. Não estou abortando. Prometi a mim mesma que isso nunca mais vai acontecer. Nervosa, com medo do passado, solto um suspiro de alívio quando a água continua escorrendo límpida. Quando passo xampu no cabelo, ela fica leitosa e há espuma entre os dedos dos meus pés.

Uma hora e meia depois, o cabelo já seco com a ajuda de um secador, usando uma túnica azul-marinho com suéter preto de gola rulê por baixo, calça cargo com cintura elástica, práticos mocassins e com um pouquinho de maquiagem no rosto, estou pronta para enfrentar a separação que se aproxima.

É reconfortante saber que Zoe vai buscar os meninos na escola, permitindo que eu mergulhe numa tarde produtiva e de distração. Haverá muito trabalho para colocar em dia. Prometi a mim mesma só pensar em meu marido mais tarde, quando estiver na cama. Então vou imaginá-lo preparando o submarino, encontrando seus colegas, trocando histórias e fotos das famílias, concentrando-se nas tarefas, seguindo para o mar, mergulhando cada vez mais e mais fundo, até ninguém saber onde eles estão. O *HSM Advance* será apenas uma marola na superfície.

Nós nos beijamos. Nos abraçamos. James se abaixa e pousa os lábios demoradamente em minha barriga.

— Você sentiu? — pergunto.

— Não — responde, triste.

— Foi um chute forte — revelo. — Ela quer sair.

Outro beijo, um abraço, e ele vai embora. É assim que sempre fizemos.

Ouçõ Zoe fazendo barulho na cozinha.

— Então é isso — digo, deixando os braços caírem ao lado do corpo. — James se foi.

— Quer chá? — oferece.

Inclina a cabeça e morde os lábios, um gesto de solidariedade. Coloca a chaleira na chapa de aquecimento.

— Se for rápido. — Preciso sair logo. Tenho muita coisa a fazer.

— Por que ainda não está de licença-maternidade? — indaga Zoe.

Rio, contente por me distrair do vazio em meu coração.

— O departamento vive cheio de trabalho. Sou saudável, estou me saindo bem, portanto não há motivo para deixar de trabalhar até o momento do parto. — Eu já havia esboçado para ela meu trabalho como assistente social, mas não tenho certeza se ela compreende totalmente as implicações. — Além disso, poderei ter mais tempo para conhecer minha filhinha. Não quero ter que voltar correndo.

— Entendo — diz Zoe.

Ela encara minha barriga, mas desvia o olhar quando vê que percebi.

— Eu sei. Estou do tamanho de uma casa, não é? E não mais um casebre. Sou uma casa majestosa, totalmente ampla. — Dou uma risada e sentamos juntas à mesa da cozinha. Tenho que puxar uma cadeira para me sentar, ao passo que Zoe consegue deslizar facilmente por entre a mesa e o banco encostado à parede. — Eu me lembro vagamente de quando era do seu tamanho. — Ela usa calça jeans e camiseta preta, que sobe um pouco quando se senta. Envolve a xícara com os dedos. — Não está com frio? — pergunto, subitamente me sentindo como sua mãe, embora nossas idades não permitam isso.

Agora é sua vez de gargalhar, fazendo com que pareça um duende malvado. Seus olhos cintilam.

— Não, estou bem. E não se preocupe, os meninos levaram os casacos para a escola.

— Desculpe, não quis parecer...

— Eu gosto que você se preocupe. — Zoe baixa a cabeça. No alto, brilham mechas escuras em meio ao cabelo louro.

— Ainda está achando as coisas difíceis? — Refiro-me ao rompimento que ela mencionou.

Silêncio.

— Desculpe, não queria me intrometer.

— É complicado — confessa.

— Ao menos não há crianças envolvidas.

Ela ergue a cabeça de modo brusco, e os olhos endurecem como aço. Os nós dos dedos ficam pálidos quando aperta a xícara.

— Sim — concorda ela, lenta e dolorosamente. — Ao menos não há crianças.

— Zoe — digo num tom um tanto patético. Inclino-me para a frente e lhe dou um abraço, sentindo o leve saltar de suas costelas quando um choro baixo deixa seu corpo. — Sinto muito. Eu não fazia ideia...

Conheço aquele olhar — o olhar de uma mulher vazia. O olhar da necessidade, do desejo e do anseio de nutrir. O olhar de uma mãe frustrada. Deus sabe quantas vezes já vi isso no espelho.

— Estou muito feliz por você estar aqui — admito.

É a melhor coisa que posso fazer agora. Aperto sua mão.

— Preciso sair — avisa, finalmente, e se apressa para o corredor.

Um momento depois, a porta da frente bate e estou sozinha em casa.

Lorraine observava enquanto o fotógrafo da perícia mantinha-se escarrapachado sobre uma mancha de sangue com uma forma que lembrava a Austrália. Com um estalido, envolveu os sapatos com plástico e avançou hesitante pelo aposento. Adam a seguiu. Ele ainda não dissera uma palavra. Não precisou. Seu rosto mostrava repugnância e desespero suficientes para ele permanecer calado.

Receberam o chamado e imediatamente largaram o que estavam fazendo, chegando ao local instantes após a garota grávida, ainda com um fio de vida, ser levada ao hospital. Disseram-lhes que ela estava entre a vida e a morte e que precisaram agir depressa. Seu abdome fora aberto com um corte, mas não havia sinal do bebê.

Lorraine olhou em volta. O espírito da mulher parecia pender no ar, gritando de medo e pânico, que eram evidentes pela grotesca desordem deixada para trás. Se sua amiga não tivesse chegado a tempo e ligado chamando uma ambulância, ela agora estaria morta. Adam e Lorraine avaliaram cautelosamente a cena, como se a mais leve respiração pudesse destruir uma prova-chave. Como da última vez, a cena não fazia sentido.

— Alguém que ela conhecia? — sugeriu Lorraine, fechando os olhos para evitar outra ânsia de vômito.

O ar recendia a sangue fresco.

— É possível. Não há sinal de arrombamento — observou Adam, olhando para a porta.

— Quem poderia ter feito isso?

Olharam em volta do apartamento sombrio. Não havia muito para ver. Uma cozinha minúscula, do tamanho de um armário, com um velho fogão a gás, tomava todo o espaço de uma das extremidades da moradia popular, enquanto a mal-iluminada sala de estar — a única janela era sombreada por um pé de sempre-viva — abrigava apenas um sofá, agora manchado de sangue, e uma velha televisão portátil. O quarto continha uma cama de casal e um berço de madeira, no qual havia uma pilha do que parecia ser roupa lavada. Lorraine supôs que estavam limpas.

— A amiga da vítima encontrou-a aqui, no sofá. — Adam esquadrihava a sala de estar. Estava no caminho do fotógrafo.

Lorraine deu uma olhada na cena. O tecido aveludado bege agora havia se transformado num vermelho-ferrugem. Coagulado e já rachando perto das bordas da mancha, o sangue criara uma estampa impressionante. Se visto com atenção, o novo estilo do sofá praticamente podia ser confundido com algo deliberado, algo macabro.

— Ela estava prestes a dar à luz.

Os dois se entreolharam, tudo o mais em suas vidas ficara temporariamente em suspenso.

— A amiga está esperando ali ao lado, com o vizinho — avisou Adam, e em seguida atendeu a um telefonema.

Lorraine retornou ao corredor do prédio. O espaço escuro e frio fedia a urina e maconha. Um grupo de jovens se reunira no topo da escada de concreto.

— Deem o fora daqui — ordenou Lorraine, enquanto tirava a proteção de plástico dos sapatos. Colocou-as num saco e entregou-o ao guarda de vigia para que ele o descartasse. Os garotos apenas a olharam. Um deles arrotou. Ela se sentiu velha novamente.

A porta do apartamento setenta e três estava entreaberta, de modo que Lorraine pôde ir logo entrando. Conseguia ouvir o leve choro de uma mulher, encoberto pelo tom persuasivo de uma

policial treinada. Ao ingressar na sala — o apartamento tinha a mesma disposição do vizinho, mas invertido — Lorraine ouviu a voz áspera de um velho tentando ajudar. Xícaras retiniam.

— Olá? — chamou, e bateu à porta. — Sou a investigadora Fisher — acrescentou, entrando.

Uma mulher jovem e chorosa estava sentada em uma poltrona *bergère* verde. O aquecedor a gás fornecia um calor ardente e seco. A água da condensação escorria pelo vidro e, no peitoril, havia uma crosta de anos de bolor negro, que estranhamente lembrava o rosto da garota com suas lágrimas e rímel borrado. Ela não devia ter mais de vinte anos.

— Sinto muito pelo que aconteceu com sua amiga. Alguma notícia do hospital? — Ainda não era a investigação de um crime, a menos que o bebê tivesse morrido.

Quando a garota não conseguiu dar uma resposta, a policial virou-se e deu de ombros.

— Tudo o que sabemos, senhora, é que ela ainda estava viva quando foi levada. Emma está transtornada. Quer visitar a amiga no hospital... Carla — acrescentou a policial, para o caso de a investigadora ainda não saber o nome da vítima.

— Obrigada, querida — agradeceu Lorraine, sentindo-se duplamente maternal, ao perceber que a policial era igualmente jovem. Sentou-se na beirada do sofá que fazia conjunto com a poltrona.

O velho, presumivelmente o morador do apartamento, entrou trazendo uma bandeja com chá.

— Agora precisamos de outro — murmurou, olhando para a investigadora. — Açúcar?

— Para mim, não. Obrigada — disse Lorraine. A higiene do lugar era duvidosa. — Foi gentileza sua nos acolher aqui. Vamos embora assim que Emma se recuperar.

— Não tem problema — garantiu o velho. Coçou a cabeça calva. Flocos brancos flutuaram para seus ombros. O cardigã marrom ficou coberto de caspa. — Ela veio martelar minha porta, por causa de algo urgente — continuou. Sua voz era endurecida pelo catarro e ele se esforçava para deixá-la clara. Coçou rapidamente o saco. — Quando eu a deixei entrar, ela estava gritando, pedindo para usar o telefone. Embora hoje em dia todos tenham esses celulares.

— Obrigada, senhor...? — Lorraine queria falar com Emma. O velho teria que esperar.

— Sr. Duggan — declarou.

— Agora preciso falar com Emma. Depois poderemos conversar sobre o que o senhor ouviu.

O velho murmurou algo e retornou à cozinha. Houve mais retinido de louça.

— Emma, quero que me conte tudo que aconteceu com você esta manhã — pediu Lorraine.

A jovem policial entregou o chá a Emma. Suas mãos tremeram quando seguraram a xícara, respingando um pouco na calça de moletom cinza que ela usava. Estava suja, notou Lorraine. Mas o suéter rosa e azul que vestia parecia limpo e tinha impresso o nome desbotado de uma banda, talvez alguma que ela tivesse visto anos atrás. Era pequeno demais para ela. O cabelo com mechas castanhas e loiras estava preso para trás em um rabo de cavalo. Sua vida, sua aparência, seu passado, suas perspectivas não poderiam estar mais distantes dos de suas filhas.

Então, ela se lembrou de que a filha mais velha estava deixando a casa confortável e a amorosa família por uma possível vida de mãe solteira dependente da ajuda do governo. Talvez elas não fossem tão diferentes, afinal.

— Eu estava vindo visitar Carla, tá? — começou. Estava tudo misturado em fungados e choro e rápidas explosões de respiração. — A gente ia tomar um milk-shake ou coisa assim. — Coisa assim saiu “coisim”. Lorraine era paciente. — Bati na porta, mas não houve resposta. Ouvi uma coisa, tipo animal sofrendo e tal, sabe? Aí, entrei. A porta estava destrancada.

— Continue.

— Meus olhos não acreditaram no que estavam vendo. Assim que entrei na sala, mesmo antes disso, havia o cheiro. O fedor de sangue e merda. — Emma sentiu uma leve ânsia de vômito ao

recordar. — Então, vi Carla deitada no sofá e pensei que ela estivesse morta, sabe? — Olhou diretamente para Lorraine. Os olhos eram castanhos e aveludados, as pupilas indistinguíveis em meio às lágrimas e à tristeza. — Ela estava nua, só de sutiã. Tinha sangue por todo o corpo. No rosto, nos braços, nas pernas. Ah, meu Deus! — Emma mergulhou o rosto nas mãos e soluçou. — A policial providenciou alguns lenços de papel. — Tinha um corte bem grande na barriga dela, e era como se estivesse tendo convulsões, como se seu corpo não soubesse o que estava fazendo.

— E não havia mais ninguém no apartamento de Carla, além dela?

Emma balançou a cabeça.

— Ela abriu os olhos e me olhou. Por um segundo, ela percebeu que eu estava ali.

— Ela disse alguma coisa?

Emma fez uma pausa e pensou.

— Tudo o que ela disse foi “Me ajude”, antes de apagar novamente. Saí gritando e corri até aqui atrás de um telefone. — Ela estava ofegando outra vez, assoando o nariz e esfregando os olhos com os lenços encatarrados. — Chamei uma ambulância e a polícia. Eles vieram muito rápido e a levaram. Eu fiquei aqui com ela até eles chegarem, e, quando tentei ir junto, não deixaram. Disseram que eu tinha que ficar aqui para falar com vocês. Ela vai morrer?

Lorraine se endireitou.

— Honestamente, não sei. Em breve, receberemos notícias do hospital. Fale-me sobre o pai do bebê, Emma. Você o conhece?

— Não — respondeu ela, como se essa fosse uma pergunta idiota. — Nem mesmo Carla sabe quem é.

*

Carla Davis estava no centro cirúrgico quando Lorraine e Adam chegaram ao hospital Queen Elizabeth. Foram recebidos pela enfermeira-chefe, que lhes informou que Carla seria levada dentro de uma hora para a UTI.

— Não esperem muito dela — acrescentou.

A enfermeira devia ter aproximadamente a mesma idade de Lorraine, era uma mulher robusta, de cabelos ruivos, com óculos de armação verde, cujas lentes faziam seus olhos parecerem ter o dobro do tamanho normal.

— Ela vai estar grogue, por causa da anestesia e da forte dose de medicamentos. Meu palpite é que não estará em condições de ser interrogada pelo menos até amanhã de manhã — finalizou, com um gesto de cabeça. — Vocês podem esperar aqui, se não tiverem nada melhor para fazer. — Olhou desconfiada para a dupla.

Assim que a enfermeira os deixou, Lorraine saiu atrás de uma máquina de bebidas. Quando voltou, Adam estava falando ao celular. Desligou logo que a viu voltando. O estômago de Lorraine deu um nó. Mordeu o interior da bochecha e entregou uma garrafa de água a Adam.

— Quanto tempo vamos esperar? — indagou ela.

Ela pôde perceber que Adam estava prestes a dar uma resposta ponderada, quando ouviram um tumulto e barulhos vindos do posto de enfermagem.

— Eu quero vê-la agora... Sou a porra do pai dela... Deixem-me vê-la... Eu tenho direitos, sabe...

Os investigadores foram averiguar o que estava acontecendo. A jovem do apartamento, Emma, tentava acalmar um homem vestido com jeans preto e jaqueta de couro de motoqueiro. Tinha um capacete debaixo do braço e usava longas botas afiveladas que iam até os joelhos. Cheirava a fumaça de cigarro. A enfermeira-chefe e um enfermeiro tentavam silenciá-lo, mas não estavam

conseguindo.

— Estamos num hospital. É preciso fazer silêncio e respeitar o que a enfermeira está lhe dizendo.

— A tentativa disciplinar de Adam não foi mais bem-sucedida.

O homem se virou.

— Porra, quem é você? — O rosto era um misto de raiva e medo.

— Um policial, portanto, é melhor parar com isso — respondeu Lorraine, enfasiada.

— Que merda, não me diga o que devo fazer. — Deu um passo à frente. Lorraine e Adam se aproximaram, prontos para contê-lo. — Minha filha levou uma facada, porra. Portanto, não...

— Sr. Davis? — interrompeu Lorraine. O homem confirmou com a cabeça, o rosto se contraindo. Lorraine achou que ele ia ter um troço. — Nós estamos aqui por causa de sua filha. No momento, ela está no centro cirúrgico.

— Viu, Paul? Eu disse que eles iam fazer ela melhorar, não disse?

A esperança de Emma era, na verdade, sem esperança, pensou Lorraine. Pelo que ela soubera até então sobre os ferimentos de Carla, as chances, na melhor das hipóteses, eram meio a meio.

— Podemos conversar com o senhor enquanto esperamos notícias de sua filha? — perguntou Lorraine. — Pode ser aqui. — Ela o conduziu à sala de espera quando o sujeito demonstrou um pouquinho de complacência.

Sentaram-se em cadeiras de plástico, dispostas em volta de uma velha mesa de centro de madeira, repleta de revistas. A perna de Paul Davis se agitava para cima e para baixo, ao passo que as mãos puxavam incansavelmente pequenas mechas de cabelo que pendiam em volta das orelhas. Emma sentou-se em silêncio; as luzes fluorescentes zumbiram acima deles, fazendo tudo ali parecer surrealista. Ocasionalmente, havia o bipe de um aparelho na enfermaria ao lado e uma enfermeira passando com pressa. O telefone tocava, maqueiros estrepitavam ao longo dos corredores empurrando macas — algumas vazias, outras com pacientes conectados a soros e monitores.

Lorraine fez as perguntas do modo mais preciso e cuidadoso que era capaz.

— Carla é tudo que eu tenho — disse Paul. — Ela é tão independente. Gosta de se virar sozinha. — A voz era meio rouca, como a de um fumante inveterado.

— E a mãe dela? — indagou Lorraine.

— Morreu faz uns dois anos. — Ele parou um momento. — Nunca pensei que algo assim pudesse acontecer com Carla. Dizem que ela foi esfaqueada. Quem faria isso com uma grávida? — O homem se contorceu na cadeira. Passou as mãos pelo rosto dilacerado pela dor. — Não vou suportar perdê-la também.

Lorraine olhou para Adam. Assim como ela, sabia que ele estava sentindo muita pena daquele homem. Também sabia que o choque da notícia anunciada por Grace ainda estava sendo dificilmente absorvido no coração dos dois.

— Ela tem namorado? — perguntou Adam, como se lesse os pensamentos de Lorraine.

— Ela teve alguns. As jovens são assim hoje em dia, não é? — Olhou para Emma. Aquele único olhar interrogativo revelou a Lorraine que ele não fazia a mínima ideia do que acontecia na vida da filha. Ela havia se mudado, passara a viver de benefícios do governo e provavelmente, verdade seja dita, fazia meses que não via o pai. Seria assim com eles e Grace?

— Carla teve alguns casos de uma noite só. Ficou muito feliz quando soube do bebê — contou Emma. Provavelmente ela seria a melhor fonte de informação até poderem falar com Carla, pensou Lorraine. — Ela não teve muita sorte no amor e tal. Quando esteve no orfa...

Emma recebeu um brusco chute na perna, dado por Paul Davis.

— Orfanato? — perguntou Adam.

— Não foi nada — respondeu Paul rapidamente. O movimento nervoso da perna recomeçou. — Sandy e eu, bem, algumas vezes tivemos dificuldade. Achamos melhor alguém cuidar de Carla. Ela poderia se tornar uma garota difícil.

Adam e Lorraine fizeram anotações mentais para entrar em contato com o departamento de serviço social. Devia haver um processo, a história habitual de uma família destruída por problemas com dinheiro, drogas, álcool, preguiça, violência ou uma combinação de todos esses fatores. Poderia revelar algo importante.

A enfermeira-chefe entrou na sala de espera. Seu rosto era expectante, taciturno. Todos olharam a mulher.

— Carla está saindo do centro cirúrgico. Seu quadro é estável. As coisas foram bem na medida do possível. — Inspirou tão fundo que pareceu sugar todo o ar daquela sala miserável.

— Coisas? — perguntou Lorraine, levantando-se.

O pai de Carla também levantou-se e aproximou-se da enfermeira de um modo ligeiramente agressivo. Adam logo se colocou a seu lado, observando cada um de seus movimentos.

— É o bebê, receio — prosseguiu ela. — Não houve nada que pudessem fazer para salvá-lo.

— Mas Carla vai ficar bem? — quis saber Paul, lutando contra as emoções.

— Sim, há uma boa chance — respondeu ela.

Paul soluçou, cambaleando de volta para a cadeira com a ajuda de Emma. Lorraine fez um sinal com a cabeça para Adam, e os dois deixaram juntos o local. Esperaram no corredor e, dez minutos depois, uma jovem mulher pálida numa maca de rodinhas e laterais altas foi empurrada para a enfermaria ao lado. Os maqueiros cumprimentaram os dois com um gesto de cabeça, enquanto eles observavam a garota passar. Não parecia muito mais velha que Grace. Inconsciente, negligenciada, ligada ao soro e a um monitor portátil — era óbvio que não falariam com ela naquele dia.

— Vou esperar — anunciou Adam, olhando o relógio. — Vá para casa. Grace deve voltar da escola em breve e vai precisar da mãe. — Apertou o braço dela. Lorraine olhou para a mão dele sobre seu casaco antes de tirá-la com um movimento brusco. — Veja se consegue fazê-la mudar de ideia.

Ao dirigir de volta para casa, Lorraine ligou para a delegacia a fim de saber das novidades. O policial Barrett informou-lhe que, além de três meses de liberdade condicional por roubo, Carla Davis era viciada em heroína, e seu bebê já estava registrado como “em risco” no Serviço de Proteção à Criança. Provavelmente, seria levado para um orfanato assim que nascesse.

Lorraine estacionou do lado de fora de sua casa. Trancou o carro e entrou.

— Cheguei — gritou.

Como sempre, não houve resposta. Ouviu um baixo ruído grave de música vindo do andar de cima. Em seguida, risadinhas mais altas, quando uma porta se abriu e alguém passou às pressas no corredor do andar de cima, batendo a porta do banheiro. Instantes depois, houve mais risadinhas.

Minhas lindas filhas, pensou com orgulho. Um leve sorriso percorreu seu rosto, enquanto largava o casaco sobre o corrimão. Então, seu estômago embrulhou mais uma vez ao se lembrar de tudo.

A porta está trancada. Empurro-a novamente para me certificar de que não estou enganada. *Droga*. Quero chutá-la, socá-la, conseguir um pé de cabra, enfiá-lo entre a maçaneta de latão e o batente e forçar até a madeira lascar, quebrar e ceder, permitindo minha entrada.

Consulto o relógio. Não tenho muito tempo. Preciso descobrir informações sobre a família e quanto dinheiro eles têm, como funcionam, quem está no controle de quê, quem lida com as finanças. Qualquer coisinha vai servir. Quero esboçar um quadro do passado e do presente deles, mas não do futuro, pois já consigo adivinhar o que ele contém. Por enquanto, quero um instantâneo de suas vidas — um panorama mais amplo, e também o mais detalhado.

Agacho-me e olho pelo buraco da fechadura. Posso ver a parte da frente da escrivaninha de James, mas é tudo. A última vez que estive em seu escritório foi para tirar Noah da poltrona de couro verde diante da escrivaninha. Ele estava implorando para que Oscar o girasse na cadeira, mas o irmão permanecia parado junto à porta, negando com a cabeça, mordendo o lábio inferior e gritando que eles não tinham permissão de entrar ali. “Venha, Noah”, falei atrás de Oscar, meus braços atravessando o vão da porta. A sensação era de que havia um campo de força protegendo a entrada. Oscar e eu sabíamos que não devíamos atravessá-la, mas Noah não dava a mínima. O que James dissera, não muito tempo depois de eu me mudar para cá?

O escritório é um espaço privativo.

Deve haver uma chave em algum lugar. Olho em volta, no corredor. Há várias mesas — uma de pinho meio caída no caminho até a cozinha e uma antiga mesa em meia-lua, encostada na longa parede que leva à escada. Um vaso com lírios frescos adorna o tampo semicircular, e há uma gaveta de mogno na frente. Abro-a. Há alguns recibos, pilhas rolando para lá e para cá, uma única luva e duas canetas. Há também duas chaves em chaveiros de plástico sem etiqueta. Não parecem do tipo que se encaixaria na grande porta velha do escritório, e estou certa. Quando experimento, é uma tentativa inútil.

Procuro nervosamente pelos bolsos dos casacos pendurados no vestíbulo e, de repente, tudo parece muito desleal, como se eu estivesse traindo a confiança deles. Minha boca fica seca, o que sinceramente é ridículo, e me lembro de quando era uma criança que necessitava desesperadamente de dinheiro para o cinema ou os doces, surrupiando dos meus pais, verificando secretamente seus bolsos à procura de trocados. Sempre encontrava uma ou duas moedas, o suficiente para sair com meus colegas, parecer integrante da turma, embora não fosse. Levando tudo isso em consideração, eu era sortuda.

Não encontro nenhuma chave. Apenas um sortimento de lenços de papel, meia embalagem de bala de hortelã, um prendedor de cabelo e um fone de ouvido.

Penso cuidadosamente enquanto arrumo todos os casacos. Deve ter sido James quem trancou a porta antes de ir embora. É seu escritório. Mas não seria nada prático levar a chave. Claudia com certeza precisará entrar ali em algum momento enquanto ele estiver fora. E se houver uma crise financeira, se precisarem de um passaporte, de uma certidão de nascimento ou de outro documento importante? Estou certa de que ele guarda esse tipo de coisa ali. Há um arquivo. Já tinha visto James, tarde da noite, estudando documentos quando a porta não estava totalmente fechada. Ele erguera o olhar da escrivaninha para me observar, enquanto eu passava com pilhas de roupa lavada ou um menino adormecido nos braços. Apenas coisas importantes são guardadas em arquivos de metal à

prova de fogo.

Concluo que a chave deve estar em algum lugar da casa ou com Claudia. Mais cedo, quando voltei para casa após minha saída inesperada — o que eu deveria fazer depois de ela atingir uma ferida tão exposta que precisei de toda a minha força de vontade para não chorar de dor? —, Claudia tinha saído para o trabalho. Havia um bilhete na mesa da cozinha.

Sinto muito. Não quis chatear você. Vamos conversar esta noite. Com amor, C.

Nenhum beijinho, como Cecelia teria feito. Caligrafia firme, bem-desenhada, levemente pendendo para a esquerda. O que dizem mesmo os grafologistas que acham que podem revelar tudo sobre a pessoa analisando apenas seus rabiscos? É um sinal de repressão, de emoções ocultas, de medo e retração? Solto uma rápida risada e enfio o bilhete no bolso, pensando que esse tipo de pessoa parece mais comigo do que com Claudia.

No andar de cima, no quarto de Claudia e James, retomo minha busca, escutando o eco de fragmentos de palavras. *Aqui, querida. Vou deixar a chave do escritório no meu estojo de abotoaduras... Quando precisar, a chave estará na gaveta da minha mesa de cabeceira... Lembre-se, vou esconder a chave debaixo de minhas meias...*

Não escuto nada.

Olho a cama arrumada com lençóis brancos. É enorme. Lembro-me de Cecelia, de seu corpo magro dividindo a cama na diagonal, de modo egoísta. A pele fria como mármore sobre lençóis de algodão novos, o cabelo vermelho esparramado como sangue em uma imaculada cena de assassinato; eu, parada junto à porta, olhando-a, sem saber o que fazer com sua desgraça.

Viro-me subitamente, prendendo a respiração. Não há ninguém ali. Fecho os olhos até me recompor.

Está tudo bem.

Ajo com precaução, sondando devagar o quarto enorme. Um papel de parede vibrante com padronagem de pavão adorna a parte da parede que se projeta diante da lareira, enquanto o restante do quarto está pintado com um ocre pálido que provavelmente tem um nome pretensioso. A cama imponente, peça central do aposento, é de mogno entalhado, com quatro hastes na altura dos ombros. A roupa de cama está perfeitamente arrumada, com clássicas almofadas de renda que seriam jogadas no chão se eu dormisse aqui.

Imagino James arrumando sua bolsa de viagem. Fiquei surpresa em ver o quanto era pequena, mas suponho que é preciso pouca coisa para viver num submarino. Penso nele ajeitando com cuidado camisas engomadas sobre calças recém-passadas, tudo dobrado com precisão militar. Elas serão acondicionadas nos mais improváveis compartimentos a bordo da embarcação, enquanto os homens executam suas tarefas em pleno confinamento. Vejo Claudia observando, enquanto seu marido se prepara para partir, segurando a linda barriga que desabrocha, lágrimas nos olhos ao se imaginar dando à luz sozinha. Será que se lembra do que ele lhe disse sobre o esconderijo da chave, ou estava transtornada demais por causa da iminente partida?

Afinal, ao menos encontrarei alguma coisa útil no escritório?

Rápida como uma raposa, estou vasculhando cada gaveta no quarto, tentando não bagunçar o conteúdo. Um perfume de amaciante emana das roupas limpas, mas não encontro a chave. Sem desarrumar nada, olho na penteadeira branca. Cuidadosamente, levanto as tampas de dois potes de porcelana que contêm brincos, alfinetes, broches e dois dentes de bebê. Nenhuma chave.

Prendo a respiração ao levantar cada canto do pesado colchão king-size, rezando para ver um chaveiro com a etiqueta “escritório”. Tudo que encontro é uma revista japonesa, em cuja capa uma garota, praticamente nua, olha por cima de óculos de sol com armação cor-de-rosa. Parece antiga.

Parece bastante usada. James deve tê-la comprado em uma de suas missões além-mar. Coloco o colchão no lugar, apostando que não é a única coisa indecente que ele arranja nos portos estrangeiros.

De repente, meu coração padece por Claudia, e tenho um ridículo desejo de alertá-la sobre o que vou fazer.

Espero um momento, uma pausa para tomar fôlego, embora a sensação seja um pouco como se demorar no covil do leão. Claudia podia voltar da repartição para casa — talvez já em trabalho de parto, para pegar sua mala e levá-la ao hospital. Talvez a missão de James tenha sido cancelada ou adiada, ou ele tenha mudado de ideia sobre deixar Claudia no nascimento do bebê. E se ele largou a Marinha num acesso de arrependimento e já está em casa? Talvez esteja, silenciosamente, subindo a escada, dois degraus de cada vez, e, se eu me virasse, se girasse a cabeça só um pouquinho, veria sua sombra na porta, me observando, alcançando o vaso na mesinha do patamar da escada, erguendo-o bem alto para, em seguida, acertá-lo na minha cabeça.

Vejo pedaços de porcelana estilhaçando-se a minha volta, enquanto desabo sobre o carpete.

— O colete — exclamo, como se a pancada imaginária tivesse me feito lembrar.

Quando James trancou o escritório ontem à noite, usava calça de sarja bege e um colete azul-marinho acolchoado.

Vou até o guarda-roupa. Em espelhos manchados de um marrom amarelado, vejo-me aparentando avidez e medo ao escancarar a porta dupla. Dentro, tudo está muito bem-arrumado, como era de se esperar. O odor de madeira antiga e água-de-colônia aflora, enquanto enfio as mãos no meio das roupas. Da esquerda para a direita, camisas, suéteres e paletós. Entre os de tweed e os de risca de giz, os cardigãs e os casacos de moletom, avisto o colete. Está bem apertado ali no meio e, quando o puxo, um cardigã marrom com zíper cai do cabide. Imagino James usando-o, bebendo conhaque junto à lareira, um jornal aberto no colo.

Há muitos bolsos. Enfio a mão em cada um deles, e estou prestes a perder a esperança quando meus dedos tocam algo frio, metálico, que me faz pensar que posso ter finalmente dado um pequeno passo adiante.

No andar de baixo, enfio a chave na fechadura. Ela desliza perfeitamente, a maçaneta de latão gira e cede. Meu coração acelera. Alguém está tocando a campainha.

*

— Achei que poderíamos caminhar juntas até a escola para buscar as crianças — sugere. Seu rosto me diz que ela acha isso a ideia do século.

Fico parada ali, muda, torcendo as mãos. Tranquei o escritório e enfiei a chave bem fundo no bolso do jeans, numa reação imediata à campainha. Distingui sua forma pelo vitral antes mesmo de abrir a porta — ela estava parada de lado, de modo que era difícil não perceber a enorme protuberância de sua barriga — e meu primeiro pensamento foi não atender, deixar que ela tocasse repetidas vezes, até ficar emburrada e ir embora. Mas isso levantaria suspeitas com Claudia quando as duas fofocassem. *Onde ela estava? O que ela estava fazendo?* Ainda não posso me arriscar a ser demitida.

— Seria ótimo — minto. Não gosto do modo como Pip gruda em mim, como se eu fosse uma nova versão, mais jovem e disponível, de sua amiga grávida. Exceto por eu não ter um barrigão nem estar disponível. — Não percebi que já estava na hora.

Pip consulta o relógio.

— Quinze para as três — entoa, mas então inclina-se para a frente, as mãos se apoiando na parede. Respira, soprando forte.

— Oh, Pip. Entre. Sinto muito. Você está bem?

— Estou ótima — responde, endireitando-se diante do meu convite.

Uma mulher grávida pode conseguir o que quiser: um assento no ônibus, uma massagem no pé, um jantar na cama, ou até se meter nos meus assuntos quando não é chamada.

— Hora do chá? — ofereço, quando estamos na cozinha. Ela calculou perfeitamente sua chegada.

— Obrigada — agradece e, em seguida, estou colocando as xícaras na mesa e pegando o leite na geladeira, em vez de ir até o escritório fazer o que preciso.

— Olhe — diz Pip, finalmente. Viro-me. A chaleira chia no fogão. — Na verdade, eu vim falar com você a respeito de Claudia.

Luto para não enrubescer, para não tremer ou começar a suar.

— É? — Tiro a chaleira da chapa de aquecimento e fecho a tampa. Despejo água fervendo nas xícaras. — Leite, açúcar? — pergunto, de costas para Pip.

— Os dois, por favor — responde. — Na verdade, estou um pouco preocupada com ela.

Entrego-lhe uma xícara de chá e sento-me a seu lado à mesa da cozinha, embora tudo o que realmente queira fazer é sair correndo.

— Por quê?

Pip suspira e pensa.

— Ela parece diferente, mais estressada que o normal. Suponho que seja difícil para você avaliar, tendo em vista que não a conhece há muito tempo e não tem como comparar.

Faço uma cara preocupada, como se realmente estivesse tentando ajudar.

— Mas não é estranho que esteja estressada, não é mesmo? Ela provavelmente tem um dos trabalhos mais exigentes, e sei que no momento está lidando com duas famílias realmente difíceis. E, é claro, está com oito meses e meio de gravidez. — Bebo um gole do chá. — Além disso, James acaba partir. Sei que ela conta comigo para ajudá-la, mas ter praticamente uma estranha se mudando para sua casa deve ser um tanto... perturbador. — Paro, esperando que a descrição de minha presença como perturbadora não a deixe desconfiada.

— Ela tem mesmo muita sorte em contar com você — afirma Pip, e acho que com sinceridade. Ela me olha de forma decidida, com um sorriso quase desejoso, como se também quisesse uma de mim.

— Espero tornar a vida dela mais fácil. — Dou outro gole no chá, mas quase engasgo. Detesto mentir, mas é necessário.

— Gosto muito de Claudia, embora seja uma mulher teimosa. Não acho que ela tenha se dado conta do quanto está estressada. Tenho tentado lhe dizer.

— Minha mãe era um pouco assim. Tudo tinha que ser perfeito. Ela esperava que todos também fossem. Fui uma enorme decepção.

Pip ri.

— Bobagem. Tenho certeza de que sua mãe tem muito orgulho de você.

— Tinha — corrijo. — E ela não tinha.

— Lamento.

Dou de ombros, internamente me penalizando por ter falado sobre minha vida pessoal.

— Já superei.

Imagino minha mãe examinando meu corpo esquelético e não grávido, deixando escapar um *tsc-tsc* sobre minha vida amorosa, estreitando os olhos com desprezo todas as vezes que eu mencionasse meu trabalho. *Então, nada de netos para mim.* Ainda ouço sua risada zombeteira reverberando em meus sonhos.

Pip segura minha mão. Está sendo muito legal comigo. Aliás, Pip é toda assim. Sinceramente legal.

Ela se preocupa com Claudia e se preocupa comigo. Aposto que ela tricota cachecóis e gorros para todo mundo no Natal e faz montes de geleia caseira para a festa da escola. Como é professora, ela fez a coisa sensata e tirou um ano inteiro de licença-maternidade. Pip é do tipo de mulher que faz as escolhas certas na vida, daquelas que seguem ao pé da letra artigos de revistas, como “Dez maneiras de agradar seu marido”, do tipo que envia cartões de agradecimento escritos à mão após um jantar; e aposto que planta um pequeno canteiro de legumes na primavera, está economizando para um automóvel híbrido e lava as roupas a trinta graus, de acordo com as instruções, só para mostrar que ela *se importa mesmo*.

— Esses pais, hein? — fala Pip, encerrando o assunto com diplomacia. Acaricia a barriga. — O que você vai me aprontar? — pergunta docemente a seu bebê.

— Eles levam jeito para ferrar a gente — comento, mais severamente do que pretendia.

— Apenas me prometa uma coisa — pede Pip. Revira a bolsa e retira uma caneta e um bloco de papel. — Se por algum motivo você ficar preocupada com Claudia, de dia ou de noite, prometa que vai me telefonar. Sempre estou com meu celular. Sabe como é, por via das dúvidas. — Alisa novamente a barriga. Anota seu número e arranca a página. — Tinha a esperança de que talvez você conversasse com ela e conseguisse convencê-la a deixar logo o trabalho.

— Eu? — Duvido que ela ouvisse qualquer coisa que tenho a dizer. Olho para a folha e a enfio no bolso do jeans. Sinto a chave entre os dedos. — Com certeza — digo. — Claro.

Terminamos nosso chá e caminhamos até a escola. O pátio está tomado pelo burburinho de mães agasalhadas, bebês choramingando em carrinhos e crianças em idade pré-escolar penduradas no trepa-trepa coberto com uma fina camada de gelo. Pip me apresenta a algumas de suas amigas, mas, para mim, não faz sentido lembrar seus nomes ou querer conhecê-las melhor. Não vai demorar muito para eu sumir, e me tornarei uma péssima lembrança, um gosto ruim, uma fuga rumorosa. *Que chocante! Como ela se safou dessa?*

De volta em casa, coloco os meninos para assistir a um DVD. Dou um copo de leite e uma fatia de bolo para cada um. Isso os manterá quietos por pelo menos meia hora. Fecho a porta da sala de estar, atravesso o corredor e enfio a chave na fechadura da porta do escritório.

Lá dentro, começo meu trabalho meticuloso, metódico. Logo descubro que isso levará muito tempo. Dezenas de pastas de arquivo precisam ser inspecionadas, estudadas cuidadosamente, lidas. A cada etapa, é preciso tirar fotos e registrar tudo. De que outro modo vou conseguir um claro panorama da situação? De que outro jeito vou conseguir o que quero deles?

O telefone toca. A extensão na escrivaninha de James emite um eco estridente do aparelho principal, instalado no corredor. O identificador de chamadas me diz que é Claudia.

— Alô? — atendo, animada, embora minha mão esteja tremendo e o coração disparado faça a garganta se fechar.

O *timing* de sua ligação me faz pensar se ela sabe exatamente o que estou fazendo.

Amanda Simkins vivia numa casa nova em folha, em uma propriedade onde as ruas terminavam em pistas de cascalho com retroescavadeiras trepidantes e casas inacabadas. Bandeiras pendiam na esquina diante de uma casa decorada apenas para a visitação de futuros compradores, enquanto Adam e Lorraine dirigiam pelo que parecia ser uma curva interminável, antes de finalmente localizarem a rua correta, sem saída, no conjunto habitacional em construção.

— Número treze — lembrou Lorraine, reduzindo para a segunda marcha, enquanto consultavam os números das casas.

Na verdade, nenhum dos dois acreditava que falar com Amanda seria particularmente útil, mas tinham que seguir com a investigação.

Adam bebericava um café do Starbucks. Chegara tarde na noite anterior, quando toda a família já estava dormindo. Tivera apenas quatro horas de sono, calculara Lorraine, quando ele prontamente aceitou o café forte que ela fizera para o desjejum. Ela sorriu por dentro, por causa de sua resignação   cafeína, por causa do abalo que, sem dúvida, sofreria perto da hora do almoço, agora que bebia o segundo — um expresso americano grande e forte. Era demais para uma vida saudável.

Lorraine puxou o freio de mão e eles desceram do carro. Adam bebeu de um gole são o resto do café e largou o copo vazio no chão do veículo.

— Um jardim da frente bem-cuidado — observou Lorraine, ao se aproximarem da porta.

Mesmo no inverno, a pequena área estava pontilhada com a cor de amores-perfeitos primorosamente dispostos de cada lado do caminho de cascalho. Um cesto com heras suspensas e c clames de um vermelho vivo pendia do lado esquerdo da porta; ainda polvilhados da geada da noite anterior, fizeram Lorraine se lembrar do Natal. Sentiu um aperto no coração. Será que tudo voltaria ao normal?

Ela tocou a campainha.

Uma mulher de roupão cor-de-rosa atendeu à porta. Seu longo cabelo preto estava preso para tr s em um rabo de cavalo desleixado, e ela tinha maquiagem do dia anterior manchando o rosto. Havia marcas vermelhas — seriam *hematomas*?, perguntou-se Lorraine — em um lado do pescoço. Ela parecia a antítese do bem-cuidado jardim da frente.

— Sinto muito, mas não sou religiosa.

Ela fez menção de fechar a porta, mas Lorraine já havia tirado sua identificação.

— Departamento de Investigações Criminais — anunciou. Palavras que impediam portas de serem fechadas. — Amanda Simkins? Sou a investigadora Lorraine Fisher, e esse é o investigador Adam Scott.

A mulher encarou-os. Seus olhos tornaram-se tão gelados quanto o jardim. Ela engoliu em seco.

— Podemos conversar?

Subitamente, ela se reanimou.

— Sim, sim, sou Amanda. Desculpem, entrem, por favor. Devem estar congelando. — Abriu a porta e apertou o roupão em volta do corpo. — Desculpem por eu não estar vestida. Não estou me sentindo bem.

— Lamento — falou Lorraine. Foram conduzidos a uma sala de estar com dois sofás cor de creme. O chão era de madeira, reluzente e imaculado. Lorraine sabia que seus sapatos de solas grossas poderiam deixar marcas. — Tentaremos não ocupá-la por muito tempo.

— Gostariam de um café? — perguntou Amanda.

Lorraine aceitou pelos dois antes que Adam pudesse recusar. Ele se contorceu diante da ideia, mas não disse nada. Pelo menos lhes daria um momento a sós.

Estudaram as fotos em porta-retratos, arrumadas no consolo da lareira branca. Um grande grupo de crianças dispostas de modo desordenado, um casal mais velho, de adolescentes, cada um segurando um bebê. Havia crianças pequenas, outras em idade escolar e alguns jovens. Alguns sorriam, outros pareciam chateados e um deles claramente precisava fazer xixi. A julgar pelas roupas elegantes que usavam, era um casamento, um batizado ou alguma celebração parecida.

— Famílias felizes — comentou Adam, em tom amargo. Pegou outra fotografia e observou-a com cuidado. Era um bebê num vestido lilás, deitado num tapete de pele de ovelha, com um fundo azul nublado. — Meio cafona. — Assim que as meninas deixaram a escola primária, eles abriram mão da culpada compra da foto escolar anual. “Nada que nós não pudéssemos fazer melhor”, queixou-se certa vez Adam, embora nunca tivesse feito nada com a máquina digital que Lorraine comprara para ele em seu aniversário.

— Aqui está — anunciou Amanda, segurando uma bandeja com xícaras. — Aqui tem açúcar e leite, se quiserem. — Lorraine colocou os dois, ao passo que Adam os rejeitou. Olhou desconfiado para a xícara.

— Bem — continuou Amanda —, nunca pensei que receberia dois investigadores esta manhã. — Ela tinha soltado o cabelo, que agora cobria as marcas em seu pescoço. Lorraine também percebeu que ela havia limpado o rosto logo abaixo dos olhos enquanto estava na cozinha, de modo que agora a maquiagem velha não parecia tão óbvia. — Espero que não seja nada muito sério.

A maioria das pessoas, pensou Lorraine, ia querer saber do que se tratava *antes* de se preocupar em servir bebidas.

— Viemos conversar com você sobre Sally-Ann Frith — começou Adam.

Lorraine quis olhá-lo de cara feia, mas não o fez. A voz dele era cortante, acusadora, não era justo com Amanda. Lorraine podia ver que ela era o tipo de mulher que gostava de estar no controle, de ter seus pensamentos e ideias aceitos sem questionamentos. A julgar por sua casa bem-arrumada — as cortinas caprichosamente atadas, a franja penteada do pequeno tapete junto à lareira falsa, as superfícies sem poeira —, era evidente que ela não aceitava bem o caos. A não ser por sua aparência naquela manhã, ao que tudo indicava.

— Ah, sim, Sally-Ann. — Amanda sorriu de maneira afetuosa. — Ela está bem? — Seu rosto gradualmente tensionou para uma expressão preocupada. — Ela logo vai ter um bebê.

— Não, receio que ela não esteja nada bem — apressou-se Lorraine, antes que Adam pudesse desferir uma pancada abastecida por café. — Infelizmente são más notícias. — Ela fez uma pausa. Amanda realmente não lera os jornais ou assistira à televisão? — Sally-Ann foi encontrada morta vários dias atrás. Sinto muito. Nós achamos que alguém poderia ter lhe dito, ou que talvez você tivesse visto na televisão.

No mesmo instante, Amanda ficou muito pálida. Lorraine observou-a atentamente, quase convencida de que a palidez branco-acinzentada significava que ela ia desmaiar.

— Ah... meu... Deus — sussurrou. Suas bochechas de repente inflamaram-se num tom escarlate e, em seguida, ela irrompeu num acesso de choro. Todo o rímel que restara em seus cílios escorreu novamente pelo rosto.

— Eu sei que é chocante. Descanse um momento, se precisar — sugeriu Adam, surpreendentemente solidário.

— Acredito que ela era do seu grupo de ioga para gestantes — acrescentou Lorraine. — Vocês

eram amigas?

Amanda interrompeu o choro. Limpou o rosto na manga do roupão.

— Sim, mais ou menos — lamuriou-se. — A gente costumava passar algum tempo juntas, geralmente após as aulas. Ela é... era... adorável. Uma ótima pessoa. Como aconteceu? Ela estava doente?

— Era isso que estávamos esperando que você pudesse nos ajudar a descobrir — falou Lorraine. — Você a conhecia há muito tempo?

— Desde que ela começou a ir às aulas de Mary, uns cinco ou seis meses atrás. Eu já frequentava havia um ano e meio. Nós gostamos uma da outra de cara.

Adam pigarreou.

— Espero que não se importe por eu perguntar, mas por que você participava de aulas para gestantes se não está grávida?

— Você não sabe se não estou grávida — rebateu Amanda, na defensiva. — Você não sabe mesmo.

— Desculpe — disse Lorraine em nome de Adam. — É que soubemos que você frequentou as aulas por algum tempo sem nem mesmo estar grá...

— Vocês andaram me investigando? Uma mulher foi assassinada, e vocês andaram apurando informações sobre *mim*? — Amanda começou a tremer. Tocou a barriga evidentemente plana.

— É apenas rotina. Precisamos falar com o máximo de pessoas que conheceram Sally-Ann. Tenho certeza de que você compreen...

— O que vocês querem que eu diga? — vociferou. — Que eu a matei? Pois bem, eu diria que isso é tão provável quanto eu estar grávida. — Mais lágrimas.

Adam pousou a xícara. Ambos notaram que o sotaque de Amanda decaíra um pouco, como se, de repente, ela não mais pertencesse àquela pomposa propriedade de classe média, e sim a uma habitação popular longe dali.

— Desculpem — disse ela, puxando um lenço de papel do bolso. — É uma notícia realmente perturbadora.

— Então, você tem tido problemas para engravidar? — indagou Lorraine. Ou teria sido uma afirmação? De qualquer modo, a frase não saiu com muita empatia.

— Sim. — Amanda assoou o nariz. Amassou o lenço e ergueu o olhar. — Você tem filhos?

O estômago de Lorraine revirou, como fizera nas duas últimas manhãs ao acordar, lembrando-se de Grace e de seu plano ridículo.

— Tenho dois.

— E você? — Amanda dirigiu a mesma pergunta a Adam.

— Também dois — respondeu ele.

— Vocês têm sorte. Não sabem como é querer tanto um bebê. Na verdade, é uma dor na alma, um enorme buraco em sua própria existência. É o verdadeiro significado de coração despedaçado.

Houve uma pausa, e Amanda Simkins pareceu extrair uma reserva de resignação e força. Evidentemente, estava acostumada a se sentir daquele jeito; acostumada a nunca perder a esperança.

— Alguma vez, Sally-Ann mencionou alguém que poderia querer machucá-la? Você sabe se ela tinha inimigos?

Amanda levou algum tempo para responder. Seus olhos se moveram para cima, buscando o teto, em seguida percorreram as paredes de tom pastel até a lareira, a mesa de centro, atravessaram o assoalho brilhante e então voltaram para o próprio colo, onde seus dedos nervosamente tricotavam uma peça de roupa invisível.

— Se alguém fosse matar outra pessoa, seria Liam tentando atingir Russ, ou mesmo... — Sua voz

foi minguando. — Vocês sabem sobre eles? — perguntou, subitamente empolgada, como se fosse a detentora de um grande segredo. — Sally-Ann me confidenciou isso.

— Prossiga — incentivou Lorraine.

Ela estava fazendo anotações.

— Russ sempre amou Sally-Ann. É um sujeito esquisito, é verdade, mas tem um bom coração. Ele e Sally-Ann estudaram juntos, tiveram aquele romance adolescente e, desde então, a coisa avançou de forma intermitente. Ela tentou se livrar dele um monte de vezes. Era grudento como chiclete, foi o que ela me disse.

— E Liam? — perguntou Adam, tentando avançar com a história.

Estava ficando claro que Amanda era o tipo que se revestia dos infortúnios dos outros para encobrir os seus. O que foi que Mary Knowles dissera sobre ela? *Uma parasita*.

— Ele foi professor dela na faculdade — informou. — Os dois tiveram um caso bem ardente. Encontros clandestinos tarde da noite no parque, fins de semana sórdidos, com Liam fingindo para a esposa que estava dando conferências, presentes secretos e tudo o mais. Certa vez, Sally-Ann me ligou do hotel onde eles estavam hospedados. Contou que só comiam e transavam. Não admira que ela tenha engravidado.

Amanda pronunciou “engravidado” como se fosse algo que se comprasse numa lojinha à beira-mar. Lorraine achou que tinha pouco a ver com a responsabilidade de gerar outra vida.

— Bem, aparentemente Russ ficou louco de ciúmes. Mas então ele descobriu um grande segredo sobre Liam, e aí começou o inferno.

— Segredo? — indagou Lorraine, sentindo como se de repente estivesse numa novela.

— Aparentemente — disse Amanda, prolongando a palavra —, Liam estava tendo um caso com outra, além de Sally-Ann. Russ contou-lhe tudo, e ela ficou transtornada. Ameaçou contar para a esposa de Liam.

— Você sabe quem era a outra-outra mulher? — perguntou Lorraine, incrédula.

— Sei que uma noite por semana ela dava aula na faculdade. Curso de design de joias ou algo assim. — Amanda assoou o nariz. — Sally-Ann ficou grata a Russ por ele ter alertado sobre Liam, embora fosse possível imaginar que ela já soubesse.

Lorraine fez anotações.

— Uma verdadeira sacanagem, não? — comentou ela, com um suspiro cujo significado apenas Adam compreendia.

Amanda, de súbito, curvou-se e tornou-se uma grande massa tremulante de ombros e muco nasal. Lágrimas pingaram de seu rosto em direção ao colo, e os braços aninharam a cabeça. Ainda não tinha caído a ficha sobre a notícia a respeito de sua amiga.

— Há alguém que possamos chamar para vir ficar aqui com você? — sugeriu Lorraine. — Uma amiga, talvez?

Amanda endireitou a cabeça, e sua expressão foi de desdém em vez de tristeza. As sobrancelhas haviam se juntado, formando um V, e a boca se contraía num pronunciado esfíncter vermelho. Foram os olhos, porém, que mais perturbaram Lorraine. Ela nunca tinha visto um olhar tão venenoso.

— Minha única amiga está morta.

Ainda está tudo ali — uma tonelada de trabalho empilhado, esperando para me distrair do fato de James estar cada vez mais e mais longe. Quando finalmente chego à repartição, muito mais tarde do que pretendia, sinto como se alguém tivesse escavado minha imensa barriga, e tudo o que restou é um ventre vazio e cheio de tristeza. Penduro o casaco, exausta e desolada, e vou direto ao banheiro.

— Olá — cumprimenta Tina, sem desviar o olhar de seu computador, quando retorno. Está digitando sem parar, atualizando os processos, sem dúvida. — Pensei que você não viria hoje. Está tudo bem? — Sei que ela é simpática ao dizer aquilo, mas se mostra tão entretida no e-mail que está digitando que tudo soa com certa frieza.

— Está... — responde Mark, distraidamente, sem nem mesmo ter notado minha chegada. — Você ouviu meu estômago roncando? Parece que o almoço foi horas atrás. — Suas palavras ficam mais lentas à medida que se concentra enquanto folheia um processo. — Estou com fome de novo.

— Claudia chegou, seu bobo — informa Tina. — Eu estava falando com ela, não com você.

Mark ergue os olhos.

— Ah, olá — cumprimenta ele, percebendo que sua resposta não fez muito sentido. — Como você está?

Aceno com a cabeça.

— Lamento ter chegado tão tarde. Não foi um bom dia. — Mordisco uma unha e consigo dar um sorriso.

Eles já passaram por isso comigo muitas vezes antes. Depois, se houver tempo, comeremos *donuts* e faremos piadas bobas sobre sereias e férias secretas na praia e sobre como James está se divertindo muito sem mim. Eles vão perguntar por que simplesmente não deixo meu emprego e me torno uma esposa de um oficial da Marinha, o que eu poderia ser com muito estilo. Poderia almoçar várias vezes por semana com amigas do clube, do qual certamente me tornaria sócia, e tomaria um suco natural na academia, depois de uma aula com o meu personal trainer. Faria cursos de arranjo de flores e pintura em aquarela e daria jantares que seriam comentados por meses. Além disso, as paredes de minha casa se tornariam um altar para os mais recentes artistas promissores, pois eu seria convidada para os melhores vernissages das galerias de Londres.

— James partiu esta manhã — informei, com um dar de ombros, e eles me ofereceram rostos solidários e uma xícara de chá.

Instalo-me na minha mesa, mas, em vez de me concentrar no trabalho, fico imaginando o que conversarei com Zoe quando chegar em casa. Sei que a chatee mais cedo, pelo modo como saiu em disparada e bateu a porta. Não faço ideia de onde ela foi. Talvez sentaremos em silêncio diante da televisão, cada uma de nós perguntando diligentemente ao que a outra quer assistir; você está bem agasalhada?, vai nevar amanhã, gostaria de uma bebida?. Ou conversaremos ininterruptamente sobre homens, seu até então misterioso passado, seu relacionamento recém-fracassado, nossos filmes e livros favoritos e todos os nossos sonhos e esperanças? O que mais preciso esta noite é de companhia, calor humano e consolo. Isso me faz pensar se contratei Zoe para cuidar dos meninos ou de mim.

Solto um gemido quando meu computador liga. Um tempo longe de minha mesa resultou numa caixa de entrada lotada. O último e-mail que chegou está marcado como urgente e diz que devo comparecer ao tribunal dali a dez dias como testemunha. Faço uma leitura rápida e superficial dos detalhes.

Sinto-me enjoadada. Será dia de aula para gestantes, se ainda estiver grávida até lá. Não quero mesmo perdê-la.

Clico na mensagem seguinte.

— Meu Deus! — exclamo. — Mark, você viu o link para a matéria sobre o caso Fletcher? — O e-mail foi enviado para ele também.

— Faz dez minutos que não checo os e-mails.

Ele clica com o mouse, lê e fica pálido. Sabemos que faz parte do trabalho, mas, quando acontece, tomamos aquilo como algo pessoal. É um golpe contra nosso departamento, contra nós, direcionado ao responsável por mais um criminoso ter escapado da rede que lançamos de forma muito ampla, porém meticulosa, em nossa área.

— Isso é terrível — comento.

Assim que os jornais tomam conhecimento, um fracasso arruína mil casos de sucesso.

— Não foi nossa culpa — justifica Mark. — Não houve motivos, na ocasião, para tirá-lo de lá.

Então, ele me diz que já sabia que aquilo ia parar nos jornais, mas não quis me preocupar como assunto. Será que ele acha que será mais fácil quando finalmente eu tiver meu bebê?

— Bem, estão dizendo que o deixamos morrer de fome — falo, em um tom indicando que não vou me abalar com esse tipo de coisa.

A realidade é bem diferente. Tento relembrar os fatos. Outros funcionários do departamento estavam cuidando desse caso. Eu não era responsável por ele, embora tenha visto a criança uma vez, quando me pediram uma segunda opinião. Informei que não havia motivo para preocupação. Lembro-me de ter visto a roupa do bebê suja de comida, a pele de suas bochechas coradas: ele estava rechonchudo e ganhando peso, droga! A mãe adolescente parecia estar no controle e tinha uma boa rede de apoio: sua própria mãe, uma tia, um parceiro, todos querendo estar envolvidos.

— Nós o deixamos na mão — sussurro.

As coisas nunca são fáceis. Voltamos todos ao trabalho em silêncio e deixamos o falecimento do bebê no compartimento de nossa mente reservado a tais tragédias. Fico imaginando o que vai acontecer quando o espaço ficar cheio. O que acontecerá quando não houver mais espaço para crianças famintas, adolescentes autodestrutivos e pais alcoólicos? De repente, a imagem de uma instituição de saúde mental com ladrilhos brancos, terapia interminável e um coquetel de remédios parece resolver todos os problemas. Estou sendo egoísta — *ridícula* —, e meu trabalho não é assim. Estreito os olhos, mas a pessoa que vejo presa, batendo as mãos contra vidraças reforçadas, sendo colocada numa camisa de força e implorando para que a deixem sair sou eu.

— Tenho uma reunião com Miranda — informo, retomando o controle de meus pensamentos. — Mais alguém precisa falar com ela?

Minha pergunta sem relação com o assunto e francamente animada demais paira vacilante sobre a úmida atmosfera de nossa abalada repartição. Um pequeno aquecedor elétrico no canto emite um crepitante calor seco. Ficamos com frio sem ele, mas toda a energia parece evaporar quando é ligado. O termostato do aquecimento central está quebrado, como Mark descobriu um mês atrás, e eu não ousa requerer um conserto, já que nos foram recusados muitos itens necessários.

— Vou com você — anuncia Tina.

Ela pensa que não percebo o olhar que lança para Mark, mas se engana. Em resposta, ele concorda dirigindo-lhe um mínimo gesto com a cabeça. Sorrio por dentro. Gosto que eles tomem conta de mim.

— Ótimo — assinto, feliz com a companhia. — Sairemos em vinte minutos. Se houver tempo, podemos trazer uma montanha de *donuts*. — Fico muito grata pela preocupação, pelos carboidratos em que mergulhamos os dentes, pelas incontáveis xícaras de chá colocadas em minha escrivaninha,

pelo modo como Mark me ajuda a ir até o carro naquelas tardes escuras e geladas e por estarem prontos, a qualquer momento, para assumir meu trabalho. É duro admitir, mas sei que será o período mais difícil de minha vida.

*

— E como está indo com a Mary Poppins? — indaga Tina.

Estamos no carro dela. Embora eu já saiba, posso dizer de imediato que ela não tem filhos: o tapete está livre de papéis de doces, quadrinhos e brinquedos de plástico quebrados, e o estofamento não está manchado de chocolate nem com marcas de xixi. Certamente não tem nada a ver com o interior manchado de vômito do carro da minha família. E, de repente, parece uma ideia tão estranha eu dirigir o carro de uma família, um veículo seguro para crianças que não são minhas, um espaço esperando a cadeirinha do bebê, que me sinto mais uma vez um pouco apreensiva quando penso no que significa tudo isso, na responsabilidade que tenho agora.

— Ela parece legal — digo para Tina. *Legal*, penso, envergonhada. *É tudo o que consegue dizer sobre a mulher que veio morar na sua casa?* — Mas, quando digo legal — acrescento, ciente de que meus temores saem junto à fala —, quero dizer, ainda é muito cedo para saber. — Engulo em seco.

— Deve ser meio esquisito ter uma estudante morando com você. — Tina freia repentinamente quando o sinal fica vermelho. Sou lançada para a frente. O cinto de segurança se aperta em torno de mim. — Você está bem?

— Sim, estou — respondo, soltando o cinto da barriga. — Na verdade, ela não é estudante. Tem trinta e três anos e muita experiência. Fez até mesmo um curso de educação montessoriana. Acredito que isso vai disciplinar Noah. — Rio. O pequeno Noah, meu menino travesso.

— Estou tão feliz por você, Claudia — diz Tina ao estacionarmos no Centro Médico Willow Park. Algumas crianças raspam o “ark” e colocaram “ênis” no lugar. Tina solta uma risadinha.

— As crianças de hoje não têm nada melhor para fazer — comento ao passarmos pela placa.

A sala de espera está vazia, a não ser por uma mulher e uma criança choramingando. O lugar todo cheira a enfermidade e desespero. Vamos direto para a sala de Miranda.

— É terrível, não? Espantoso. Não consigo acreditar.

Por um momento, penso que Miranda está falando sobre a placa alterada, mas então avisto o jornal aberto com o rosto sorridente de uma mulher sob a manchete “Polícia ainda sem pistas sobre assassino de grávida”. Ela dobra o jornal quando me vê. Estremeço e, sem perceber, protejo delicadamente a barriga com os braços. Tento não demonstrar, mas ver essa matéria me deixa muito transtornada.

— Eu *sei* — retruca Tina. — A mãe de Diane conhece a mãe dela e... — A voz cessa.

— Eles já sabem o que aconteceu? — indago.

Miranda balança a cabeça e suspira.

— Acho que não. A polícia esteve aqui outro dia, interrogando o médico de Sally-Ann. Levaram o prontuário médico dela. — Suspira. — Alguma de vocês ouviu o noticiário do rádio? — pergunta, diligentemente. Franzimos a testa e negamos com a cabeça. Não havia rádio no carro. — Parece que aconteceu novamente. — Miranda faz uma careta e bate no jornal.

— Outra morte? — pergunto, horrorizada.

Miranda confirma com a cabeça.

— Parece que pode ter sido outra grávida. Ainda não revelaram o nome nem muitos detalhes. Foi uma notícia urgente. — Ela liga a chaleira elétrica e coloca saquinhos de chá nas xícaras. — Algo assustador.

Sinto os olhares penetrantes de Miranda e de Tina, como se eu fosse a próxima vítima e não houvesse nada que pudessem fazer para me salvar.

— É simplesmente terrível — falo, sem tentar disfarçar o tremor na voz.

Miranda acaricia meu ombro ao passar para pegar leite no pequeno frigobar. Sua engomada roupa azul-marinho parece caminhar apressadamente sozinha pela sala, como se não houvesse ninguém dentro dela. Se um pardal fosse um ser humano, ele se pareceria com Miranda.

— Ouvi dizer que foi o amante de Sally-Ann que a matou — comenta Tina, com a autoridade de um tabloide. Morde um biscoito wafer cor-de-rosa. — Talvez, nesse outro caso, também tenha sido o amante, e ele fez o mesmo com a grávida.

— O boletim de notícias informou que ela foi levada para o hospital e que talvez ainda esteja viva.

Miranda distribui as xícaras de chá.

— Bem, não sairei sozinha esta noite — declara Tina. — E você também não devia. — Dirige-se a mim.

— Claro que não — respondo, desejando que James estivesse em casa.

Logo depois, começamos a trabalhar, analisando o prontuário médico de uma menina de seis anos, cuja professora notou hematomas em seus braços e nas costas. Em seguida, há o caso de Jimmy e Annie, gêmeos cujos cuidados nem sequer se enquadram nos padrões mínimos que estabelecemos para eles. Minha vista fica um pouco embaçada, e o primeiro latejo de uma dor de cabeça pulsa no interior da têmpora. Ouço Tina e Miranda discutindo sobre negligência, nutrição e cuidados como se fossem coisas do dia a dia que se pode comprar no supermercado. E quanto a mim?, pergunto-me, enquanto meus ouvidos se fecham para aquela conversa transformadora de vidas. E minhas habilidades maternas? Como elas sabem que serei uma boa mãe? Vou alimentar e adorar minha filhinha o bastante? Vou lhe dar tudo de que precisa? E se o amor não for suficiente? Começo a entrar em pânico.

— Claudia? — ouço Tina chamar, como se sua voz voltasse a entrar em foco. — O que você acha disso?

— Desculpe — digo. Passo a mão pelo rosto. Estou suando. Subitamente sinto-me exausta. — Desculpe. — Baixo a cabeça. Não escutei uma palavra do que estavam dizendo.

— Você não deveria estar aqui — observa Miranda intuitivamente. — Com quantas semanas está agora? Trinta e oito, trinta e nove?

— Ela não deveria mesmo — ecoa Tina.

— Estou bem. Apenas um pouco... — Não sei como estou exatamente, portanto, não tento dizer. Tudo o que sei com certeza é que quero estar em casa, a salvo entre minhas paredes, com James e os meninos; então, penso em Zoe e em suas idas e vindas pela cozinha, metida num longo e folgado cardigã, e fico imaginando o que há nela que tanto me irrita, embora só tenha mostrado bondade em relação à nossa família até agora. — Acho que preciso tirar o resto do dia de folga.

Quando levanto, sinto-me tonta.

Tina também se levanta e me segura com cuidado pelo cotovelo. Sua preocupação me agrada.

— Podemos fazer isso amanhã, não é, Miranda? Eu levo você para casa, Claudia.

Pela expressão de Miranda, sei que isso não é possível. Não podemos pedir aos pais que esperem até eu me sentir melhor para que eles parem de maltratar seus filhos.

— Não se preocupe. Vou ligar para alguém. — Tiro o celular da bolsa. — Prometo, ficarei bem. Tina poderá me colocar a par de tudo amanhã bem cedo. — Saio da opressiva sala de Miranda antes que suas pequenas garras de pardal consigam me puxar de volta.

Na semiescuridão do estacionamento, sentada numa mureta sob a placa modificada, percorro a lista

de contatos do celular. Meu coração dispara quando clico em “Casa” e bate ardentemente no peito quando ela atende. Que bom que já voltou da ida até a escola.

Você me colocará na cama, fará carinho na minha cabeça, sussurrará que tudo vai ficar bem?

— Zoe — falo do modo mais animado que consigo —, sou eu. Gostaria que me fizesse um pequeno favor.

Rápida como um raio, ponho tudo de volta no escritório, exatamente onde encontrei. Tranco a porta e convenço os gêmeos a colocarem os casacos e os sapatos. Agasalho-os no grande carro de James e dou marcha a ré até a rua cheia de lama. Outro carro pisca nervosamente para mim e, quando mudo de marcha, percebo que havia me esquecido de ligar os faróis.

— Eu quero o papai — queixa-se Oscar, provavelmente porque o carro tem o cheiro da colônia de James, e seus chapéu e cachecol estão jogados no assento entre os filhos.

— Bem, ele está debaixo d'água — digo. A frase soa um tanto cruel, embora não tenha sido minha intenção. — No submarino dele — acrescento.

Preciso que eles gostem de mim pelo tempo que isso durar. Assim que obtiver o que vim buscar, não vai importar o que acharem de mim, embora eu preferiria pensar que minha breve presença em suas vidas não vai deixar marcas ruins. Não é culpa deles que o pai tenha herdado tanto dinheiro, ainda que descobrir precisamente os detalhes sobre isso esteja se revelando complicado. E não é de modo algum culpa dos dois que a mãe esteja grávida ao ponto de quase dar à luz. É uma perfeita, se não cruel, combinação de circunstâncias.

— Ele está no trabalho, seu bobo — diz Noah maldosamente, e em seguida solta um grito quando Oscar lhe dá uma cotovelada.

Meus olhos oscilam entre a briga dos dois e a rua bem-iluminada adiante. “Siga em frente, nas três rotatórias”, disse ela. “E depois à esquerda, no sinal.” Sou boa em orientação espacial e não tenho dificuldade para localizar o centro médico onde Claudia disse que estaria me esperando do lado de fora. Ela não me pareceu bem ao telefone. Estou rezando para que não entre em trabalho de parto antes do esperado. Seria um desastre. *Timing* é tudo, e acho que só me resta uma tentativa.

A princípio, não a vejo. É como se o casaco cinza e o rosto pálido a tivessem puxado para dentro do inverno. Se não tivesse reconhecido seu corpo de grávida, teria passado direto por ela. Parei com facilidade numa vaga do estacionamento e desliguei o carro. Claudia não se mexeu na mureta.

— Esperem aqui — peço aos meninos. Noah achou um saco de balas no bolso e está arrumando uma desculpa para não dar nenhuma a Oscar. — Dividam — ordeno, sem tirar os olhos da mãe deles.

Fecho a porta e caminho até onde ela se encontra.

— Claudia, você está bem? Está tudo bem com o bebê?

Lentamente, ela ergue o olhar para mim. Os olhos estão cheios de lágrimas.

— Obrigada por ter vindo — responde ela.

— Me diga apenas se o bebê está bem.

— Ela está bem — confirma. Sem perceber que estava prendendo a respiração, expiro. — Apenas fiquei muito cansada de repente. Eu me sinto inútil.

— Vamos para casa — afirmo, enganchando meu braço no dela.

Conduzo-a até o carro. A briga de Oscar e Noah por balas está no auge, e percebo a dor no rosto de Claudia quando ela se acomoda no assento do passageiro.

— Shhh, meninos — repreendo, do modo mais agradável que consigo. — Não precisam brigar por causa de jujubas. Que tal se a gente for até a loja da esquina quando chegarmos em casa, para os dois escolherem alguns doces? E que tal uma revista em quadrinhos para cada um? — Ao dar partida no carro, noto o rosto de Claudia mais aliviado. — Aí a mamãe vai poder descansar. A irmãzinha de vocês está fazendo ela se sentir cansada. — Resisto à tentação de me esticar e acariciar a imensa

barriga; em vez disso, agarro com firmeza o volante e saio com o carro.

O ciclista surge do nada. Tudo acontece muito depressa — o lampejo de sua jaqueta brilhante, o olhar de horror em seu rosto ao me ver indo diretamente para cima dele, o pânico ao desviar do meu caminho. Piso no freio e consigo desviar dele. Claudia arqueja.

Em seguida, a ensurdecadora colisão, o súbito solavanco, ao sermos atingidos por trás.

Claudia cambaleia para a frente, em câmera lenta, embora eu saiba que tudo acaba numa fração de segundo.

— Ah, meu Deus!

Os meninos estão gritando e chorando, mas Claudia continua em silêncio. A cabeça está caída para o lado, depois de ter batido no painel. Ela não estava usando o cinto de segurança.

— Meu Deus, Claudia, você está bem? Fale comigo! — Solto meu cinto e me inclino sobre ela.

Alguém está martelando minha janela lateral. *Porra de mulher idiota.*

Lentamente, as mãos de Claudia envolvem a barriga.

— Estou bem — diz, quase sem forças. Parece mortalmente pálida. — Estou bem. De verdade. Estou bem.

— Sinto muito mesmo, Claudia. — Meu primeiro pensamento não é sobre o estado do bebê, e sim que agora, com certeza, ela vai me demitir. Quem deixaria uma péssima motorista transportar seus filhos por aí? — Não posso acreditar que isso tenha acontecido. A bicicleta... Ela simplesmente surgiu do nada, e eu não consegui...

Os gêmeos ainda choram no banco de trás. Alguém abre minha porta.

— Que diabo você pensa que está fazendo, sua idiota? — grita ele. Olha o interior do carro. — Todos estão bem? — pergunta, ao perceber os meninos e ver que Claudia está grávida.

— Não, não estamos — vocifero de volta. — Você que é idiota por ter me atingido por trás! Havia um ciclista. — Então percebo o sangue. — Ai, Claudia, você está ferida. — Instintivamente, toco com o dedo o pequeno corte do lado de sua testa. O sangue colore minha pele como uma cereja amassada.

Ela se esquivava.

— Não é nada — alega. — Eu devia ter colocado o cinto, mas, no meu estado, fica tão desconfortável...

— Preciso levar você ao hospital — anuncio, subitamente em pânico por talvez tê-la feito entrar em trabalho de parto. Mas, por outro lado, a repercussão de levá-la ao hospital é terrível. E se a mantiverem lá, induzirem o parto e notificarem à polícia minha direção imprudente?

Ela se vira para me encarar, dando ao motorista do lado de fora um rápido olhar antes de se deter em mim. A expressão em seu rosto está repleta de perdão.

— Não seja tola. Estou perfeitamente bem.

— Preciso levá-la para que verifiquem se está tudo bem, e ponto final — afirmo, pois é nisso que uma pessoa normal insistiria.

Viro-me para o homem. Ele está anotando algo num bloco de papel.

— Olhe, eu sinto muito — diz ele. — Não esperava que você fosse frear tão de repente. Mal houve danos no seu carro. — Faz um sinal com a cabeça para eu olhar do lado de fora. Estamos causando um engarrafamento enquanto os outros carros manobram com dificuldade para passar pelo cruzamento bloqueado.

— Devo ligar para a polícia? — grita alguém de outro carro.

Meu coração bate forte dentro do peito.

— Não há necessidade — grita o homem de volta. — Aqui estão meus dados, por via das dúvidas

— informa, arrancando a folha. — Está vendo? Apenas uma marquinha no para-choque. Essas coisas são construídas como se fossem tanques. — Sorri, tentando amenizar as coisas, agora que sabe que há no carro uma grávida ferida e duas crianças pequenas. O para-choque dianteiro de seu carro está amassado, e ambos os faróis, quebrados, mas ele claramente não quer confusão.

— Obrigada — digo, e observo-o anotar o número da placa de James.

— Qual é o seu nome? — pergunta.

Noto que ele usa aliança. Suas mãos são morenas e fortes, as mãos de um trabalhador.

— Meu... nome? — O coração volta a disparar. — Zoe Harper — digo, hesitante, já imaginando a polícia buscando entre centenas de Zoe Harper, e nenhuma delas sendo eu. — Você vai informar o acidente à polícia ou à companhia de seguros?

— Não creio que seja necessário, você acha?

Ele olha mais uma vez para o interior do carro, satisfeito.

— Não, não acho — concordo, acalmando-me um pouco. — Preciso ir.

Volto a entrar no veículo. Claudia ainda parece pálida.

— Eu realmente deveria levá-la para um check up — arrisco. — Talvez precise de uns pontos nisso aí.

A cabeça dela parou de sangrar, deixando na pele uma crosta de sangue em forma de meia-lua. Os meninos agora estão quietos lá atrás. Ainda bem que os preendi com o cinto quando coloquei os dois em seus assentos.

— Apenas me leve para casa, Zoe — sussurra ela, implorando com os olhos. — Estou tão cansada.

— Pode ter havido uma concussão — alerto-a.

— Eu *não vou* ao hospital. Entendeu? — Ela está determinada. — Não estou a fim de esperar horas numa emergência e dar um depoimento porque o médico se sente na obrigação de notificar a polícia. Quero apenas ir para casa e descansar. *Por favor*. — Sua voz trêmula e o apelo de cortar o coração fazem com que eu ligue o carro.

— Está bem, está bem — concordo, aliviada. — Mas quero que você prometa que vai me avisar se não estiver se sentindo bem. — Se ela entrar em trabalho de parto, terei que agir depressa.

— Prometo — diz ela, e sua mão pousa na minha por um instante enquanto engato a primeira marcha.

— Você precisa conversar com ela — diz Adam. — De mulher para mulher.

Ele está mesmo falando sério, pensou Lorraine, contendo uma risada.

— Sinceramente, você acha que atravessar esse emaranhado de angústia adolescente é assim tão fácil?

Se ele realmente achava que tudo poderia ser resolvido com uma conversa de mãe e filha, sentadas à mesa da cozinha diante de um bule de chá, porra, então os dois poderiam até mesmo solucionar os casos de assassinato fazendo isso.

Adam deu de ombros, mostrando que sabia o quanto sua sugestão era simplista e evasiva.

Lorraine observou o marido procurar algo em meio à bagunça da escrivaninha. Parecia que todo mundo a tinha usado como depósito de lixo, tendo em vista a pilha de relatórios de interrogatórios que chegaram ao mesmo tempo.

— O que você acha da declaração de Amanda Simkins sobre Liam Rider estar tendo outro caso? — perguntou ela, precisando deixar de lado a conversa de coração aberto com Grace. — Vale a pena investigar?

— Claro — respondeu Adam com frieza. Mexeu no cabelo. — Por que você não faz isso? — Foi desnecessariamente informal com ela.

Lorraine concordou com a cabeça.

— Adam, olhe, você está certo sobre conversar com Grace. — Ele olhou para a mulher, preocupado. — Mas temos que fazer isso juntos.

Ele suspirou e desenrolou as mangas da camisa. Lorraine sabia que o casaco viria em seguida — o de couro, velho e gasto, que ele comprara havia milênios —, então ele pegaria suas chaves e inventaria alguma história sobre fazer um interrogatório ou estar atrasado para uma reunião. Qualquer coisa para não lidar com a teimosa filha adolescente. Qualquer coisa para não lidar com problemas pessoais e ponto final.

Lorraine inspirou fundo.

— Você lembra que eu disse que não queria detalhes? — Ela não podia acreditar que acabara de dizer aquilo. Sentiu-se desfalecer.

Adam parou, o casaco na metade dos largos ombros. Não se virou, como se já soubesse o que ia acontecer.

— Bem, mudei de ideia. Quero saber de tudo. Quem ela é. O que ela faz. Onde vocês se conheceram. Como aconteceu. — Lorraine engoliu em seco. — *Onde* aconteceu. Com que frequência. — Ela nem mesmo sabia o quanto havia sido sério. Foi realmente apenas uma noite ou algo mais profundo e significativo?

Seguiu-se um silêncio. Um hiato estático que crepitou com ressentimento não pronunciado. Aquilo poderia, pensou Lorraine, transformar-se num puta barraco. Queria realmente aquilo agora?

Ela suspirou.

— Se não for agora, vamos ter que enfrentar isso em algum momento, Adam.

Com isso, ele se reanimou. Encolheu os ombros para terminar de vestir o casaco, pegou as chaves do carro, mas então parou novamente.

— Precisamos falar com a assistente social de Carla Davis — continuou Lorraine, tentando agir como se nada tivesse acontecido.

— Peça a Barrett ou Ainsley para fazer isso — foi sua resposta inexpressiva.

— Tudo bem — reagiu ela baixinho. — Eu mesma farei.

Adam consultou o relógio e franziu a testa. Ela sabia no que ele estava pensando. Adam já tinha dito que era ela quem deveria estar em casa quando Grace voltasse da escola — *se* ela voltasse da escola — e que esperava que as duas já tivessem resolvido aquela bobagem de casamento quando ele chegasse. Os dois sabiam que isso teria que ser conversado logo, só que Adam parecia não querer participar daquilo.

— Grace me enviou uma mensagem mais cedo — contou Lorraine, esperando uma reação. — Ela tem uma partida de netball e não chegará antes das sete.

— Pelo menos isso indica que ela realmente vai voltar para casa — observou ele, fazendo uma careta que refletia seu aborrecimento com toda a situação. Para Lorraine, isso significava que ela deveria ter feito um trabalho melhor com a filha deles, como se tudo fosse culpa dela.

Logo depois, ele saiu, apagando as luzes enquanto ela ainda estava na sala.

*

Felizmente, ela alcançou dois guardas, antes que eles trancassem tudo para o turno da noite. Um relutante segurança havia permitido sua entrada no prédio acionando um botão, observando-a percorrer todo o corredor até o cinzento interior dos monótonos escritórios do conselho municipal. O departamento de serviço social tinha uma porta que só podia ser aberta com senha, mas alguém a mantivera entreaberta com um cesto de papel, deixando o caminho livre para Lorraine. Ela se viu diante de outra recepção — embora não parecesse que o público fosse comumente recebido ali — e, ao ouvir vozes vindas de uma das outras salas, dirigiu-se até lá.

— Olá! A porta estava aberta — disse ela, para chamar a atenção.

Um homem e uma mulher, ambos provavelmente com trinta e poucos anos, conversavam enquanto mudavam de lugar caixas com pastas. Parecia que um furacão havia açoitado o espaço sem divisórias, ou que estavam mudando de sala.

— Espero que não se importem. — Lorraine mostrou-lhes rapidamente a identificação policial e informou seu nome.

— Desculpe a bagunça. Normalmente não é assim.

A mulher tinha um biscoito na boca, mas o tirou para falar. Usava um gigantesco cachecol tricotado à mão em volta do pescoço, e os dois vestiam casacos, o dela roxo-escuro, e o dele de tweed cinza. Pareciam exaustos, mas determinados. Se planejavam mudar de lugar todas as caixas empilhadas sobre as mesas, ainda teriam trabalho para algumas horas.

— Estamos subindo e descendo, daqui até os arquivos. É por isso que a porta está aberta e estamos usando casacos — acrescentou ela. — É um gelo aqui embaixo.

— Estamos fazendo nossa faxina anual — explicou o homem. — E estamos com falta de pessoal para o serviço. — Ele pigarreou. Era pálido, estava bem-barbeado e parecia um tanto delicado. Lorraine imaginou que era a mulher quem devia estar fazendo o trabalho pesado de carregar tudo aquilo. — Como podemos ajudá-la?

— Estou aqui por causa de Carla Davis. Acredito que ela esteja na relação de seus casos. — Acrescentou um sorriso. Não faria mal.

A dupla se entreolhou.

— Eu sou Mark Dunn — falou o homem, num tom profissional. — Assistente social, proteção à infância. — Fez uma pausa, avaliando se a presença da investigadora constituiria alguma violação de confidencialidade.

— Ela está bem? — indagou a mulher, confirmando que, pelo menos, Lorraine estava no lugar certo. — A propósito, sou Tina Kent. Assistente social e carregadora. — Sorriu.

— Lamento dizer que ela foi agredida esta manhã. É por isso que estou aqui. — Lorraine captou a expressão angustiada da dupla e apontou para algumas cadeiras do escritório. Eles se sentaram imediatamente, enquanto Lorraine empoleirou-se na beirada de uma mesa.

— Ela está...? — arriscou Tina.

— Carla está viva, mas em péssimo estado de saúde. Infelizmente, seu bebê não sobreviveu.

— Ah, meu Deus! — Em choque, a mão de Tina se agitou até a boca. Mark suspirou e deixou a cabeça cair entre as mãos.

— A agressão aconteceu no apartamento dela. Uma amiga fez o alerta. Na verdade, salvou a vida de Carla.

— Caramba! — exclamou Mark. — Faz muito tempo que não a vemos, pois completou dezoito anos há algum tempo. — Lorraine sentiu que era uma delicada tentativa de lavar as mãos. — Ela era um dos nossos casos. Entrava e saía o tempo todo de orfanatos e lares adotivos, esse tipo de coisa.

— Na verdade, ela voltou a criar problema, Mark. Alguns meses atrás. — Tina falou baixinho, como se tentasse excluir Lorraine da informação confidencial. — Quando ficou grávida — continuou, quase diretamente para ele.

— Suponho que seu bebê seria prioridade para vocês, tendo em vista o passado de Carla — observou Lorraine.

Tina confirmou com a cabeça, ainda absorvendo o choque.

— Sim, seu estilo de vida não condizia exatamente com a criação de uma criança. Estávamos trabalhando com ela, a fim de colocá-la de volta nos eixos para o nascimento do bebê. Se ela não conseguisse, então teríamos que intervir. — Tina agora estava suando. Desenrolou o grosso cachecol do pescoço. Suas faces estavam tingidas de vermelho e ela enfiava os dedos no cabelo enquanto pensava. — Todos nós lidamos com ela ao longo dos anos. — Sua voz tremia.

— Creio que seu contato mais recente tenha sido com você ou com Claudia, não, Tina? — lembrou Mark.

— Foi comigo. Fui designada para ela quando soubemos por seu médico que estava grávida — informou Tina sem pensar, como se tudo tivesse sido sua culpa. Estava prestes a chorar. — Mas eu a conheci quando ela tinha uns oito anos. Eu tinha acabado de me formar, e ela foi um dos meus primeiros casos. Sua vida em casa não era nada boa. Com licença um momento. Desculpe. — Tina puxou uma porção de lenços de papel de uma caixa na mesa e, em alguns passos, subitamente irrompeu numa emotiva caminhada apressada para fora da sala. Seus passos ecoaram pelo corredor deserto, embora seu choro fosse ainda mais alto enquanto ela disparava para o banheiro.

— Tem sido uma semana difícil — comentou Mark.

Quer dizer isso logo para mim?, pensou Lorraine.

— Você mencionou que uma pessoa chamada Claudia havia trabalhado no caso de Carla. Precisarei falar com todos os envolvidos. É importante ter o quadro mais claro possível sobre quem Carla conhecia, quem eram seus amigos, o que ela fazia com seu tempo. Esse tipo de coisa. Não queremos perder nada.

— Não tem problema — confirmou Mark. — Carla vai ficar bem?

— É um pouco cedo para dizer. Tentamos interrogá-la, mas o que diz ainda não está fazendo muito sentido. Os ferimentos foram muitos sérios.

Mark fez uma careta.

— Sou assistente social há quase treze anos. Nada mais me surpreende.

Tina voltou para a sala.

— Lamento o que houve — desculpou-se vivamente, enfatizando a retomada de seu autocontrole.

— Eu estava de férias quando Carla foi retirada oficialmente de nossos cuidados. Foi abrigada em um conjunto habitacional e parecia estar se saindo bem. Então, meses atrás, seu médico nos notificou de sua gravidez e contou que ela continuava usando drogas. Também nos falou sobre a instabilidade de seu estado mental. Ela não estava muito bem, segundo ele. — Tina agora estava claramente disposta a falar. — Então, Carla voltou a ficar sob nosso radar... ou melhor, seu bebê ficou.

— Gostaria que fizessem uma lista de todas as pessoas que vocês acham que ela conhecia, dos lugares que costumava frequentar, onde conseguia drogas, qualquer coisa relacionada com a vida dela. Mesmo que não tenham certeza de que é relevante, por favor, incluam tudo o que souberem. Não posso ter certeza de quando ou se Carla estará em condições de ajudar.

Mark e Tina concordaram com a cabeça.

— Também gostaria de ter acesso ao processo do caso dela — afirmou Lorraine.

— Posso tentar achá-lo — prometeu Mark. — Embora, neste momento, vá ser difícil. — Apontou para a bagunça na sala.

— Acho que Claudia está com o processo — disse Tina a Mark, parecendo preocupada. — Ela estava fazendo a supervisão comigo, e tenho quase certeza de que está com ela. Claudia não estava se sentindo muito bem mais cedo. Foi para casa após uma reunião. Duvido que ela venha amanhã.

— Podem me dar o endereço dela? Vou visitá-la em casa — informou Lorraine.

A dupla concordou, e Tina, de repente, estava animada de novo, procurando caneta e papel. Lorraine sabia que, normalmente, eles trabalhavam em colaboração com a polícia — mas não com seu departamento ou em crimes tão sérios. Lorraine virou-se para ir embora. Parou.

— Suponho que o nome Sally-Ann Frith talvez signifique algo para vocês, ou não?

Mark e Tina se entreolharam e pararam um momento para pensar.

— Apenas porque ela está nos noticiários — explicou Tina. Então, seus olhos arregalaram-se como se seus pensamentos não estivessem muito distantes do da investigadora.

— Obrigada — agradeceu Lorraine, saindo antes que eles tivessem a chance de fazer perguntas. — Conheço o caminho até a saída.

*

Quando ela chegou, a casa estava cheia de adolescentes. Havia quatro garotas esparramadas na sala de estar, os pés com sapato sobre o sofá, potes com batata chips equilibrados na barriga e latas de Coca-Cola ao alcance da mão enfileiradas sobre o tapete. Um filme trovejava na televisão. Duas garotas que Lorraine não conhecia a cumprimentaram preguiçosamente empoleiradas na escada, enquanto davam risadinhas olhando para a tela de um iPhone, e um grupo maior se reunia na cozinha. Amontoadas em volta do fogão, elas deliberavam sobre uma grande panela de alguma coisa que, aliás, cheirava muito bem.

Lorraine largou ruidosamente a bolsa e as chaves na mesa da cozinha. Estava tirando o casaco quando Grace se virou com uma colher de pau a meio caminho da boca.

— Mãe! — exclamou, animada. — Quer um pouco de curry? Nós que fizemos.

Como se não estivesse acontecendo porra nenhuma entre nós, pensou Lorraine, furiosa. A aparente alegria de Grace era claramente por causa de suas amigas.

— Mas e os seus... — interrompeu-se Lorraine. Não conseguiria perguntar: *Mas e os seus planos de se mudar, largar a escola, se casar e a porra da conversa que precisamos ter?* — Está cheirando bem — falou, em vez disso. — Aceitarei um pouco, se tiver o suficiente para todas. —

Olhou para além do corredor. — Há uma porção de bocas para alimentar.

— Ah, sim. Você não se importa, não é, mãe? Eu disse que você ficaria numa boa. Nós ganhamos, sabe. Vinte a quatro. Foi uma partida sensacional.

— É, a gente arrasou! — A garota tinha aparelho nos dentes e, embora tivesse trocado as roupas do jogo, sua pele ainda brilhava de suor. Fios de cabelo preto grudavam na testa.

— Legal — disse Lorraine, tentando parecer vagamente simpática. Ela não conseguia entender como Grace podia se comportar de modo tão normal: certamente sabia que estava prestes a jogar sua vida fora. — Desde que tudo fique arrumado até nove e meia.

As duas sabiam que isso significava que Grace deveria se livrar de todo mundo naquele momento ou haveria problemas, mas, a julgar pela expressão desafiadora da filha, Lorraine não tinha certeza de que aquilo aconteceria.

Lorraine rapidamente sacou a rolha de uma garrafa de vinho. Prometera a si mesma que em breve ficaria uma semana sem uma gota da bebida, o que divertira muito Adam, quando ela lhe contara mais cedo. Levou a garrafa e uma taça para o andar de cima, tentando fugir da confusão das garotas. Poderia comer mais tarde, talvez com Adam, se ele chegasse em casa a tempo e se os dois ainda estivessem se falando.

A caminho do banheiro, parou diante da porta do quarto de Stella. Ouviu a filha mais nova falando ao telefone.

— Sim, eu sei... vou me mudar para o quarto dela assim que ela for embora. Ela me convidou para ser sua dama de honra!

Lorraine estremeceu. Não bastasse tudo isso, ela dolorosamente se deu conta de que havia ignorado Stella naqueles últimos dias, por conta do problema que Grace havia arremessado contra eles, sem falar nas duas investigações. Mas, às vezes, a vida é assim. Em mais algumas semanas, talvez houvesse mais tempo para ficar com a família. De qualquer modo, era o que ela esperava.

Lorraine bebeu um gole do vinho antes de bater à porta de Stella.

— Merda. Preciso desligar.

Desde quando Stella usa esse tipo de linguagem?

— Oi, querida. Só checando se está tudo bem. Está tudo certo?

Meu Deus, pensou Lorraine, estou parecendo uma mensagem de texto.

— Sim — respondeu Stella, refestelando-se em sua cama. — Quando aquele pessoal lá embaixo vai embora? — Fez uma cara de desaprovação.

— Com sorte, nove e meia. Você tem dever de casa?

— Já fiz. Estou entediada. — Ela estava deitada com os braços abertos e a cabeça pendendo da beirada da cama. O cabelo ia quase até o chão.

— Eu estava indo tomar banho, mas posso ficar e conversar, se você quiser. — De repente, a ideia de se aconchegar no pufe de Stella, batendo papo sobre maquiagem, revistas e rapazes, pareceu totalmente idílica a Lorraine, transportando sua mente para o mais longe possível de Carla Davis e Sally-Ann Frith. Nesse momento, não havia mais nada no mundo que ela quisesse fazer. Entrou no quarto bagunçado e tomou outro gole de vinho.

— Foi mal, mãe — desculpou-se Stella. — Mas sabe como é. Vou ficar no Facebook ou algo do tipo.

Lorraine sentiu uma pontada de decepção, então seu celular tocou. Era Adam. Stella tinha aberto seu laptop e já estava digitando no teclado como se a mãe não existisse. Lorraine saiu do quarto, sentindo-se desolada.

— O que foi? — vociferou um tanto impetuosamente.

— Carla Davis acordou. Está descrevendo o que aconteceu.

— Ah, é? — respondeu Lorraine, entusiasmada. Era um grande progresso. — Mais cedo do que supunham. — Adam havia esperado o máximo possível no hospital, após Carla ter voltado do centro cirúrgico, mas acabou tendo que designar outro policial para continuar a vigília.

— Pode vir ao departamento policial? Marquei uma reunião para daqui a meia hora.

Lorraine perscrutou escada abaixo. As duas garotas por quem passara na escada tinham sumido, mas havia um fluxo constante de meninas carregando pratos com curry e arroz para sua sala de estar. Ela suspirou.

— Está bem. Mas me dê uma boa notícia. Diga-me que o suspeito está sendo preso enquanto conversamos.

— Quem dera — lamentou Adam.

— Tirar um bebê ou uma criança de sua mãe não é tão fácil quanto você imagina. — Estou dizendo isso a Zoe, enquanto ela está sentada ali, me observando, tremendo, a boca ligeiramente aberta e o rosto adotando um tom rosado de verão, embora a casa esteja um gelo. Sua expressão gradualmente cede lugar ao choque quando lhe falo sobre o meu trabalho. Para completar o péssimo dia, o boiler pifou, de modo que puxamos nossas cadeiras para perto do fogão e cada uma vestiu um suéter a mais. Zoe fez o mesmo com os meninos, depois acendeu a lareira na sala de estar, agasalhando-os debaixo de um cobertor para assistirem ao desenho animado favorito.

Seguramos as xícaras de chá. Coloquei um saco de ervilhas congeladas na testa, que agora já derreteram. Zoe estende a mão e tira o saco gotejante de mim.

— Como você consegue fazer isso? Tomar legalmente o filho de outra pessoa? — Ela enfatiza o “legalmente”, como se houvesse outra maneira de fazer isso.

— Não é fácil. Crianças são encaminhadas para nossa equipe por um grande número de pessoas... polícia, clínicos gerais, médicos de hospitais, enfermeiras, parteiras, professores, amigos, parentes, vizinhos, qualquer um.

Zoe faz uma expressão interessada. Bebe o líquido de sua xícara como um passarinho desconfiado, olhando à sua volta o tempo todo.

— Em seguida, fazemos uma avaliação. Basicamente, são várias reuniões com ou sem os pais, assim como visitas planejadas ou de surpresa às residências. Temos que decidir se a criança ou as crianças, mesmo as ainda não nascidas, estão seguras para permanecer em suas casas. Caso contrário, apelamos aos tribunais para que sejam removidas até um lugar seguro, geralmente um lar adotivo provisório, enquanto tentamos encontrar uma residência permanente.

— E então o bebê é tirado de sua mãe — afirma Zoe, numa voz insípida. — Não sei se essa é uma solução.

— Talvez não — digo, tentando não esmagá-la com a realidade. — Mas você precisa entender que isso sempre é feito tendo em vista o que é melhor para a criança. Por que deixá-la crescer num lar violento, abusivo, sujo ou negligente, quando ele ou ela pode viver em um outro, estável e amoroso? — Minha cabeça ainda está latejando.

— Mas e as mães? O que acontece com elas? — Zoe parece perturbada e angustiada, como se, um dia, isso pudesse acontecer com ela.

— Bem — falo com todo o cuidado, sentindo como se estivesse explicando algo horrível a uma criancinha —, algumas, desde o início, são casos irrecuperáveis. Mesmo com apoio, não tentam mudar suas vidas. Às vezes, até mesmo ficam aliviadas por seus filhos terem sido tirados delas.

— Mais dinheiro para gastar em drogas e bebida.

Concordo com a cabeça.

— Mas algumas mudam de vida e conseguem seus filhos de volta.

Delicadamente, acaricio a barriga. A ideia de alguém tirar minha menininha de mim quando ela finalmente chegar é impensável, após todos os anos de anseio e decepção, tentativa e perda. Estremeço novamente, sem saber se é por causa do frio ou do que estou pensando.

— Ela está chutando?

Faço que sim com a cabeça e sorrio.

— Sinta. — Pego sua mão e coloco-a no local exato. Zoe franze um pouco a testa e move a mão

para outro ponto. Percebo o tremor. — Acho que ela voltou a dormir — digo, quando o rosto de Zoe não demonstra nada.

— Você não acha que... bem, não acha que o acidente... a machucou, acha?

Dou uma risada.

— Não, de modo algum. Ela passou um tempão chutando desde que chegamos em casa. Não se preocupe.

— Eu realmente acho que deveria ter levado você ao hospital. Não conseguiria suportar se algo acontecesse...

— Ela está ótima. Eu estou ótima. Acredite em mim. — Dou um tapinha na mão de Zoe. Ela sente muito frio. — Vou ligar novamente para o bombeiro hidráulico. — Teclo o número e, desta vez, ele atende. Promete estar aqui em meia hora.

Zoe prepara o jantar dos meninos, e decido ler alguns processos para afastar da cabeça tudo o que aconteceu. As últimas vinte e quatro horas foram uma torrente de emoções e acontecimentos fora do meu controle. Certamente não tem sido o melhor dos dias, decido, ao me instalar na escrivaninha de James com minha surrada bolsa carteiro de couro. James me deu a bolsa no último Natal. É perfeita para transportar os volumosos processos para as reuniões.

— É de segunda mão — eu comentara, curiosa, após tirar o papel de presente e passar os dedos pela superfície gasta.

— É vintage — ele me corrigira, com uma gargalhada. — É uma bolsa de carteiro antiga. Achei que você gostaria de pensar em todas as notícias boas que ela transportou. — Ele passara os braços em volta de meu corpo, como se eu fosse seu presente de Natal.

Tudo em que eu conseguia pensar agora eram as más notícias que a bolsa continha.

— O que é isso? — falei em voz alta, enfiando a chave sobressalente de James de volta na bolsa.

Havia algo no chão. Abaixei-me e peguei um botão. Era incomum: um fecho verde-escuro com uma padronagem roxa de ponta a ponta. Certamente não é de alguma roupa de James e não o reconheço. Dando de ombros, enfio o botão no bolso e começo a me dedicar à pilha das leituras que preciso fazer até amanhã, mesmo que não faça ideia se irei ao trabalho após minha aula para gestantes. Estou vivendo um dia de cada vez, no que se refere à chegada do bebê. Ninguém pode me censurar por isso.

Vinte minutos de uma leitura chocante — a transferência do caso de uma adolescente de outra área — e a campainha toca. Ouço Zoe atender. Ela recebe educadamente o bombeiro hidráulico e o leva até a área de serviço.

Volto para a vida trágica da adolescente de quinze anos grávida do padrasto. Ela se recusa a denunciá-lo e desonrá-lo, embora todos os profissionais que lidaram com ela saibam que ele é o responsável pela variedade de hematomas e ossos quebrados em seu corpo. Lares adotivos de emergência foram providenciados para seus dois irmãos, mas não para a garota grávida. Ela deve dar à luz a qualquer momento, e seu bebê está na minha lista de prioridades. Paro e imagino seu corpo jovem avolumando-se com a nova vida — uma vida criada pelo ódio e pelo medo. Como ela será capaz de amar esse bebê? Duvido que seja capaz de amar a si mesma, muito menos outra pessoa. O relatório do psicólogo confirma um longo histórico de automutilações, fome, pancadas na cabeça, abuso de substâncias — tudo salta da página. Há uma foto dela presa com clipe dentro do processo. Ela é pequena e pálida, com cabelo castanho na altura dos ombros. Usa uma blusa listrada de vermelho e azul, e seus olhos são enormes e castanhos, repletos de profundo desespero.

Mas, aninhado no canto de cada olho, como lágrimas que ela não quer verter, vejo lampejos de esperança. Quero ajudá-la de qualquer jeito.

Há uma batida na porta.

— Entre — digo e, antes que me dê conta, Zoe está parada diante da escrivaninha de James com o bombeiro hidráulico a seu lado. Seus olhos varrem rapidamente o escritório de James.

— Olá, Sra. M-B. — Ele me chama assim desde que consertou o banheiro, ano passado. — É bom vê-la. — Nota a minha barriga. — Caramba, o Sr. M-B andou ocupado. — Ele solta uma risada rouca e limpa as mãos no macacão.

— Muito obrigada por ter vindo, Bob. Estamos congelando. — Ainda estou tremendo, apesar do suéter extra.

— Receio não ter boas notícias sobre o boiler. Preciso de uma peça que só vou poder conseguir amanhã de manhã. Vocês vão sobreviver a esta noite?

Meu coração fica apertado.

— Vamos ter água quente?

— Vou providenciar que o aquecedor de imersão fique ligado, então a resposta é sim. Mas receio que deverá manter as lareiras da casa acesas durante a noite. Voltarei por volta das onze. Alguém estará em casa?

Confirmo com a cabeça e combino com Zoe. Ainda não tenho ideia do que o amanhã me trará.

Há um grito na cozinha, onde os meninos estão jantando. Zoe dispara para lá, enquanto acompanho Bob até a porta.

— Obrigada mais uma vez.

Fecho a porta e pego de uma vez um monte de casacos, jaquetas e roupas de lã que estavam pendurados junto à entrada, ao decidir que todos nós precisamos de mais uma camada de proteção.

— Tomem — digo, largando tudo no sofá da cozinha. — Vamos todos parecer o boneco da Michelin. — Caio na gargalhada ao mesmo tempo que Zoe. Seu olhar diz tudo: *você já está parecendo...*

— Esse é *meu* — queixa-se Oscar, quando Noah tira dele um casaco acolchoado.

— Não, aqui está o seu, Oscar — mostro. — O que tem um distintivo, lembra? — Acabo logo com a briga. Puxo da pilha um comprido e grosso cardigã tricotado que não reconheço. — Que bonito — comento, ao examiná-lo, imaginando se é uma roupa esquecida há muito tempo ou algo que Pip deixou para trás.

— Ah, é meu — informa Zoe, agradecendo com um tremor histriônico.

Quando entrego o casaco para ela, noto a fileira de fechos verdes e roxos abotoados à frente. Está faltando um.

*

Do chão, Pip me lança um pequeno aceno. Quero falar com ela, mas estou atrasada, e a aula já começou. Comparada à minha casa, o habitualmente gelado salão da igreja parece bem quente. Luto para me abaixar na esteira de ioga e me deito de lado. Não deixa de ser um esforço. Mary está falando sobre nos centrarmos e alinharmos nosso *chi* e de que modo isso está ligado à respiração. É um pouco Nova Era demais para o meu gosto. Quando penso em trazer minha filhinha ao mundo, só consigo imaginar gritos e dor. Não há nada pacífico e equilibrado em relação ao parto, como Mary está insinuando.

Início o curto levantamento de perna que Mary está demonstrando. Após alguns segundos, mesmo esses exercícios suaves começam a repuxar meus inúteis músculos abdominais.

— Respirem durante o movimento: para dentro e para fora... para dentro e para fora... — A voz da mulher é ritmada e suave. — Vocês estão fortalecendo o âmago, preparando-o para o grande dia...

para dentro e para fora... isso mesmo. Claudia, mantenha o joelho reto e não o levante muito alto.

Olho para Pip. Ela pisca. Mal consegue levantar a perna. Aposto que agora ela está maior do que eu.

Você está bem?, pergunto, movimentando silenciosamente os lábios.

Ela faz que sim com a cabeça. *E você?*

Franzo o nariz. Ela franze a testa e dá um tapinha no relógio. Concordo com um gesto de cabeça. Tenho sentido falta dela desde que Zoe começou a levar os meninos para a escola.

— Agora de pé, moças, e continuaremos com nossos principais exercícios. Neste, o importante é manter o equilíbrio. Baixem o pé, se sentirem que podem cair. — Mary ri com sua voz de robô e inicia uma investida para a frente que parece impossível com o tamanho da minha barriga. Ela nos olha individualmente. Fico imaginando se ela tem filhos. Não parece ser desse tipo.

Dez minutos depois, enquanto estamos deitadas em nossas esteiras, relaxando, lágrimas enchem meus olhos. A qualquer momento, uma vai escorrer pela bochecha e pingar no chão. Cerro os punhos para controlar a emoção, mas não consigo evitar. Imagino James, sabe Deus a que profundidade no mar, praticando manobras e treinamento num apinhado submarino cheio de maridos, irmãos, filhos. *Volte para casa a salvo, meu amor*, digo em minha mente, embora saiba que é apenas uma missão de rotina. Concentro-me no bebê que terei e que estará à espera do pai; quando ele voltar, nos tornaremos uma família de cinco, e ele vai sentir muito orgulho de mim. *Eu*, a mulher que sofreu incontáveis abortos e natimortos; *eu*, a mulher que disseram que nunca seria capaz de uma gestação completa e de ter um bebê vivo; *eu*, a mulher que sempre quis apenas a chance de ser mãe.

*

— Tem certeza de que é dela? — pergunta Pip.

Estamos nos entupindo de bolo de cenoura. Não conseguimos evitar.

— Ela admitiu que era. — Minha boca está cheia, e limpo as migalhas dos lábios.

— Olhe só para nós, imensas e gulosas — comenta Pip, rindo. — Eu vivo perdendo botões. Provavelmente, caiu quando ela estava conversando com James ou algo assim.

— Talvez — admito. — Embora eu o tenha achado perto da janela, onde James se senta. Não sei o que ela poderia estar fazendo ali. James é muito zeloso com seu escritório.

— Ora, Claud, pare com isso! Talvez tenha caído perto da porta e alguém o chutou. — Enfia mais bolo na boca e olha, faminta, a deliciosa mostra de doces no balcão da cafeteria.

— Chutou? — pergunta Bismah, bisbilhotando. Ela estava conversando com Fay, que passou a manhã inteira se sentindo enjoada, embora já esteja com cinco meses. — Quem está chutando? Deixe eu sentir. — Seu cabelo negro reluzente está preso para trás em um comprido rabo de cavalo ao longo das costas, e estou convencida de que seus olhos enormes vão estourar ao imaginar a sensação do pé ou da mão de um bebê.

— Infelizmente acho que agora não há nenhum bebê chutando — explico, imaginando o que Zoe diria disso. Ela está paranoica comigo desde o acidente de carro.

— E como vão as coisas com a sua babá, Claudia? — continua Bismah. — Gostaria que Raheem concordasse em me arranjar uma, então eu poderia voltar a dar aula. — Sua risada é delicada e me diz que ela não tem realmente intenção de voltar a trabalhar, com ou sem babá. Só diz isso por minha causa.

— Zoe — falo, pensativa, quase como se tivesse esquecido o nome.

— Sim, Zoe — confirma Bismah, divertida. As três aguardam ansiosamente o que tenho a dizer.

— Na verdade, estou dividida sobre o que penso a respeito dela — afirmo, chocando a mim mesma

por admitir isso abertamente.

— Nossa — solta Pip devagar. — Agora é um pouco tarde para pensar numa mudança.

— Eu sei. Eu sei. — Faço uma expressão de dor. Se não posso contar às minhas amigas, inclusive à minha melhor amiga, então para quem posso contar? — Ela é realmente legal. Cuida muito bem dos meninos e mantém a casa arrumada e...

— Mas você não gosta dela — diz Pip de modo cruel.

— Não, também não é isso. Verdade seja dita, eu realmente gosto dela. É um pouco reservada e fica na dela, mas isso é compreensível. Acho que teve problemas com o namorado.

— Então, é por isso. — Bismah sempre enxerga o melhor de cada um.

— Há algo nela que não consigo definir, mas, se tivesse que definir, eu diria que... — Olho para o teto. — Eu diria que... Ah, vocês vão pensar que estou sendo idiota.

— Não, continue — incentiva Bismah. Todas estão ouvindo.

— Eu diria que ela tem outros motivos para estar em nossa casa.

Assim que digo isso, me arrependo. Lembro-me de todas as coisas boas que ela tem feito para os meninos desde que está conosco, sem mencionar o quanto tem se esforçado para me agradar.

— Não tenho sido má com ela nem nada assim — acrescento ao perceber os rostos surpresos de minhas amigas. — Tenho certeza de que tudo vai se resolver.

— Hor-mô-nios — entoa Pip num tolo falsete.

— Nada disso — rebato duramente, e todas rimos. — Bem, talvez um pouquinho.

— Dê mais algumas semanas a Zoe. Depois que o bebê nascer e James voltar para casa, você vai ver como tudo entrará nos eixos. Zoe vai se dedicar à rotina das crianças, você poderá curtir sua licença-maternidade, e a vida ficará ainda mais perfeita. — Um sorriso exagerado sublinha a confiança de Pip. A túnica elástica que está usando gruda à enorme barriga, evidenciando o quão perto está de dar à luz. Adoro vê-la. Adoro a visão de todas nós.

— Você tem razão, é claro — falo para Pip. Mas ainda não consigo evitar o modo como me sinto.

Carla Davis parecia morta, ainda que não estivesse. Havia agulhas e tubos enfiados nas costas de sua mão e sensores adesivos de monitoramento em várias partes do corpo, deixando à mostra áreas de pele pálida por baixo da ineficaz camisola hospitalar com que a haviam vestido.

— Pode ter sido um monte de bobagem, é claro — disse Lorraine, olhando para a pobre garota na cama de hospital. — As drogas falando.

— Barrett disse que ela dorme e acorda o tempo todo.

Adam pegou a prancheta pendurada na extremidade da cama. Não demorou a colocá-la de volta no lugar, as observações rabiscadas e as bolinhas na tabela não significavam muita coisa para ele. — Mas continuou mencionando a mulher.

— O que, potencialmente, muda tudo — declarou Lorraine.

Possibilidades passaram rapidamente por sua mente, mas nenhuma combinava com o escasso perfil que haviam montado até agora. E continuavam sem ter certeza de que os dois ataques estavam relacionados, embora fossem repulsivamente semelhantes. Lorraine tivera esperanças de que mais pistas pudessem surgir dos ferimentos de Carla, mas a prioridade havia sido salvar a vida da mulher, levá-la para o centro cirúrgico, e não proceder a uma autópsia de seu corpo mutilado.

— Diga-me novamente o que mais Barrett informou — pediu ela.

Ele era um de seus melhores investigadores assistentes e nunca havia falhado em um interrogatório. Era minucioso e, mesmo sob pressão, mantinha o controle e a confiança

— Já repassamos isso mil vezes.

Era verdade. Eles haviam discutido a investigação detalhadamente na longa reunião da noite anterior, com a maior parte da equipe presente. Depois, Adam e Lorraine haviam conversado um pouco mais em casa, enquanto limpavam a bagunça que Grace e as amigas tinham deixado.

— A enfermeira-chefe só permitiu que Barrett falasse com Carla por poucos minutos. Ele achava que ela não fazia ideia de onde estava ou do que havia lhe acontecido. Estava muito confusa. Sabia coisas como seu nome e onde morava, mas não tinha lembranças do ataque em si, apenas dos instantes que o antecederam. Mas continuava dizendo que havia alguém à porta, e que teve que atender. Aparentemente, ficou bastante aflita com isso.

— A mulher misteriosa — observou Lorraine, já sabendo da história.

— Exatamente — concordou Adam. — Barrett pediu uma descrição, e ela apenas continuou repetindo “magra” várias e várias vezes. Isso não nos ajudou muito.

Adam subitamente inclinou-se sobre Carla quando ela se mexeu.

— Carla, consegue me ouvir?

Lorraine achou que ele ia sacudi-la.

— Pare com isso, Adam, vai assustá-la.

Ela também se aproximou da cama da jovem. Os lençóis cobriam o que ela só podia supor que fora uma grande barriga até pouco tempo antes. Será que ela ao menos se lembrava de que estivera grávida?, pensou Lorraine.

— Olá, querida, consegue me ouvir? — falou em tom suave. — Sou uma investigadora. Quero apenas lhe fazer algumas perguntas.

Lorraine deslizou o dedo de cima a baixo pela parte interna do pulso da garota. Havia uma cânula de plástico grudada nas costas de sua mão, com um fino tubo serpeando para cima até um suporte de

soro. A investigadora examinou a pele da parte interna do braço, na altura do cotovelo. As veias exibiam hematomas vermelho-arroxeados, com reveladores furos de antigas cicatrizes contrastando completamente com a pele leitosa. Aquilo não era obra de médicos.

— Querida, consegue me ouvir?

Carla soltou um breve gemido, em seguida virou a cabeça para a esquerda e depois para a direita. Os olhos estavam fechados, mas se abriram por um momento. Lorraine pôde perceber que não estavam focados em nada.

— Quero descobrir quem fez isso com você, querida. Consegue se lembrar de alguma coisa sobre a agressão ou sobre os agressores? Como eles eram?

Carla nada disse. A máquina atrás da cama emitia sons regulares, mostrando a pressão sanguínea, a saturação de oxigênio e o padrão respiratório. Lorraine não entendia os números, mas a máquina fazia um som estável, assegurando, de alguma forma, que Carla pelo menos estava se agarrando à vida.

— Vou ter que pedir para saírem agora. — Uma enfermeira havia entrado. — Preciso checar o dreno do ferimento.

— Voltaremos mais tarde — concordou Adam.

— Obrigada — agradeceu a enfermeira, retirando delicadamente os lençóis de cima de Carla.

Ela gemeu novamente, e a mão com a cânula agitou-se ao lado do corpo.

— Fique calma — disse uma segunda enfermeira, num ritmado sotaque irlandês. — Não vai querer arrancar tudo isso.

— Se ao menos ela falasse de novo — desejou Lorraine ao saírem do quarto. Trocaram breves cumprimentos de cabeça com o jovem policial que estava de guarda e então entreolharam-se rapidamente, lembrando-se da época em que haviam iniciado a carreira na força policial. Lorraine afastou as inevitáveis lembranças de como conhecera Adam, do quanto o idolatrara — não, do quanto o *venerara* — naquela época. Agora, via-se completamente incapaz de entender como o intransponível muro se erguera entre eles. Recusava-se a acreditar que era a única culpada.

Estavam junto ao carro de Adam, Lorraine estreitando os olhos por causa do sol que forçara caminho por entre as nuvens, antes da chuva de granizo que estava prevista para mais tarde.

— Que tal um café? — sugeriu ela, apontando para o trailer que servia bebidas e lanches estacionado ali perto. O cheiro de bacon era irresistível.

— Será que eles têm chá verde? — perguntou Adam, com um sorriso afetado.

— Vamos descobrir — respondeu Lorraine, surpreendendo a si mesma por tocar brevemente o braço de Adam enquanto seguiam para o quiosque. — Depois, venha comigo novamente até a casa de Russ Goodall. Tenho algumas perguntas a fazer. Com sorte, ele terá feito algum tipo de limpeza doméstica.

*

Não houve resposta quando Lorraine bateu à porta. Deu uma olhada através da enegrecida abertura de plástico para correspondência. Um cheiro pútrido emanou para fora numa lufada de ar quente.

— Meu Deus! — exclamou ela, recuando. — Será que há alguém morto aí dentro? — Os dois se entreolharam, esperando sinceramente que não fosse o caso.

Adam aproximou o nariz da abertura.

— Nenhum morto — disse ele prosaicamente. — O lixo precisa ser trazido para fora.

— Que cara nojento — comentou Lorraine, batendo à porta e, em seguida, recuando para olhar em direção ao topo da alta construção. Foi quando ouviram uma janela se abrir acima deles. — Olá —

gritou. — Polícia. Pode descer, por favor?

Seguiu-se um breve xingamento e, então, momentos depois, ouviram passos estrondando atrás da porta enquanto alguém descia a escada. A porta foi destrancada, abriu-se, e eles ficaram diante de Russ Goodall, de camiseta e cueca samba-canção, tremendo como se tivesse ficado na neve por três dias.

— Eu estava dormindo — justificou, desculpando-se.

— Podemos entrar e conversar com você? — indagou Lorraine.

Ela quase conseguia sentir o nojo de Adam.

— Sim, está bem — respondeu Russ, afastando-se para o lado. Tropeçou num saco de lixo que fora deixado junto à porta.

— Não poderíamos tê-lo levado para a delegacia? — cochichou Adam ao subirem a escada. Lorraine passou à frente, para entrar no pequeno conjugado sem banheiro, e deu-lhe uma cutucada no ombro por ele ser estúpido. Frequentemente, ela se perguntava se ainda era uma boa ideia os dois trabalharem juntos. Mais no trabalho do que em qualquer outro lugar, o comportamento dos dois tendia a decair ao nível do de crianças implicantes. Sabe Deus o que aconteceria se ela pedisse o divórcio. A transferência de um deles seria inevitável, mas por que teria que ser a dela?

— Sentem-se, se quiserem — ofereceu Russ, a voz aguda evidenciava medo e surpresa.

Havia apenas duas opções: uma suja cadeira de plástico ao lado de uma mesinha ou a cama bagunçada, que parecia fazer as vezes de sofá. Adam disparou para a cadeira, deixando Lorraine sem escolha, a não ser afundar no colchão arqueado e sentir o odor de suor quente e rançoso. Ela lhe agradeceria por aquilo mais tarde.

— Eu queria apenas repassar com você, Russell, alguns aspectos de sua relação com Sally-Ann. Não há nada com que se preocupar, só precisamos ter tudo claro em nossas mentes. Por que não coloca uma calça?

O algodão da cueca era tão fino que Lorraine estava convencida de que veria mais do que gostaria se seus olhos desviassem um pouco mais para baixo do peito de Russell. Ela conseguia perceber a maior parte de seu tronco magricela, subnutrido, por baixo do tecido sujo e gasto da camiseta folgada. Ele concordou com a cabeça e pegou um jeans rasgado. Um cheiro repugnante emanou da calça quando ele lutou para enfiá-la, saltitando no tapete puído. Finalmente, sentou-se na cama ao lado de Lorraine. Ela afastou-se para a esquerda.

— Você e Sally-Ann discutiram alguma vez, Russell? — Foi Adam quem falou primeiro. Lorraine estivera prestes a fazer a mesma pergunta. Eles queriam apenas deixá-lo confortável, quase aliviado por desabafar a verdade sobre qualquer coisa de que agora estivesse arrependido.

Ela pegou a deixa que Adam havia mais ou menos lhe dado.

— E não nos referimos simplesmente às briguinhas habituais que acontecem com todos os casais. — Olhou para Adam. Ele não retribuiu o olhar, mas ela percebeu a mandíbula se cerrar. — Estamos mais interessados em saber se as coisas, bem, esquentaram demais, se é que me entende.

— Eu nunca bati nela, se é isso que está sugerindo. — Russell estava nervoso.

— Nós entendemos como essas coisas acontecem: pequenos desentendimentos que aumentam progressivamente e se tornam desproporcionais... — observou Adam, lançando um rápido olhar na direção de Lorraine.

— Também compreendemos que, às vezes, esses pequenos desentendimentos não são realmente pequenos; que talvez um de vocês possa ter tido um bom motivo para se sentir contrariado. — Lorraine enfatizou “um bom motivo”.

— Embora, às vezes, esses *bons motivos* possam ter sido inteiramente mal interpretados pela outra

pessoa — acrescentou Adam, olhando fixamente para Lorraine.

— Mas, supondo-se que não tenham sido, de modo algum, *mal interpretados* — prosseguiu Lorraine, falando diretamente para Adam —, supondo-se que um dos dois estivesse certo, então é compreensível que talvez possa ter se tornado *violento* em relação a essa outra pessoa. — Lorraine sentiu uma gota de suor brotar em sua testa. Encarou de modo insensível as ridículas emoções que se armavam e virou-se para Russell.

— Embora eu deva enfatizar que nunca toleramos violência. — O queixo de Adam se projetou, e Lorraine quase pôde ver a pressão se formando dentro dele.

— Eu me lembrarei disso, investigador — afirmou Lorraine, tensa em meio a um sorriso forçado. *Antes de lhe dar um soco*, acrescentou em sua cabeça.

— Eu nunca bati nela, juro — insistiu Russ, completamente alheio às entrelinhas que eram traçadas bem diante de seu nariz. — Ela ficava com um tremendo mau humor.

— Continue — pediu Lorraine.

— Acho que a gravidez piorou isso. — Russ baixou a cabeça e passou o dedo por um rasgo na coxa da calça jeans. Um pedaço de pele branca, cabeluda, surgiu através dele. — Num minuto, ela estava feliz... tipo, *realmente* feliz. No seguinte, queria acabar com tudo.

— Estava deprimida? — perguntou Adam.

— Talvez. Sei lá. Ela costumava ir muito ao médico. — Russ parecia profundamente infeliz. — Tudo começou quando *ele* apareceu.

— Liam?

Russ confirmou com a cabeça.

— Ele estragou tudo entre nós. Acho que a gente teria se casado se ele não tivesse se metido. Ele usou Sally-Ann, usou mesmo. Usou para sexo casual, da mesma maneira como fez com aquela outra pobre mulher.

— Sabemos com certeza que ele era o pai biológico do bebê — informou Adam, fazendo Lorraine bufar. Ela ia esperar para dar a notícia a Russ, mas Adam se adiantara.

Russ levou algum tempo para reagir, mas, quando o fez, ficou claro que estava convencido de que era o pai.

— Ah, não! — exclamou, sem rodeios. — Isso é muito triste.

— É verdade que toda essa incerteza causou muito atrito entre você e Sally-Ann?

Confrontado com a verdade, Russ assentiu com a cabeça.

— Sim. Mas eu ia fazer a coisa certa. Eu fiquei do lado dela; queria aquele bebê.

— E Sally-Ann queria? — perguntou Lorraine.

Russ ergueu a cabeça. Após alguns segundos, respondeu:

— Não. Não acho que ela queria de verdade.

— Então, por que ela não interrompeu a gravidez? — questionou Adam. — Mulheres têm outras opções.

— Houve uma vez que eu realmente pensei que ela fosse fazer isso, se livrar do bebê, mas mudou de ideia.

— E quando foi isso?

— Assim que descobriu que estava grávida. Após o choque inicial, ela ficou realmente empolgada. A gente estava no shopping Bullring, procurando coisas para bebê em lojas de departamento. Todas aquelas coisinhas em rosa-claro e azul-bebê. Mas então, de repente, ela ficou realmente estressada por ter que ser uma boa mãe, com o preço de tudo. Foi como se alguém tivesse ligado um interruptor.

— Na loja de departamento? — indagou Adam.

— Sim. Num minuto, ela estava curtindo roupinhas de bebê e, no seguinte, socando os itens expostos e arrancando roupas das prateleiras. Estava gritando e tudo o mais. Fazendo o maior escândalo. Quase destruiu a loja. — Russ estava claramente perturbado com a lembrança.

— Que coisa terrível. O que aconteceu? — perguntou Lorraine.

— Tentei acalmá-la. Seus braços socavam e se agitavam, e ela chutava as coisas. Gritava que não queria o bebê, que queria se livrar dele ali mesmo e naquele momento, e que ela mesma faria isso, se fosse preciso. Berrava que o odiava, que o bebê arruinaria a vida dela. — Russ agora sussurrava, claramente traumatizado pela lembrança. — As pessoas olhavam, agrupavam-se em volta. Uma senhora veio tentar ajudar, disse que entendia a situação, que ela precisava se acalmar. Sally-Ann desabou no chão, então o gerente apareceu e a levou até o fundo da loja, para tomar uma xícara de chá. Depois, a gente foi para casa.

— São poderosos, esses hormônios.

Lorraine olhou fixamente para Adam. Às vezes, ele era um completo idiota.

— Isso tudo deve ter sido muito angustiante para você, Russell — observou ela. — Algo parecido voltou a acontecer?

— Ela continuou de mau humor, mas nunca mais falou que queria fazer um aborto. Eu a pedi em casamento. — Russ conseguiu dar um leve sorriso ao pensar nisso.

— Lamento por você, Russ. — Lorraine falava sério. — Pode me dar o nome da outra mulher com quem Liam Rider aparentemente tinha um caso?

Russ coçou a cabeça.

— Só descobri por acaso — disse. — Fui à faculdade falar com ele, para mandá-lo se afastar da minha Sally. Eu o encontrei... bem, sabe, fazendo coisas com essa outra mulher. Foi nojento.

— E o nome dela? — lembrou Adam.

Russ pensou bem.

— Ela dava um curso noturno na faculdade. Design de joias ou algo assim. Eu me lembro de tê-la achado uma mulher muito esquisita.

— Nome? — insistiu Adam.

Russ deu de ombros.

— Ela também tinha um nome esquisito. Tipo Delia ou Celia. Sei lá. Perguntem na faculdade. Ela tinha cabelo ruivo encrespado, todo emaranhado.

Quase não me dou o trabalho de atender à porta, mas se Claudia souber que perdi uma entrega ou deixei de receber uma amiga, isso vai fazer com que ela se pergunte o que eu estava fazendo. Prometi a ela arrumar o armário de roupa de cama e terminar a pilha de peças a costurar, que parece ter sido acumulada durante uma existência. Vários itens haviam sido amontoados na área de serviço com um papel grudado que dizia “precisam de conserto”.

São trabalhos como esses, Claudia me falou quando comecei, que farão toda a diferença na casa. Ela sorriu, como se aquilo — como se *eu* — fosse a coisa mais importante do mundo.

Que coisa mais trivial, lembro-me de ter pensado quando lhe disse que gostava de costurar, que tinha um olho bom para detalhes. Talvez tenha mesmo, penso, enquanto me aproximo, relutante, da porta da frente. Talvez tenha absorvido isso de Cecelia, ao observá-la trabalhar durante as longas noites de inverno. Ela se curvava sobre a mesa de nosso minúsculo apartamento, uma luz focada nela, brilhando como se houvesse um pequeno sol particular em seu mundinho. Às vezes, ela trabalhava olhando por uma lente gigantesca sobre um suporte. Certa vez, olhei para ela através da lente; seu corpo metamorfoseado como se estivesse na casa dos espelhos de um parque de diversões. Ela pareceu imensa e distorcida, como um grande animal prenhe. Eu não disse nada. Isso a teria matado, principalmente porque ela não estava grávida.

Quem quer que esteja lá fora já tocou a campainha três vezes.

Destranco a porta e a escancaro.

— Claudia Morgan-Brown está em casa? — pergunta uma mulher vestida com um terninho.

— Sinto muito — respondo. — Só vai estar à noite. — Tentei me lembrar da hora que ela disse que voltaria.

— Sou a investigadora Lorraine Fisher — anuncia.

Olho para ela. Sinto-me desfalecer. O chão some sob meus pés.

Merda.

— Está tudo bem? Parece um pouco pálida. — Ela dá um passo à frente.

— Estou bem — afirmo, apoiando-me no batente da porta.

— Alguma ideia da hora exata? — continua ela, batendo os pés, como se estivesse com frio e impaciente. Enfia as mãos nos bolsos do paletó.

— Não... não tenho certeza. — Rezo para que ela tenha vindo apenas por causa do acidente de ontem.

— E você é? — pergunta.

Minha boca não se mexe. O que devo lhe dizer? Não estava esperando por isso.

— Zoe — consigo dizer amavelmente. — A babá de Claudia. — Por que mandariam uma investigadora por causa de um acidente de trânsito? Nem consigo imaginar uma resposta.

— Ah! — Ela claramente acredita em mim. — Mas não faz ideia da hora que a Sra. Morgan-Brown vai voltar?

— Acredito que por volta das seis ou das sete — informo vagamente, olhando para o relógio. Forço minha mente a lembrar-se de mais cedo. Claudia disse que se sentia melhor, que queria ir à aula para gestantes e depois ao trabalho.

A investigadora parece exasperada por causa de minha resposta imprecisa.

— Olhe — digo —, se é por causa do acidente, ela está bem. Tudo foi resolvido no local. Eu

decidi não levar adiante.

— Acidente? — pergunta ela.

— Bateram na traseira do nosso carro ontem. Com Claudia grávida e... bem, graças a Deus, ninguém se machucou. — Consigo até mesmo soltar uma leve risada.

— Não é por isso que estou aqui — continua. — Entregue isto à Sra. Morgan-Brown, está bem? Diga a ela para entrar em contato, se eu não a localizar nesse meio-tempo.

Pego o cartão de sua mão enluvada e observo-a ir embora. Após fechar a porta, trancá-la e passar o trinco, encosto na parede. Preciso de toda a minha força de vontade para não me deixar escorregar até o chão. Olho para o cartão. As palavras Unidade de Investigação de Grandes Crimes estão impressas na parte central. Corro até o banheiro e vomito.

*

Não adianta. Preciso vê-la novamente. Digito uma mensagem, mas não consigo apertar a tecla para enviar. Em vez disso, caminho em volta do jardim com os pés descalços, deixando que a grama fria e molhada espete meus dedos e a lama escorregue para baixo das unhas. De volta ao interior da casa, ligo meu computador e entro em uma de minhas contas de e-mail — aquela reservada para me comunicar com ela — e rapidamente digito uma mensagem que ela não pode ignorar.

Quero lhe dizer que sempre vou amá-la e me importar com ela. Não sei o que mais posso fazer.

Querida Cecelia... Apago isso. Parece formal demais.

Oi, Cecelia,

Sei que as coisas não saíram do modo como você esperava naquela noite no pub, mas isso não quer dizer que não amo mais você. Você sabe que sempre amarei. Fiz uma promessa e vou cumpri-la. Só preciso de um pouco mais de tempo.

Com amor, H.

Bjs

Qualquer coisa para mantê-la seguindo em frente, para manter viva a esperança.

Rio e deleto o e-mail. Não posso enviá-lo. Poderia ser visto ou interceptado por alguém. Tudo é rastreável. Não sou idiota. Eu poderia muito bem quebrar todas as regras ao me comunicar com Cecelia, mas deixar um rastro eletrônico, quase anunciando as minhas intenções, não é o modo como as coisas deveriam ser feitas. Deleto também o rascunho.

Consulto o relógio. Ainda há tempo. Os meninos estarão brincando na casa de Pip até as seis. Impulsivamente, coloco o casaco, as botas, o cachecol e pego as chaves do carro. Se eu for até o apartamento, ninguém jamais poderá provar o que foi dito entre nós.

*

Estaciono e caminho até a porta. Ainda sei o código de entrada e, como sempre, ninguém se preocupou em girar o trinco principal, portanto, consigo entrar no prédio. A bicicleta de Kim está apoiada na parede. Será que ela não foi trabalhar hoje? A mesa do saguão está repleta de correspondência; ao que parece, a maior parte é propaganda, e há também um saco com garrafas para reciclagem. Está ali há séculos.

Nada disso tinha que acontecer, penso tristemente. Ela poderia ter conseguido ajuda, ter feito as coisas de modo diferente, ter me escutado. *Ainda não é tarde demais*, tento me convencer, enquanto também me culpo por ter sido fraca demais. Ao longo dos anos, ela me forçou a fazer coisas com as

quais nunca havia sonhado. Sempre foi assim entre nós — sua incompreensível necessidade de alimentar minha culpa pela falta de tempo. É algum consolo, penso, ao subir os degraus rangentes, saber que não é inteiramente minha culpa. Longe de suas garras, enxergo as coisas mais claramente. Cecelia é uma mulher forte, persuasiva; sempre foi — uma mulher desesperada com poderes mágicos que só funcionam em mim. Foi por isso que tentei — *tentei!* — ficar longe dela, mas nós duas sabemos que não é tão fácil quanto parece. Ela usa minha fraqueza por ela, pois sabe que farei qualquer coisa que me peça.

Subo outro lance de escada até o apartamento do último andar. Bato à porta. Colo o ouvido na madeira, mas não consigo ouvir nada. Normalmente, quando ela está trabalhando, deixa o rádio ligado e canta qualquer porcaria antiga. Isso me deixava louca. Louca no bom sentido, uma loucura que me fazia amá-la ainda mais. Cecelia sabia que eu faria qualquer coisa por ela.

— Heather! — exclama ela, surpresa ao me ver. Está usando um cafetã esvoaçante. Ela mesma o fez, com um velho sári. Se Cecelia não está criando algo, não está sendo Cecelia. — O que está fazendo aqui?

— Eu meio que moro aqui — respondo.

— Não, não mora — rebate ela, de imediato. — Você foi embora. Abandonou a mim e o apartamento. E deixou a maior parte das suas coisas aqui. Foi por isso que veio? Para buscá-las? — Ela está se agitando e contorcendo dentro do tecido. O cabelo está caído em volta dos ombros em gloriosas ondas de fogo.

— Não. Na verdade, vim ver você.

— Ah! — Ela parece decepcionada, embora eu saiba que este é o modo de demonstrar que está feliz ao me ver. — Eu ia fazer chá. — Deixa a porta escancarada e bate em retirada.

Cecelia e chá são um caso de amor. Para ela, nada de jogar um saquinho de chá numa xícara. Em vez disso, arruma a mesa de jantar (uma mesa oval dobrável que compramos por trinta pratas, num leilão, quando nos mudamos para cá) como se fosse servir um jantar completo. Começa aquecendo a chaleira. Em seguida, pega, de uma prateleira alta e fazendo barulho, um enorme e amassado bule de metal — que juro que é feito de alumínio e não nos tem feito bem — e o coloca no bagunçado balcão. Quando a lenta e velha chaleira ferve, ela aquece o bule, mas, enquanto isso, arruma garfos de bolo com cabo de osso, pratos, pires e xícaras com motivos florais lascados e de conjuntos diferentes e o suporte para bolo que comprou na última liquidação da Harrods em janeiro. “Toda cozinha devia ter alguma coisa da Harrods”, disse ela certa vez, desembrulhando o delicado objeto floral de seu papel de seda. Isso só fez com que eu a amasse mais.

Ou talvez eu apenas sentisse pena dela.

— Assei esta manhã. Estão fresquinhos — diz ela, arrumando uma coleção de brilhantes cupcakes cobertos com glacê roxo e laranja na prateleira mais baixa do suporte. Na de cima, empilha minibolos com confeitos prateados enfiados na cobertura de fondant, que sei que ela também fez. São todos ligeiramente disformes, cada um feito cuidadosamente para ser diferente dos outros. Cecelia encara a produção de bolos do mesmo modo que a confecção de joias. Os dois têm que ser pródigos, embora de certa forma singulares; modestos, mas ainda assim sedutores. E o mais importante: além de feitas à mão, duas peças jamais devem ser iguais. Ela ficou corada, de tanto gargalhar, quando me contou isso.

Cecelia.

— Ajude-me a tirar as cascas. — Ela me passa a faca e uma pilha de pão integral. Sei exatamente de que maneira ela gosta dele. O ritual é estranhamente reconfortante, muito diferente do que enfrento em meu trabalho. O trabalho sobre o qual Cecelia não sabe nada, o trabalho que me faz evitar cair no

mesmo lugar onde agora ela reside — uma paisagem insana que ousei olhar apenas de relance. É tudo para o bem dela.

— Camarão? — pergunto. É o que ela costuma comer.

— Hoje é salmão defumado — responde ela, colocando um pedaço do peixe entre os lábios e lançando-me um sorriso culpado por cima do ombro, como se eu não a conhecesse.

Aperto o salmão entre as fatias de pão após acrescentar uma porção de agrião cortado. Divido os sanduíches em quatro, com cortes diagonais, e os enfileiro na prateleira do meio do suporte para bolo. Coloco tudo na mesa. Cecelia põe colheradas de ervas de chá Lapsang Souchong no bule e ferve novamente a água da chaleira. Em pouco tempo, estamos sentadas uma diante da outra: eu curvada sobre meu prato violeta com borda floral, e Cecelia com o sol brilhando por entre seu cabelo enquanto a luz flui para o interior do apartamento. Isso dura apenas cerca de vinte minutos nesta época do ano, mas, no verão, leva quase uma hora.

— Isso parece mais um almoço do que um chá da tarde — confessa Cecelia. — Você sabe como eu sou quando estou imersa em trabalho. Os dias passam sem que eu pense em comida.

Isso não é totalmente verdade. Cecelia é obcecada por comida, mas, ainda assim, consegue ser magra como uma caneta.

— Coma — fala, vendo meu prato vazio. — Se você estivesse grávida, estaria esfomeada.

Teria sido melhor se tivesse me dado um tapa na cara.

— Sinto muito ser um fracasso. — Pego um sanduíche e dou uma mordida. Não tem gosto de nada e serve apenas para conter as lágrimas.

Olho para Cecelia. Ela continua ali, mas, de certa forma, está mudada. Fiz tudo o que pude por ela, tudo o que prometi, mas é como se estivéssemos em lados diferentes de uma montanha muito alta. Não vejo um meio de contorná-la.

— Você não é um fracasso. — Desliza a mão pelo suporte de bolo e segura a minha. Os dedos fortes amassam os nós dos meus. Está me machucando. — Não em essência. Teremos apenas que bolar outro plano.

Concordo com a cabeça. Se estivesse vendo esta cena num filme, eu gritaria “Dê o fora! Fuja!”. Não preveria um final feliz. Por que, pergunto a mim mesma, enquanto meus dedos se entrelaçam aos dela, sempre deixo que ela faça isso comigo? Para ser sincera, sei a resposta, mas sou burra demais para enfrentá-la.

— Não era para ser desta vez — digo-lhe, como se estivesse pronta para tentar novamente, como se toda a minha determinação fosse um dente-de-leão soprado. Limpo a boca num guardanapo. — Estou bolando um plano.

Suas sobrancelhas se erguem, formando dois picos curiosos. Ela me faz suspirar.

— E o que está propondo exatamente? — pergunta. — Uma concepção imaculada? — Solta uma risadinha e pega um cupcake. Coloca-o no prato de porcelana e lambe o indicador e o polegar. Serve-se de mais chá, observando-me por baixo do cabelo frisado. Seus olhos são de um verde brilhante, cintilando de um jeito provocante, como esmeraldas esquecidas em meio à decoração de brechó do apartamento. Estou certa de que ela acumulou mais uma tonelada de coisas desde que fui embora.

— Não posso dizer — alego, sabendo na hora que é como jogar gasolina numa fogueira. — Você terá que confiar em mim.

— Você sabe que não confio — retruca, mordendo o bolo enquanto me analisa com um olhar sério.

— É complicado. Mas haverá um bebê.

Se eu analisasse racionalmente o que estava dizendo, o que estava planejando *de novo*, e em tão

pouco tempo após a última vez, seria melhor estar presa agora. *O que estou pensando?* Mas então olho para Cecelia e me lembro de como éramos felizes, e que se houver uma pequena chance de recuperar isso, então estou disposta a correr o risco, sem me importar com a maneira como possa terminar. É apenas como deve ser.

— Como vai seu *emprego*? — pergunta. Sinto a amargura com que lança a palavra.

— Eu...

— Ah, sim. Bobagem minha. Esqueci que não gosta de falar sobre isso.

Baixo a cabeça. Contar a ela sobre Claudia e James, envolvê-la na vida dos gêmeos... ela não entenderia. Não *conseguiria* entender. Começaria com uma leve curiosidade, um suave interesse, até ela ferver com ciúme e raiva furiosos. Com tudo o que está acontecendo, é fundamental que ela não saiba nada sobre eles. Seria cruel demais.

— Sim, você sabe que não quero falar sobre isso — repito, como sempre faço. Há um nó se formando em minha garganta e não tem a ver com o sanduíche que estou devorando para sufocar o que realmente quero dizer. Sou especialista em ficar de boca fechada.

— Ah-la-la-ri-la-rá para seus preciosos empregos — canta Cecelia, de modo rude. — A verdade é que não consegue manter nenhum por tempo suficiente para ter algo interessante para me contar. Quantos teve só no ano passado? Cinco, seis? Acho que foram mais. — Ela tem razão. Tive muitos empregos. E também está certa sobre o fato de não ter me saído bem em nenhum deles.

Cecelia levanta-se e pega seu prato vazio, girando-o nas mãos.

— Acho que teve dezenas de empregos idiotas e foi demitida de todos eles. — Ergue o prato acima da cabeça. — Diga-me o que devo fazer com você, Heather. Você não me deu um bebê e não tem uma carreira. — O prato gira em câmera lenta pelo ar, espatifando-se na parede acima de sua mesa de trabalho. Os cacos caem em torno de sua peça mais recente.

Tento engolir o sanduíche, mas ele não desce, então deixo-o cair de minha boca para a mesa. Ponho-me de pé. Minhas pernas estão tremendo.

— Você sabe que quero que seja feliz, Cecelia — sussurro, migalhas caindo dos lábios. Agarro seus ombros estreitos e ela se encolhe. — É só que...

O olhar em seu rosto me detém — aquele olhar de confiança, de necessidade, de esperança.

Não me deixe na mão, seu rosto implora.

— Você terá um bebê — garanto-lhe e saio, sentindo-me nauseada ao pensar no que preciso fazer.

Mantenho o aquecimento ligado no máximo, agora que o boiler foi consertado. É maravilhoso andar pela casa com os pés descalços e uma enorme e folgada camiseta sobre a calça de moletom. A geada de ontem à noite durou até esta tarde, realçando nossa rua com um tom prateado. Liguei para o trabalho, após a aula para gestantes, e avisei que não iria. Estou muito cansada. Há coisas que posso fazer de casa, e me sinto mais à vontade trabalhando aqui. Zoe saiu, talvez para alguma pequena tarefa, e estou aproveitando a paz. Mas, assim que arrumo a pilha de processos e a lista de ligações a fazer, a campainha toca. Levanto-me com esforço do sofá e caminho bamboleando até a entrada. Um homem e uma mulher estão parados diante da porta, parecendo tão sérios que juro que meu coração parou por um segundo.

É o momento do qual toda mulher de militar tem pavor.

— É sobre James? — pergunto, em pânico. A aparência deles é exatamente como sempre imaginei. A mulher usa terninho escuro e os óculos escuros estão enganchados na cabeça; o homem se encontra parado e rijo, enfiado num longo casaco preto. — Ah, meu Deus, digam-me que ele está bem.

Independentemente de James estar ou não numa zona de guerra, seu trabalho geralmente é perigoso. Certa vez, ele me contou o que aconteceria, que eles viriam em dupla, que os meninos e eu receberíamos ajuda. Minha boca está seca, e acho que o coração acelerou tanto que parou completamente.

— Sou o investigador Scott, e esta é a investigadora Fisher — anuncia o homem, como se já tivesse dito isso milhares de vezes na vida.

— Quem é James, querida? Seu marido? — indaga a mulher, com um sorriso aprazível. Eu confirmo. — Não se preocupe, não estamos aqui por causa dele. Você é Claudia Morgan-Brown?

Confirmo novamente com a cabeça e inspiro fundo.

— Em que posso ajudá-los?

— Passei aqui mais cedo. Falei com sua babá — informa ela.

Sinto-me instintivamente culpada, como se eles achassem que fiz algo errado.

— Ah, entendo. Ela não me falou.

— Podemos entrar? — pergunta a mulher.

— Sim, é claro — respondo, saindo do caminho. — Venham para a sala. Estou trabalhando em casa hoje. — Junto os processos e os coloco sobre a mesa de centro para abrir espaço. — Por favor, sentem-se. — Eu me instalo no espaço ao lado da mulher. O homem se senta à nossa frente.

Gostaria que James estivesse aqui.

— É justamente por causa de seu trabalho que estamos aqui — explica o homem. — Não queremos ocupá-la por muito tempo.

Solto a respiração. Não tinha notado que a estava prendendo.

— Ajudarei no que puder — afirmo. Na repartição, lidamos o tempo todo com a polícia, mas apenas uma vez me encontrei com investigadores. Não é nada fora do comum. Começo a relaxar.

— Você provavelmente deve ter visto no noticiário que houve outro ataque a uma mulher grávida — começa a investigadora Fisher. Olha para minha barriga, e sei no que ela está pensando, que não devia ter mencionado isso por medo de me perturbar. — Por um milagre, a garota sobreviveu — acrescenta, compassiva.

— Porém, o bebê não teve tanta sorte. — O interesse do homem é mais prático. — Portanto,

estamos lidando com outro caso de assassinato.

— Ah, isso é terrível. — Não sei o que dizer.

— Esperamos que isso não vá transtorná-la... — A mulher dá outra olhada em minha barriga.

— No trabalho, vejo coisas ruins acontecerem com crianças o tempo todo — falo, com sinceridade. — Eu não diria que essas coisas deixam a pessoa insensível, mas consigo distanciá-las da minha vida pessoal. — Quero que eles entendam. — Assistentes sociais jamais teriam filhos se não conseguissem traçar uma linha para separar as duas coisas. — Tento fazer um gracejo, mas não tenho êxito. Os investigadores permanecem sérios.

— Receio que o ataque mais recente tenha sido a alguém com quem você estava lidando. Lamentamos ser os portadores da má notícia. — Há uma pausa, e eu me preparo. — A mulher grávida era Carla Davis. Sentimos muito.

Instantaneamente, minha determinação de manter o trabalho fora de minha vida particular se desfaz em pedaços. É quase como se Carla estivesse em minha sala, gritando comigo por tê-la abandonado, por permitir que tal coisa lhe acontecesse. Como eu poderia ter feito as coisas de modo diferente?

Escondo o rosto nas mãos e contenho o choro. Para o bem de Carla, não posso perder a calma. Preciso me manter forte e ajudá-los.

— Minha nossa! — exclamo. — Não fazia ideia. Ouvi falar brevemente da notícia, mas não sabia que era Carla. Não acredito. — Mesmo sentada, sinto-me tonta e desfalecendo. É uma notícia terrível.

— Sinto muito — repete a investigadora Fisher. — Também foi um choque para seus colegas.

— Nosso trabalho nos aproxima muito dessas pessoas — comento baixinho, mal conseguindo absorver tudo aquilo. — Precisamos conhecê-las, nos tornar parte de suas vidas, monitorá-las e checar seu progresso, tentando dar a seus filhos um melhor começo de vida. Sei que disse que não me deixo envolver emocionalmente, mas é muito difícil.

— Eu entendo, querida. — Ela parece estar sendo sincera. — Infelizmente, foi negado ao bebê de Carla esse direito à vida. Precisamos lhe fazer algumas perguntas sobre ela. Carla está no hospital e até agora não conseguiu nos dizer muita coisa.

Escondo novamente o rosto ao pensar nisso. Meu corpo padece de compaixão.

— Por favor... — Levanto a mão. — Eu direi a vocês tudo o que sei, mas não sou boa em detalhes específicos... sabem, sobre o que aconteceu com ela. — Quero ajudá-los. — Apenas me digam, ela vai ficar bem?

— É muito cedo para afirmar — responde o homem. — Mas os médicos estão esperançosos.

Movo a cabeça solenemente.

— Eu a conheci quando ela tinha uns doze anos, embora saiba que havia mais tempo que estava sob observação de nossa seção. Creio que sua escola nos alertou. Era o de sempre... péssima rotina em casa, mãe desempregada e viciada em drogas, e o pai entrava e saía da prisão. Não faz muito tempo que sua mãe morreu.

— Estamos interessados em saber quem são seus amigos e, principalmente, em quem poderia ser o pai do filho dela.

Paro um momento para pensar. Quero fazer isso direito.

— Lembro que ela tinha uma amiga muito próxima. Acho que o nome dela era Emily.

— Poderia ser Emma?

— Sim, sim, Emma. Isso. Era uma ajuda e tanto para Carla. Emma veio de um ambiente mais estável e, aliás, trabalhava conosco na reabilitação de Carla. Como a mãe, Carla também era viciada em heroína.

A investigadora faz anotações.

— Conte-nos mais sobre as drogas.

— Ela sempre esteve metida com uma ou outra... maconha, qualquer tipo de pílula em que conseguisse pôr as mãos, crack e, finalmente, heroína. Estava sempre viciada em alguma coisa, desde que começamos a ajudá-la até quando completou dezoito anos e a instalamos em seu próprio apartamento. Acho que nessa época ela permaneceu limpa por uns dois meses. Engravidar, aliás, ajudou-a em um nível prático e quase lhe deu o impulso de que precisava para endireitar a vida. — Suspiro, lembrando-me da primeira vez que fomos visitar Carla em sua própria casa. Rezei para que ela saísse dessa. — Não era mais nela em que estávamos interessados... já tinha mais de dezoito anos... mas no bebê que estava a caminho. Nenhuma criança deveria ser criada nas condições que Carla oferecia. — Então, penso em seu bebê morto e me sinto enjoada; a sala fica entrando e saindo de foco. Não consigo aceitar o que aconteceu.

— Então, tem alguma ideia de quem é o pai? — pergunta o homem.

Penso demorada e intensamente.

— Ela teve alguns namorados — conto-lhes. — Mas, pelo que me recordo, nenhum durou muito. Uma mulher jovem como ela, morando sozinha, fica muito vulnerável. — Então, penso em mim mesma. Na extremidade oposta do espectro social, minha vida está a mundos de distância da de Carla, mas, apesar disso, eu poderia ter sido atacada com a mesma facilidade. Quando James está longe, sou uma espécie de mãe solteira. — É melhor perguntarem a Tina Kent, minha colega, para ter certeza. Ela andou lidando com Carla recentemente. Eu apenas supervisionava o caso. É provável que Tina saiba mais sobre o pai do bebê.

— Conversamos com Tina mais cedo. Pegamos alguns processos, mas ela observou que está faltando um, o mais recente, que aparentemente está com você.

— Ah, sim — digo. Devo tê-lo trazido dias atrás, mas está trancado em segurança no escritório de James. Ninguém conseguiria ter acesso a ele lá. — Posso buscá-lo se quiserem dar uma olhada. Como chefe da repartição, é meu trabalho analisar regularmente casos que estão sendo acompanhados por outros assistentes sociais. Vemos isso como controle de qualidade. — Já estou de pé, bufando enquanto falo, para ir buscar o processo.

— Obrigada — agradece a investigadora Fisher —, isso seria útil. — Então, acrescenta: — Falta quanto tempo? — Aponta para minha barriga.

— Demais — respondo, com uma risada. — Umás duas semanas, mas, se ela nascesse hoje, eu ficaria muito feliz.

— Ela?

— O ultrassom revelou que é menina. Já tenho dois meninos gêmeos... sou a madrastra deles... por isso, vou adorar companhia feminina.

— Tenho duas filhas. Adolescentes. Só dão problema. — A investigadora diz isso com um sorriso forçado.

Caminho bamboleando até o escritório e abro o arquivo que James me deixa usar para meu trabalho. Se os processos são retirados da repartição, não tenho permissão de deixá-los no carro ou sem vigilância, mas eles ficam temporariamente seguros num arquivo à prova de fogo no escritório trancado. Localizo a papelada e volto à sala. Os investigadores estavam conversando, mas param quando entro.

— Aqui. — Estendo-o. — Vocês devem ter assinado algum documento na repartição por ele.

A investigadora Fisher apresenta a cópia de um formulário no qual Tina havia relacionado os outros documentos. Acrescento os detalhes deste processo e rubrico junto à assinatura da

investigadora. Estou satisfeita por ter feito a coisa certa. Não que eu pudesse ocultar informações da polícia.

— Espero realmente que ajude.

Durante os quinze minutos seguintes, perguntam-me mais sobre minha relação com Carla, seu vício em drogas, seu estado mental na última vez que a vi, sua família e até mesmo sobre suas aspirações. Talvez eu devesse ter lhes oferecido uma xícara de chá, mas só quero que eles vão embora. O choque de tudo aquilo está me fazendo mal. Finalmente, eles se movimentam.

— Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer — ofereço, conduzindo-os pelo corredor —, por favor, entrem em contato.

Os dois assentem com a cabeça e apertam minha mão, gratos pela ajuda. Quando se viram para ir embora, Zoe está se aproximando da casa de mãos dadas com os gêmeos. Vem conduzindo-os até a entrada. Ela diminui o passo e olha fixamente para os investigadores, de repente baixa o olhar e desvia do caminho. Os oficiais mal a percebem, envolvidos numa intensa conversa, e agora o homem está falando ao telefone, enquanto se afastam a passos largos pela rua.

Quando Zoe passa depressa por mim, murmurando e resmungando, tento imaginar por que ela parece tão fantasmagoricamente magra e pálida.

*

Mais tarde, há um e-mail de James em minha caixa de entrada. Não esperava receber um tão cedo. Meu coração palpita ao pensar em saborear as poucas linhas que ele deve ter enviado. Instalo-me na cama com uma xícara de chá e olho para a tela do laptop equilibrado sobre minhas pernas. Quero absorver o nome do remetente e o assunto do e-mail enquanto a mensagem permanece sem ser lida e repleta de promessas. Sinto muitas saudades dele.

O que terá a dizer desta vez? Talvez me conte que o submarino deu meia-volta e está retornando ao porto. Talvez esteja, neste exato momento, dirigindo pela autoestrada em direção à nossa casa sem saída para o mar, pronto para abandonar sua carreira na Marinha. Não é como se precisássemos de dinheiro. Tenho certeza de que a fortuna herdada da família seria o suficiente para manter uma vida confortável ou mais que isso até a velhice, porém James diz que ainda não pode mexer no dinheiro, que nem o sente como seu. Eu não entendo, mas ele fica furioso se me intrometo.

Tomo um gole do chá e clico na mensagem. Como desconfiava, é curta. Deve ter sido checada pelos militares antes de chegar à minha caixa de entrada.

Minha querida Claudia, sinto desesperadamente sua falta... Os meninos estão bem? Agora no Mediterrâneo e missão seguindo como planejada. Não consigo evitar pensar se já teve nosso bebê. Não tenho muito tempo, mas meu coração está sempre com vocês. Z está se comportando? Espero que esteja valendo a pena. Envie e-mail com notícias, quando puder. Vou checar regularmente. Todo meu amor, como sempre, James.

É sempre quase a mesma coisa, exceto que, desta vez, ele mencionou Zoe. Deve lhe dar algum consolo saber que não estou completamente sozinha. Nossas famílias não moram perto; os pais de James vivem na Escócia, e minha mãe emigrou para a Austrália anos atrás. A família de Elizabeth está estabelecida nas Ilhas do Canal, de modo que nem os gêmeos nem minha filhinha terão os avós corujas por perto. Mas James vê o lado positivo e diz que temos casas de veraneio já prontas.

A primeira vez que James me deixou para viajar foi apenas duas semanas após eu ter me mudado para sua casa. Os amigos ficaram preocupados por ele ter apressado as coisas após a morte de Elizabeth, com medo de que eu fosse simplesmente uma creche instantânea para os meninos, mas não me importei. Eu o amei desde o início e sabia que queria estar com ele para sempre, com carreira

militar ou não. Ele veio junto a um pacote, mas tudo bem. Já naquela época eu quis lhe dar um bebê, e ele se mostrou plenamente de acordo com a ideia. Disse-me que poderia ser difícil engravidar, já que ele passava muito tempo longe de casa. Quis lhe dizer que, se não tivéssemos um filho, não seria esse o motivo.

Pouso a cabeça no travesseiro e atento para os ruídos. Está tudo silencioso. Zoe deu banho nos meninos e os colocou para dormir uma hora atrás, eu li uma história para os dois e beijei seus cabelos. Eles me abraçaram, perguntando quando o papai ia voltar.

— Vou sair mais tarde — Zoe me avisou na cozinha. Para falar a verdade, fiquei contente pelo tempo em que ficaria sozinha. A visita dos investigadores havia me perturbado. Eu pretendia apenas ver um pouco de televisão para distrair minha mente, mas, em vez disso, resolvi mandar um e-mail para James, e foi quando vi que ele havia se antecipado a mim.

— Zoe, Zoe, Zoe — digo, colocando o laptop a meu lado na cama. Ainda estou preocupada por ela ter andado bisbilhotando o escritório de James. Detesto pensar nela se metendo em nossos assuntos.

Pego meu livro e me instalo para ler, mas não consigo me concentrar. Quero outra xícara de chá. Lá fora, no patamar, ouço um dos meninos se mexer, então enfio a cabeça pela porta do quarto deles. Oscar chutou seu edredom para fora da cama e, mesmo dormindo, sua mão tateia em volta, à procura. Ajeito sua cama, planto outro beijo em cada gêmeo e deixo o quarto, fechando a porta.

De volta ao patamar da escada, a casa continua calma e silenciosa. Será que Zoe já saiu? Não tenho certeza. Imagino se ela também gostaria de uma xícara de chá, mas não quero chamá-la no andar superior, pois poderia acordar os meninos. Preparo-me para a cansativa escalada, tentando me convencer de que quero oferecer-lhe chá apenas para ser amigável e não porque quero dar uma olhada em suas coisas. Não subo ali desde que ela se mudou.

Quando estou perto do topo, sussurro seu nome o mais alto que me atrevo. Não há resposta. Olhando junto ao corrimão, vejo a pequena área que dá em seus aposentos. A luz foi deixada acesa. Um moletom foi largado sobre o carpete, e uma toalha está pendurada numa cadeira. Um cheiro estranho paira no ar — levemente floral, um pouco almiscarado, mas estranhamente triste e antiquado. Ele me atrai para cima.

— Zoe? — chamo novamente, ao alcançar o patamar. Seguro com força a lombar. — Você está aqui em cima?

Nada, então dou uma olhada no interior do cômodo que ela usa como sala de estar. Colocamos uma TV ali para ela, e há um velho sofá, assim como um pufe. Acharmos que ocasionalmente ela poderia querer receber alguém, embora isso ainda não tenha acontecido. Se acabou de romper com o namorado, ainda não deve estar se sentindo muito sociável. Ela não disse aonde ia esta noite.

Bato delicadamente na porta de seu quarto, mas não há resposta. Olho na direção da escada. Consigo ouvir um dos meninos roncando baixinho. Conheço cada som da casa — cada rangido de tábua do assoalho, o ruído peculiar de cada porta, os caminhos barulhentos do antigo encanamento — e, após checar aqui em cima, escutando novamente com atenção, tenho certeza de que Zoe não está em casa.

— Você está aí, Zoe? — tento mais uma vez, minha natureza obsessiva levando a melhor sobre mim. Odiaria que ela achasse que eu a estava espionando, mas, sendo honesta comigo mesma, estou desesperada para dar uma olhada rápida em seu quarto. Afinal de contas, a casa é nossa.

Movo a porta com cuidado, abro-a um pouquinho e olho lá dentro. Está escuro, e não consigo enxergar muita coisa, mesmo com a luz do patamar penetrando no quarto. Meus olhos se dilatam. À primeira vista, parece que há alguém deitado na cama, mas, quando abro a porta totalmente, vejo que é apenas uma pilha de roupa e uma mala. Parece até que ela andou empacotando suas coisas e depois

se arrependeu.

E se ela aparecer? Paro a fim de escutar ruídos, mas só ouço o som de minha respiração e o zumbido do medo. Se Zoe voltar, não conseguirei escapar depressa.

— Ora, pare com isso — cochicho alto. — Você está exagerando. — A casa é minha, posso subir aqui se quiser. Posso simplesmente estar procurando alguma coisa... Afinal, há uma estante no patamar da escada, com alguns dos meus antigos livros da universidade. Direi a ela que estou procurando algum deles.

Levanto algumas das roupas que estão espalhadas por ali — há um emaranhado de coisas que a vi vestindo ultimamente. Camisetas, calças jeans, camisas de algodão e alguns cardigãs foram jogados na cama, que está desfeita, e tudo está uma grande bagunça. Talvez aquilo tudo seja roupa para lavar. Talvez ela vá levar a pilha toda, na mala, para a lavanderia lá embaixo, se bem que é meio grande para transportar poucas peças.

A visão de sangue me faz prender a respiração. Encolho-me e fico quase sem fôlego, mas então me inclino mais para perto, a fim de inspecionar a mancha marrom cor de ferrugem no interior de um suéter. Está do avesso, e parte do revestimento de lã está coberto por uma crosta que certamente parece sangue. Passo o dedo indicador pela mancha. Parece seca e coagulada. Ergo a roupa até o nariz. Há um forte cheiro metálico rançoso. Sinto-me ligeiramente enjoada, mas então me impeço de ser ridícula, de me tornar ainda mais paranoica em relação a Zoe. Ela provavelmente apenas se cortou, decido, embora deva ter sido um corte e tanto se aquele foi o resultado. Ao colocar o suéter de volta no lugar, noto o pequeno rasgo no ombro e o círculo de sangue em volta.

Levanto-o novamente e seguro a roupa entre o indicador e o polegar. Tento engolir, mas minha boca está seca. *Ah, meu Deus, e se ela feriu um dos meninos.* Minha mente dispara, mas logo me dou conta de que estou sendo irracional. Se ela tivesse feito isso, as roupas deles também estariam ensanguentadas e certamente eu teria notado. *A não ser que ela as tivesse lavado antes de eu perceber...*

— Oscar e Noah teriam me contado — digo em voz alta, esquecendo que Zoe poderia chegar a qualquer momento. Noah não é exatamente do tipo passivo.

Contudo, não consigo evitar me sentir preocupada. Recentemente, tornei-me muito paranoica e não gosto nem um pouco disso. James diria que são meus hormônios levando a melhor, que meu corpo está inundado de sentimentos incontroláveis. Eu diria que estou apenas sendo protetora com relação à minha família — *super*protetora, constato, mas não consigo evitar. Assim que o bebê chegar, nossa unidade estará completa, e eu serei a mãe mais feroz das redondezas. Como posso confiar em Zoe, agora que vi isso?

Afasto-me da cama, sentindo-me tonta, e o quarto de Zoe torna-se um borrão, como se eu estivesse num carrossel em alta velocidade. Há lágrimas em meus olhos, e sei que não são por um bom motivo, mas não consigo contê-las. O que ela está escondendo de mim? Tenho certeza de que há alguma coisa.

Num ataque de atrevimento, escancaro as portas do armário. É visível que minha babá não tem habilidade organizacional no que se refere a seus próprios pertences. Está tão bagunçado quanto o restante do quarto. Então, vejo o teste de gravidez — o mesmo que caiu de sua bolsa quando chegou a esta casa. A caixa está ao lado de um par de botas, no chão do armário, como se tivesse sido arremessada ali. Eu a pego. A embalagem de celofane fora retirada. Abro a caixa e vejo que falta um dos dois bastões de plástico branco, e o que restou está quebrado ao meio. Aparentemente, não foi usado. Por que Zoe aceitou esse emprego se achava que estava grávida?

— Será que isso tem a ver com o término com o namorado? — pergunto-me baixinho, embora não

seja realmente da minha conta. Mas suponho que seja, se o resultado foi positivo.

Coloco de volta na caixa os pedaços do bastão. Por que ela o quebrou? Ficou irritada com o resultado? Talvez *quisesse* engravidar — ou não. Não adianta tentar adivinhar a vida pessoal de Zoe. O único modo de descobrir com certeza é perguntando a ela. Mas aí ela vai saber que andei bisbilhotando.

Meu coração palpita por causa da curiosidade, quando vejo a pequena câmera digital, que parece ter sido jogada no chão do guarda-roupa ou então caído de um casaco. É compacta o bastante para caber num bolso. Minha boca saliva com a ideia de passar as fotos pelo visor, enquanto meu coração protesta com mais palpitações culpadas. É apenas porque sinto que há mais coisas a respeito de Zoe do que as que sei. É isso, afinal de contas, que digo a mim mesma.

Vou sorrateira até a porta e escuto de novo. O ronco cessou, e a casa está totalmente silenciosa, exceto pelo ruído do aquecedor quando o aquecimento central é acionado outra vez. Sei que tenho que fazer isso, embora James fosse dizer que eu estava louca. “Ora, Claudia, deixe para lá. Venha se sentar comigo junto à lareira.” Quase consigo ouvir sua voz exasperada.

Pego a câmera e a retiro do estojo fino em que está guardada. Parece um modelo mais recente e caro, do tipo que James e eu usamos. Ligo-a, agradecida por funcionar do mesmo modo. Vou para junto da porta, um dos ouvidos se concentrando nos ruídos. Será que, daqui de cima, consigo ouvir a porta da frente?

Passo as fotos de Zoe e sorrio com as primeiras. Ela fotografou Oscar e Noah no centro de recreação, e Lilly está em algumas delas. As cerca de doze fotos seguintes são de Pip, tiradas do outro lado da sala. Não parece que Pip sabe que está sendo fotografada. Então, há algumas de nossa visita ao oceanário, embora estejam escuras e desfocadas. A seguir, há fotos de nossa rua. É como se ela a tivesse fotografado de cada extremidade e, em algumas fotos, nossa casa fosse o foco. Sem dúvida, para mandar para familiares ou amigos, deduzo, para lhes mostrar onde trabalha. É normal, digo a mim mesma. Temos sorte de viver num bairro tão agradável.

Meu cérebro não assimila de imediato as imagens seguintes, portanto, avanço e depois volto todas elas. Parecem ser fotos de documentos. Não consigo compreendê-los exatamente, mas há muitos, e todos são o mesmo... mas sutilmente diferentes. Meus dedos pairam sobre os botões da câmera, por um momento incertos sobre qual deles é o de zoom, mas então me lembro. Amplio uma das imagens, minha boca fica seca e o coração dispara de tal forma que parece subir pela garganta. Ponho a mão na parede para me equilibrar.

— Oh, meu Deus! — exclamo, quando o texto fotografado fica claro. — Que diabo...?

Forço a vista para ler o que está escrito, embora não precise. O nome no topo da página me diz claramente o que ela andou fotografando.

Então, ouço... o som familiar da pesada porta da frente batendo. O ruído converge escada acima, reverberando pela casa silenciosa.

Merda, merda, merda.

Minhas mãos se atrapalham com a câmera, desesperadas para desligá-la e colocá-la de volta no estojo. Tento fechá-lo, mas o zíper emperra. Largo o estojo no fundo do guarda-roupa e caminho bamboleando em direção à escada o mais depressa que meu corpo permite, fechando a porta. Consigo ouvir os passos de Zoe se aproximando. Está cantarolando uma música suave, como se estivesse feliz. Sou lenta demais. Jamais conseguirei chegar ao primeiro andar sem ser flagrada no meio do caminho, então me ajoelho diante da estante. Tento disfarçar que estou esbaforida.

— Zoe, não se assuste — falo alto, do modo mais normal possível, sem realmente gritar. Não quero acordar os meninos. — Estou aqui em cima, procurando um livro.

— Ah — faz Zoe, parecendo intrigada. Sua cabeça surge atrás das barras do corrimão. Estamos próximas, mas é como se uma de nós estivesse numa jaula. Tenho a sensação de que sou eu.

— Sinto muito — digo. — O título é *O serviço social e a lei*, mas não encontro em lugar algum. — Corro o dedo pelas lombadas dos meus antigos livros didáticos. Sei exatamente onde está, mas finjo não vê-lo.

Zoe sobe e se agacha a meu lado. Vira a cabeça.

— Aqui está. — Posso sentir seu olhar queimando minha face.

Pego o livro.

— Obrigada — agradeço, virando-me para ela. Nossos rostos estão separados por centímetros. — Não o estava achando. — A tensão entre nós é quebrada quando tento me levantar.

Zoe estende as mãos e ri.

— Ainda bem que eu voltei — comenta ela —, ou você ficaria empacada aí a noite toda. — Há algo no modo como diz isso que me faz pensar que ela sabe o que andei fazendo.

— Você me salvou — afirmo, com outra risada, e desço a escada.

— Boa noite — fala baixinho, quando estou fora de vista.

— Boa noite — respondo, e vou para o meu quarto.

Imediatamente, ligo meu computador. Em poucos segundos, estou procurando pelo nome Zoe Harper na internet, como se toda a minha checagem anterior de suas referências tivesse sido perda de tempo. Os principais resultados da busca são as habituais páginas do Facebook e de outras redes sociais. Clico em todas, mas nenhuma é dela. Há vários vídeos de pessoas chamadas Zoe Harper, algumas ocorrências em bancos de dados e negócios dirigidos por pessoas com o mesmo nome, como também uma abundância de páginas aleatórias com as palavras de minha pesquisa. Meus olhos vasculham as informações à medida que repasso os inúmeros resultados. Há muita coisa para checar. Meia hora depois, continuo na mesma.

Ligo para o celular de James só para ter o consolo de ouvir sua voz. Não faz sentido eu deixar um recado, pois ele só vai ouvi-lo quando voltar.

— Querido, preciso de você. Estou assustada — sussurro, após ter desligado. Penso em lhe enviar um e-mail, mas isso só serviria para deixá-lo preocupado, e não há nada que ele possa fazer.

Deito-me na cama, completamente vestida. Encaro o teto. Não tenho ideia do que devo fazer. Por que, ah, *por que*, a minha babá andou fotografando o processo do serviço social sobre Carla Davis?

Lorraine não suportava mais sentir tanta preocupação por Grace. Não apenas porque não estava atendendo ao telefone — normalmente, ela não atendia, e em geral demorava a responder mensagens de texto — nem porque ela se esquecera de levar seu lanche embalado de manhã ou porque faltara à aula de direção (o instrutor irritadíssimo havia telefonado no horário da aula). Certamente, Lorraine estava desenvolvendo a profunda e perturbadora sensação de que um dia, muito em breve, Grace nunca mais voltaria para casa. Brincou com a garrafa de cabernet. Era realmente cedo demais para uma taça, por menor que fosse. Tomar vinho não resolveria nada, muito menos faria sua filha mudar de ideia. Devolveu a garrafa à pequena adega.

— Ah, Grace, Grace, Grace...

Apoiando-se na pia, olhou pela janela e refletiu. Ficou imaginando quanto tempo se passaria até que comesçassem as fofocas assim que Grace largasse a escola, se mudasse, se casasse. Haveria todo tipo de história: os pais não conseguiam lidar com ela, a pobre garota fugiu, estava sendo abusada, ficou grávida, eles a expulsaram de casa... Lorraine tremeu. No que quer que as pessoas acreditassem, ela, como mãe, levaria a culpa. E talvez merecesse. Se Grace não estava feliz, se queria ficar com a família de Matt, então *devia* ser culpa dela. Ultimamente, ela mal tinha sido uma mãe-normal-que-fica-em-casa, não estava disponível vinte e quatro horas por dia de verdade. Não conseguia se lembrar da última vez que assistira a Grace jogar uma partida de netball ou que tinha ido a uma reunião de pais na escola. Quanto a ir ao cinema ou ao shopping e sair para almoçar no sábado, isso não acontecia havia séculos. E que tal um simples e honesto papo entre mãe e filha à mesa da cozinha?

Lorraine cobriu o rosto, e então pegou novamente o vinho. Desta vez, ela o abriu.

— Eu gostaria de saber como uma mãe-normal-que-fica-em-casa se viraria na porra de um trabalho como o meu, com um marido que acha que pode... pode... — Ela fechou os olhos, desesperada. — E uma filha disposta a fazer tudo para estragar a própria vida. — Serve-se uma taça e toma um gole, sentando-se meio curvada à mesa da cozinha, murmurando para ninguém.

— E aí, mãe?

Stella já estava xeretando a geladeira quando Lorraine percebeu que a filha mais nova tinha entrado. Teria ela ouvido suas divagações? Acontecesse o que acontecesse, não queria que as meninas sofressem pelo que Adam havia feito. Não, isso ficaria apenas entre os dois, embora ela não tivesse certeza de por que o protegia. Talvez porque divulgar a fraqueza do marido significaria que ela também era fraca; que não fora capaz de mantê-lo. A pergunta era: por quanto tempo ela manteria o sigilo?

Ah... ela expulsou o pensamento da cabeça e, em vez disso, deu um abraço em Stella.

— Que saudades suas, pequenina — disse.

— Tem um tempão que você não me chama assim.

Lorraine sentiu a filha retribuir o abraço e, por alguns segundos, tudo pareceu estar bem.

— Bom, estou chamando agora. Pequenina.

Houve um sorriso mútuo, o de Lorraine acompanhado pelo pensamento de que pelo menos um membro de sua família não havia enlouquecido por completo.

Stella desvencilhou-se delicadamente e voltou à geladeira.

— O que tem para jantar? Que fome!

— Quando Grace virá para casa, querida? — Ocorreu a Lorraine que, como mãe, ela provavelmente tinha a obrigação de saber. Sentiu-se envergonhada por ter que perguntar a Stella. Também lhe ocorreu que deveria ter trazido alguma comida.

— Ela disse que não viria... — a voz de Stella foi minguando, e ela ficou vermelha. Um cacho de cabelo louro caiu-lhe sobre o rosto, quando ela, pensativa, baixou a cabeça. — Poxa, na verdade, não me lembro de quando ela disse que voltaria.

— Stella... — alertou Lorraine.

— Talvez mais tarde?

Lorraine segurou Stella com delicadeza pelos ombros, apesar de sentir uma onda de pânico.

— Onde está sua irmã?

— Na casa de Matt? Com uma mala? — Mais perguntas, em vez de uma afirmação, mas tudo isso informou a Lorraine o que ela precisava saber. Grace teria contado seus planos a Stella? Ela sabia que as filhas eram próximas.

— Obrigada, querida. Vou trazer o jantar. — Arremeteu na direção da escada. — Assim que eu trazer sua irmã de volta.

No andar de cima, Lorraine enfiou a cabeça pela porta do quarto de Grace. Havia séculos que não entrava ali. Estava uma bagunça, e era difícil dizer se a filha estava em processo de mudança ou se o quarto havia sido assaltado. Sua penteadeira, porém, contava uma história. A maior parte de sua maquiagem sumira, assim como várias fotos de Matt que ela tinha grudado no espelho.

— Merda!

Lorraine desceu a escada correndo, agarrou o casaco, a bolsa e as chaves — agradecida por não ter tomado mais do que um gole de vinho — e preparou-se para o confronto.

*

Havia sido ideia de Adam anotar o número da placa do carro do namorado de Grace. Na ocasião, Lorraine o chamara de “pai helicóptero”, aquele que vive cercando os filhos, sufocando-os. Agora, enquanto dirigia, conteve uma gargalhada meio irada, meio histérica, lembrando-se de Adam, apenas de cueca samba-canção, sacudindo-se pelo quarto e fingindo ser um helicóptero. Mas, antes disso, ele tinha olhado pela janela do quarto deles, espionando Grace e Matt se despedindo no Mazda vermelho que o namorado da filha dirigia. Foi duro ver tanta coisa pelo para-brisa embaçado, mas aquilo apenas significou para Adam que o comportamento dos dois não era nada bom.

— Nada bom? — indagara Lorraine. — Não acho que muitos adolescentes apaixonados diriam que uns amassos dentro de um carro fossem “nada bom”.

Na época, Adam ainda não tinha lançado sua bomba em cima dela. Ainda eram felizes, ou era o que ela achava.

— Eu não gosto disso e pronto — fora a resposta de Adam, ao observar os adolescentes por uma fresta na cortina.

— Deixe-os em paz — retrucara Lorraine, dando um tapinha na cama para chamá-lo. — Pelo menos ele a trouxe de volta numa hora razoável. Poderia ser muito pior.

Adam bufara e começara a procurar algo pelo quarto.

— O que está procurando?

— Caneta e papel.

— Para quê?

— Para anotar o número da placa do carro dele.

— Ora, pelo amor de Deus — repreendera Lorraine, apagando o abajur do seu lado da cama. —

Venha dormir, Adam. — Mas ele continuou tateando pelo quarto escuro. — Anote no seu Blackberry se não está encontrando uma caneta.

— Está na cozinha, carregando.

— Droga. — Lorraine tinha acendido novamente a luz e jogado seu celular para ele. — Tome, use o meu.

Agora, dirigindo para Selly Oak, lembrando que Grace comentara que Matt morava lá, ela agradeceu pela obsessão de Adam. Fora apenas uma ligação de dois minutos para conseguir o endereço que constava no registro da placa do carro. Durante o curto período em que Grace estava saindo com Matt, eles não tinham conhecido os pais dele ou descoberto onde ele morava exatamente. Não parecera necessário. Eles achavam que o relacionamento se esgotaria em pouco tempo, como todos os outros. Eles simplesmente não tinham tempo para brincar de conhecer os sogros.

Dirigindo pela rua de Matt, Lorraine suspirou forte. Certa vez, Grace mencionara algo sobre o pai de Matt trabalhar no hospital, mas Lorraine não pensara muito a respeito; imaginara que poderia ser porteiro, segurança, enfermeiro. A julgar pelas grandes casas da região, ele claramente era médico. Sob circunstâncias normais, isso a deixaria plenamente satisfeita. Agora, tudo em que conseguia pensar era que ele tinha dinheiro para gastar num casamento de primeira e ajudar o casal a conseguir uma casa.

Cranley Lodge era uma grande casa imitando o estilo Tudor, com um amplo jardim frontal e um extenso acesso para entrada e saída de veículos. Três carros estavam estacionados na área pavimentada — uma Ranger Rover, uma Mercedes e o Mazda de Matt, um elegante modelo MX-alguma-coisa do qual Adam se queixara amargamente. *Quem compraria um carro novo como aquele para um motorista iniciante?* Um pai rico, Lorraine agora sabia, embora na ocasião ela tivesse ficado do lado de Matt, achando que talvez ele tivesse trabalhado nos fins de semana e economizado. Ironicamente, lembrou-se de que defendera o rapaz, dizendo que ele era bastante sensato.

O celular de Lorraine tocou quando ela saiu do carro. Era Adam. Ela ouviu atentamente o que ele tinha a dizer, quase sem comentar nada, e falou que estaria em casa em meia hora e que conversariam depois. Nem mesmo o que ele descobrira sobre Carla Davis a detivera em seu caminho. Pressionou com força a campainha da porta, ao mesmo tempo em que batia na abertura da caixa de correio.

Queria a filha de volta.

— Olá. — Uma mulher pequena, recém-chegada à casa dos cinquenta anos, atendeu rapidamente. Era elegante e bem-arrumada. *Típica esposa de médico*, pensou Lorraine, com amargura, enquanto prendia o cabelo despenteado atrás da orelha.

— Sou a investigadora Fisher — apresentou-se, com ar sério. Aquele seria, sem dúvida, o único momento de acerto de contas que teria, pensou, enquanto observava a maquiagem da mulher, um rosto provavelmente com botox tentando um preocupado franzir de testa.

— Algum problema? — perguntou ela.

— Seu filho está? — indagou Lorraine, ainda em seu tom de voz profissional. Queria que a mulher tivesse um momento de aflição que fosse, no mínimo um décimo do nível do dela.

— Matt? Sim. Por quê?

Lorraine esperou o máximo que pôde antes de forçar um sorriso.

— Ótimo, então isso significa que minha filha também está aqui. — Foi quando Lorraine notou as malas largadas no chão perto da entrada, malas que ela reconhecia de sua casa. Ver os indícios da mudança de Grace fez com que se sentisse enjoada.

— Ahh... — soltou a mulher, amável. — Você deve ser... por favor, entre. — Abriu o caminho para Lorraine. — Acho que eles estão vendo um filme. Ainda estou cozinhando...

— Sinto muito, mas ela não vai ficar para jantar. Vim buscá-la.

A mãe de Matt pareceu perplexa, mas, apesar dos modos bruscos de Lorraine, ela manteve-se irritantemente calma e amável.

— Vou chamar Grace. Vocês talvez queiram conversar. — Saiu pelo corredor antes que Lorraine pudesse declarar que não haveria conversa alguma, que Grace iria imediatamente para casa, e isso era tudo.

Momentos depois, Grace surgiu no corredor, de cara emburrada. De repente, Lorraine sentiu-se intimidada pela própria filha.

— O que você está fazendo aqui? — Ela usava chinelos e estava de braços cruzados. Encostou-se na parede.

— Vim buscar você, querida — anunciou Lorraine, do modo mais calmo que conseguiu. A boca estava seca.

— Não, mãe — retrucou Grace. — Eu avisei. Agora vou viver com Matt. — Matt havia aparecido a seu lado e se apoiava nela, o braço frouxo em volta dos quadris de Grace. A mãe dele completou a fileira, uma barreira de jogadores do time adversário. — Estamos vendo um filme, e Nancy está preparando curry. — Grace olhou carinhosamente para a mãe de Matt.

Nancy, pensou Lorraine amargamente, querendo irromper em lágrimas.

— Pois bem, você não vai mais ver filme nenhum nem comer curry. Vai voltar para casa comigo.

— Sem essa. Eu me mudei e agora estou morando aqui. Não pode me impedir. — Grace suspirou, como se não acreditasse no que ela mesma estava dizendo, mas, ainda assim, manteve-se firme. Matt aproximou-se.

— Creio que sua mãe está apenas preocupada com você, Gracie — sugeriu Nancy.

Gracie! Lorraine teve que conter sua raiva.

— Ela não costuma ser assim, acredite — falou para Nancy. — Sinto muito por perturbá-la dessa maneira.

— De modo algum — respondeu Nancy, gentil. — Grace é muito bem-vinda aqui.

— É muita gentileza sua, mas, Grace, você realmente tem que vir comigo. Agora. — Um último olhar fixo, mais um pressionar de lábios, um outro olhar suplicante que ela rezou para que a filha visse como palavra final. Mas não. Grace simplesmente sorriu, virou-se e afastou-se pelo corredor.

— Desculpe, mãe — falou por cima do ombro. — Matt e eu estamos noivos. Nós agora moramos juntos. É isso aí. Tchau. — E desapareceu para a sala de visitas, com Matt seguindo atrás dela.

Após uma breve troca de palavras com Nancy, Lorraine finalmente partiu sem a filha. Não conseguia acreditar no que acabara de acontecer. Por que tinha desistido tão facilmente? Por que não fizera nada? Não arrastara Grace pelo braço, não gritara com ela, não algemara a filha! Sentiu-se desolada, extremamente irritada, fracassada e mais frustrada do que jamais estivera em sua vida. Dirigiu para casa aturdida, totalmente incrédula sobre o que acabara de acontecer.

— Eu a perdi — falou baixinho, ao parar do lado de fora de casa. — Eu a perdi para outra pessoa.

Comparada à grande casa destacada dos Barnes, a sua parecia miserável e ligeiramente depressiva. Antes de entrar, tirou o celular da bolsa e digitou uma mensagem para Grace: *Precisamos conversar. Por favor. Bjs.*

Ao entrar, encontrou Adam na sala de estar, curvado sobre seu laptop.

— O que foi? — perguntou ele, reagindo à forte batida com que Lorraine fechou a porta da frente antes de jogar seu casaco na escada. — Onde está Grace?

— Ela saiu de casa.

Adam levantou-se e estendeu o braço para Lorraine. Ela recuou e foi para a cozinha. Desta vez, não

se sentiu culpada em pegar sua taça de vinho deixada pela metade.

— Está na casa de Matt. Fui até lá buscá-la. Ela mal falou comigo e se recusou a voltar. Eu poderia ter usado força física, mas seria uma cena e tanto. Simplesmente não sei... — Lorraine sentiu as lágrimas se formarem. — Simplesmente não sei o que fazer. Ela se foi. Ela se foi, porra!

— Oh, Ray — disse Adam, aproximando-se. Ela não recuou.

— Grace está estragando a vida dela. E as provas, a universidade, todos os seus sonhos de ter uma carreira?

Adam suspirou.

— Se Grace está decidida a largar a escola e viver com Matt, receio que não haja muito o que fazer, exceto apoiá-la. Quando menos esperar, ela terá dezoito anos e fará isso de qualquer maneira.

Ela não conseguia acreditar no que ele estava dizendo. Não fazia muito tempo, ele estivera naquela mesma sala rugindo “Vamos ver se não vai” para a filha. Pensando no passado, avaliava que ser pai fora mais fácil para ele. Bem mais fácil. Adam fizera sua parte na troca de fraldas e em dar mamadeira à noite, claro, mas, quando chegava a hora de dar um tempo no trabalho — por causa da licença-maternidade ou de uma doença —, correr atrás de uma promoção ou se encarregar de uma grande operação, era ela quem perdia as oportunidades. Mesmo agora, Adam era o investigador responsável pelo caso Frith/Davis, considerado o principal e melhor homem — *homem!* — para o serviço. Lorraine nunca havia queimado o sutiã por conta dessas questões, sua vida era o que era, e ela estava contente, mas, às vezes, ainda se sentia injustiçada. E agora mais que nunca.

— Olhe — disse, percebendo que se esquecera de passar no restaurante chinês para pedir comida para viagem. — Estou apenas dizendo que ela está agindo de forma precipitada. Precisamos interferir para evitar um desastre do qual ela se arrependerá pelo resto da vida.

— Ela acha que está apaixonada. E talvez esteja. Dê-lhe um tempo para ver o que acontece.

— Ela *não tem* tempo. E as provas? Ela precisa de boas notas para entrar na universidade... — A voz de Lorraine foi morrendo. Era inútil argumentar com ele. Além disso, Stella entrara na cozinha. Usava meias grossas e um dos enormes cardigãs de Adam.

— Estou morrendo de fome, mãe. E congelando.

Adam arrancou um menu do quadro de avisos e pegou o telefone. Automaticamente, Stella berrou na direção do andar de cima, avisando a Grace que teriam comida chinesa no jantar. Lorraine a segurou pelos ombros e delicadamente explicou que sua irmã não estava em casa e que também não voltaria tão cedo.

*

— É melhor dizer o que você queria me contar mais cedo — Lorraine falou para Adam mais tarde.

Ambos concordaram em não sair novamente de casa naquela noite, a não ser que surgisse algo muito importante. Se a novidade que ele havia mencionado antes ao telefone fosse algo capaz de alterar completamente o caso, ele já teria dito.

— Foi uma coisa que li no processo de Carla Davis.

— Aquele que pegamos na casa da assistente social? — indagou Lorraine.

Adam confirmou com a cabeça. Esticou-se no velho sofá. A camisa saiu de dentro da frente da calça, mas Lorraine fez questão de não olhar. Ela sabia que ele estava em boa forma, irritantemente em forma. Se, por um lado, sua barriga abrigara duas crianças e desde então havia sido negligenciada, por outro, a de Adam fora belamente esculpida, exercitada e saudavelmente alimentada. Ela não costumava se sentir excessivamente preocupada com a aparência, mas ultimamente havia uma espécie de competição entre os dois; de qualquer modo, era assim que

parecia para ela. No que se referia à boa forma, eles estavam em polos opostos.

— O que foi?

— Havia uma anotação de que fora agendado um aborto para ela quando estava com dezesseis semanas de gravidez. Ia ser feito com anestesia geral.

— Sei. — Lorraine cruzou os braços.

— Mas obviamente Carla não fez isso — continuou Adam.

— Sabemos por que ela não fez o aborto?

— A assistente social de Carla fez uma anotação no processo, afirmando apenas que ela havia mudado de ideia. — Adam deu de ombros.

— De qualquer modo, deu no mesmo — comentou Lorraine com frieza.

— Sim, mas é realmente a única ligação que temos entre os dois casos, fora as semelhanças dos crimes em si, é claro.

Lorraine pensou por um momento.

— As duas mulheres quiseram fazer um aborto, mas não chegaram a realizá-lo. — O único som era o chiado da chama da lareira a gás. A ligação era um começo, ela supôs, embora muito tênue. — E o resultado da segunda amostra de DNA que coletaram no apartamento de Carla? — Um fio de cabelo, de cor diferente do de Carla ou do de sua amiga, fora encontrado numa peça de roupa de Carla e enviado para exames de laboratório.

— Com sorte, é possível que tenhamos um resultado amanhã. Os resultados do banheiro de Sally-Ann já deviam ter chegado, mas houve algum tipo de atraso. — Adam fez uma careta. Não era novidade os resultados dos exames laboratoriais demorarem tanto. Ele se sentou e ligou a televisão no noticiário das dez. — E também estamos aguardando o resultado da raspagem das unhas de Carla, embora a qualidade do material fosse duvidosa. Basicamente, é esperar.

Lorraine já sabia disso. Enroscou os pés por baixo do corpo e observou o marido assistindo ao noticiário. Tentou entendê-lo, encontrar algum sentido em sua atitude sobre a decisão de Grace sair de casa, mas fracassou. E convenceu-se de que, se insistisse em pensamentos sobre Sally-Ann ou Carla Davis, gravidez ou adolescentes rebeldes, não seria capaz de pregar o olho naquela noite. Levantou-se e deu boa-noite a Adam, rezando para o dia seguinte trazer um tipo diferente de notícia.

Foi engraçado como James e eu nos conhecemos. Foi a mais improvável das circunstâncias, embora tais encontros aconteçam comigo a cada semana de minha vida profissional. Exceto que James não era o típico pai-sob-investigação, e eu não esperava me apaixonar pelo homem cujos filhos eu fora enviada para avaliar.

Se estivesse ciente de todas as circunstâncias, provavelmente não teria, antes de mais nada, me preocupado em visitar a propriedade no subúrbio. Os bebês estavam sendo cuidados de modo perfeitamente adequado. E certamente eu não teria sentido uma pontada de inveja ao dirigir pela rua arborizada à procura da casa certa. Era exatamente a rua dos meus sonhos — lindas casas cheias de conforto e amor, pais loucos um pelo outro e, acima de tudo, repletas de crianças felizes.

Qualquer uma das grandiosas residências de época teria servido — casas vitorianas de tijolinhos vermelhos com enormes janelas guilhotina e araucárias em curvilíneos jardins frontais, ou propriedades georgianas, revestidas de branco, com janelas de múltiplas vidraças refletindo a serena rua à medida que eu passava. Era completamente o oposto do meu modesto apartamento. Eu gostava da minha casa, mesmo com toda sua solidão de magnólias, mas não parecia em nada com aquilo.

É de alguém com grana, lembro-me de ter pensado, ao estacionar no largo caminho de acesso à residência a que fora enviada. As casas que costumava visitar para fazer minhas avaliações nada tinham daquela grandiosidade. Claro, eu não era ingênua o bastante para pensar que dinheiro é sinônimo de uma criança bem-cuidada. Pais ricos também são capazes de negligenciar seus filhos. Apenas não é tão comum. Ou talvez ninguém tenha coragem de denunciá-los.

Caminhei até a porta da frente, sem fazer a menor ideia de que, meses depois, estaria me mudando exatamente para aquela casa. Parei diante do pórtico imponente, agarrada a um fino e imaculado processo sobre dois bebês gêmeos chamados Oscar e Noah, cuja mãe havia morrido. Uma semana inteira se passara, e o pai deles estava inacessível. Tendo em vista que havíamos sido informados de que o pai servia às forças armadas, cumprimos a rotina de fazer uma visita, a fim de verificar o planejamento da família para cuidar dos bebês. Na ocasião, eu não entendi por que o pai tinha ido embora e deixado a esposa doente. Agora percebo que ele não tinha escolha.

— Por favor, entre — disse, resignada, a mulher que abriu a porta.

Era magérrima e toda elegante, com o cabelo não muito grisalho preso atrás da cabeça com um coque frouxo. Um cardigã cor-de-rosa pendia de seus ombros ossudos. Ela me disse que seu nome era Margot e me convidou para entrar. A casa emanava dor, mas ela a combatia com uma dignidade que a fazia parecer fria, porém totalmente corajosa. Os fatos eram de partir o coração. Sua filha acabara de morrer de câncer pancreático. Não havia ninguém além dela para cuidar dos gêmeos. Seu genro era da Marinha e encontrava-se numa missão ultrassecreta. A Marinha se recusara a colocar em risco a segurança nacional apenas para transmitir a notícia ao pai dos gêmeos, ou informar a qualquer pessoa sobre seu paradeiro. Ele simplesmente teria que esperar até a volta para saber da morte da esposa.

— Não que Elizabeth e James não estivessem preparados para o inevitável — contou Margot. — Apenas não faziam ideia de que seria tão cedo. Na minha opinião, a gravidez acabou com ela.

Isso fez soar um alarme dentro de mim. Como seria agora a principal pessoa a cuidar dos bebês, será que ela se ressentia deles?

Estávamos na cozinha, e ela mantinha a porta dos fundos entreaberta com a ajuda de seu clássico

sapato preto de salto alto. Acendeu um charuto fino.

— Não faço isso perto deles, se é o que está se perguntando.

— Fumar é sempre ruim — afirmei, do modo mais compassivo possível.

Ela acabara de perder a filha. Achei que um charuto — eu nunca tinha visto uma mulher fumar um antes — era perdoável.

— Só descobriram o câncer quando ela já estava grávida. Ela recusou-se a fazer um aborto. Após o nascimento, ela começou a quimioterapia. Disseram que ela teria um ano, talvez dois, com os meninos. — Margot suspirou, soltando uma fumaça cinzenta que rodopiou pela cozinha numa brisa morna. Lençóis agitavam-se no varal lá fora. Era um daqueles raros dias de verão que se recusavam a ser estragados até mesmo por uma conversa sobre morte. — Mas estavam errados. Suponho que agora parte dela continue viva.

— Quantos anos ela tinha? — perguntei. Não sabia mais o que dizer.

— Trinta e dois — respondeu. — Você vai querer ver os gêmeos. — Margot colocou o charuto pela metade debaixo da torneira de água fria e depois jogou-o no lixo. — Estão tirando uma soneca, mas podemos acordá-los. Está quase na hora da mamadeira.

— Eu adoraria conhecê-los — disse.

Deixei o processo e a bolsa na mesa da cozinha e segui Margot escada acima. A casa era imponente, mas dava a impressão de um lugar simples, ligeiramente surrado. Lembro-me de ter notado que o pesado e estampado carpete da escada — um tapete carmesim e azul-marinho de Axminster, eu soube depois — estava bem gasto, devido a décadas de uso. As varetas de latão dos degraus estavam sem brilho e faltavam algumas. Tempos depois, mandei que fossem substituídas e polidas, mas o carpete permanece. Troquei algumas coisas depois que me mudei, a cor de uma parede aqui ou uma cortina ali, mas não quis apagar completamente a sensação do local. Isso teria sido difícil para James.

— Aqui é o quarto deles — anunciou Margot, empurrando delicadamente a porta para abri-la. Havia dois berços lado a lado, encostados na parede ao fundo do cômodo, projetando-se em um ângulo reto. Sob a luz diminuta, pude ver que um dos bebês já estava acordado e se mexia suave e silenciosamente sob um cobertor de lã. Havia no quarto um leve odor de fralda suja, que Margot percebeu de imediato.

— Qual dos dois carneirinhos precisa ser trocado? — indagou ela, acendendo um abajur em formato de balão.

— Provavelmente os dois — falei, com uma risada.

Metendo-me no meio dos berços, inclinei-me sobre cada um, ávida para preencher minha cota de novos bebês. Era, de fato, uma alegria fazer uma avaliação em que as crianças claramente não corriam qualquer risco. Não sabia a qual dos dois dedicar minha atenção primeiro. O segundo bebê também começou a se agitar, então baixei uma mão para cada berço e passei a palma sobre as cabeças praticamente carecas.

— Ah, os dois são adoráveis.

Mas, apesar de estarem contentes, enchi-me de uma tristeza momentânea — talvez mais do que se tivesse que encaminhá-los a um lar adotivo. Esse sentimento inesperado penetrou fundo em meu coração. Aqueles menininhos haviam nascido com tudo — uma família amorosa, um belo lar, muito dinheiro, vidas repletas de perspectivas. Mas não tinham mãe. Quem cresceriam amando?, pensei. Quem chamariam no meio da noite? Quem iria às suas apresentações na escola, faria suas fantasias de Natal, disputaria por eles a corrida das mães no dia do esporte? À meia-luz, seus olhos pareciam quase pretos, grandes como seixos, encarando-me. Suspirei com tanta força que minha garganta doeu.

A avó levantou um de cada vez e cheirou as fraldas.

— É você, não é mesmo, Noah? — Carregando-o pelo quarto até o trocador de fraldas, murmurou algo sobre *sempre* ser ele.

— E quem é você? — perguntei, com a voz de falsete que todos reservam para falar com bebês. Inclinei-me sobre o berço e peguei a trouxinha. Era mais pesado do que imaginei, e sua cabeça foi a última coisa a deixar o lençol atalhado. Rapidamente, apoiei-a com os dedos abertos sob o pescoço e trouxe seu rosto até meus lábios. Quando o beijei, a sensação da delicada pele era tenra e cálida.

Subitamente afoguei-me em amor, desejo, vazio.

Captei o olhar de Margot e desliguei-me do ridículo devaneio. Foi a primeira e última vez que pensei ter sentido — até mesmo *cheirado* — a presença de Elizabeth. Será que estava contente por eu me encontrar ali, para tomar conta de seus bebês? Ela sabia, embora eu ainda não soubesse, que me tornaria a mãe deles? Tudo o que eu sabia era que, quando tivesse meu bebê, ninguém jamais o tomaria de mim.

Então, houve um ruído no patamar da escada. Um gemido gutural, incessante, acompanhado pelo barulho surdo de passos pesados. Olhei para Margot. Ela paralisou em meio à troca de fraldas, e seu rosto enrugou-se, formando um mapa de linhas, quando um homem surgiu à porta.

— James, meu querido. — Ela disparou pelo quarto ao seu encontro, permitindo-se ser tragada por seus braços, ao mesmo tempo em que soluçavam juntos no que deveria ter sido um momento particular de dor.

Senti-me sem jeito e constrangida. Nada sabia sobre aquelas pessoas, mas já estava mergulhada em suas vidas. Olhei para Noah, sozinho no trocador. Ele era novo demais para rolar, mas não gostei de vê-lo tão vulnerável, então aproximei-me, ainda segurando Oscar, as costas voltadas para a porta. Parecia o certo a fazer.

Ouvi murmúrios baixos, soluços que ressoavam fundo nos corações e uma torrente de xingamentos dilacerantes que tentavam dar sentido àquelas vidas. O som de um homem chorando é comovente, quase pior do que o choro de uma criancinha. Bebês choram quando estão com fome, doentes, entediados ou precisam ter a fralda trocada. Aquele homem não sentia nada disso. Estava imerso numa dor tão profunda quanto o oceano, e ninguém podia fazer nada para ajudá-lo.

— Sinto muito, senhorita... — A voz de Margot minguou.

Virei-me para ver mãe e genro ainda fortemente abraçados. Eu segurava os dois bebês, cada um em um braço. Não pretendia me exhibir. Embalei-os para cima e para baixo.

— Senhorita Brown — completei. Não pareceu fazer muito sentido dizer que me chamava Claudia. Não os veria novamente. Aquela era uma visita para cumprir uma mera formalidade.

— Lamento tê-la feito presenciar isso. James acabou de saber.

Eu assentia profusamente, portanto ela não precisou repetir o que exatamente James acabara de saber. O homem, porém, ainda teve força suficiente para se aproximar com a mão estendida. Treinamento militar, supus.

Continuei assentindo. Não podia oferecer a mão com um bebê em cada braço.

— James Morgan — disse, numa voz comprimida pela dor. — Obrigado por ter vindo.

Nos sussurros baixos de momentos atrás, Margot deve ter lhe dito que eu era assistente social. Nunca antes alguém me agradecera por ter ido a sua casa. As pessoas que visito normalmente me odeiam, querem que eu vá embora, jogam coisas em mim, acusam-me de arruinar suas vidas, de roubar suas crianças ou de tentar suspender seus benefícios. Se os pais que tento ajudar não me destroem com sua virulência, então a própria repartição ou mesmo a imprensa faz sua tentativa, quando as coisas não saem de acordo com o planejado. Na maioria dos casos, as crianças cujas

vidas mudamos para melhor, e para sempre, bem... ninguém ouve falar delas e de todo o bom trabalho que realizamos.

— É apenas uma visita de rotina — respondi. — Trabalhamos junto aos hospitais. — Eu esperava que a explicação sobre minha visita não invocasse a imagem dos últimos dias de sua esposa. Os últimos dias dos quais ele não havia participado.

James aproximou-se de mim e entreguei-lhe os bebês. Foi de certo modo simbólico, e também o momento em que me apaixonei por ele. Ao vê-lo segurando seus filhos, em sua casa, observando-o em meio ao dia mais terrível de sua vida, olhando tudo passar por seus olhos insondáveis (ah, como os meninos os herdaram!), apaixonar-me por ele aconteceu de uma maneira tão natural quanto respirar.

Dois dias depois, eu estava de volta à sua cozinha. Deixara meu cartão para o caso de ele precisar de ajuda. Meu amor por ele se estabeleceu de vez naquele encontro. Ele queria me perguntar quais eram as suas opções para os meninos.

— Opções? — perguntei.

Sob circunstâncias normais, eu teria imaginado que era uma desculpa particularmente esfarrapada para me convidar para sair. Fora por isso, afinal de contas, que eu deixara meu cartão, embora não esperasse ter notícias dele, pelo menos não tão cedo. James, porém, estava consumido pela infelicidade. Sua esposa havia morrido. Ele não estava, de forma alguma, convidando-me para sair; ao contrário, queria genuinamente minha orientação profissional em relação aos filhos. Eu já admirava seu estoicismo por não ter lutado contra a emoção da notícia da morte de Elizabeth; agora minha admiração se atinha ao fato de ele se dar conta de que não conseguiria fazer aquilo sozinho.

— Preciso lhe contar — disse ele, ao começarmos a tomar nossos cafés. Seus olhos estavam vermelhos. — Margot não quer nada disso. — Agitou os braços, apontando ao redor. Referia-se à casa, aos meninos, à sua família. — Ela vive em Jersey. Com o restante dos Sheehan — acrescentou, com o que julguei ser um toque de amargura. — Para falar a verdade, Margot e Elizabeth nunca se deram bem. — Conseguiu soltar uma leve risada.

— Por quê? — Não pude evitar espreitar o relacionamento de mãe e filha.

— Elizabeth era um espírito livre, um tanto boêmia — acrescentou, com uma risada tensa. — Ela não vivia como o restante da família e certamente não acreditava no estilo de vida e na moralidade deles. Todos viviam presos a suas instituições financeiras, investimentos em paraísos fiscais e eventos sociais. Ela não era nada parecida com os três irmãos. Todos trabalham nos negócios da família. Eles *são* os negócios da família.

— Parece que Elizabeth era uma mulher e tanto — comentei. Admiro quem defende aquilo em que acredita. Mas James estava sendo realista, prático, franco. E, acima de tudo, admiro honestidade em um homem. — Você vai deixar a Marinha para cuidar dos meninos? — Com uma percepção tardia, vi que aquela era uma pergunta particularmente idiota. Mas eu não sabia.

— Não vou deixar meu trabalho — afirmou prosaicamente. — Preciso arranjar alguém para cuidar das crianças nos períodos em que eu estiver fora. Vai ser difícil.

— Mas certamente você quer ficar com os meninos, não é? — Todos os tipos de pensamento percorriam minha mente. Ele queria que os dois fossem adotados? Ia procurar uma babá que morasse em casa? Talvez matriculá-los num internato, assim que tivessem idade suficiente?

— Claro que quero ficar com eles — foi sua resposta. — Só não sei como fazer isso. — Era visível que James não tinha ideia de como contratar babás ou *au pairs* ou qualquer tipo de ajudante doméstica. — Elizabeth era maravilhosa — foi tudo o que ele disse. — Ela fazia tudo.

Definitivamente aquele homem precisava de ajuda, mas não do tipo que eu poderia oferecer

profissionalmente.

— Posso colocá-lo em contato com algumas agências bem-conceituadas — sugeri. — Você pode entrevistar pessoalmente as babás. Não será fácil, mas conseguirá alguém, tenho certeza.

— Espero que sim — concordou, e o perdoei por sua mão ter deslizado pela mesa até ficar sobre a minha, pois ele não sabia o que estava fazendo.

Três meses depois, eu me mudei. E, no período de um ano, tínhamos nos casado.

Estou aqui há pouco mais de uma semana, e a faxineira vai vir novamente esta manhã. Uma casa velha como esta parece exalar pó e, a cada poucos dias, Jan vem para deixá-la arrumada de novo. Esta é a primeira vez que realmente conversamos; a primeira vez que ela pousou o aspirador e o balde com os produtos de limpeza.

— Conheci Elizabeth muito bem. — Abotoa o cardigã até em cima. — Não parecia nada com Claudia — confessa por cima da espuma de seu cappuccino. Finalmente aprendi a usar a máquina de café. — Você não imaginaria que o mesmo homem pudesse escolher as duas como esposa.

Meus ouvidos se aguçaram. Não sei muita coisa sobre Elizabeth, além das informações que descobri durante minha bisbilhotice no escritório de James — embora nada daquilo tenha se revelado algo exatamente útil. Tudo o que sei é que foi a primeira mulher de James e a mãe natural dos gêmeos.

— Elizabeth com certeza era diferente do restante da família. — Jan deu uma risadinha de aprovação. — Ela amava James incondicionalmente. Era muito apaixonada por ele e definhava por pelo menos duas semanas quando ele partia para alguma missão. Ela se distraía com o trabalho e nada a impedia de ir ao escritório. Era advogada — acrescentou Jan quase com orgulho, como se Elizabeth tivesse sido sua própria filha. — Lutava pelos direitos dos pais cujos filhos tinham sido sequestrados por membros da família. Isso mesmo. Escute só: um homem rouba as filhas e as leva para Omã. Sua esposa inglesa nunca mais as veria, se não fosse por Elizabeth. Ela tinha roupas adoráveis — prossegue Jan. — Brilhantes e bonitas, como ela. — Bebeu todo o conteúdo da xícara.

Estou chocada por Jan estar me contando isso. De repente sinto-me protetora em relação a Claudia, como se ela precisasse de toda ajuda possível para competir com a exuberante memória de Elizabeth.

— E ainda havia o dinheiro — continuou Jan. Posso dizer, pelo modo como estava agora de pé, que ela pensa que deveria estar trabalhando, mas não consegue resistir a me contar mais uma ou duas fofocas. — A família de Elizabeth é muito rica. Tem mais dinheiro do que gente como você ou eu jamais poderia imaginar. *Jamais* — enfatizou. — A questão é que ela não queria saber dele. Elizabeth não concordava com esses lances de banco, investimentos e todo tipo de coisas que são feitas naqueles tais paraísos físicos.

— Fiscais — corrigi. — Paraísos fiscais.

— Tanto faz, ela era... — Fez uma pausa para pensar, apoiando-se no tubo do aspirador. — Elizabeth era mais pura do que isso. Odiava viver de dinheiro que não era ganho de maneira honesta ou ética. Às vezes, trabalhava de graça para mães que não tinham recursos para pagar por seus serviços. — Jan assentiu sucintamente. — Aqui entre nós, acho que James cresceu o olho quando se casou com ela. Passou um tempão tentando estabelecer uma ligação entre Elizabeth e a família... com os irmãos, principalmente. Eles gostavam de James, aprovavam sua carreira na Marinha e sua posição política. Mas, ah, escute só. Não posso ficar aqui o dia todo tagarelando. — Ergueu o aspirador. — É um outro mundo, o desse pessoal, mas você não soube de nada disso por mim.

— Não — falei, pensativa.

— Um outro mundo — repetiu ela, quase cantarolando e fazendo menção de ir embora, mas pensou melhor. — Sabe, Elizabeth sempre me deu uma bonificação de Natal. — Jan inclina-se para a frente sobre o aspirador. — Duzentas libras, em dinheiro — sussurra e faz um gesto dissimulado com a

cabeça. — Nada disso com Claudia, sabe como é. Apenas uma caixa de bombons Quality Street e um cartão barato.

Não tenho intenção de ainda estar aqui no Natal para ver que presente Claudia me daria, se é que daria algum. Já estarei longe nessa época. Tento não pensar na destruição que se seguirá ao meu rastro, as consequências de minha presença no lar dos Morgan-Brown.

— Ela vai dar à luz em breve, não vai? — comento, querendo descobrir o quanto Jan sabe sobre a gravidez de Claudia.

— Você pode achar isso — rebate Jan, pegando um biscoito, ainda embromando o serviço —, mas eu acho que ela ainda tem mais um mês, ao menos pelo que eu tenho observado.

Meu coração para abruptamente. Isso poderia mudar tudo. Mais tempo é uma bênção, só que também poderia ser uma maldição. Quanto mais tempo eu passar aqui, maior a probabilidade de eu ser pega. Preciso saber exatamente quando ela vai dar à luz.

— Posso estar errada — diz Jan, isentando-se. — Matemática nunca foi o meu forte. Mas, fique de olho, ela vai ser uma dessas mães possessivas, superprotetoras, que gostam de controlar tudo. Acho que você terá mais trabalho com ela do que com o bebê.

— Como assim? — Percebo o tremor em minha voz, porém não acredito que Jan tenha notado.

— Não me entenda mal. Gosto de Claudia. É só que ela não é como Elizabeth. A questão é a seguinte: ela teve muito azar na vida no que se refere a ter bebês. Acho que isso a tornou mais amarga.

— Não entendi — finjo. — Ela parece tão feliz. — Tento não pensar em Cecelia, mas não consigo impedir que o fogo de seu cabelo, a intensidade de sua ira, o tamanho de sua decepção e subsequente raiva se infiltrem em minha mente.

— Ela perdeu tantos, no passado, que achei que ia desistir de engravidar. — Jan assente sabiamente e cruza os braços. — Abortos e natimortos, um após o outro. *Bang, bang, bang*. Já era. Foi ela quem me contou. — Os braços fazem um movimento à frente do corpo, como se para simbolizar bebês virando fumaça.

— Então, os primeiros anos do casamento deles foram turbulentos.

— Ah, não — nega Jan. — Ela não perdeu nenhum bebê com James. Esses todos foram antes de os dois se casarem.

Não consigo imaginar Claudia abrindo o coração para a faxineira, mas talvez a alegria de finalmente levar uma gravidez até o fim tenha feito com que ela quisesse gritar isso a plenos pulmões. Lembro-me da caixa no guarda-roupa e do conteúdo de cortar o coração. Sinto-me ainda pior a respeito do que vou fazer. Digo a mim mesma que não posso me envolver e devo manter o sangue-frio, ou jamais conseguirei. Quando Jan avisa que está indo embora e que voltará amanhã, digito uma mensagem para Cecelia. Como sempre, apago antes de enviar.

*

Mais tarde, no pátio da escola, eu me aproximo de Pip. O local está congelante e é gradualmente preenchido por fofocas e boatos à medida que as mães, e poucos pais, se reúnem para buscar os filhos. Pip está conversando com várias mães que não reconheço. Quero lhe perguntar algo sobre Claudia. Isso pode fazer diferença.

— Ah, caramba! Ela está bem? — exclama Pip, parecendo preocupada, depois de eu contar brevemente sobre o acidente do outro dia. — Você deveria ter me falado. Devo passar lá depois?

— Ela está ótima. Foi trabalhar. — Vejo surpresa no rosto de Pip. Ela segura a enorme barriga em solidariedade.

— E você não a levou ao hospital? — Pip parece incrédula.

— Não foi tão ruim quanto parece. De qualquer modo, Claudia se recusou a fazer um check up. — Não conto a ela que, na verdade, foi meu medo do envolvimento da polícia que impediu que eu insistisse para que ela fosse ao pronto-socorro. — Achei que aquilo poderia induzir o trabalho de parto, mas nada aconteceu. — Mantenho o tom de voz leve, como se não tivesse sido nada de mais.

Pip não compartilha minha despreocupação.

— Vou ligar para ela esta noite — anuncia com seriedade, claramente chateada comigo.

— Tenho certeza de que ela ficará contente.

Minha mente passou o dia agitada, após ter encontrado Claudia ontem à noite no sótão. Desde então, tenho tido uma incômoda sensação de que ela não estava procurando um livro, como disse. E estou convencida de que os itens em meu quarto foram remexidos. Tenho a habilidade de perceber essas coisas. Isso me faz pensar se ela desconfia de algo. Estou desesperada para saber por Pip se Claudia comentou alguma coisa a meu respeito, mas não sei como tocar no assunto.

— Ali está Lilly — falo para Pip, quando sua filhinha sai apressada da escola, com uma pintura ainda fresca roçando na perna.

— Gostaria que deixassem elas secarem primeiro — geme Pip, quando Lilly agita o papel para mostrá-la. Os gêmeos saem pouco depois, mas não carregam desenhos.

— Vocês não têm nenhuma pintura para levar para casa? — pisco para Pip, secretamente agradecida por não terem.

— A gente fez uma juntos, mas nos mandaram parar e tivemos que sentar no canto, de castigo, durante toda a lição — conta Noah, quase orgulhoso.

— Por quê?

— Ele me forçou a fazer. Eu não queria. — Oscar está à beira das lágrimas.

— Não forcei! — retruca Noah.

— Forçou, sim! Mamãe, diga pra ele que... — Oscar parece mortificado ao perceber seu engano. Sorrio calorosamente, embora ele me chamar de mamãe só aumente minha culpa.

Noah continua a história.

— A gente fez um desenho do homem malvado que corta a barriga para tirar o bebê da moça.

O frio machuca meus olhos quando eles se arregalam, em choque. O que eles querem dizer? O que sabem? São apenas crianças.

— Isso é horrível — comento, tentando me manter calma.

— Esses são os seus meninos — diz Pip, desgrenhando o cabelo de Oscar. Ela se vira para mim e fala baixinho: — Eles devem ter ouvido Claudia e eu conversando outro dia. Sabe, sobre aquelas pobres mulheres. E está em todos os noticiários. No nosso estado, ficamos impressionadas com essas coisas. — Segura a mão de Lilly e acena para mim com a outra. — Diga a Claudia que vou ligar mais tarde.

Confirmo com a cabeça, incapaz de falar. Tudo está me pressionando.

*

Os meninos estão fazendo outra pintura. Sugerir a eles que fizessem um autorretrato como presente para a mãe. Uma expiação, imagino, pelo horripilante tema dos dois na escola. Deixo-os na cozinha, duas figuras curvadas sobre uma ilha de jornais, enquanto corro para meu quarto. Não havia me ocorrido antes checar minha câmera.

Repreendo-me severamente enquanto subo os degraus — por ter sido distraída por Cecelia, por deixar que ela interferisse. Como pude ser tão burra? De agora em diante, a câmera fica comigo ou

escondida num lugar menos óbvio do que o guarda-roupa.

Momentos depois, fico aliviada ao ver que todas as fotos continuam no cartão de memória da câmera. Não tenho como saber se Claudia andou olhando-as no visor. Se as viu, vai tentar imaginar como entrei no escritório de James. Vai se perguntar quando exatamente tirei as fotos e, mais importante, *por quê*.

Seleciono uma foto ao acaso e aproximo a imagem com o zoom. Minha boca fica seca e o coração bate num ritmo louco. O que Claudia deve ter pensado se os viu — os instantâneos em close do processo daquela garota grávida? O nome de Carla Davis está claramente impresso no topo da página. Imagino-a me confrontando, gritando comigo por espionar seus processos do trabalho, por me meter em assuntos que não são meus, exigindo saber o que eu fiz, o que *vou* fazer. Imagino-me fugindo. Imagino aquela pobre garota mutilada, retalhada, sangrando até a morte.

É mais do que consigo aguentar. Corro escada abaixo para a cozinha e encontro Claudia sentada entre os meninos. Ela está admirando os autorretratos que fizeram.

— A Zoe disse pra gente não pintar assassinos, mamãe — informa Noah, em tom malicioso, olhando fixamente para mim.

Estou parada junto à porta, ofegante, como se tivesse corrido para salvar minha vida. A correia da câmera ainda está entrelaçada em volta dos nós de meus dedos.

— E Zoe tem razão, querido — afirma Claudia, sem tirar os olhos de mim. O olhar se alterna entre a câmera e meu rosto, como se procurasse pistas.

Não faço ideia se ela sabe.

Lorraine ficou imaginando se aquela era a sensação de se afogar. Os sentidos formigavam, procurando por terra, por ar, tentando estabilizá-la por dentro. Não funcionou. Tudo que sentiu foi um retalho cacofônico de uma desenfreada sobrecarga, que a fazia querer encerrar o interrogatório antes de tê-lo iniciado.

— Seria possível desligar o... — Lorraine olhou em volta à procura da fonte do barulho, ou melhor, dos barulhos, pois ela ouvia não uma ou duas, mas pelo menos três camadas de ruídos.

— Sinto muito — desculpou-se a mulher. Suas mãos moveram-se no ar para acompanhar o riso teatral. — Mas eu preciso de minha dose diária de notícias e não consigo viver sem Chopin enquanto estou trabalhando. — Ela foi até o fundo do aposento (embora isso fosse difícil, entulhado como estava) e desconectou um iPod da caixa de som. Arremessou-o para o sofá, e Lorraine achou que ele nunca mais seria visto, pois afundou como uma pedra em areia movediça por entre as almofadas. Em seguida, a mulher desligou um rádio. Ainda havia barulho. — Esqueci que tinha ligado esse. Você gosta de death metal?

— Não posso dizer que seja uma fã — confessou Lorraine. Ela achava que tinha ouvido Stella falar a respeito, certa vez, um tanto zombeteira, e ficou feliz por lembrar. Finalmente fez-se silêncio. — Podemos nos sentar?

— Ah, sim — concordou a mulher, aparentemente mortificada por ainda não ter oferecido. Ela varreu o aposento freneticamente com os olhos e, quando se instalaram numa entulhada mesa oval, seus braços entraram em ação. Com dois hábeis movimentos em arco, ela a limpou, sem se perturbar com a bagunça que agora havia se deslocado para o chão. — Podemos nos sentar aqui. Vou fazer um café. — A mulher praticamente saltitava e batia palmas, animada.

Lorraine recusou a bebida. Sentia-se ligeiramente triste pela pobre criatura, mas também um pouco cautelosa. Havia uma ligação entre ela e Sally-Ann Frith, embora não estivesse particularmente esperançosa de que o interrogatório pudesse render alguma pista útil. Ainda assim, tinha que ser feito.

— Não, obrigada, estou bem — reiterou, mas a mulher já havia desaparecido no vão da cozinha do conjugado e procurava minuciosamente por xícaras entre os detritos. Lorraine apoiou-se na parede, relutante em se sentar se não fosse necessário. A mulher claramente não ia ficar parada tão cedo, portanto, Lorraine teria que lhe fazer as perguntas enquanto ela estivesse fazendo outras coisas por ali. — Qual é seu sobrenome, Cecelia?

A mulher se virou e encarou Lorraine como se tivesse ouvido um pedido para se despir. Seu cabelo rebelde dançou no raio de sol que atravessava o vitral circular acima da pia.

— Paige — respondeu, baixinho. — Sou Cecelia Paige. — Confirmou com um gesto de cabeça e então enfiou o rosto numa pequenina geladeira, resmungando que o leite não parecia muito bom.

— Há quanto tempo conhece Liam Rider?

Mais uma vez, ela se virou e fez uma pausa. Seu silêncio sugeria que ela era incapaz de fazer café e falar ao mesmo tempo.

— Liam — repetiu, quase como se nunca tivesse ouvido falar nele. — Eu o conheci no meu curso na faculdade.

— Sim, estou ciente disso. Mas gostaria de saber há quanto tempo você o conhece.

— Conhecer *conhecer* ou apenas... conhecer?

— Tanto faz — respondeu Lorraine.

— Estou lecionando na faculdade há pouco mais de um ano. A gente conhece rostos, vê pessoas por lá... na sala dos funcionários, na cantina, na biblioteca, no estacionamento. Esse tipo de coisa. — Cecelia retirou a tampa do leite e cheirou. Seu nariz enrugou-se. — Vi Liam pela primeira vez perto da fotocopadora. Estava emperrada. — Colocou a tampa no leite e sacudiu-o com força. — Eu a desemperrei para ele. — Ergueu a garrafa de plástico em direção à luz e assentiu. — Dando chutes — cochichou. — Sabe como é. A gente conversou. Viramos amigos.

— Você sabia... sabe que Liam Rider é casado?

— Claro. Eu não ia querer um solteiro.

O coração de Lorraine instintivamente começou a bater com mais força do que o normal.

— E por quê? — Seria esse o raciocínio da piranha de Adam?

— Porque tudo o que eu queria era um pouco de esperma, não o homem inteiro.

Ela rezou para que essa não tivesse sido a estratégia da piranha. A ideia de Grace e Stella terem meios-irmãos e meias-irmãs era... bom, ela não sabia o que era, mas já não se sentia bem em relação a isso apenas ao considerar a possibilidade.

— Você não poderia ter recorrido a um banco de esperma?

— Poderia — respondeu Cecelia. — Embora se torne um pouco caro após algum tempo. — Um café preto como piche pingou da cafeteira para uma jarra de vidro. Lorraine desejou que ele pingasse lentamente, para não ter que beber nem um pouco. — Mas aquilo é... era... mais pessoal. E foi divertido enquanto durou. Não se preocupe, não fizemos sexo exatamente.

Lorraine não reagiu a isso. Certamente não estava preocupada se eles tinham feito sexo ou não, ainda que a alegação de Russ Goodall sugerisse que eles tinham feito alguma coisa.

— Você conhece uma mulher chamada Sally-Ann Frith?

— Claro — afirmou Cecelia, como se todo mundo a conhecesse. — Uma vadia — acrescentou.

— Ahn? — O coração de Lorraine voltou a disparar.

— Bem, claro que era uma vadia. Era a outra que Liam comia nas horas vagas. E, para piorar as coisas, a vadia burra engravidou. — Cecelia precisou de um tempo para se acalmar, percebeu Lorraine, como se as coisas estivessem ficando intensas demais para seu gosto. Seu autocontrole era impressionante. — De qualquer modo, meu envolvimento com Liam era mais emocional do que qualquer outra coisa — acrescentou Cecelia. — A atração para ter uma relação física não existia para mim, embora ele seja um tanto atraente. E é bem mais velho do que eu. Mas, quando me disse que estudou matemática em Cambridge, eu soube que era o tal. Claramente isso fora há muito tempo, mas mostrava que ele devia ser inteligente. E eu queria um esperma boa-pinta e esperto. — Suspirou.

— Ele não estudou em Cambridge, querida — contrapôs Lorraine, totalmente incapaz de evitar o soco desferido dentro de sua cabeça. E ela também não achava que Liam fosse atraente. — Por causa de... de tudo, nós o investigamos por completo. Ele se formou em contabilidade na Politécnica de Uxbridge, em 1983. Divorciou-se duas vezes. Não tenho muita certeza se ele é realmente esperto.

Cecelia deu de ombros.

— De qualquer modo, seu esperma deve ter morrido, pois não funcionou.

— Não funcionou?

— Bem, ela não engravidou, não é?

Lorraine observou Cecelia enxaguar duas xícaras e colocá-las na mesa, com a jarra de café e a garrafa de leite azedo. Botou também um saco de açúcar com uma colher incrustada espichando-se para fora.

— Vamos nos sentar. Eu sou mais do tipo chá da tarde. — Cecelia alisou o vestido cor de jade

antes de sentar-se cuidadosamente na cadeira de madeira pintada de rosa. Em seguida, Lorraine viu-se fazendo o que lhe foi sugerido, enquanto Cecelia servia o café. — Leite? — perguntou, a garrafa erguida no ar.

— Só café para mim — insistiu Lorraine, afastando a xícara. Ela sabia muito bem que teria de tomar aquilo e queria manter afastadas o máximo possível as bactérias extras. — Quem não engravidou com o espermatozoide de Liam? — perguntou.

Não era o tipo de conversa que imaginara que teria naquela manhã. E, enquanto todos os indícios apontavam para o fato de Cecelia ser mentalmente desequilibrada, Lorraine não conseguia decidir se eram idiosincrasias de criatividade há muito tempo acumuladas agindo sobre sua psique, ou algo mais sinistro.

— Heather, sua boba. Ela deve ter feito tudo errado. Eu mostrei a ela o que fazer.

— Quem é Heather?

Com isso, Cecelia murchou em sua cadeira. Seu corpo pareceu esvaziar-se debaixo do vestido.

— Heather se mudou — falou, emburrada. — Ela me deixou.

— Ela morava aqui? — Lorraine ficou imaginando como até mesmo um rato conseguiria morar com Cecelia. Se a bagunça não esmagasse a outra pessoa, então a personalidade de Cecelia certamente o faria.

— É óbvio... se ela se mudou.

Lorraine tinha certeza de que havia lágrimas nos olhos de Cecelia, embora ela parecesse manter uma indefinida aura nebulosa, como se reluzisse com orvalho ou tivesse sido friccionada com um unguento exótico. Deixou que ela continuasse.

— Mal consigo viver sem ela. Sabe o que é perder a pessoa que você mais ama no mundo?

Lorraine quis dizer que, de fato, acabara de descobrir, mas ficou calada. Se ela fosse confidenciar-se com alguém, certamente não seria com Cecelia.

— A questão é a seguinte — continuou Cecelia —, falando francamente, eu percebi isso há muito tempo, mesmo antes de Heather. As coisas estavam ficando... tensas entre nós. Para ser sincera, mais uma vez, acho que meu desejo por um bebê a desgastou. Sabe, de nós duas, ela nunca quis realmente ter filhos. Mas eu praticamente nasci querendo um. Agora que estou sozinha, nunca vou conseguir, ou vou?

Lorraine demorou um momento para avaliar o que ela acabara de dizer, mas ficou com a imagem bizarra de uma criança carregando outra criança e, como a própria Cecelia, aquilo não fazia sentido.

— É difícil quando não há um homem, se é que me entende — continuou Cecelia. Lorraine mostrou com um gesto de cabeça que entendia. Hoje em dia, não era tão incomum assim. — É preciso pensar em outras maneiras de se ter um bebê. As famílias não são mais mãe, pai e dois virgula quatro filhos, sabe...

— Sei — retrucou Lorraine.

— Pois bem, Heather é totalmente desprendida e quis me ajudar, de todas as formas que podia, após minha operação, ano passado. — Cecelia fez uma pausa e tomou um gole de seu café. Lorraine notou suas faces enrubescerem brevemente, num tom de carmesim que ficou em desarmonia com seu cabelo. — Eu sempre tive problemas femininos terríveis, que acabaram levando a uma histerectomia total. Achei que fosse morrer. Isso explicou por que nunca engravidei. Agora, não há mais chance. — Ela sussurrara as palavras *problemas femininos*.

— Sinto muito ouvir isso, Cecelia — disse Lorraine, com sinceridade. Ela não tinha certeza se essa história médica era crucial ou apropriada, mas pressionou assim mesmo. — Então Heather se ofereceu para ter o bebê por você?

— Sim. Ela disse que poderíamos usar seu útero. Eu já tinha gastado muito dinheiro em amostras de esperma para mim, mas, após minha operação, tive que desistir. Heather foi muito gentil. Não poderíamos nos dar o luxo de pagar pelo caro esperma selecionado de médicos e professores, então Heather resolveu... — Cecelia hesitou, receosa pelo que estava prestes a dizer. — Bem, Heather decidiu que ia resolver sozinha os problemas para ter o bebê, se é que me entende. Ela me disse que faria o que tivesse que fazer.

— Entendo — respondeu Lorraine, embora não tivesse entendido. — O que ela tinha em mente exatamente?

— Olhe, isso foi contra tudo o que ela acredita, tudo o que defende, mas ia fazer por mim, certo? — Um pequeno soluço saiu da garganta de Cecelia, como se estivesse preso ali havia meses. — *Está* fazendo isso por mim — acrescentou.

— Ela continua tentando ficar grávida por sua causa? Pensei que você tivesse dito que ela tinha se mudado.

— Isso mostra o quanto é desprendida — acrescentou Cecelia. — Sua última tentativa não deu certo de novo. Ela agora está quase tão desesperada quanto eu.

— Desesperada até que ponto? — perguntou Lorraine, sentindo-se mais apreensiva a cada minuto. Cecelia levantou-se e foi até a bagunça de objetos que afastara da mesa. Postou-se diante deles antes de esmagar com um fino salto alto verde algo que parecia ser um lindo broche de contas.

— Detesto isso. É vergonhoso para minha reputação.

Lorraine olhou os fragmentos cintilantes.

— Foi você que fez? — perguntou delicadamente, sentindo o precário estado mental da mulher.

— Sim, é claro. — Virou-se para encarar Lorraine com olhos brilhantes. — Mas ninguém vai comprá-lo agora, vai? — Recolheu as peças e deixou que elas caíssem de seus dedos numa minichuva de tons azul-pavão e bronze. — Os negócios estão indo bem. Recebo pedidos de lojas de Londres. Elas pagariam quinhentos paus por isso. Mais um frasco de esperma, sabe.

— Seu trabalho é ótimo. — Lorraine falou sério. Não conseguiu evitar abaixar-se e juntar algumas peças que, sem dúvida, também acabariam esmagadas. — Isto é extraordinário. — Balançou um pesado pingente em uma corrente de prata imitando corda. — De uma aparência muito mística. — Lorraine gostou dele. Era diferente. Desejou que, de vez em quando, Adam a surpreendesse com algo como aquilo em seu aniversário ou no aniversário de casamento. Às vezes, ela achava que ele nem sequer a conhecia.

— A pedra em que está incrustado é uma peça de gaspeíta. A cor verde não é linda? Parece o recheio de um chocolate com menta. — Então, Cecelia estava novamente no chão, vasculhando a bagunça. — Este broche de borboleta combina com ele. — Ergueu-o e juntou as duas peças. Lorraine teve que concordar que eram ambas de tirar o fôlego. A criatura nua parecida com uma fada sentava-se enroscada sobre a pedra preciosa, enquanto seus braços alcançavam a corrente de prata. Lorraine imaginou-a olhando para cima, suplicante, para o rosto de quem a usasse. — É uma fada sem asas e precisa da borboleta para voar.

— Sei — disse Lorraine, com a certeza de que poderia ouvir a voz de Adam gritando com ela por ser tão extravagante. Observou Cecelia rastejar de quatro, subitamente parecendo arrependida por destruir sua mesa de trabalho.

— Sabe qual foi a última coisa que Heather falou para mim? — perguntou Cecelia, apertando um anel escarlate contra os lábios. Lorraine pensou que parecia uma gota de sangue. — Ela disse: “Você vai ter um bebê.” Tenho que acreditar nisso, investigadora.

— Foi a experiência mais surreal — Lorraine contou a Adam. Ela quase mencionou o quanto gostara das joias, mas não quis forçar a barra. Antes de deixar o apartamento de Cecelia, a mulher tentara lhe dar o conjunto de fada e borboleta, mas Lorraine recusara, dizendo-lhe que não seria ético. De qualquer modo, ela sempre se sentia grata pelos vales-livros, perfumes ou qualquer coisa que Adam normalmente lhe desse.

— Mas descobriu algo interessante, fora ter tomado café da manhã com uma excêntrica obcecada por um bebê?

— Descobri — afirmou Lorraine. — E você tem razão. Ela é exatamente isso... desesperada por um bebê e com uma personalidade muito esquisita. Ao que parece, a parceira de quem ela se separou recentemente, Heather, ainda tenta lhe “conseguir um bebê”, seja lá o que isso implique.

— Então precisamos falar com Heather. Cecelia lhe deu o novo endereço dela? — Adam estava digitando uma mensagem enquanto falava.

— Bem, quando perguntei, ela foi vaga e silenciosa. Disse que nem mesmo sabia onde ela trabalhava. Fora o lance do bebê, a separação delas pareceu bem compreensível.

— Você ficou sem pistas para dar continuidade à investigação? — Adam largou o telefone.

— Sim, Adam. Foi exatamente isso.

Ressentida, Lorraine lançou-se para a tigela de sementes que Adam tinha em sua mesa. Ele bateu em sua mão, antes que ela conseguisse pegar um punhado.

— Não vai gostar delas — avisou.

— Cecelia confessou que seguiu sua ex após a última visita da moça — continuou Lorraine. Adam sentou-se e franziu a testa. — Você teria que conhecer a mulher para entender — acrescentou, recordando o olhar encantado no rosto de Cecelia, ao ser capaz de fornecer um endereço de Heather.

— É elegante — dissera Cecelia, orgulhosa ou com um quê de inveja, Lorraine não teve certeza. — Uma casa bem grande mesmo, numa rua adorável. Ela não fazia ideia de que eu a estava seguindo. — Cecelia fizera um gesto como se dissesse “tome cuidado” e soltara uma risadinha infantil. — Ainda tenho Ernie, sabe. Heather comprou para mim, um ano atrás, depois da minha operação.

— Ernie? — perguntara Lorraine, incrédula.

— Meu carro, sua boba. Um pequeno Fiat.

Lorraine concordara lentamente com a cabeça, imaginando o que poderia vir em seguida.

— Mantive uma boa distância, ia devagar e encostava onde era preciso. Uma ou duas vezes, em cruzamentos, Heather despistou na bicicleta, mas consegui segui-la até essa casa. — Cecelia anotara o endereço e o entregara a Lorraine. — Veja só, ela subiu na vida.

Ao ler a rua e o número da casa, Lorraine dera uma segunda olhada no papel antes de colocá-lo no bolso. Ela ainda não tinha certeza do que aquilo significava.

— De qualquer modo — comentou com Adam —, Cecelia não podia ter certeza se Heather *vivia* de fato nesse endereço. Fez apenas uma grande suposição. O nome dela é Heather Paige. Tem o mesmo sobrenome de Cecelia.

— Então fizeram todo o lance da união civil?

Lorraine fez que sim, imaginando para quem Adam havia enviado a mensagem de texto.

— Devem ter feito. Como é, não vai me perguntar? — Ela não podia acreditar que ele ainda não havia sacado.

— Perguntar o quê? Por que você está dando pulinhos como pinto no lixo? Por que seu rosto está enrubescido? Por que tem um brilho no olhar do tamanho de Vênus?

Lorraine tirou o pedaço de papel do bolso e entregou-lhe. Adam olhou o endereço, pensou por um

momento e, quando olhou para ela, também tinha nos olhos um brilho do tamanho de um planeta.

— O que estamos esperando? — perguntou, deslizando a tigela de sementes na direção dela.

Certa vez, houve uma ocasião em que pensei que não seria capaz de continuar meu trabalho. Olhando para trás, foi um período triste, frio e solitário, mas de algum modo eu acreditava que devia seguir em frente. Se não fosse isso, não seria a mulher que sou hoje. Foi parte da grande jornada da vida, e não apenas algo particular. Eu realmente acredito que todos estamos aqui por um motivo, um propósito maior, e nossa missão é permanecer no caminho certo ou, em primeiro lugar, encontrá-lo. Pip parece pensar diferente.

— Bobagem — diz ela. — Meu Deus, eu precisava de uma taça de vinho.

Consulto meu relógio.

— Espero que não nos deixem esperando. Tenho muita coisa para fazer no trabalho. — Tento chamar a atenção do garçom, mas até agora ele tem feito um excelente trabalho em nos ignorar. Claramente deve pensar que duas enormes mulheres grávidas são incapazes de estar com pressa. Pip não deve ter nada para fazer esta tarde além de tirar uma soneca, mas preciso visitar duas casas, tenho uma reunião de trabalho e três relatórios para redigir antes de voltar para os meninos.

— E não é nenhuma bobagem. É no que eu acredito. Aliás, o que você vai comer? — Só concordei com o almoço porque ela pareceu... bem, triste, acho. É porque entendo e sei o que ela deve estar sentindo que arranjei um tempinho para desviar até o Orlando's e comer uma coisinha rápida com ela. Ao final do nosso breve papo ao telefone mais cedo, fiquei convencida de que ela tinha algo sério para me falar. — E você não deve tomar vinho. Não vou permitir. — Dou-lhe um chute de brincadeira por baixo da mesa.

Pip faz beicinho, e finalmente o garçom nos entrega os cardápios e anota nossas bebidas. O rapaz parece chocado com nosso tamanho, talvez petrificado com a possibilidade de ter que carregar nós duas ao mesmo tempo. Caímos na gargalhada quando ele sai em direção ao balcão.

— Você viu a cara dele? — pergunto.

— Impagável — responde Pip, com um sorriso, embora eu saiba que se sente melancólica.

— Desculpe, Pip. Eu não quis parecer melhor do que você antes. É que o assunto me deixa entusiasmada.

— Não precisa se desculpar. É que estou preocupada com você, apenas isso.

— Preocupada? Comigo? — falo de um modo ainda mais incrédulo do que parece.

Foi ela quem puxou assunto sobre meu trabalho quando viemos caminhando juntas pela rua principal. Perguntou como eu lidava com o lado emocional das coisas, com os problemas físicos que eu presenciava toda semana. Depois que nos sentamos, comecei a falar sobre algumas questões mais delicadas que tivera nos dois primeiros anos de capacitação. Não queria realmente tocar nesse tema, mas ele se seguiu de modo natural ao que estávamos conversando. Então, isso me levou a ver que todos tinham um caminho na vida, quer percebessem ou não. Acho que devo ter parecido um pouco Nova Era ou religiosa demais para o gosto de Pip, embora eu não seja. Estava tentando ser vaga, para não ter que explicar tudo. Isso ainda mexe em algumas feridas abertas.

— E seus abortos e natimortos? — pergunta baixinho, quando nos trazem pão. — Também são um “caminho” na vida?

Fico chocada por Pip ter tocado nesse assunto, mas ela merece uma resposta séria.

— Não teria escolhido esse caminho, se tivesse sido consultada — tento explicar. — Mas, se perder meus bebês foi o caminho *deles* na vida, então me sinto honrada por ter sido parte dele.

Ela quase concorda. Posso ver sua mente seguir no modo automático enquanto vasculha o cardápio, pensando se pede linguine com escalopes e cogumelos ou a Caesar salad de sempre.

— E você se sente honrada em fazer parte da vida das crianças com quem lida em seu trabalho? Como isso se encaixa no seu caminho e no delas quando você as tira de seus pais?

Considero isso um ataque, mas ela tem direito a uma opinião.

— Pip, não é exatamente assim — começo, mas logo percebo que é exatamente assim que vai parecer, não importando o modo como eu explique. Adoro nossos almoços juntas; desde que nos conhecemos na aula para gestantes, Pip tornou-se minha melhor amiga. Mas nunca havíamos conversado sobre a ética do meu trabalho antes. Quando se tem informações detalhadas sobre ele, as qualidades e os defeitos, as pessoas em geral têm uma opinião bastante positiva sobre o que eu faço.

— Imagino que não incluam sua presença como parte do plano de vida deles, isso é tudo o que estou dizendo. — Pip desdobra o guardanapo e o coloca sobre o colo.

Não sei por que ela está se mostrando tão sensível em relação a questões sobre as quais não tenho controle.

Suspiro e aprofundo o debate.

— Cerca de dezoito meses após começar no meu primeiro emprego, quando morava em Manchester, precisei me afastar com uma longa licença médica — conto-lhe. Seu rosto se entenece, incentivando-me a continuar. — Acabei descobrindo que estava grávida. Fiquei superfeliz. Era a minha primeira vez, e fazia meses que vínhamos tentando. — Pip abre um sorriso, mas ele logo se desfaz. Ela sabe o que vem a seguir. — Pois bem, o estresse do meu trabalho estava realmente me consumindo. Entrei em depressão. Não conseguia lidar com o dia a dia. No início, as pílulas ajudaram, mas, como estava grávida, relutei em tomá-las por muito tempo.

Espero a reação de Pip, até que ela dá de ombros e comenta:

— Todo mundo que eu conheço toma pílulas da felicidade ou já tomou em alguma ocasião.

— As coisas começaram a piorar — continuo. — Eu não estava trabalhando nada bem por causa de todo aquele estresse. Certamente não estava em condições perfeitas para tomar decisões corretas no trabalho.

Todas as vezes que chego tão perto assim de contar a alguém, sempre paro nesse ponto. Mas, na minha cabeça, o terrível horror do que fiz grita dentro de mim com a mesma força de quando meu supervisor me deu a notícia. Talvez, se eu tivesse tido algum outro quadradinho, escrito uma frase diferente no meu relatório final, alertado alguém sobre a profundidade da negligência de que eu desconfiava, mas que fracassara em provar, talvez ela ainda estivesse viva. Portanto, estou convencida de que a pressão do caso, a morte da menininha, a subsequente investigação, os jornais me perseguindo como se eu fosse uma espécie de criminosa, tudo isso contribuiu para que eu abortasse.

— Mas, sabe — prossigo frivolumente —, fiz terapia, superei tudo. E aqui estou. — Aperto as mãos com tanta força que as pontas dos dedos ficam brancas.

A água e os pãezinhos chegam. Mastigo um deles ruidosamente para parar de falar sem pensar. Pip aparentemente é uma boa ouvinte, apesar de seus evidentes preconceitos. Tento mudar de assunto, mas, de fato, não funciona.

— Como professora, você tem uma responsabilidade semelhante com as crianças. Funcionários de escolas nos contatam com frequência a respeito de crianças que eles acham que talvez possam estar sendo maltratadas em casa.

— Felizmente, nunca tive que fazer isso — Pip se apressa em dizer.

— Mas faria, se desconfiasse de alguma coisa? — Sirvo a água.

— Claro.

— Mesmo se soubesse que a criança seria tirada dos pais?

— Com certeza. — Pip se aproxima e segura minha mão. — O que você faz, Claudia, é algo incrível. Ninguém se dá conta de que você vai à casa de uma família com a mente aberta e o coração cheio de esperança, e geralmente sai de lá carregada de desespero e com uma tonelada de burocracia.

Eu rio.

— Você está absolutamente certa. — Fico maravilhada com o modo como ela resumiu cada um dos dias da minha vida. — Eles me colocaram no hospital — confesso baixinho. Isso surge do nada e parece outra pessoa falando. Nem mesmo contei a James o que aconteceu. Minha mão rapidamente se dirige à boca, como se eu tivesse acabado de vomitar sobre a mesa. — Mas é pessoal — acrescento, como se isso pudesse apagar o fato de eu ter lhe contado.

— Uma instituição psiquiátrica? — indaga Pip, num falso sotaque americano, tentando soar como uma pessoa maluca. — Camisa de força e tudo o mais?

— Sim, um hospital psiquiátrico. Mas foi bom. Me fez bem. — Na verdade, não saí da cama durante três semanas e não me fez bem coisa nenhuma. As enfermeiras só permitiam que eu ficasse deitada ali, dissolvendo-me em minha própria dor. Quando o médico veio, reclamou, dizendo que eu deveria levantar, participar das terapias ocupacionais, socializar com os outros pacientes, comparecer às sessões de terapia de grupo e, em geral, fingir normalidade. Eu lhe disse que, se conseguisse fazer tudo aquilo, não precisaria estar ali. — Olhe, não é tão assustador quanto parece. O trabalho me derrotou, sofri um aborto e tive uma espécie de colapso aqui. — Dou um tapinha na cabeça.

— Então, eu a admiro muito — diz Pip. Acho que fala sério. — E isso provavelmente faz com que eu não fique nem um pouco preocupada com você neste momento. — Ela abre um largo sorriso.

— Ótimo — respondo. A última coisa que quero é que ela se inquiete por minha causa.

Ofereço-lhe um sorriso, e a nossa comida chega. Meu panini de muçarela com legumes, servido com molho em um prato decorado com vegetais, está fumegando de tão quente. Não sinto nem um pouco de fome, embora tenha deixado o trabalho faminta. Pip empanturra-se com seu linguine, enrolando as pálidas tiras de macarrão no garfo. A garfada toda escorrega no momento em que ia enfiá-la na boca. Ela suspira e pousa o talher.

— Apenas achei que você andava meio para baixo ou distraída nas últimas vezes em que a vi — explica. — Mas provavelmente é porque James foi para a missão, e você ainda está se acostumando com Zoe.

Meu coração retumba no peito quando ela menciona Zoe. Eu deveria ter usado o pouco tempo que passamos juntas para lhe contar o que encontrei no quarto de Zoe, para perguntar sua opinião sobre as fotografias, o teste de gravidez, o sangue no suéter. Desabafar sobre ocasiões passadas e resolvidas, continuar falando sobre meu importante caminho na vida e minhas mágoas no trabalho não deveriam ter sido prioridade.

Mas falar agora sobre Zoe parece errado de certo modo, e Pip apenas diria que eu estava tirando conclusões precipitadas, vendo coisas demais. Ela pensará que estou inventando, sendo paranoica e irracional. Além disso, sei que ela gosta mesmo de Zoe.

— De qualquer jeito — afirmo —, não vai sair fácil dessa, Sra. Pearce. — Forço-me a pegar meu sanduíche. — Quando ligou, esta manhã, achei que era *você* que parecia horivelmente para baixo. — Avalio sua reação. — Nós duas, com essa forma de baleia encalhada, precisamos nos manter unidas, sabe?

Ela ri.

— Estou ótima. Apenas um pouco apreensiva com o parto, mas nada que não tenha sentido antes.

— Como foi quando estava esperando Lilly? — Estou ansiosa para conhecer sua história. — Fácil, rápido, repentino, ou algo demorado, arrastado, que durou dias?

Pip enfia outra garfada na boca e suja o queixo com molho cremoso. Ela o limpa com um sorriso.

— Horrível — confessa. — Quase morri.

— Ai, isso é terrível, Pip. — Ela mencionara anteriormente que seu trabalho de parto não tinha sido fácil, mas eu não fazia ideia de que ela quase havia morrido.

— Eu estava sozinha quando aconteceu. Como era minha primeira vez, fiquei totalmente apavorada. A dor era insuportável. — Pip serve-se de mais água. — Não podia contar com ninguém.

— Quando *o que* aconteceu? — O que preciso mesmo ouvir é sobre uma gravidez fácil, um parto como uma brisa leve e um lindo bebê que tenha nascido com um sorriso no rosto.

— A *coisa* — diz Pip, partindo ao meio um pãozinho. Hoje ela está com um apetite voraz. — Você sabe, o trabalho de parto. A dor. A terrível, incapacitante, cáustica dor, que induz à loucura e não termina nunca.

— Ah — solto, ligeiramente decepcionada. — Então, nada saiu errado?

— Não. Meu trabalho de parto foi do tipo padrão. Simplesmente normal e terrível, e Clive não atendia ao telefone. Estava em Edimburgo na ocasião. Jurei que nunca mais teria um bebê, mas... aqui estou eu.

— Aqui estamos nós — digo, sentindo-me mais apavorada do que nunca.

Por mais forte que eu esfregue, o sangue não sai. Está entranhado, o guardião de segredos culpados. A água está tingida de vermelho por baixo da espuma, e despejo mais sabão em pó sobre a mancha, esfregando vigorosamente o tecido. A pia do porão gorgoleja quando puxo o tampão. Torço o suéter e o ergo para observá-lo. Suspiro diante da profunda mancha marrom-alaranjada que circunda o ombro. Vou ter que costurar o rasgo. Não sei costurar muito bem, então de qualquer modo ela vai ficar chateada por eu ter estragado seu suéter favorito. É o que ela sempre usa quando anda por aí, com o qual chora vendo filmes melosos em preto e branco, enquanto abraça uma caixa de chocolates, o suéter que ela tem desde os dezesseis anos. Ela não sabe que eu o peguei. Cecelia não vai gostar.

— Você deveria ter colocado imediatamente de molho — diz Jan. Viro-me, contendo o choque. Ela está parada com as mãos nos quadris, olhando de cara amarrada para as minhas inúteis tentativas de lavagem à mão. — Sangue? — pergunta.

— Sim — respondo, nervosa. Manuseio o suéter, tentando dobrá-lo para esconder a mancha. — Acho melhor jogar fora — acrescento, procurando mostrar o quanto não é importante.

— Bobagem — continua ela. — Me dê aqui, deixe eu ver.

Estende a mão para o tecido gotejante, mas recuo, apertando-o contra o peito.

— Pode deixar, tudo bem. É antigo. Vai para o lixo. — Então, cometo o erro de enfiá-lo na lixeira do porão e, é claro, Jan mergulha atrás dele. Sei que ela está apenas tentando ser prestativa.

— Você precisa deixar de molho em água oxigenada. — Pega o suéter de volta e faz uma busca no armário embaixo da pia. — Juro que tem um aqui. — Um momento depois, ergue o corpo, radiante, segurando uma garrafa de plástico. Sacode-a. — Isso deve ser suficiente — e a derrama sobre o suéter, junto com um pouco de água.

— Obrigada, Jan — digo, por entre dentes rangentes. — Eu cuido disso agora. Vou enxaguar em alguns minutos.

— Ah, não, querida. É melhor deixar por algumas horas. Você sofreu um acidente? — Levanta o suéter, enganchando o dedinho no rasgo do ombro ensanguentado.

— Sim... sim, sofri — respondo. — Caí da bicicleta.

— Deve ter sido um corte grave — observa, mas rebato alegando que foi apenas um arranhão. — Um arranhão e tanto — comenta, incrédula, olhando para o suéter e depois de novo para mim. — Parece mais um assassinato. — Então, antes que eu possa responder ou protestar, ela sobe de volta os degraus. — A gente se vê semana que vem — grita.

Eu não diria isso, pois, se tudo sair de acordo com o planejado, ela certamente não me verá mais.

Decido seguir o conselho de Jan e deixar o suéter de molho. Não há ninguém em casa para questionar a peça de roupa ensanguentada, e Jan parece ter acreditado quando lhe disse que caí da bicicleta. Sujar de sangue um suéter está bem no topo da minha lista de coisas idiotas a não fazer enquanto eu estiver nesta casa. Chamar atenção desnecessariamente para mim não está entre os meus objetivos. Não posso realmente me dar o luxo de Claudia passar a desconfiar de mim. Com certeza eu não ia querer alguém com uma roupa suja de sangue cuidando dos meus filhos.

Meus filhos, penso, e então Cecelia está de volta à minha cabeça, gritando comigo por ter estragado seu suéter folgado favorito e por não ter sido capaz de lhe dar um bebê.

Sinto-me aliviada por Claudia ter ido trabalhar esta manhã. A julgar por sua cor pálida e pela proximidade da data do parto, eu estava convencida de que ela não iria. Embora ela não reclame

muito do esforço necessário para se movimentar pela casa, subir escadas ou mesmo curvar-se para pegar alguma coisa, consigo ver frustração e exaustão estampadas em seu rosto. Tendo visto Cecelia muito antes do que prometi a mim mesma (bela proibição autoimposta de me manter pelo menos um mês afastada após nossa separação), estou ainda mais convencida de que não ter ficado grávida naturalmente foi uma bênção disfarçada. Cecelia não pensa do mesmo jeito, é claro.

Aproveito que a casa está vazia para voltar sorratamente ao escritório de James. Desta vez, tomarei o cuidado de transferir as fotos da minha câmera para outro dispositivo seguro. Estou certa de que Claudia está desconfiada, que andou examinando minhas coisas. Não deixo de perceber a ironia disso ao girar a chave da porta do escritório.

— Muito bem — digo, ainda sem muita ideia do que estou procurando. — Por onde começo hoje?

Mordo o lábio e olho ao redor do refúgio de James. Fico imaginando se ele sente, distante, lá no fundo do mar, que estou em seus domínios. Quando chegar em casa, seu nariz vai franzir e seus olhos se movimentarão velozmente pelo cômodo, captando qualquer vago odor que eu possa ter deixado, ou perceberá objetos fora do lugar? O carpete é de uma forte cor vermelha e também macio sob os pés. Preciso tomar cuidado para não deixar pegadas nas felpas ao sair. Se Claudia entrar, o que sei que ela faz de vez em quando, sem dúvida vai notar. Tento abrir a gaveta de um antigo arquivo de madeira, porém, como suspeitava, está trancada. Da última vez que estive aqui, verifiquei o conteúdo do arquivo de metal, achando que, por ser à prova de fogo, conteria os documentos mais interessantes. Embora alguns dos papéis que fotografei possam ser úteis posteriormente, estou certa de que o que eu preciso ainda está ali para ser encontrado. Há dinheiro nesta família, sei disso, e tenho certeza de que vem do lado dos Sheehan. Mas preciso de provas, muitas provas, e depressa. Tenho que pensar no meu futuro.

Num instante, localizo a chave do arquivo de madeira. Está enfiada debaixo de um vaso de planta, com aparência meio seca, sobre o peitoril da janela. Abro com facilidade a gaveta superior, sem fazer ideia do que vou encontrar dentro dela, se é que vou achar alguma coisa. Mas, se fizer isso direito, se conseguir ser bem-sucedida — *ah, meu Deus, que pelo menos uma vez eu tenha sorte!* —, então tem que estar aqui. Preciso daquela *coisa* evasiva, a prova, o acordo fechado. Uma pessoa como eu não tem muitas chances como esta. Pensando bem, tudo está me sendo entregue de bandeja. Percebo que é por isso que estou tão nervosa, ao puxar a primeira pasta do arquivo. Se eu estragar tudo, se não achar exatamente o que quero, se for pega antes de terminar, então terei muitas explicações a dar à polícia.

Espalho o conteúdo da primeira pasta na escrivaninha de James. Está repleta de relatórios — de uma espécie de fundo de investimentos — que vão de 1996 a 2008. Fotografo cuidadosamente cada um deles. Isso me toma vinte minutos. Suspiro e olho para o arquivo atulhado. O que isso realmente vai me trazer? *Uma vida melhor para você*, diz a voz dentro da minha cabeça, que me atormenta sobre o que é certo e o que é errado no que estou fazendo. Ela não parou desde o momento em que respondi ao anúncio de Claudia.

Pais que trabalham procuram babá experiente, gentil e amorosa para cuidar de meninos gêmeos com quatro anos e um bebê prestes a nascer. Aposentos próprios com banheiro numa bela casa de família em Edgbaston. Tarefas domésticas leves, sem faxina. Uso de carro e folga nos fins de semana. Precisa ter treinamento comprovado e referências exemplares. Começo imediato.

Que perfeito, lembro-me de ter pensado quando li o anúncio. Que oportunidade fantástica, caída dos céus, espantosamente conveniente que pousara diante de mim, quase como se eu tivesse sido escolhida a dedo para o emprego. Mais uma vez, rio da ironia. Não é como se eu realmente quisesse

fazer o que estou fazendo. Na verdade, tenho pouca escolha — *nenhuma escolha* — nessa situação. Há coisas na vida com as quais você tem que seguir em frente, e me dei conta disso no dia em que me mudei do apartamento de Cecelia, o que por acaso aconteceu no mesmo dia em que vim para cá. De um inferno a outro.

Ainda assim, eu me consolo. Pelo menos estou fazendo algo que vale a pena e evitando a lâmina afiada da língua de Cecelia, que me atinge de forma cruel quando não consigo lhe dar o que ela desesperadamente quer.

Enfio de volta a pasta em seu espaço e puxo outra. “Seguro de vida”, diz a etiqueta. Ergo as sobancelhas. *Útil*, penso. *Espero que eles tenham muitos*.

Meia hora depois, estou esperando a chaleira ferver, exatamente como em qualquer outra pausa para o chá, em qualquer outro trabalho. Olho pela janela da cozinha e para o jardim bem-cuidado. As árvores estão retorcidas e endurecidas pelo inverno, emergindo em direção ao céu baixo e monótono, e a grama é uma mancha verde-acinzentada que lembra os prazeres esquecidos do verão. De repente, sinto-me muito sozinha, muito assustada e prestes a desistir de tudo. Toco o celular no bolso — minha linha para tudo que é seguro e familiar, minha linha para Cecelia. Fico imaginando se ela está pensando a mesma coisa, passando o dedo sobre as teclas do seu telefone e achando que poderia tranquilamente digitar uma mensagem para mim. O que ela está pensando neste exato momento? Ao menos se dá conta de que estou fazendo tudo isso por ela? Ela me odeia? Será que ainda vai querer me ver de novo? Fico paralisada ao pensar que não. Esse pensamento também me faz retornar ao escritório e recomeçar a vasculhar os arquivos. Certamente agora devo estar perto de alguma coisa útil.

A pasta com a etiqueta “Jardinagem” me surpreende. É do mesmo tom de bege pardo que as demais no arquivo, porém mais grossa, mais recheada de papéis do que as outras. Tanto que precisei de um bom puxão para retirá-la do seu encaixe na gaveta. Quando a abro, percebo que o conteúdo nada tem a ver com jardinagem. Se eu estava esperando ler sobre a recente tecnologia de aparadores de grama em folhetos de venda pegos em lojas especializadas, ou citações sobre poda de árvores e calçamento, não poderia estar mais enganada. A pasta “Jardinagem” contém outra pasta, mais gasta, que está simplesmente etiquetada com “Bens”.

Meu coração dispara. Os ouvidos se aguçam para ouvir os sons de alguém chegando em casa — o ruído de um carro aproximando-se da entrada, a batida de uma porta, a chave de alguém na fechadura. Ao longe, ouço o berro cadenciado de uma sirene ao se dirigir a toda velocidade para uma emergência distante, e, em minha cabeça, escuto o som de minha própria respiração forçando seu caminho para dentro e para fora dos pulmões.

Abro a segunda pasta e puxo de dentro dela o primeiro documento. Leio-o rapidamente e tiro uma foto. Faço o mesmo com o restante do conteúdo. Levo uma hora e meia para completar a tarefa. Mesmo depois de tudo ser colocado de volta direitinho no lugar, de trancar o escritório e de estar novamente em meu quarto, o coração não detém sua ridícula dança em meu peito. Não consigo parar de pensar no que significa aquilo. Porém, acima de tudo, não consigo parar de pensar em Cecelia.

Grace olhava para o carpete, roendo a unha do polegar. O pé roçava o chão para a frente e para trás, e Lorraine mandou que parasse. Ela não ligou e continuou mais vigorosamente, até atingir o pé da mesinha de centro com os dedos e a base do sofá com o calcanhar. As bochechas foram ficando cada vez mais vermelhas, e o lábio inferior começou a tremer de forma quase imperceptível, levando-a à beira das lágrimas.

— Bem, foi gentileza sua aparecer — declarou Lorraine, amarga. Ela não pretendia falar naquele tom, mas suas esperanças de Grace voltar por bem haviam sido frustradas após a filha tocar a campainha, *tocar a campainha!*, e anunciar que tinha passado apenas para pegar algumas coisas.

— Querida... — começou Adam.

Grace nada disse. Eles a tinham convencido a ir até a sala e conseguido fazê-la se sentar. Mas os suspiros, os braços cruzados, o beicinho e os bruscos olhares para o teto mais do que sugeriram que ela preferiria estar em qualquer outro lugar.

— Pare de chutar, Grace, ou vai machucar o pé — disse Lorraine, talvez em um tom severo demais.

Grace finalmente se endireitou e ficou sentada, imóvel.

— Sua mãe tem razão — acrescentou Adam, sem muita objetividade. — Grace, você precisa conversar com a gente. Como podemos ajudá-la se nem mesmo fala sobre isso?

— Não preciso da ajuda de vocês — rebateu Grace, ainda encarando o carpete. — Não temos nada para conversar.

— Aquele rapaz está pressionando você? — perguntou Lorraine, aflita.

— Aquele rapaz — retrucou Grace — tem nome, sabe. E não, Matt não está me pressionando. Nós queremos nos casar. Nós nos amamos.

— Mas e a universidade? E quanto a conseguir um trabalho decente, ter uma vida decente? Você ainda é uma criança. — Lorraine teve uma súbita visão de sua filha, dezessete anos, grávida e morando em condições miseráveis num desses prédios altos de conjuntos habitacionais do governo. Matt não estava ali ao lado dela, é claro.

— Nós entendemos como você se sente — observou Adam.

— Bem, na verdade, eu não entendo — interrompeu Lorraine.

Grace inspirou fundo.

— Sei muito bem que nenhum dos dois entende — disse ela, baixinho. — Foi por isso que saí de casa, para ficar longe de vocês. Se tiver que deixar a escola e conseguir um emprego para me sustentar, farei isso. Nossa intenção de casar é séria. A mãe dele está sendo incrível.

Lorraine retraiu-se, magoada.

— Você queria ser cientista — lembrou ela, com a voz fraca.

— Vamos procurar locais para realizar a festa de casamento no fim de semana — contou Grace, como se não tivesse ouvido a mãe.

— E também estava pensando em um ano sabático nos Estados Unidos.

Lentamente, Grace ergueu o olhar para a mãe, balançando a cabeça, como se os últimos dezessete anos tivessem sido um sonho enevoado e nada daquilo fosse real.

— *Você* queria que eu fosse cientista — corrigiu ela. — Quer dizer, quando não estava ocupada, brigando com o papai.

Lorraine sentiu uma leve onda de raiva percorrer seu corpo.

— Ótimo. Largue a escola. Vá embora, vá viver com outra família... uma melhor, sem dúvida. Case-se e tenha uma penca de filhos antes de completar dezoito anos e trabalhe à noite num supermercado. — Sentiu que tinha atraído a atenção de Grace. — A partir deste momento, você está livre, Grace. Apenas imagine, nada de papai e mamãe rabugentos, nada de dever de casa, nada de regras. Você está por conta própria, querida, e não precisa pensar que pode voltar correndo para nós quando estiver sem dinheiro.

— Papai não é rabugento — declarou Grace, com calma. — Mas você é.

— Meu Deus! — Lorraine colocou as mãos no rosto.

Adam mudou desconfortavelmente de posição no sofá.

— Ray, não.

— Eu ainda não terminei...

— Tudo bem, Grace — disse Adam. — Se você pensou bastante sobre isso, e é o que você quer...

— Sua voz foi minguando, sem muita convicção. — Só não queremos que faça nada de forma precipitada.

— Você ainda é uma *criança* — afirmou Lorraine, numa última tentativa de fazer a filha mudar de ideia. — Não pode se casar. Não tem noção do que isso significa.

— Pelo menos vou ter alguém que me ama — replicou Grace, tão baixinho que Lorraine pensou não ter ouvido direito. — Porque vocês dois não me amam.

— Ah, querida, não é verdade, e você sabe disso. — Adam inclinou-se em direção a ela, segurando suas mãos. — Como pode dizer uma coisa dessas? Sua mãe e eu amamos muito você.

Ela reagiu com um lento movimento de cabeça, balançando-a como se mesmo aquilo doesse mais do que podia suportar. Uma única lágrima escorreu de seu olho.

— *Claro* que amamos você — reiterou Lorraine, profundamente chocada pelo que Grace dissera. — Por que diabo você acha que não amamos?

— Porque vocês nem mesmo se amam — foi a resposta resignada de Grace.

Isso fez Adam recuar. Houve um rápido olhar de esguelha entre ele e Lorraine.

— É claro que nos amamos — retrucou ele, indignado.

Sua hipocrisia era óbvia, pensou Lorraine. Como eles puderam ser tão ingênuos em pensar que seus problemas, convenientemente varridos para um canto obscuro de suas mentes, não haviam afetado as filhas?

— Stella acha a mesma coisa — acrescentou Grace, recomeçando a agitar o pé. — Vocês vivem discutindo e cochichando e brigando por causa de tudo. Pensam que nós não ouvimos, mas se enganam. Stella chora às vezes, à noite.

— Claro que o papai e eu nos amamos, querida — afirmou Lorraine, notando a cabeça de Adam baixar um pouco. — Há muito estresse em nosso trabalho, e talvez a gente acabe o trazendo para casa, o que é errado, mas nós... nos amamos. — Por cima das almofadas, ela segurou a mão de Adam, forçando seus dedos entre os dele.

A primeira e única vez que compareceram a uma sessão de terapia de casal havia acabado de forma semelhante, quando a mulher pedira a Lorraine que tocasse Adam, para ver como isso a fazia se sentir. Na ocasião, ela poderia ter respondido sem mover um músculo: *nauseada*.

— Tocar? — perguntara, incrédula. Um forte beliscão ou chute dissimulado era o que ela sentia vontade de dar nele, mas, em vez disso, aceitara a sugestão. Com relutância, segurara a mão de Adam.

— Qual é a *sensação*? — perguntara a terapeuta.

— Quente? — fora a sugestão de Lorraine.

— Quente — repetira a mulher. — Isso é bom. Talvez a sensação seja a de que ele está vivo, assim como você, como se suas veias estivessem inundadas de emoção e amor.

— Ah, não fode — Lorraine lembrou-se de ter dito. Puxara a mão de repente. — Sim, ele é quente. Um macho de sangue quente incapaz de manter a braguilha da calça fechada. — Agora, sentada diante de Grace, ela quase conseguiu ouvir o suspiro exasperado que Adam soltara durante a sessão de terapia.

— Não foi assim — retrucara ele, ainda defendendo seu comportamento.

A sessão se aproximava do final, e Lorraine estava furiosa. A terapeuta idiota claramente estava do lado de Adam — talvez ela também fosse A Outra de alguém e as prioridades da mulher eram diferentes das dela. De qualquer maneira, Lorraine não estava disposta a ser tratada com condescendência e ridicularizada por uma estranha. E nem ia pagar para segurar a mão do marido depois de ele admitir que tivera um caso de uma noite. Ela já havia concordado em conter seus sentimentos e manter as aparências, por causa das crianças, embora, pelo modo como tudo estava, não tivesse muita certeza de quanto tempo suportaria aquilo.

Lorraine sentiu os dedos de Adam apertando os dela.

— Tudo que estamos tentando fazer é ajudá-la a ver o caminho mais sensato, Grace. Um casamento na sua idade seria um desastre. Na semana passada, nós estávamos conversando sobre universidade.

Grace levantou-se, alisando a camiseta. Lorraine notou o quanto parecia limpa e bem-passada. A mãe de Matt claramente tinha muito tempo livre.

— Mamãe, papai, eu já me decidi. Vou largar a escola e me casar. Espero que vocês compareçam ao nosso casamento. — Virou-se e, com calma, deixou a sala.

*

— Acho que tudo acabou bem — comentou Adam, com sarcasmo. Eles tinham ido para a cozinha e se sentado em meio a um silêncio atordoante após a partida de Grace, assim que ela juntou suas coisas. Matt estivera esperando do lado de fora, em seu carro. Nenhum dos dois soubera o que fazer ou dizer.

Lorraine suspirou e, em seguida, ligou para ouvir suas mensagens na caixa postal. Ergueu o dedo na direção de Adam para chamar sua atenção. Ela ouviu, depois enfiou de volta o celular no bolso da calça.

— Era o médico de Carla Davis no hospital, finalmente retornando nossa ligação. Ele esteve incomunicável o dia todo, então deixei um recado com sua secretária. Devo ter perdido a ligação dele enquanto conversávamos com Grace.

— Continue. — Adam encheu a chaleira.

— Aparentemente, os rins de Carla ficaram terrivelmente danificados pelo longo uso de drogas. No início da gravidez, ela foi alertada de que prosseguir a gestação muito possivelmente levaria à sua morte, antes ou depois do nascimento do bebê.

Lorraine fez uma pausa para absorver esse dilema repleto de conflitos. Como alguém tão emocionalmente fragilizada como Carla poderia tomar uma decisão como aquela, capaz de mudar completamente sua vida?

— Em suma, ela estaria arriscando a própria vida se levasse a gravidez até o fim. Foi orientada a fazer um aborto o quanto antes e, a princípio, concordou. Depois, mudou de ideia. O Dr. Farrow não era o médico de Carla na época, mas os prontuários mostram que ela foi levada a pensar seriamente sobre as complicações de saúde decorrentes da continuação da gravidez. Era literalmente uma decisão de vida ou morte.

Adam franziu a testa.

— De qualquer modo, como se revelou, as implicações de saúde dessa gravidez nunca foram muito boas para ela — observou, um tanto desanimado.

— Por que, então, ela mudou de ideia? Alguém a teria convencido a não seguir a orientação médica?

— Talvez os assistentes sociais que a acompanharam consigam esclarecer algo sobre isso — disse Adam, após uma pausa. — Pode ser que Carla tenha lhes contado.

— Acha que conseguiríamos falar com eles novamente?

Adam já estava concordando com a cabeça. Consultou seu relógio.

— Você está brincando — disse Lorraine, emburrada. Estava exausta. — Hoje à noite?

— Acho que deveríamos. Há algo que quero... — hesitou. — Talvez não seja nada.

— Mas o departamento de serviço social deve estar fechado... — A voz de Lorraine cessou, sabendo que não adiantava questionar o marido quando ele tinha uma de suas intuições. No passado, coisas que ele percebera e guardara para si mesmo, uma ou duas vezes, haviam se revelado as pistas mais importantes. Adam podia ter cometido sérios erros de julgamento em sua vida pessoal, mas aquilo era profissional, era ele fazendo seu trabalho, e era bom nisso, às vezes de um modo irritante. Ela iria junto para ver o que aconteceria. Afinal, ele era o responsável pelo caso.

Adam pegou as chaves do carro.

— Vou fazer outra visita à casa daquela assistente social, o que nos dará uma desculpa para descobrir sobre essa tal de Heather Paige, ver onde ela se encaixa. — Eles já tinham feito uma visita ao local mais cedo, para dar continuidade à história de Cecelia, mas a casa estava vazia. — Você vem?

Com relutância, Lorraine o seguiu até a porta da frente. Gritou para Stella que voltariam em uma hora e recebeu um resmungo vago como resposta. Ela e Adam trocaram olhares no pé da escada antes de Adam segurá-la pela mão e conduzi-la até o carro.

Quando colocou o cinto de segurança, os dedos de Lorraine ainda formigavam por causa do contato com Adam. Ela se deu conta de que era a segunda vez naquele dia que tocava a mão do marido.

A frente da casa não estava iluminada, e o acesso para carros parecia mais escuro do que a rua em volta, quase como se a propriedade estivesse tentando encolher e se tornar invisível — foi o que Lorraine pensou, enquanto trituravam o cascalho sob os pés, ao atravessarem a imponente entrada pela segunda vez naquele dia.

— Espero que ela não se incomode — disse Lorraine. — Não falta muito para ter o bebê. Talvez tenha ido dormir cedo. — Passou um tempo observando cada janela com cortina. Havia, de fato, um leve brilho que ela não notara numa primeira olhada, vindo de um aposento do andar térreo. Alguém ainda estava acordado.

Adam lançou-lhe um olhar, instruindo-a a mudar a expressão de mulher preocupada de volta para a de investigadora. Bateu ruidosamente à porta.

Logo depois, Claudia Morgan-Brown surgiu. Pareceu surpresa ao vê-los.

— Está tudo bem — começou Lorraine, com um sorriso reconfortante, lembrando-se de sua angústia mais cedo. — Sentimos muito perturbá-la durante a noite, porém há mais perguntas que gostaríamos de lhe fazer sobre Carla Davis.

— Ah — fez ela, baixinho. — Claro. — Afastou-se para o lado e fez um sinal com a cabeça para entrarem. Parecia cansada, pensou Lorraine, enquanto a seguiam para a sala. — Por favor, sentem-se. — A televisão estava sem som, e Claudia desligou-a com o controle remoto. — Devo ter cochilado.

— Seremos tão rápidos quanto possível. — Lorraine lançou a Adam um olhar aflito, mas ele não percebeu. Ela não entendia por que a visita não poderia ter esperado até o dia seguinte. Duvidava muito de que descobrissem algo que levasse a uma mudança significativa no caso.

— Aceitam um pouco de chá? — perguntou Claudia, ainda de pé. Prendeu o grosso cabelo com um rabo de cavalo improvisado, antes de deixar que caísse novamente sobre os ombros. Ela era bonita, pensou Lorraine, para uma mulher que estava nitidamente muito cansada.

Lorraine sorriu.

— Não, estamos bem, obrigada. — Olhou em volta da sala e notou alguns brinquedos esquecidos perto da janela, algumas peças de Lego, dois caminhões de plástico, um livro ilustrado aberto. Deduziu que os filhos de Claudia já estavam dormindo. Ficou imaginando onde estava a babá.

— Queremos saber se você, ou alguém de sua repartição, sabia algo sobre os problemas de saúde de Carla — começou Adam.

Claudia franziu a testa e pensou. Sentou-se e tamborilou os dedos na lateral do pescoço.

— Lembro-me de que seu estado de saúde não era dos melhores — disse. — As drogas já haviam cobrado seu preço ao corpo dela, mesmo ainda sendo jovem. Mas, como disse antes, eu não estava encarregada do caso de Carla quando soubemos de sua gravidez.

— Mas você se encontrava com Carla?

— Ah, sim — respondeu Claudia. — Eu lhes disse isso. Encontrei com ela em inúmeras ocasiões.

— Estava ciente da gravidade dos problemas dela?

Claudia franziu a testa.

— Não, não sabia de nada específico, fora a questão das drogas.

— Então, não sabia sobre o péssimo funcionamento de seus rins?

Os olhos de Claudia arregalaram-se, e ela mordeu o lábio inferior. Quando abriu a boca, o sangue correu sob a pele.

— Não. O que havia de errado com seus rins?

— Por causa do uso prolongado de drogas, Carla foi alertada de que o prosseguimento da gravidez provavelmente causaria sua morte antes ou logo após o nascimento do bebê. Seus rins não atendiam mais às necessidades de seu corpo. — Foi a informação médica mais precisa que Adam conseguiu dar, tendo em vista que nenhum deles conhecia os detalhes da doença.

— Então, foi por isso que inicialmente havia um aborto agendado? — Claudia pareceu surpresa.

— Exatamente — confirmou Adam. — Embora, por algum motivo, ela depois tenha desistido. Você teria alguma ideia da razão que a levou a tomar essa decisão fatal?

Claudia baixou a cabeça. Após alguns instantes, cobriu o rosto com as mãos. Lorraine percebeu o ligeiro tremor de seus braços ao sustentarem o peso da cabeça — o peso da culpa?

— O que foi, querida? — Lorraine percebeu o pé de Adam batendo na perna da mesa de centro, e isso a fez pensar em Grace.

— Fui eu — sussurrou Claudia, sem hesitação. Soltoou alguns soluços patéticos antes de levantar a cabeça para encará-los. Seu rosto estava repleto de culpa, e suas faces eram de um vermelho abrasador. — Mas juro que não fazia ideia de que seus problemas de saúde eram tão sérios. Achei que estava fazendo a coisa certa.

— Acalme-se — pediu Adam, um tanto friamente. — Ninguém a está acusando. Apenas fique calma e nos conte o que aconteceu.

Lorraine sentiu a decepção de Adam. Se foi simplesmente uma profissional que, pelo bem ou pelo mal, aconselhara Carla a manter o bebê, isso não teria grande utilidade. Não lhe forneceria a pista que esperava obter nem qualquer ligação com o caso Sally-Ann.

Claudia inspirou, procurando ar. Lorraine não tinha certeza se queria continuar com aquilo, tendo em vista as circunstâncias. Observou a mulher franzir a testa cada vez mais, à medida que se lembrava dos acontecimentos.

— Carla tinha um encontro marcado com Tina, cerca de seis meses atrás, mas Tina faltou ao trabalho porque estava doente, e eu me encontrei com Carla no lugar dela. Fui até o apartamento de Carla.

— Prossiga — incitou Lorraine. Estava com fome e podia sentir o estômago roncar sob o casaco de inverno. Queria ir para casa, para Stella.

— Eu não a via fazia algum tempo. Com nossa ajuda, ela havia entrado e saído de vários lares adotivos ao longo dos anos. De qualquer modo, ela acabara de descobrir que estava grávida. Meu trabalho era avaliar seu estado mental, suas condições de vida, seus hábitos em relação às drogas, esse tipo de coisa, para que pudéssemos decidir o que fazer com o bebê. Ela me disse que estava realmente tentando se manter limpa, mas enfrentava dificuldades. Também andava bebendo muito. Não havia nada certo na vida de Carla. Exceto...

Claudia ergueu o olhar para Lorraine. Compartilharam um momento de compreensão.

— Exceto o bebê — completou Lorraine.

Claudia confirmou com a cabeça.

— Eu conseguia ver o brilho de esperança quando ela falava nele. Mostrou-me um par de pequeninas meias cor-de-rosa que havia comprado. — Claudia soltoou um meio riso, meio suspiro. — Disse que, naquele dia, comprara apenas dez baseados, em vez de vinte, e por isso pôde comprar as meias. Percebi que, quando falava do bebê, algo mudava nela, e foi por isso que fiquei realmente chocada quando me falou que ia interromper a gravidez. Disse que queria apenas alguém que a amasse. Isso me comoveu de verdade.

Também comoveu Lorraine. Ela engoliu o nó que se formara em sua garganta, recusando-se a olhar

para Adam, por causa da conversa que tinham tido com Grace.

— Então, conversaram sobre dar continuidade à gravidez.

— Sim — confirmou Claudia, com sinceridade. — Mas juro que eu não sabia de qualquer contraindicação médica. Carla nunca mencionou que havia algum problema com ela. Eu a teria mandado voltar ao médico. Contudo, minha orientação não foi para que mantivesse o bebê. Isso teria sido errado, por conta das circunstâncias e de sua dependência química. Ela mal conseguia cuidar de si mesma, quanto mais de outra vida. De qualquer modo, tudo indicava que eu precisaria tirar o bebê dela quando ele nascesse.

Adam fazia anotações, mas Lorraine apenas escutava, pensando na pobre Carla e em seu bebê morto.

— Mas, tendo em vista que você sabia do problema de Carla com drogas, que existia havia muito tempo, não presumiu que ela poderia ter alguma complicação médica implícita? — indagou Adam.

A expressão de choque e mágoa no rosto de Claudia refletiu exatamente o que Lorraine estava pensando. Olhou fixamente para o marido, por ele estar sendo insensível, mas Adam ignorou-a.

— No meu trabalho, investigador, nunca é seguro presumir algo. Mas não sou médica, e não havia nada no processo dela sobre qualquer problema de saúde. Havia apenas a informação de que tinham marcado um aborto. Se ela não estava de acordo com isso, então era meu dever zelar pelo futuro do bebê. A possibilidade de que sua gravidez realmente a *mataria* nunca me ocorreu. Tudo que vi foi uma jovem mulher desesperada, com um ínfimo sinal de esperança no olhar. Eu queria que ela considerasse todas as opções, e isso incluía manter o bebê.

Claudia levantou-se e esticou as costas. Fez uma cara de dor.

— Carla me prometeu que largaria as drogas, iria para o centro de reabilitação, deixaria de beber e até mesmo diminuiria o cigarro. Prometeu que não se meteria com gente errada e que inclusive passaríamos algum tempo limpando seu apartamento. Isso não faz parte das minhas atribuições profissionais, mas percebi tanto otimismo, tanto potencial, que algo perfeito estava crescendo dentro dela, que admito que parte de mim quis que ela cancelasse o aborto. É tão errado assim?

— Não — concordou Lorraine, quase de imediato. — Não é.

— Qual é a sua opinião sobre o aborto, Sra. Morgan-Brown? — perguntou Adam. — Sinto muito se isso parece insensível diante das circunstâncias.

— Não me importo por você perguntar — respondeu Claudia, pensativa, enquanto passava as mãos pela barriga. Lorraine seria capaz de jurar que aumentara visivelmente de tamanho nos últimos dois dias. — Estar grávida significa tudo para mim. Sempre sonhei em ser mãe. — O sorriso se desfez. — A questão é que nunca previ toda a tristeza que isso traria. Mas aqui estou. Enteados gêmeos e uma menininha a caminho.

— Tristeza? — perguntou Lorraine.

— Infelizmente, esta não é minha primeira gravidez. Meu companheiro anterior e eu tentamos muitas vezes ter um bebê e...

— Tudo bem, querida. Não precisa entrar em detalhes. — Lorraine estava arrependida por ter perguntado.

— Não, é relevante. Tive muitos abortos espontâneos e natimortos. Ninguém sabe o motivo. Por isso, esta gravidez é extremamente preciosa para mim. Quando ouço falar em aborto, tento não fazer julgamentos, mas, com Carla, foi mais do que isso. De algum modo, senti que ela precisava ter aquele bebê, mesmo com o risco de ele ser tirado dela. — Claudia trocou olhares com os dois, dando-lhes um momento para entender o que ela estava dizendo. — Vocês não acham que meus sentimentos pessoais de alguma forma anuviaram o discernimento de Carla, acham? — Sua voz

tornou-se subitamente aflita e cheia de culpa.

— Você só estava tentando ajudar — observou Lorraine.

Claudia assentia, pensativa. Sentou-se de novo, ainda claramente agitada. Roeu nervosamente uma unha.

— Há mais uma coisa que talvez seja importante. — Claudia levantou-se outra vez e começou a andar de um lado para outro. — Ah, mas não sei. Talvez não seja nada, e James diria que estou sendo completamente paranoica.

— Essas coisas que “talvez não sejam nada” com frequência são as que mais nos ajudam — frisou Lorraine.

— Está bem, então. Mas é confidencial, certo?

— Isso depende — apressou-se em dizer Adam.

— É que, se eu lhes contar e estiver enganada, não quero que ela saiba que falei. Isso tornaria as coisas muito desagradáveis para mim. — De repente, Claudia baixou a voz e olhou várias vezes para a porta fechada.

— Faremos o possível — prometeu Adam, sem muita convicção.

— É minha babá, Zoe. Creio que vocês a encontraram brevemente na primeira vez que vieram aqui — Claudia falou dirigindo-se a Lorraine. — Bem, dia desses, tive motivos para... para procurar algo no quarto dela. Sei que não parece correto, mas, acreditem, fiquei feliz em ter ido até lá. Vamos direto ao assunto: eu estava olhando fotos na câmera de Zoe. Sim, sim, sei que não devia... — Outro momento de culpa. — De qualquer modo, fiquei contente por ter feito isso. Havia uma foto do... — Claudia hesitou de novo, lutando para conseguir contar. Enfim, falou com um forte suspiro: — Havia uma foto do processo de Carla Davis na câmera dela.

Ela pareceu aliviada por lhes ter contado, embora de repente se mostrasse mais nervosa.

— Nele, havia todos os dados pessoais de Carla, como endereço, idade, data de nascimento, seu médico e seus problemas principais. Obviamente, informações confidenciais. Eu me senti péssima por isso ter acontecido. A culpa foi toda minha, por ter trazido o processo para casa. Pensei que tinha mantido os documentos trancados o tempo todo no escritório, mas estava enganada. Não fazia a menor ideia de que Zoe quisesse saber detalhes sobre Carla.

— Ela está em casa? — perguntou Adam.

Claudia esboçou uma expressão aflita.

— Ela saiu, mas deve voltar a qualquer momento. — Olhou novamente para a porta. — Olhem, pode parecer loucura, mas não gostaria de provocar algo em relação a ela. Isto é... — Ela estava ficando angustiada. — Talvez eu tenha me enganado. Só olhei a foto rapidamente. Dei zoom, mas a tela da câmera era muito pequena. Acho que posso ter interpretado mal.

— Precisaremos falar com ela, está bem? — indagou Lorraine.

— Não quero que Zoe fique contrariada por causa disso, porque, se ela for embora, estou ferrada. James está longe e... e vou precisar de ajuda.

— Existem outras babás — alegou Lorraine, afável. — E, certamente, se há um motivo inocente para justificar a fotografia, Zoe não vai deixá-la. Ela ficará feliz em explicar.

Claudia pensou por um instante.

— Acho que tem razão. É que ficar sozinha faz eu me sentir muito vulnerável.

— Nós entendemos — encerrou Lorraine. — Voltaremos outra hora para falar com Zoe.

— Enquanto isso, é melhor não mencionar nada para ela — acrescentou Adam.

— Uma última coisa — disse Lorraine.

Claudia ergueu as sobrancelhas.

— Sim, o que quiserem.

— O nome Heather Paige significa alguma coisa para você?

Ela fez uma expressão intrigada, erguendo por um segundo os olhos em direção ao teto enquanto pensava.

— Lamento, mas não. Por quê?

— Ninguém chamada Heather Paige esteve nesta casa recentemente ou no passado? — indagou Adam, num tom mais acusatório do que Lorraine gostaria.

— Com certeza, não — respondeu Claudia.

— Bem, obrigada por tudo — agradeceu Lorraine, levantando-se. — Sentimos muito por termos tomado seu tempo.

— Tudo bem — disse Claudia. Ela os acompanhou até a porta e os cumprimentou com um aperto de mão antes de partirem.

Observo-os partir, embora não saibam disso. Estou olhando por entre as grossas cortinas do hall às escuras, rastreando as luzes vermelhas da traseira do carro sem identificação que segue para a rua. Quando estão fora de vista, volto para a sala de estar e desabo no sofá. Belisco-me com força no braço por ser tão burra.

Por que contei a eles sobre Zoe e as fotografias? Agora, ela vai descobrir tudo e ficará furiosa porque estive em seu quarto. Ela se sentirá mortificada porque não confio nela, paranoica em relação ao futuro e, sem dúvida, amanhã, por volta da hora do chá, terá arrumado a mala e ido embora.

E como eu fico?

Não é um bom começo para uma relação de confiança. Se James estivesse aqui, ele me diria para perguntar-lhe imediatamente se ela havia estado no escritório, de modo a acabar com as dúvidas, ser franca logo de início. Ele não gostaria de todos esses segredos.

Tenho certeza de que deve haver uma explicação racional, e de repente me ocorre que talvez Zoe tenha pegado nossa câmera por engano. Ela ficou por aí, após a visita ao oceanário, e são modelos muito parecidos. Talvez as fotos já estivessem nela e tenham sido tiradas por James, embora eu não faça ideia de por que ele faria isso. À exceção daquela em que dei zoom, não sei o que havia nas outras fotos, ainda que tenha notado que também pareciam ser de documentos. Esse cenário, embora improvável, não seria tão assustador. Porém, quando vou checar se nossa câmera está na gaveta do armário da cozinha, onde costumo guardá-la, ela está exatamente onde a deixei. Verifico as fotos, para o caso de Zoe tê-la colocado de volta após perceber seu erro, mas não há imagens de documentos.

— Ah, James — exclamo, voltando para a sala. — O que devo fazer?

O que devo fazer? Devo ter lhe feito essa pergunta mil vezes desde que estamos juntos. Creio que a primeira vez que a ouviu foi quando admiti meu amor por ele. Estávamos sentados ao lado do canal, de mãos dadas e escavando pensamentos nas profundezas dos olhos um do outro. Para os passantes, devíamos parecer um casal de adolescentes perdidamente apaixonados, mas não demorou para que James tivesse que voltar para o mar e eu quisesse saber se tínhamos um futuro. Tudo parecia muito errado logo após a morte de Elizabeth.

— O que devo fazer? — Tomei um gole da minha bebida. Puxei o cardigã em volta dos ombros quando um calafrio transpassou meu corpo. Era uma noite agradável, mas eu sabia que o resto da minha vida repousava sobre a resposta a essa pergunta.

— O que *você* deve fazer? — retrucou ele, incrédulo. — Não se trata de você, Claudia, mas de *nós*. Sei que você se sente responsável. Sei que está se contendo por minha causa. — Ele apertou meus dedos. Eu me senti segura.

Baixei a cabeça.

— As pessoas vão falar — aleguei.

— Que se danem as pessoas — rebateu James. — Elas não sabem nada sobre como nos sentimos.

— É muito cedo — reiterei. Eu já tinha dito aquilo mil vezes.

— Elizabeth ia querer que eu fosse feliz — afirmou James. — Ela era maravilhosa a esse ponto.

— Fico triste por não tê-la conhecido — lamentei, mas então me dei conta de que, se a tivesse conhecido, James e eu não estaríamos conversando sobre viver juntos. Era egoísmo me sentir feliz por ela ter morrido? Naquela época, estávamos nos vendo havia vários meses. Por vendo, refiro-me

a um nível muito maior do que o de ajudá-lo a cuidar do bem-estar dos meninos. James estava fazendo um excelente trabalho com os gêmeos. Aliás, acredito que, ao mergulhar no cuidado com os filhos e no nosso florescente relacionamento, os bebês e eu o ajudamos a superar os estágios iniciais da dor.

— É que parece cedo demais — insisti. — As pessoas *vão* falar, gostemos ou não, James. Dirão que sou uma espécie de abutre, agindo para tomar o lugar de Elizabeth. — Quis chorar de frustração, mas me contive. Depois de tudo pelo que tinha passado, depois de praticamente perder a esperança de algum dia encontrar alguém, após ter me separado de Martin... Afinal, tínhamos ficado onze anos juntos... Nunca pensei que voltaria a encontrar o amor, muito menos que teria uma família.

— Não me importo — respondeu James. Puxou-me para perto e senti meus tremores. — Ei — falou em tom amável —, não tenha medo. — Foi quando me segurou pelos ombros e me afastou para olhar meu rosto. Minha face esquerda tinha uma única lágrima, que xinguei por tê-la deixado escapar, por denunciar meus sentimentos. — Quero que você se mude para morar comigo e os meninos, Claudia. Quero você mais do que qualquer outra coisa no mundo. Diga que vem.

Na privacidade da minha cabeça, a resposta disparou rapidamente: *Sim!* Mas, como eu era experiente, exibi um rosto pensativo, tentando reprimir o sorriso que queria irromper. Aquele era o início de uma nova vida. Finalmente, após todo o sofrimento e a confusão emocional que sofri com Martin, eu recebia outra chance de ser feliz. Nunca imaginei que isso fosse acontecer.

— Isso é uma loucura! — exclamei, com uma risada. James também riu. Aliás, ele rira nos dias que se seguiram à morte de Elizabeth, e eu não conseguia entender aquilo direito. Agora, conhecendo-o como conheço, sei que foi sua maneira de enfrentar a situação. Uma pessoa só consegue suportar tanto estresse quando seus pensamentos naturalmente se desviam o máximo possível para a normalidade. É autoproteção e, de certo modo, eu estava fazendo o mesmo. Estávamos ambos em recuperação emocional, os dois desesperadamente perdidos e carentes, apesar de tentarmos ser sensíveis e maduros a respeito. — Loucura, sim. Mas eu me apaixonei por você, Claudia. Quero me casar com você. Quero que seja uma mãe para Oscar e Noah.

Ouvi apenas as palavras *Quero que seja uma mãe*. Foi o mais perto que ele chegou de um pedido de casamento. O casamento em si pareceu fluir de forma tão natural quanto o fato de eu preparar o jantar ou cuidar dos meninos sem que jamais ele pedisse outra vez.

Quantas vezes tentei ser mãe de alguém? Quantas vezes fracassei?

De repente, eu não era mais uma fracassada. Ignorei os gritos de dúvida em minha cabeça; aliás, ignorei os cautelosos alertas de familiares e de amigos quando ergueram as sobrancelhas e fizeram comentários sobre o *timing* duvidoso de meu relacionamento com James. *Ele acabou de perder a esposa, Claudia... Você quer mesmo cuidar dos filhos de outra pessoa?... O dinheiro dele veio da esposa falecida...* Eu não fazia ideia da quantia que Elizabeth havia lhe deixado nem da fortuna da família dela; ainda continuo sem saber dos negócios particulares de James. Mas os comentários e alertas vieram certos e velozes dos bem-intencionados, incomodados com minha recém-descoberta felicidade.

Para nós, foi simples. Ele estava ferido. Eu estava ferida. Juntos, saramos. Nunca me ocorreu, sequer uma única vez, que James estava me usando como mãe substituta ou uma conveniente babá e governanta morando em sua casa para curar sua vida despedaçada. E, se isso tivesse passado pela minha cabeça, eu teria rejeitado a ideia imediatamente. Amei James e amei seus filhos. Queria ser a mãe deles. Queria ser a esposa de James. Ele me prometeu meu próprio bebê, e acreditei que me daria. Para começar, não ousei mencionar todos os abortos e natimortos. Queria que isso fosse parte do meu passado, não do meu futuro. Concluí que a culpa fora toda de Martin e não tinha nada a ver

com meu corpo. Mesmo quando os médicos me disseram que duvidavam que eu fosse capaz de ter filhos, recusei-me a abandonar a esperança.

— Filha da mãe! — exclamo, exatamente quando Zoe entra em casa. Ela está cantarolando.

— Será que ouvi alguém xingar? — pergunta jovialmente, enfiando a cabeça pela porta da sala de visitas.

Ela me pega chupando o dedo.

— Sou completamente inútil — digo-lhe, erguendo o olhar, despreocupada. Agito a blusa.

— Sinto muito, eu pretendia fazer isso para você. — Zoe enrubesce um pouco e entra, delicadamente tirando de mim a peça de roupa. O pequenino botão pende do tecido de algodão. Ela não sabe se eu estava xingando a blusa ou meu dedo furado. Mas eu estava xingando por causa de minha estupidez em mencionar Zoe para a polícia antes de eu mesma falar com ela.

Ela se aproxima de mim.

— Como está se sentindo? — pergunta.

Olho atentamente para seu rosto. Não há nada que denuncie qualquer falta de sinceridade e também nada que evidencie minha angústia.

— Zoe, sente-se. Tem uma coisa que preciso lhe perguntar.

— Ah, está bem — concordou, obsequiosa. — O que é? — Há um quê de dúvida em sua voz, mas nada que transpareça o que estou para mencionar.

— Quando estava procurando aquele livro no sótão, Zoe, não pude deixar de ver que havia sangue em um dos seus suéteres. — Faço uma pausa. Agora ela sabe que estive em seu quarto.

— Ah, aquilo — explica, com o princípio de um sorriso constrangido.

— Eu não estava bisbilhotando, garanto — acrescento. — Achei que o livro poderia estar no seu guarda-roupa. — Numa época, eu realmente guardava alguns dos meus documentos e livros da universidade naquele armário. — Mas esqueci que tinha transferido alguns para o porão antes de você chegar. Vi o suéter e fiquei me perguntando se você havia se machucado. — De modo algum eu podia mencionar o teste de gravidez e as fotos.

— Sim, eu me machuquei — confirma Zoe automaticamente. Segura o ombro. — Caí da bicicleta. Mas estou bem — acrescenta, provavelmente porque meu rosto está adotando uma expressão de descrença. — Eu estava indo a toda velocidade até o mercado para comprar leite, e meus freios falharam. Não se preocupe, os meninos estavam na escola. Sangrou só um pouco. Foi mais um arranhão leve do que qualquer outra coisa, mas, como segui até o mercado, acabou sujando meu suéter.

Encaro-a. Parece perfeitamente plausível, exceto por eu não conseguir deixar de pensar por que ela não me contou antes.

— Eu devia ter lhe contado, mas não quis deixá-la mais preocupada — alega, como se tivesse lido minha mente. Ela estende a mão e dá um tapinha no meu braço. — Ou para que não pensasse que sou uma idiota desajeitada, além de péssima motorista.

Entendo o que quer dizer.

— Quer ver o arranhão? — Faz menção de abrir o zíper da roupa e torcer o braço para fora da manga.

— Ah, não, de verdade. Não precisa fazer isso. — Sinto-me estúpida agora. — Desculpe ter perguntado.

— Claudia. — Ela faz uma pausa, enquanto me fita nos olhos. — Eu também teria perguntado se tivesse visto sangue no suéter da minha babá. — Ela ri, provavelmente mais do que seria justificável, e começa a desfazer a bagunça que fiz ao pregar o botão.

Ir morar com Cecelia, dois anos atrás, não foi uma decisão fácil. Nem a de ir embora. Agora que fui, estou preocupada com o que vai ser dela. Sinto-me totalmente responsável por seu bem-estar, embora cada célula sã de meu corpo grite para eu nunca mais voltar, que ela é um veneno, e que, enquanto estiver com ela, ficarei sobrecarregada por um fardo tão pesado quanto os pensamentos loucos que habitam sua mente.

Ela vive lutando com sua saúde — tanto do corpo como da mente; *sobretudo* a da mente —, e sou compreensiva o máximo que posso. Cecelia, porém, não é como as outras mulheres. Ninguém além de mim a entende, compreende seus medos irracionais ou os ataques de ansiedade que podem ocorrer a qualquer hora do dia ou da noite. Fui eu quem a seguiu pela escura rua principal, de madrugada, quando resolveu fazer compras de Natal em julho. Fui eu quem a buscou no hospital e colocou gelo em seus pés feridos, após ela ter caminhado dezesseis quilômetros, descalça, à procura de um bebê que não existia. Ninguém, a não ser eu, sabe pelo que ela passou; ninguém além de mim entende sua necessidade de ser amada de um determinado modo — um modo que apenas uma mãe de verdade é capaz, como ela me disse certa vez.

É por esse motivo que Cecelia se recusa a adotar — não que, afinal de contas, isso lhe fosse concedido. Apesar de seu desejo inato de reproduzir, ela acredita realmente que sempre foi infértil — mesmo antes de sua operação. Diz que seus quadris são estreitos demais, e que nada iria querer crescer dentro dela. Diz que Deus a fez infecunda como o deserto. Às vezes, tendo a concordar.

Por isso, coube a mim conseguir um bebê para ela. Admito que, no início, concordei para acalmar seus pensamentos agitados e satisfazer sua imaginação. À medida que ela passou a acreditar no que eu lhe dizia — que, de alguma maneira, um dia eu lhe arranjaría um bebê —, ela se comportava, trabalhava e agia de um modo quase normal. Era apenas, concluí, uma forma de manter a esperança viva.

Cecelia exigia que tivéssemos a comaternidade do bebê. Pensei a respeito. Tinha dúvidas se alguma de nós duas estava pronta para ser mãe, mas, já que isso acalmava Cecelia e eu tentava manter um emprego que exigia muito de mim enquanto cuidava das necessidades dela, deixei ela acreditar que eu faria isso.

Cecelia sempre fora determinada e, de um modo assustador para mim, ela furiosamente planejava e resolvia tudo. Eu continuaria sendo a provedora da família, enquanto ela cuidaria da criança. Ela continuaria fazendo suas joias, mas numa escala menor. Cecelia queria que eu engravidasse de um doador de esperma. Foi aí, de fato, que o plano fracassou. Não engravidei.

Não posso dizer que me esforcei ao máximo: sem que ela soubesse, joguei as amostras no vaso e dei descarga sem sequer tentar. Após não ter funcionado com o banco de esperma, supostamente tentamos sete vezes com amostras que nos foram fornecidas por um grande amigo. Depois disso, ela me fez tentar com outros dois amigos dispostos a nos ajudar, e então, quando isso também não deu certo, Cecelia anunciou que queria que eu acoplasse com um homem — qualquer sujeito de boa aparência servia, disse ela — e eu me lembro de ter gargalhado tanto que passei mal.

— Acoplar? — perguntei. — Está fazendo isso parecer um experimento de laboratório ou o reabastecimento de um avião. — Eu balançava a cabeça o tempo todo, com receio de que ela quisesse presenciar o ato. Não havia a menor chance de eu fazer isso. Enrolar Cecelia com inseminações malfeitas era uma coisa, mas acabar grávida de um homem escolhido ao acaso era

completamente diferente. Contudo, eu tinha que manter viva a esperança dentro dela. Era quase o mesmo que preservar a vida *dela*, embora estivesse começando a perceber que a loucura de Cecelia podia ser contagiosa. Trabalhar estava se tornando cada vez mais e mais difícil, ao mesmo tempo em que tentava manter as exigências de Cecelia longe de mim. No fundo, eu sabia que deveria ir embora, mas não fazia ideia de que demoraria mais um ano até que eu finalmente fosse.

Foi numa festa de Natal que Cecelia quase conseguiu o que queria. Foi praticamente um clássico: um movimento atrapalhado na fila da fotocopidora, ou um encontro marcado no bebedouro, só que fizemos sexo sem qualquer proteção num quarto de hotel. O tempo todo eu pensava em Cecelia, fingindo que fazia aquilo por ela. Na verdade, foi porque não conseguia admitir que *quis* fazer aquilo com um homem que eu não conhecia. Após cuidar de Cecelia, fazer parte de seu mundo maluco e me sujeitar a um emprego, a ideia de estar realmente me divertindo parecia um tanto exótica. Era Natal, afinal de contas, e meu cabelo curto estava num estado deplorável. Ver o brilho de sua aliança sob a luz do abajur ao lado da cama, enquanto ele vestia as meias, levou-me a correr até a farmácia para comprar a pílula do dia seguinte.

Enquanto permanecia sentada, segurando a embalagem vazia da pílula e esperando que a química realizasse sua mágica, refleti sobre a noite anterior. Ele quis meu telefone.

— Mas você é casado — lembrei-lhe. Tentei imaginar sua esposa.

A resposta foi um dar de ombros enquanto abotoava a camisa. Ele era bonito, inteligente e estava em boa forma, mas eu não conseguia imaginar por que ele tinha feito aquilo. Quando estava pronto para ir embora, olhou-me por cima do ombro.

— Sim, sou — admitiu ele, com o primeiro lampejo de arrependimento. — Mas quero me encontrar com você de novo.

Talvez pensara que era o que eu queria ouvir e não tivesse qualquer intenção de realmente me ligar.

— É, mas não vai — respondi.

No fim, ele concordou facilmente.

— Você tem razão.

Desejei-lhe um feliz Natal e fui embora, rezando para não vê-lo nunca mais.

Até mesmo contei a Cecelia sobre meu encontro — uma espécie de presente de Natal troncho para mantê-la animada até minha próxima menstruação —, sem mencionar, contudo, a pílula que eu havia tomado. Ela ficou superfeliz com o que eu tinha feito. Não importava o gosto de culpa que senti por transar com o marido de outra mulher.

Uma semana depois, porém, Cecelia teve um de seus insondáveis e impertinentes acessos de melancolia. Recusava-se a levantar da cama, tomar banho, comer ou falar, exceto quando gritava comigo. Eu não fazia ideia do porquê. Era simplesmente como ela agia de vez em quando. Isso durou pelo menos as três semanas seguintes e, perto do fim de janeiro, eu me enchi daquilo. Disse a ela que ia embora.

— Se você for, vou me matar — anunciou. Eu sabia que ela faria isso, então fiquei.

Estava desesperada de preocupação por Cecelia, mas sentia em meus ombros o peso de nossas turbulentas vidas juntas. Estava sem saber o que fazer. Seguimos atabalhoadas o restante do ano, e as coisas pareciam ter melhorado. Até que chegou novembro, quando as folhas caem e o vento açoita, e o humor de Cecelia mudou mais uma vez. Ela catapultou a si mesma para um estado maníaco particularmente ativo, trabalhando incansavelmente em peças para uma mostra em Londres. As joias estavam vendendo bem e, na ocasião, ela ganhava mais dinheiro do que eu.

Então, Cecelia conseguiu outro doador voluntário e novamente quis tentar ter um bebê. Afinal, foi o que sempre prometi a ela. Desta vez, fiz tudo certo, por causa dela — por causa da minha

consciência. Achei que isso poderia melhorar as coisas, embora eu rezasse para que não funcionasse. Mas o humor dela piorou. As coisas poderiam ter sido boas entre a gente, mas ela continuou a vociferar e xingar e rosnar para mim apenas por eu estar viva, como se eu fosse a causa de sua doença. Meus dias se tornaram mais e mais infelizes, e fui repreendida várias vezes diante do meu chefe por questões de baixo rendimento.

Portanto, quando soube do emprego com Claudia e James, decidi que seria um novo início para nós duas e enfim deixei Cecelia. Se, por acaso, eu estivesse grávida, faria a coisa certa e voltaria para ela. Se não estivesse, jurei a mim mesma que tudo estaria acabado.

No fundo do meu coração, no lugar onde mais dói, eu sabia que não pretendia fazer isso, que jamais a deixaria de verdade. Mas eu também não estava sendo impertinente? Envergonho-me em admitir, mas, no dia em que saí do nosso apartamento, estava tomada de ódio por ela.

*

E aqui estou, saindo para impressionar minha patroa, pensando no meu futuro e bem-estar, para variar, mas tudo o que vejo são alertas finais e últimas chances. A imagem de Cecelia lampeja em minha mente, com seu cabelo desgrenhado de modo selvagem; sua risada, derramando-se por entre um desvairado arreganhar de dentes, estrondeia em meus ouvidos. Para ser honesta, tudo parece insípido e vazio sem ela — uma vaga reverberação de nossas vidas outrora partilhadas, ecoando em volta das margens de um sonho que malogrou por que motivo? Um bebê sem nome? Não posso culpar Cecelia por tudo que não acontece do jeito como planejo, mas tenho pagado o preço de me sentir tão responsável por ela. E, inexplicavelmente, ainda quero cuidar dela.

Faço o caminho mais longo ao voltar das compras. Isso me dá tempo para pensar no que Claudia me disse esta manhã: que a polícia fizera outra visita na noite passada. Por que ela não me contou quando eu estava pregando seu botão? Ela parecia mais preocupada em confessar ter bisbilhotado meu quarto, embora tenha dito que estava apenas procurando um livro. Não sou burra. E se ela encontrou minha câmera e viu as fotos? Acho que nem todas as explicações do mundo evitariam que ela me demitisse no ato. De qualquer modo, não acho como acreditou em mim quando lhe disse que havia caído da bicicleta. Eu devia ter agido com mais cuidado e não ter deixado um suéter manchado de sangue jogado por aí.

— O que eles queriam exatamente? — perguntei mais cedo, enquanto preparava o café da manhã dos meninos. Cada gêmeo colocou o ouvido junto ao cereal, quando eu lhes disse para contar os estouros. Isso os manteve ocupados enquanto eu picava algumas frutas e perguntava à mãe deles sobre os investigadores. — Foi muita falta de consideração vir até aqui tão tarde.

Claudia pareceu constrangida.

— Eles fizeram perguntas sobre meu trabalho — respondeu, de um modo plausível.

Chego de volta à casa e destranco a porta da frente, pronta para começar tudo o que preciso fazer. Imediatamente, fico paralisada. Há vozes baixas, vindas de algum lugar no interior da casa. Vozes masculinas desconhecidas. Ainda do lado de fora, dou mais uma olhada, com cautela, no acesso até a entrada da casa e na rua mais além. Parece tentadora, segura, repleta de liberdade e representa o resto de minha vida, caso eu resolva fugir. Estou prestes a me virar, sair correndo, quando dois homens bem-vestidos aparecem no corredor. Um deles carrega uma pilha de papéis, e os dois parecem tão surpresos em me ver quanto eu em vê-los.

— Quem são vocês? — Estou tremendo, pulsando com a adrenalina. Podem não ser intrusos. Podem ser amigos de Claudia.

— Íamos lhe perguntar a mesma coisa — diz o louro alto.

— Vocês são amigos da família? Eu não estava esperando ninguém. — Afasto-me para o lado, tentando descobrir o que eles pretendem fazer. Isso não parece certo. A julgar pelos processos que carregam, estiveram no escritório de James. Meu coração dispara quando sigo adiante, contornando uma quina para ver o que estão fazendo. Ofego quando vejo a porta do escritório. A fechadura foi arrombada com pé de cabra. A madeira está lascada. — Ai, meu Deus! — exclamo, dando vários passos para trás. — Vocês a arrombaram!

A expressão de pavor em meu rosto abrandava a atitude arrogante dos homens, e o mais baixo ergue a mão livre em sua defesa.

— Não se assuste — pede ele. — Somos irmãos de Elizabeth. Viemos pegar algumas coisas dela. — Sua expressão é fria e desprovida de emoção.

— Mas vocês invadiram — digo, tentando ganhar um momento para pensar. Aquilo não era nada bom. Meu emprego estará em risco, sem dúvida. — Sinto muito pela irmã de vocês. Não a conheci, mas... — Contraio e esfrego a testa. Eles arrombaram a fechadura da porta de James. Cada pedacinho de mim grita para eu chamar a polícia... só que não posso. — Devo telefonar para Claudia e avisar que vocês estão aqui? Sou a babá.

Os dois homens parecem mais tranquilos quando menciono quem sou. *Apenas a idiota da babá.*

— Nós já estamos de saída, não precisa incomodá-la — fala o louro, com um sorriso desagradável. — Prazer em conhecê-la. E lamento pela porta. — Saem apressadamente da casa.

— Mas... — alego, estendendo os braços, impotente, enquanto eles passam. Tenho certeza de que não deviam levar todos aqueles documentos e, quando me dou conta das implicações, corro para o banheiro do andar térreo. Vomito. Depois começo a limpar a bagunça que eles fizeram.

— Obrigado por terem vindo tão depressa.

Adam agradeceu ao grupo de investigadores que estão trabalhando no caso. Alguns batiam papo, outros se empoleiravam nas beiradas das escrivaninhas, enquanto outros estavam encostados na parede. Todos queriam começar logo. Lorraine apertava os botões do celular, vasculhando os contatos para encontrar o número da escola. Adam olhou-a de cara feia, mas ela não se importou. Ele poderia atualizá-la mais tarde. Lorraine saiu para o corredor, mas a ligação ficou entrecortada, então ela disparou por uma porta lateral em direção à pequena área de concreto frequentada pelos fumantes. Mal conseguiu ouvir a secretária do diretor da escola, quando ela enfim atendeu.

— Mas é importante — frisou, reagindo à informação de que ele estaria ocupado nos próximos dias. — Preciso falar com ele sobre minha filha, é urgente. — Lorraine deu um suspiro pesado. — Sim, Grace Scott. — Houve uma pausa, e Lorraine pensou ter ouvido a mulher cobrir o telefone com a mão e falar em voz baixa. — Obrigada, agradeço muito — disse finalmente, desligando após ter marcado uma reunião para as nove e quarenta da manhã seguinte.

Enviou uma mensagem de texto com os detalhes para Grace, na esperança de que ela também comparecesse.

— Venha — chamou Adam, alcançando Lorraine no corredor. — Vamos voltar à St. Hilda's Road. Não estou convencido de que não conseguimos encontrar nossa Srta. Paige.

— Você parece bem-disposto — observou Lorraine, amarga, sentindo-se exatamente o oposto.

— Você saberia por quê, se estivesse na reunião — provocou ele, apressando o passo.

Ao entrarem no estacionamento subterrâneo, Adam apalpou as chaves do carro no bolso.

— Então acabe com meu tormento — pediu ela, sabendo que ele adorava deixá-la curiosa.

Somente após estacionarem do lado de fora da grande casa georgiana em Edgbaston, os limpadores agitando-se furiosamente no para-brisa, borrando a neve com a chuva que agora estava caindo, Adam contou o que elevara aquela visita a caráter de urgência. Lorraine sabia muito bem que não adiantava pressioná-lo. Ele a estava castigando por ter colocado a vida dos dois — o bem-estar da filha — acima do trabalho. Ela nunca questionou essa ética e não acreditava que, mesmo pressionado de verdade, Adam mudaria a dele. A consciência disso era estranhamente reconfortante; saber que, de alguma forma, ainda eram uma dupla.

— Há semelhanças de DNA entre as amostras de Sally-Ann e Carla — afirmou ele num tom banal. — Trata-se do mesmo assassino em ambos os casos, e foi confirmado que é uma mulher. O que Carla falou fazia sentido. — Adam puxou o freio de mão e levantou a gola do sobretudo, preparando-se para o tempo impiedoso.

— Caramba, por que não disse antes? — A voz de Lorraine se alterou por causa da incredulidade e da raiva.

— Porque você estava ao telefone.

— Eu estava marcando uma reunião com o diretor da escola de Grace — vociferou Lorraine de volta. — Alguém tem que convencê-la a continuar na escola.

— Não durante o horário de trabalho — retrucou Adam. — E ela não quer continuar na escola.

— Não *há* outro horário — Lorraine apressou-se em dizer. — Todo o nosso maldito tempo é da polícia, esteja eu preparando o jantar, levando Stella ao balé, ou tentando dar a porra de uma mijada. Nunca, *nunca* me faça sentir culpada por cuidar da minha família, Adam. Só porque você... você se

acha capaz de... — Lorraine se controlou com um *ah*, que soou particularmente fraco e feminino, antes de mergulhar para fora do carro, sob a neve que agora caía intensamente. Tudo o que ela acabara de dizer não era, de modo algum, o que sentia.

Em poucos instantes, estavam de volta ao carro. Além da faxineira, não havia ninguém em casa, e ela confirmou que não havia nenhuma Heather Paige morando naquele endereço. Lorraine queixou-se com Adam por ter desperdiçado o tempo dos dois, visto que Claudia já lhes havia dito que ninguém com aquele nome vivia ali.

— A única outra pessoa é a babá — dissera a faxineira, apoiada na vertical no tubo do aspirador de pó que ela arrastara até a porta. — Mas ela também saiu. Foi ajudar na peça de Natal da escola. — Ela pareceu feliz em informar quase tudo que sabia quando eles exibiram suas identificações policiais.

— Vale a pena ir ver Zoe Harper? — perguntou Lorraine a Adam, ao afivelar o cinto. — Pode ser que ela saiba onde podemos encontrar Heather Paige. Talvez Heather estivesse visitando Zoe, e foi isso que Cecelia viu quando a seguiu.

Ela baixou o quebra-sol do carro e olhou-se no espelho, enxugando o rosto molhado com um lenço de papel. Bateu os flocos de neve dos ombros. Adam já procurava o endereço da escola primária a partir do nome que a faxineira prontamente lhes dissera. Momentos depois, já estavam a caminho do lugar.

A Escola Primária Millpond Heath ficava num prédio baixo, recém-construído, à beira de um parque que rapidamente se tornava branco por causa da neve. O terreno bem-protegido era cercado de árvores de um lado e, do outro, havia casas alinhadas que acompanhavam a curva de uma rua tranquila, formando um cenário da vida de classe média. O chão do pátio já estava pintado por uma camada de geada noturna e pela neve que se instalava por cima. O festivo efeito de cartão de Natal fora, de algum modo, prejudicado pelas trilhas erráticas de pequeninas pegadas na neve suja de lama, ziguezagueando entre os vários prédios que faziam parte da escola, como se o chão tivesse sido imperfeitamente alinhavado por uma costureira descuidada. Música intermitente vinha de uma parte do prédio, e Lorraine sondou as fileiras de vidraças embaçadas, na esperança de que fosse o ensaio da peça de Natal, o que os levaria a Zoe Harper sem muito estardalhaço.

Enquanto atravessavam o pátio em direção à entrada que indicava Recepção/Todos os Visitantes, Lorraine sentiu-se visível demais em sua jaqueta escura de tweed, porém não tão deslocada quanto Adam parecia estar em seu longo sobretudo preto que varria o chão atrás dele. Nenhum dos dois dava a impressão de estar ali para tratar de assuntos escolares.

— Investigadores Scott e Fisher — anunciou Adam rispidamente à recepcionista da escola. Ela era jovem e logo ficou nervosa com a presença deles. Ninguém gostava de ver policiais numa escola, a não ser quando iam fazer uma palestra para os jovens sobre segurança nas ruas ou prevenção de crimes na comunidade, mas isso não fazia parte das atividades de nenhum dos dois.

— Ah — fez a recepcionista, os dedos ainda no teclado.

— Estamos aqui para falar com uma mulher que está ajudando vocês hoje. O nome dela é Zoe Harper.

— Ah! — disse de novo. Desta vez, conseguiu tirar o livro de visitantes da prateleira da janela de vidro que a separava do salão de entrada da escola. Ela percorreu a lista de nomes assinados naquela data e então ergueu o olhar. — Sim, ela está na sala 1B, recheando o jumento — informou a moça, tirando os óculos. Seus olhos de repente pareceram menores. Ela dissera “recheando o jumento” como se fosse uma atividade conhecida por todos, de modo que os investigadores deviam reconhecer sua importância e não interrompê-la.

— Onde fica a sala 1B? — perguntou Lorraine.

— Ah! — Aparentemente, tudo era precedido dessa única sílaba. — Atravessando o pátio e passando pelo bloco de arte e música. Entrem pela porta principal e sigam pelo corredor, é a segunda à esquerda. Vão precisar registrar a entrada e levar este cartão magnético.

— Obrigada — agradeceu Lorraine, seguindo as instruções. Um minuto depois, caminhavam por um corredor vazio em direção ao cheiro de tinta e ao som de “Oh, Little Town of Bethlehem”, que vinham de uma sala.

— Isso faz você voltar ao passado? — perguntou Lorraine, olhando pelo quadrado de vidro na porta. Cerca de trinta crianças estavam sentadas no chão com as pernas cruzadas. Algumas seguravam pandeiros, enquanto outras tocavam triângulos. Algumas crianças enfiavam o dedo no nariz ou roíam unhas, olhavam pela janela ou, agora, para os rostos estranhos que apareciam na porta da sala. Uma professora de cabelo negro atacou novamente o piano, movimentando a cabeça para o desinteressado grupo de alunos sob seus cuidados.

Lorraine e Adam seguiram adiante e chegaram à sala 1B. Pela janelinha da porta, a princípio a sala parecia vazia, até Lorraine avistar um grupo de três mulheres agachadas num canto, lutando contra uma criatura de aparência grotesca com quatro pernas desengonçadas estendidas para o ar.

Assim que entraram, as mulheres se viraram, e Lorraine logo reconheceu uma delas como a babá com quem conversara brevemente no endereço da St. Hilda’s Road. Ela corou ao vê-los.

— Sentimos muito interromper suas atividades festivas, senhoras — vociferou Adam, com mais entusiasmo do que o necessário, encarando a babá.

Ele está supercompensando por alguma coisa, pensou Lorraine, embora não fizesse ideia do quê. Era a voz que normalmente reservava a batidas policiais ou situações sérias que exigiam clareza e entendimento imediatos. Três mulheres manipulando um... *ah, meu Deus, o que era isso?* ...não eram motivo para esse tipo de abordagem.

— Somos os investigadores Fisher e Scott — anunciou Lorraine, colocando seu nome na frente, para variar. Mostrou a identificação. — Srta. Harper? — falou para a mais jovem das mulheres. — Lamentamos incomodá-la enquanto está claramente... — Lorraine olhou para a bagunça no chão e os pedaços da pele e das patas do falso jumento estendidos a seus pés como num atropelamento na estrada. — Queremos apenas dar uma rápida palavrinha com você, se for possível.

Zoe Harper se levantou. Ficou cercada por espuma para enchimento até a altura do tornozelo. Grumos de fibras grudavam no folgado cardigã cinza que ela usava sobre o justo jeans preto. Limpou as mãos, manchadas de tinta marrom, sem dúvida por ter pintado a cabeça de papelão do animal que olhava estupidamente para o teto decorado com flocos de neve.

— Eu sei, está horrível, não é? — comentou ela, com uma risada animada. Um pouco ardorosa demais, pensou Lorraine. — As crianças vão ter pesadelos eternos. — As outras duas mulheres riram.

— Há algum lugar onde possamos conversar em particular? Temos umas duas perguntinhas rápidas a lhe fazer.

Lorraine olhou bem para Zoe Harper. O que havia nela que aguçou sua curiosidade? Seria o cabelo louro cortado curto, irregular nas pontas e mais escuro nas raízes, ou os vibrantes olhos azuis que pestanejavam nervosamente, alternando entre ela e Adam; era o corpo franzino, mas ligeiramente musculoso, ou as práticas e resistentes botas com cadarço que pareciam algo que um homem usaria, em vez da babá de uma família abastada? Não, era outra coisa. Algo captado na periferia de sua percepção, mas que gritava para alertá-la. Ela continuava sem fazer ideia do que era.

— Vocês podem ir para a sala dos funcionários — sugeriu uma das outras mulheres, claramente

tentando disfarçar o interesse no que estava acontecendo. Lorraine supôs que ela fosse uma professora. — Estará vazia até tocar o sinal, daqui a quinze minutos — acrescentou.

Diligentemente, Zoe Harper os conduziu até a sala vazia, e eles se sentaram em cadeiras baixas ao redor de uma mesa de centro repleta de bolachas Rich Tea e biscoitos recheados. Meia dúzia de xícaras sujas de café entulhavam a mesa, junto com exemplares do *Daily Mail* e da revista *Heat*.

— Você esteve lá em casa dia desses, não foi? — observou Zoe para Lorraine, enquanto mordiscava as unhas curtas.

— Sim, estive.

— Minha colega conversou com sua patroa sobre alguém de um caso em que ela trabalhou. Aliás, uma pessoa que foi brutalmente atacada. — A voz de Adam ainda era estrondante e inapropriada. Lorraine não fazia ideia do que tinha dado nele.

Zoe, mais uma vez, ficou da cor de uma framboesa e encarou os pés, como se preferisse estar em qualquer outro lugar, e não ali, falando com eles.

— Queremos saber se você conhece uma moça chamada Heather Paige — disse Lorraine. — Gostaríamos de falar com ela e temos motivos para acreditar que ela esteve na casa em que você trabalha. — Zoe olhou para cima, encontrando confiança em algum lugar.

— Lamento, nunca ouvi falar dela.

— A companheira de Heather Paige nos deu o endereço, portanto, temos certeza de que ela esteve lá. Podia fazer um esforço para lembrar se alguma visita apareceu na casa nesses últimos dias?

— A companheira dela? — Um pequeno vinco se formou em sua testa e rapidamente sumiu. — Não enquanto eu estava lá — respondeu Zoe. — Apenas Jan, a faxineira, e Pip, amiga de Claudia, fora alguns entregadores, o bombeiro hidráulico e... — Estava prestes a dizer outra coisa, mas parou. — Sinto muito, não posso ajudá-los mais do que isso.

— Conhece uma moça chamada Cecelia Paige? — indagou Lorraine.

Zoe fez uma cara de surpresa.

— Não. Lamento. — Então, novamente enrubesceu.

— Você não é uma boa mentirosa, não é mesmo, Srta. Harper? — observou Lorraine, enfadada.

— Não creio que tenham condições para julgar — vociferou Zoe para os dois.

— Seu anel — continuou Lorraine, notando o brilho quando Zoe levou a mão ao rosto. Ela afastou um tufo de cabelo. A essa menção, Zoe bruscamente colocou a mão de volta no colo. — É bastante incomum.

— Foi um presente — retrucou Zoe.

— De quem? — perguntou Lorraine.

Zoe deu de ombros.

— De um amigo.

— Deve ser um amigo muito especial para comprar um presente desses para você. É bem caro.

— Olhem, sinto muito, mas não sei de nada — alegou Zoe. — Era isso que queriam me perguntar? Preciso ajudar com o jumento.

— Conhece uma mulher chamada Carla Davis? — continuou Lorraine.

— Precisamos ir — cochichou Adam. Ele estava nervoso.

O que diabo há de errado com ele?, perguntou-se Lorraine.

— Lamento, não — respondeu Zoe.

— Ou Sally-Ann Frith?

Aquilo não estava levando a lugar algum, embora ela, e supostamente Adam, pudesse perceber que Zoe Harper escondia alguma coisa. Ou talvez fosse apenas o que Claudia Morgan-Brown lhes

contara sobre a babá e o processo da moça morta que estava influenciando seus pensamentos. Lorraine tentava permanecer imparcial, mas era difícil, principalmente por causa do estranho comportamento de Adam. Ela concluiu que aquilo a estava perturbando mais do que qualquer coisa.

— Não, lamento. Eu lhes diria, se conhecesse.

— Então talvez queira explicar por que tinha uma foto de detalhes confidenciais da ficha de Carla Davis em sua câmera — acusou Lorraine. Ela imaginara que talvez Adam mencionasse isso. Mas, aparentemente, tudo o que ele queria era ir embora.

Zoe fez uma careta.

— Não faço ideia — respondeu, de modo convincente. — Certamente nunca tirei fotos de qualquer documento. A última vez que lembro de ter tirado fotos foi quando levei os gêmeos ao parque. Pensei em fazer um vídeo para mostrar à mãe deles. É o que as babás fazem.

— Receio termos que pegar a câmera para dar uma olhada — informou Lorraine, afável.

Zoe deu de ombros.

— Tudo bem. Está no meu quarto, na casa dos Morgan-Brown. Fiquem à vontade.

— Adam? — Lorraine esperava que incitá-lo poderia fazer com que perguntasse algo conveniente.

— Tem certeza de que não fotografou as informações pessoais de Carla Davis? — indagou ele, inutilmente.

— Absoluta, investigador Scott — respondeu Zoe com firmeza. — Por que eu faria uma coisa dessas? Sou babá.

— Ninguém está sugerindo que você seja outra coisa — afirmou Adam, pensativo.

*

— Como ela sabia seu nome? — perguntou Lorraine. Apertou a jaqueta em volta do corpo e ergueu o cachecol até as orelhas, determinada a não deixar que Adam percebesse que estava congelando. A última coisa que queria era que ele oferecesse seu sobretudo. Não que houvesse muita chance de ele fazer isso. Quaisquer resquícios de cavalheirismo há muito tempo tinham sido consumidos pelo monstro devorador de casamentos.

— Porque você falou para ela, sua burra. — Adam engoliu avidamente seu café.

— Não, eu falei os *nossos* nomes. Ela supôs quem era quem. — Lorraine pegou o copo de papel de Adam e jogou-o numa lixeira pelo caminho. — Não sei o que deu em você, Adam Scott. Sabe que não pode ingerir cafeína.

— Então, ela teve sorte ao adivinhar.

— Suponho que sim — concordou Lorraine, embora não acreditasse nisso um só minuto. Havia algo mais perspicaz com relação a Zoe Harper do que aquilo, como se ela estivesse interrogando os dois, e não o contrário.

Eles não perderam tempo ao vasculhar as fotos da câmera que Zoe voluntariamente lhes entregara quando a levaram de volta até a casa em St. Hilda's Road. Como ela já lhes tinha dito, não havia nada incriminador na câmera, além de algumas fotos dos gêmeos numa piscina de bolinhas e um vídeo pessimamente filmado de uma briga de irmãos nos balanços.

— A perícia ainda pode dar uma olhada — dissera Lorraine, guardando a câmera. — Talvez eles descubram alguma coisa.

Adam concordara.

— Depressa, estou congelando — pediu Lorraine. Ela podia perceber que Adam pensava profundamente em algo, mas ela queria que ele fizesse isso dentro do carro, com o aquecedor ligado. — A propósito, sobre aquele anel que Zoe estava usando. Eu o reconheci.

Ele olhou de esguelha para ela, enquanto seguiam pela calçada.

— De muito mau gosto, se quer minha opinião.

— Não perguntei o que você achou dele. É incrivelmente parecido com os que Cecelia Paige fabrica. Aliás, é inconfundível. Vi várias peças de seu trabalho quando fui ao apartamento dela. Era como um ninho de ratos ou a caverna de Aladim. Entulhado, repleto de... lixo, basicamente, a não ser pelas incríveis joias que ela faz. Ela pode ser meio maluca, mas é realmente talentosa.

— Então você acha que Zoe conhece Cecelia?

— Tenho certeza. — Lorraine entrou no carro. Nunca sentira tanto frio.

— Eu também — concordou Adam, instalando-se do lado do motorista. Lorraine ficou imaginando por que ele pareceu tão desanimado com a descoberta.

— O que significa...? — propôs Lorraine, querendo que Adam revelasse primeiro sua ideia. Como ele não o fez, ela continuou: — Acho que Zoe Harper não é exatamente quem ela diz ser. — Lorraine tirou as luvas e pegou o celular. Precisava checar umas coisas. — E, além disso, eu apostaria que Zoe Harper é Heather Paige.

Todas as vezes que sofri um aborto, uma pequena parte de mim morreu junto. Acho que Martin jamais entendeu isso, ou minhas amigas, ou mesmo os obstetras e as enfermeiras que recolheram os fragmentos imediatos de minha vida. Por três vezes, dei à luz fetos natimortos e desisti de contar o número de vezes que uma pequenina vida gotejou em minha calcinha.

Levando-se em conta tudo que me aconteceu, ao longo dos anos isso me fez sentir como uma imprestável mulher oca, uma aberração incapaz de levar uma gravidez até o fim; após tanta angústia e dor, cheguei à conclusão de que era uma conspiração, um alerta não escrito gravado em minha alma, para todos os filhos e filhas em potencial: fiquem longe desta mulher. Ela não é uma boa mãe.

Eu estava na Debenhams. Tinha ido até a loja comprar umas coisas para os gêmeos e um vestido para mim. James e eu havíamos sido convidados para um batizado, e eu não tinha nada apropriado para vestir. A ideia de passar uma manhã na igreja com todo mundo curtindo os bebês uns dos outros era abominável, mas James e o pai da criança eram grandes amigos desde a época da escola, portanto, eu sabia que deveria ir. Tentei não ser afetada pela sorte e pelas famílias perfeitas das outras pessoas, mas o fato evidente era que a inveja ficara entalada em minha garganta, como se uma tigela cheia de lama me tivesse sido enfiada goela abaixo.

Encontrei facilmente suéteres e moletons para os meninos. Como eles ficariam toda a manhã na pré-escola, aproveitei a oportunidade para ir às compras. Além do mais, isso fazia parte da minha terapia para me distrair. No dia anterior, eu ficara menstruada. Mais uma vez, não ia ser mãe. Estava duas semanas atrasada, e minha ofegante esperança fora despedaçada. Algo bem dentro de mim dizia que era mais do que meu ciclo normal, que eu, de fato, concebera o bebê de James antes de ele ter partido para uma curta missão, mas havia acabado de sofrer um aborto espontâneo. Quando ele retornasse, eu não poderia dar-lhe as boas-vindas com dois sapatinhos colocados sobre o travesseiro, como havia planejado.

Foi dominada por esse pensamento que me dirigi à seção de itens para bebê da loja. Enquanto avançava por entre mostruários com carrinhos e berços, cadeirinhas para carros e roupas, enfrentei cada etapa do início da vida de um bebê — um lugar onde eu nunca estivera, salvo em meus sonhos. Era um tipo de castigo, suponho.

— Posso ajudá-la, senhora? — perguntou a vendedora.

— Ah, estou apenas olhando, obrigada. — Estupidamente, minha mão foi direto para a barriga plana, como se de fato houvesse um bebê crescendo ali.

A moça sorriu, e pude perceber que estava pensando em perguntar para quando era o bebê, mas a loja estava movimentada.

— Avise-me se precisar de ajuda — disse ela, antes de se afastar para oferecer seus serviços a um jovem casal, o qual, para falar a verdade, não parecia ter recursos para comprar qualquer coisa da loja.

Continuei caminhando, tonta, por entre as macias roupinhas de dormir, penduradas em pequeninos cabides nas araras dos mostruários. As beiradas das roupas felpudas se mesclaram de forma irreal diante dos meus olhos, do mesmo modo que minha visão e a percepção de mim mesma se misturaram turvamente no ruidoso mundo à minha volta. Ali estava eu, para comprar um vestido de batizado que usaria na comemoração de outra família, e acabei na seção de bebês, passando a mão trêmula por produtos que muito provavelmente jamais precisaria ter. Só conseguia pensar em como tudo era

injusto; se ao menos pudesse ter a chance, eu seria a melhor mãe que já existiu. Em vez disso, vivo tirando bebês e crianças de pais inaptos. A ironia me fez rir bem alto.

— Oh, desculpe — falei. Tinha esbarrado na mulher do casal que vira antes. Eu ficara observando os dois com meus olhos ligeiramente lacrimejantes, enquanto eles cobiçavam tudo, de um berço branco a um carrinho que se transformava em cadeirinha para carro. A mulher segurava uma ovelhinha de pelúcia com uma etiqueta vermelha de promoção. Provavelmente, era a coisa mais barata à venda.

— Cuidado! — exclamou o homem. Sua aparência descuidada e beligerante me lembrava os pais com quem eu lidava no trabalho. — Ela está grávida, sabe.

— Tudo bem — disse a jovem. Estava pálida, em um tom quase acinzentado. Não parecia nada bem. — Desculpe — repeti. — Você está bem?

A mulher fez que sim com a cabeça, o homem fechou a cara, e os dois seguiram seu caminho. Quis lhes dizer que eu também estava grávida, comparar as possíveis datas dos partos e falar das vantagens das ecofraldas e da questão peito versus mamadeira, mas me senti muito vazia para fazer algo além de tatear o caminho por entre uma arara com vestidinhos nos tons de amarelo e rosa da Páscoa. Tudo ficou fora de foco de novo, e eu estava prestes a me entregar às lágrimas, correr para o banheiro ou desaparecer no elevador, quando ouvi um grito agudo de cortar o coração. Olhei em volta, mas, a princípio, não consegui distinguir de onde vinha.

Então, vi a mulher em quem acabara de esbarrar agitando os braços junto à cabeça. A primeira coisa que pensei foi que eu devia tê-la machucado seriamente, talvez até causado um aborto espontâneo. De repente, quando o pânico tomou conta do meu corpo, senti como se eu fosse contagiosa. Ao tentar caminhar na direção do casal, mal conseguia respirar, com os olhos arregalados. O homem tentava, sem muito sucesso, baixar os braços que a mulher agitava com movimentos cada vez mais violentos. Seus olhos projetaram-se como se estivesse possuída por um demônio, enquanto as mãos arremessavam-se para o que estivesse ao alcance.

— Senhora, por favor, deixe-me ajudá-la — pediu a vendedora.

Ignorando por completo os apelos para que se acalmasse, a jovem mulher sacudiu-se ainda mais freneticamente, ao mesmo tempo em que derrubava mostruários de brinquedos e de utensílios para alimentar bebês. Um verdadeiro zoológico de animais de pelúcia saiu voando junto ao tinir de pratos de melamina e mamadeiras de plástico. Ela arrancou as roupas das araras, jogou-as para o meio do caos nascituro e empurrou carrinhos que saíram rodando por entre os corredores de piso de madeira, quase atingindo os espectadores que, cada vez em maior número, mostravam-se ansiosos em ver a mulher que havia surtado.

Eu sabia que devia fazer alguma coisa. Sentia como se tudo tivesse sido minha culpa.

Fui até ela, sem me importar se levaria um golpe.

— Por favor, acalme-se. Vai acabar machucando a si mesma ou o bebê.

Ela parou no mesmo instante em que eu disse “bebê”.

— Não quero essa porcaria de bebê — vociferou e continuou a se mexer sem parar, até que dois seguranças conseguiram contê-la. Eu continuava a seu lado e também me abaixei até o chão quando seus joelhos dobraram. Os braços foram mantidos atrás das costas.

— Cuidado, ela está grávida — avisei aos guardas. Eles afrouxaram a pressão. Lágrimas escorreram pelas faces da mulher, enquanto ela chorava e soluçava por entre os remanescentes. — Tudo vai ficar bem, apenas respire com calma, se conseguir. — Mostrei-lhe como colocar as mãos em concha sobre o rosto, enquanto suas costelas forçavam o ar para dentro e para fora dos pulmões, como se o mundo estivesse ficando sem oxigênio. Aquilo não podia ser bom para o bebê.

Finalmente, seu estado se normalizou, e ela pareceu me ouvir. A multidão se dispersou graças às vendedoras, enquanto o companheiro da mulher acariciava-lhe a cabeça e segurava sua mão. Ela não parecia saber onde estava.

— Há algum lugar onde ela possa se sentar por um instante? — perguntei à vendedora, que prontamente nos levou para o estoque no fundo da loja, enquanto seus colegas começavam a arrumar a bagunça. O homem e eu fizemos com que ela se sentasse e bebesse um copo d'água. A cor enfim voltava a seu rosto. — Eu não quero o bebê — repetiu por entre lábios trêmulos. — Estou apavorada.

Uma torrente gelada inundou meu corpo, mas mantive sob controle a represa prestes a transbordar. Ela nada sabia a meu respeito, nossas vidas eram inteiramente separadas, ela nunca saberia o quanto acabara de atingir o ponto mais profundo de meu coração.

— Eu me chamo Claudia — apresentei-me, gentil. Ela não estava pensando direito. Claro que queria o bebê. — Posso ajudá-la. Não há motivo para ter medo. — Com isso, ela pareceu descontraír. — Seu corpo está passando por mudanças espantosas no momento e, acredite, o modo como se sente pode levá-la a fazer loucuras. — Dei-lhe um sorriso tranquilizador.

Suas mãos tremiam enquanto ela bebia água.

— Você também está grávida? — indagou ela num sussurro.

— Estou — confirmei. Pareceu a coisa certa a dizer, diante das circunstâncias. Queria ganhar sua confiança, mantê-la calma e, o mais importante, evitar que ela fizesse algo de que pudesse se arrepender pelo resto da vida. — Por isso, sei exatamente como você se sente.

— Eu fico muito enjoada o tempo todo, e minha mente me engana. Eu me sinto confusa, desorientada, mal consigo me manter acordada, mas nunca durmo à noite. Ainda nem se passaram três meses, então sabe-se lá como vou me sentir até o fim de tudo. — Soltoú outra sequência de soluços chorosos. — Se é que vou chegar até o final.

— Você é uma grávida linda e vai ter um bebê feliz e saudável — afirmei. — Cada bebê traz consigo seu próprio amor para o mundo. Essas sensações não vão durar muito. — Olhei para seu companheiro. A vendedora tinha nos deixado sozinhos. — Em breve, você vai se sentir muito melhor, talvez já na próxima semana. Ou quem sabe até mesmo esta noite — afirmei com um sorriso. Eu tinha que lhe dar esperança.

— Marquei um aborto — sussurrou para mim. Vi a vergonha em seus olhos, mas não quis que ela soubesse como eu me sentia. Forcei-me a aguentar, a manter o controle de meus sentimentos. Não era culpa dela eu ter tido tanto azar.

— É uma decisão e tanto — falei.

Imediatamente ela concordou com a cabeça.

— Não sei o que fazer.

— Ninguém pode lhe dizer isso — frisei. — Mas você tem outro ser humano crescendo dentro de você. Precisa tratar dessa vida com carinho, como se fosse a sua própria. — Vi o lampejo de luz passar rapidamente por seus olhos lacrimosos, como se uma dolorosa compreensão tivesse acabado de despertá-la.

O jovem casal se abraçou com força. A mulher fungou, indefesa, e ele a embalou suavemente como se ela mesma fosse um bebê. Pensei em anotar seus nomes, em passar os detalhes sobre os dois para o departamento de serviço social da área para, pelo menos, informar sobre o estado emocional da mulher, porém percebi que, se fossem moradores da região, como o sotaque sugeria, provavelmente estariam subordinados à minha repartição, e então eu acabaria tendo que cuidar daquilo. No fim das contas, deixei para lá.

— Agora já me sinto melhor, obrigada — disse a mulher, levantando-se. Apoiou-se em mim, a coisa mais próxima dela, ao cambalear para ficar de pé.

— Vai ficar bem? — perguntei.

— Nós vamos ficar bem — respondeu o homem, de um modo bastante grosseiro, achei, já que eu havia deixado de lado minhas compras para ajudá-los.

Senti os olhos formigarem de lágrimas quando a mulher fez menção de partir. Parecia errado.

— Cuide-se então — aconselhei, estendendo a mão. Trocamos um breve aperto de dedos. — Tem certeza de que vai ficar bem? — repeti, de um jeito que achei desesperador. Eu não queria que ela se fosse. Temia que mudasse de ideia e insistir no aborto. Mas o que eu tinha a ver com aquilo?

Ela assentiu.

— Obrigada por sua ajuda — agradeceu com um sorriso, e eles foram embora.

Deixei a sala no fundo da loja e perambulei, atordoada, pela seção infantil. Se eu não pudesse ter meu próprio bebê, então não seria capaz de enxergar futuro para minha vida. As lágrimas vieram. Pensei em James e nos meninos, e as coisas não pareceram tão sem esperança. Eu estava sendo autoindulgente e egoísta.

Deixei a loja sem comprar um vestido e segui para o estacionamento. Somente quando desabei no assento do motorista me dei conta de que havia deixado no estoque da loja minhas sacolas de compras com as roupas dos meninos. Não me importei. Só queria ir para casa.

Ao passar pela cancela da cabine do estacionamento, tudo o que conseguia ouvir eram as palavras da parteira da última vez que aquilo acontecera.

Quer ver seu bebê, querida?

Eu havia recusado com um vigoroso gesto de cabeça, preferindo, em vez disso, dissolver-me numa confusão egoísta de piedade, que rejeitava ajuda de qualquer tipo.

Solucei ao baixar o vidro e inserir meu tíquete na máquina. Por acaso, olhei para o lado, para o carro velho e com marcas de batida na outra pista. Música e vozes altas atraíram minha atenção. Era o casal que eu havia encontrado na loja. Estavam discutindo. O homem olhou para mim e saiu cantando pneu assim que a cancela deles se ergueu.

Eu me recompus e assoei o nariz. Quando minha cancela se abriu, acabei atrás do outro carro, na rampa em espiral. Ao sairmos para o sol de primavera, estreitei os olhos e segui na traseira deles por algumas ruas. Observei, desanimada, eles avançarem o sinal ainda amarelo. Meu pé tremeu sobre o acelerador, e tudo em que conseguia pensar era arrependimentos, bebês e o fato de que jamais seria uma mãe de verdade.

Havia algo sobre Zoe e Heather e Cecelia que deixava Lorraine intranquila. Não sabia exatamente o quê, mas esse pensamento não a deixava em paz. Contudo, quando Adam informou que Heather Paige não constava em nenhum lugar do sistema, ela esqueceu o assunto temporariamente e se concentrou na filha rebelde.

— Ela não chegou à escola — disse Lorraine, tentando permanecer calma, apesar da sensação de pânico que aumentava de repente. Repassou várias e várias vezes em sua mente o que a secretária havia dito quando ela telefonara.

— Não é de se espantar, já que ela avisou que ia largar a escola. — Adam saltou do carro.

— Não sei como você pode ser tão despreocupado em relação a isso — criticou Lorraine. — Ela não está pensando direito. Obviamente, está infeliz. E, agora, parece que desapareceu. — Ela também saiu do carro, bateu a porta, subiu os degraus e entrou no lúgubre prédio cinzento. Nunca havia notado a sombria arquitetura da sede do Departamento de Investigações Criminais, mas hoje o concreto desinteressante, as janelas de alumínio e a depressiva monotonia da fachada gritavam para ela como um farol de esperanças perdidas.

Adam alcançou-a. Segurou-a pelo braço.

— Na verdade, todos nós sabemos o que isso significa — disse ele. Sua respiração congelou no ar entre eles. Solto Lorraine quando percebeu que a estava machucando.

— Não faço ideia do que você está falando. Para mim, tudo parece bastante preto no branco. — Lorraine continuou subindo os degraus, mas tropeçou no último. Suas mãos tocaram o concreto, e a bolsa caiu do ombro, espalhando o conteúdo em volta dos pés de Adam. Ela permaneceu ali por um momento, inclinada sobre a superfície escorregadia. Uma dor surgiu no joelho direito, fazendo com que ela se retraísse ao levantar. Adam já estava recolhendo os pertences da esposa e devolvendo-os, constrangido, à bolsa, olhando para os objetos como se sempre tivesse se perguntado o que havia ali dentro.

— Tome — disse ele, estendendo a mão. — Desculpe.

Houve uma pausa. Lorraine não tinha certeza do motivo pelo qual ele estava se desculpando.

— Não vejo de que modo podemos ir de Zoe Harper a nossa filha errante e, em seguida, para a confusão que é nosso casamento, terminando com um vago pedido de desculpas, tudo isso em dois minutos. — Ela apertou o casaco em volta do corpo. A palma direita latejava.

Adam bateu na lateral do corpo com as mãos, um gesto que sempre irritara Lorraine. Isso o fazia parecer um menininho.

— Lorraine... — Ele suspirou e a conduziu para longe da porta do prédio, que parecia a entrada de uma colmeia, com os colegas entrando e saindo em torno deles. Adam inspirou fundo e recomeçou, como se aquela fosse sua única e última chance. — Lorraine... essa coisa entre nós, não quero mais isso. Sempre que fala comigo, tudo o que você diz machuca como um soco no estômago. — Virou o rosto por um momento.

Lorraine sentiu uma apreensão familiar tomando conta de seu corpo. Era isso? Era onde tudo começaria ou terminaria, nos degraus da sede do Departamento de Polícia? Ela imaginara que o confronto aconteceria em outro local, provavelmente na sala deles, no quarto, na cozinha, no jardim — qualquer lugar, exceto em público. E muito menos no trabalho. Dois colegas passaram apressados, erguendo as mãos para cumprimentá-los.

— Não acho...

— Eu acho — interrompeu Adam duramente. — Eu penso o tempo todo. O que aconteceu me consome a cada hora do dia quando estou acordado. Correção: consome *todas* as minhas horas, acordado ou dormindo. Como posso lhe explicar o que aconteceu se eu mesmo não entendo? Já faz quase um ano, e não sei como seguir adiante. Fiz uma burrice, você sabe disso, eu sei disso, mas como explicar ou racionalizar para você ou para mim, esse é o problema.

Adam andava em semicírculos. Sua testa estava mais franzida do que nunca, os ombros caídos de um modo que Lorraine não via fazia muito tempo. Claro, Lorraine poderia mantê-lo naquele limbo de infelicidade, interromper sua agonia pelo tempo que desejasse, mas o que ela realmente queria?

— Vamos entrar — sugeriu ela. — Vou tentar ligar para Grace de novo. — Precisava assumir o controle daquela conversa, onde e quando acontecesse, e ela não podia continuar ali, na frente dos colegas de trabalho.

Adam seguiu-a para o interior da sede. Ele sem dúvida estava arrependido, mas inexplicavelmente ela preferia quando ele queria brigar, quando negava seus delitos, quando agia como se nada tivesse acontecido. Era um cenário familiar e confortável, construído com mentiras, e pelo menos a fazia sentir que ele talvez, afinal de contas, não tivesse feito nada tão terrível.

Sozinhos no elevador, Adam colocou os braços em volta de Lorraine e contra a parede, num V apertado. O rosto estava próximo do dela, e os dentes, cerrados.

— A verdade é que cometi um erro. Foi apenas uma noite. Eu estava bêbado. Ela estava bêbada. Fizemos sexo. Não a vi desde então.

Lorraine sentiu náuseas, e não era por causa do balanço brusco do elevador ao parar no andar deles. Foi a proximidade, a respiração dele em seu rosto.

As portas deslizaram ao abrir, e Adam recuou ao darem de cara com várias pessoas no saguão. Lorraine seguiu para sua sala e estava prestes a fechar a porta quando notou o braço de Adam avançando para impedi-la.

— Eu me recuso a falar disso aqui, Adam. Temos duas investigações de assassinato e uma filha que está jogando a vida no lixo. Por que diabo você pensa que quero discutir nossa situação agora?

Lorraine desabou em sua cadeira e ligou o computador. Telefonou para o número de Grace.

— Continua sem atender — disse, colocando o telefone na mesa.

— Você está preocupada? — perguntou Adam.

— Claro que estou, porra! — exclamou Lorraine. — Nossa filha não chegou na escola. Ela se mudou. Ela pretende se casar com Matt e não está atendendo o telefone. Mas sei de uma coisa.

Adam ergueu as sobrancelhas, esperançoso.

— Ao contrário do pai, ela não é idiota. — Inspirou fundo, levantou a cabeça e olhou diretamente para o marido, pelo que pareceu a primeira vez em um ano. — Está bem. Quero saber o que aconteceu. Tudo. — Lorraine enfiou as unhas na palma da mão. — Enquanto você não me contar, isso não vai acabar, não é?

Adam manteve-se perfeitamente imóvel. Lorraine não fazia ideia do que ele ia dizer ou como se sentiria depois que ele dissesse. Poderia ser o fim de tudo, ou poderia ser o início de um entendimento que ela jamais havia imaginado alcançar. De qualquer modo, era um processo pelo qual ela sabia que teria que passar. Apenas não esperava que fosse agora, hoje, em sua sala. *Maldito Adam.*

— Foi em dezembro. — A voz dele era seca e rascante. — Você estava doente, mas mandou que eu fosse à festa de Natal sozinho, sabendo como odeio esses eventos.

Lorraine conteve a raiva. Ela lhe dissera mesmo para ir? Não conseguia se lembrar. Estava doente,

era o máximo que sabia. A gripe a derrubara, e seus três dias de febre levaram sua mente a tecer uma tênue rede de irreabilidade. Esperou que Adam continuasse.

— Cheguei lá atrasado. Era uma confraternização entre departamentos, e o local estava cheio. Um bar lotado não é o que entendo por diversão. — Deu de ombros, um indicativo de indiferença, de que nada daquilo realmente o havia perturbado. Lorraine tinha certeza de que ele saberia se virar como qualquer um numa festa. — “Havia algumas pessoas que eu conhecia, então conversei com elas por algum tempo. Acho que, àquela altura, eu já tinha bebido demais. — Os dois sabiam que Adam não se dava muito bem com o álcool. Ele raramente bebia.— Eu a avistei parada do outro lado da sala. Sabia que estava me olhando. Finalmente, ela se aproximou e se apresentou...

— Pare! Eu *não* quero saber o nome dela.

Ele concordou com a cabeça.

— Ela disse que já tínhamos nos visto antes, mas que eu não a reconheci. Conversamos. Ficamos bêbados juntos. Fizemos uma coisa idiota.

— E o que vocês fizeram?

— Fomos para um hotel do outro lado da rua. Ela pagou pelo quarto, caso esteja se perguntando isso.

— Não estava.

— Aconteceu. Eu me vesti. Fui embora.

Lorraine sabia o que ele estava fazendo. Aquelas frases curtas, rápidas, monossilábicas eram típicas de Adam quando tentava reproduzir o mínimo, para depois não ser acusado de omitir alguma informação. Era parecido com o interrogatório de um suspeito, só que, neste caso, Lorraine estava certa de que ele era culpado.

— Está bem — ela falou baixinho. — Eu poderia perguntar coisas como “Ela era boa?” ou “Você pegou o número dela?”, mas não vou fazer isso. — Ela odiava o fato de sua voz estar tremendo. — Mas o que realmente quero saber, Adam, é *por quê*.

Seguiu-se na sala um silêncio previsível; o tipo de silêncio longo o bastante para preencher o espaço que havia se formado entre eles desde que aquilo começara, havia quase um ano.

— Com toda a sinceridade, não faço ideia. Eu não estava pensando direito. Ela era atraente. Estava ali. Se eu não estivesse bêbado, as coisas teriam sido diferentes. — Lorraine sabia que, normalmente, Adam manifestava seus sentimentos de modo teatral, esfregando o rosto, bagunçando o cabelo ou até mesmo brincando com o botão do punho da camisa. Mas não estava fazendo nenhuma dessas coisas. Estava simplesmente parado ali, sem firmeza, como se cada parte dele tivesse se rendido àquela situação.

Lorraine sacudiu a cabeça, exausta pela magnitude de tudo aquilo.

— Acho que esperava que você dissesse algo mais concreto, como foi por causa das meninas ou de mim, ou porque sua vida em casa estava uma droga. Mas o fato de isso ter acontecido simplesmente por falta de discernimento me deixa preocupada, Adam. Bastante preocupada. Isso me faz pensar que poderia acontecer novamente. — Ergueu as mãos, mas logo baixou-as até o colo. — E, aqui entre nós, não acredito que você não a tenha visto depois disso.

— Eu...

Adam foi interrompido pelo toque do celular de Lorraine. Ela se apressou em pegar o aparelho.

— É Grace. — Leu a pequena mensagem de texto e fechou os olhos. — Ela está bem, mas não quer nos ver.

Adam suspirou.

— Posso entender por quê. Desde que tudo isso começou, não fizemos nada, a não ser pressioná-la.

— Pressão? Você acha que pedir a nossa filha para ter bom senso é pressioná-la?

Adam ergueu as sobrancelhas, fazendo com que Lorraine parasse e pensasse.

Com dedos relutantes, ela digitou uma resposta: *Estamos aqui, quando precisar de nós.*

*

Pelo que Lorraine podia perceber, a mensagem de Grace fora uma bem-vinda interrupção para Adam. Ele havia lhe contado o básico, fornecido um bom cenário do que acontecera naquela noite, para atenuar um pouco o mistério que ela elevara a proporções bizarras durante um ano. Por enquanto, porém, havia outros assuntos a tratar, sem falar na complexa teia de relações entre os personagens no caso Sally-Ann.

Com as investigações a pleno vapor e a equipe trabalhando vinte e quatro horas por dia, Lorraine e Adam haviam decidido ir para casa por algumas horas, já que os dois tinham a tarde livre. Entretanto, voltaram para casa separados, e Adam já havia vestido sua roupa de corrida quando Lorraine tirou o casaco e ligou o aquecimento central da casa. Ela estava preparando uma xícara de chá no momento em que a campainha da porta tocou. Pensando que fosse Grace, correu para atender.

Matt estava no último degrau, tremendo, sacudindo as chaves do carro e olhando nervosamente em direção à rua. Assim que Lorraine abriu a porta, ele começou a balbuciar uma espécie de desculpa.

— Matt — começou Lorraine, erguendo a mão em seguida para se deter. — É melhor você entrar.

Ele seguiu Lorraine até a cozinha. Adam pareceu aturdido ao vê-lo, mas, de algum modo, Matt manteve a compostura, apesar de estar tremendo.

— Grace está bem? — perguntou Lorraine, subitamente preocupada.

Matt confirmou solenemente com a cabeça.

— Ela está bem. Quer dizer, mais ou menos, sabe. — Solto um suspiro. — Não sei o que ela lhes disse sobre tudo, mas...

— Você não sabe? — vociferou Adam, levantando-se enquanto amarrava os cadarços do tênis. — Isso é ridículo, já que você é o responsável por nossa filha ter saído de casa e largado a escola.

Matt parecia desanimado. Lorraine apertou o braço de Adam para silenciá-lo.

— Não é exatamente assim — continuou Matt. — Grace está um pouco confusa.

— Pode ter certeza de que está — observou Adam, afastando-se e dando um passo na direção de Matt com os punhos cerrados. Lorraine colocou-se entre os dois.

— Sei, de qualquer jeito, que ela já estava planejando deixar a escola, mas Grace não foi à aula hoje — falou Lorraine. — E não fazemos ideia de onde ela está.

Matt ergueu as mãos para se defender.

— Ela está comigo — confessou. — A gente andou conversando e tal. — Baixou a cabeça. — Olhem, é por isso que estou aqui. Tem uma coisa importante que preciso contar.

O telefone da casa para de tocar pouco antes de eu alcançá-lo. Ao conseguir me equilibrar, após derrapar nos ladrilhos do corredor, percebo que todo o meu corpo está formigando. Meu nervosismo é abastecido por pensamentos. Isso me amedronta. É como a erupção de um vulcão sobre a qual não tenho controle, ou uma doença que não pode ser curada. Pego o telefone, para me certificar de que quem está ligando não desligou, esperando por mim. Quase imediatamente, meu celular começa a tocar. Corro de volta, à procura do aparelho, e enfim o encontro em minha bolsa, na cozinha.

— Alô? — digo, antes mesmo de apertar o botão para atender.

Há algo de extraordinariamente urgente nesta tarde, algo opressivo e final, como se meu tempo aqui estivesse para expirar quando, na verdade, não quero que acabe; um período de existência de altos e baixos que eu simplesmente não esperava que terminasse tão cedo.

— Alô? — repito. — Quem é? — Tudo o que consigo ouvir é a intensa respiração de alguém. É como se o ar da cozinha estivesse sendo soprado para dentro e para fora do celular. — Quem é? — Estou quase desligando quando ouço a voz de uma mulher.

— Por favor, me ajude — suplica ela.

Sei na hora que é Pip. Meu coração retumba no peito. Sei por que ela está ligando. Minha mão cai frouxamente para o lado, ao me dar conta da situação, ao avaliar o que significa. Quando levo o telefone de volta ao ouvido, a respiração frenética continua. Quase consigo sentir o aperto de sua mão na minha, enquanto seu corpo se abre e seu útero se prepara para esvaziar-se.

— Pip? — pergunto, embora saiba perfeitamente que é ela. — Você está bem?

Há uma longa pausa. Finalmente, ela fala.

— O bebê está vindo.

Mais arfadas, seguidas agora por uma respiração controlada, como se apenas falar comigo de algum modo a acalmasse.

— Foi você que ligou para o telefone fixo? — pergunto tolamente.

— Foi, foi — responde ela, em um intervalo entre as contrações. — Desculpe incomodar você. Eu não sabia para quem mais ligar. Deixei um recado.

Não tive a oportunidade de escutá-lo, mas gosto do fato de Pip ter me chamado, de que, na confusão das contorções de seu corpo, ela tenha recorrido a mim para ajudá-la.

— Você vem? — pergunta. Quase consigo ver o esgar de dor em seu rosto. — Preciso realmente de sua ajuda. O bebê já está chegando, e não consigo falar com ninguém. Clive deve estar em reunião.

O choque do que ela acabou de me dizer me faz agir imediatamente. Mesmo antes de encerrarmos a chamada, estou calçando os sapatos e pegando o casaco.

— Estou a caminho, Pip. Agente firme.

Eu a mantenho na linha, caçando por toda a casa as chaves do carro, mas não consigo encontrá-las. Resolvo pegar o carro de James, então me lembro de que está na oficina, para revisão. Puxo o cabelo, frustrada, mas tento não deixar Pip perceber minha aflição.

— Por favor, você não deve dar à luz sem mim. Quero estar aí. Prometo que chegarei logo.

Em seguida pergunto se ela chamou uma ambulância e, quando ela responde que não, dou-lhe algumas instruções. Rezo para que ela faça o que lhe disse.

O ar gelado tira meu fôlego, mas não a ponto de me impedir de pensar direito. Sem um meio de transporte, resta-me apenas a bicicleta. Arrasto-a de trás do portão lateral e passo a perna por cima

do selim. Começo a pedalar, deslizando pela rua congelada. Um carro buzina quando dou uma guinada entre automóveis estacionados e recupero o equilíbrio a tempo de desviar e evitar a batida na lateral de uma van.

A casa de Pip não fica longe — ou, pelo menos, nunca pareceu longe quando eu dirigia um carro —, mas agora, pedalando, é como se eu tentasse chegar ao outro lado da lua. O céu está encoberto e baixo, oprimindo-me, assim como o peso da minha missão. Isso é o auge, o eclipse, a oportunidade perfeita que não posso me dar o luxo de perder. Entoo isso várias e várias vezes na cabeça, enquanto as pernas pedalam e pedalam, levando-me para mais perto de onde preciso estar.

A rua de Pip é o perfeito refúgio de classe média. Tudo nela é confortável, tranquilizador, seguro e sereno. Na última vez que a visitei em casa, fui levar os gêmeos para brincar com Lilly. O lugar agora quase parece uma paisagem onírica, parte de outra vida, enquanto pedalo freneticamente para ajudar Pip. *Meu Deus, não permita que ela tenha dado à luz sem mim.*

— Cuidado! — grita um homem pela janela do carro, ao dar marcha a ré no acesso à sua garagem. Dou uma guinada, quase acertando a traseira do veículo.

Ao final da rua sem saída, freio ruidosamente no cascalho do caminho até a casa de Pip. Largo a bicicleta no chão e corro para a porta da frente. Golpeio a campainha várias vezes com o dedo, ao mesmo tempo em que bato com a aldrava.

Pip atende à porta mais depressa do que eu esperava e, à primeira vista, parece perfeitamente normal, sorrindo ao olhar para mim. O sorriso, porém, logo se desfaz quando ela cai no abismo de outra contração. Ofereço-lhe um dos meus calorosos sorrisos e olho para Pip, aliviada, exausta, feliz porque aquilo finalmente vai acontecer. Ela ainda está grávida. Empurro-a com força para o corredor e bato a porta da frente.

— Desculpe, Pip — digo —, eu não pretendia fazer isso.

Ela está horrorizada e incapaz de falar. Segura a barriga e se apoia na parede, ao mesmo tempo em que faz uma cara que eu nunca tinha visto antes. A testa se franze, a boca se contorce, expondo os dentes num riso de agonia. Então, os olhos se reviram e, nos poucos minutos seguintes, ela parece estar num lugar diferente, sem condições de se importar com minha entrada violenta em sua casa.

Vou até ela e acaricio diligentemente seu ombro, sentindo uma súbita pontada de culpa. Espero que ela se afaste, mas Pip nem sequer parece notar minha presença. Quando coloco a mão em sua barriga, sinto-a dura como pedra. Os músculos estão se contraindo em volta do bebê, fazendo-me imaginar como ele sobreviverá a esse trauma.

— Acho que você devia se sentar, Pip. Estou preocupada que possa cair.

Por um momento, ela me ignora, mas, então, como se alguém tivesse ligado um interruptor, a velha Pip retorna. Ela me encara, avaliando se sou a pessoa que ela conhece.

— Pip, quero que se sente no sofá.

Minha voz soa imperiosa e má, algo que ela nunca ouviu saindo de mim, mas tenho uma tarefa a realizar, e nada vai se meter no meu caminho. Ela abre a boca para falar, e meu dedo automaticamente pressiona seus lábios, silenciando-a. Ela não recua diante do meu toque.

— Apenas relaxe. Não queremos que nada aconteça ao bebê, não é mesmo?

— Eu... eu não entendo. Que diabo está acontecendo? Quero Clive. — Seus lábios molham meus dedos quando ela fala.

Ocorre-me que ele pode estar a caminho.

— Você falou com ele? Conseguiu localizá-lo? Diga-me!

Consulto meu relógio. Não tenho muito tempo.

Pip nega com a cabeça.

— Deixei um recado para ele, só isso.

— Você ligou para mais alguém?

Coloco a mão sobre o branco e reluzente consolo da lareira para me manter firme. A tontura vem em ondas, aumentando minha dificuldade.

— Apenas para o hospital — lembra Pip, após um momento de hesitação.

— Chamou a ambulância?

Eu lhe disse para não fazer isso. Pedi que esperasse por mim.

Pip está negando com a cabeça, receosa do que eu possa fazer se ela admitir ter pedido ajuda. Mais uma vez, seu corpo é atingido por uma contração. Passaram-se apenas alguns minutos desde a anterior.

Ajoelho-me diante dela e seguro suas mãos.

— Pip, respire fundo. Concentre-se em mim, concentre-se nos meus olhos. — Não quero que ela dê à luz ainda. De uma maneira extracorporal, ela parece se conectar comigo, e nossas mentes se entrelaçam numa batalha de contração-sobrevivência. — Podemos fazer isso juntas, Pip — digo-lhe, mas ela não parece me ouvir. Um rugido emana de seus pulmões, e tudo o que posso fazer é observar e sofrer minha própria agonia mental, enquanto um retesar de músculos percorre seu corpo.

Quando tudo se acalma, vou à cozinha pegar suprimentos. Na volta, vejo que ela me desobedeceu e segura o celular com as mãos trêmulas. Com um tapa, faço o aparelho deslizar pelo chão.

— Sua idiota! Não confia em mim? Acha que não sei o que estou fazendo?

Pip olha o telefone caído no chão. Estranhamente, ela permanece em perfeita tranquilidade, virando-se para mim e oferecendo um de seus sorrisos maternais.

— É claro que confio em você — afirma ela.

Outro rápido olhar para o telefone faz com que eu o pisoteie com minha bota, despedaçando o visor num mapa de cacos pontudos.

— Desculpe — diz Pip. — Não quis irritar você.

Mostro-lhe o pano de prato que eu havia molhado com água.

— Deixe-me refrescar seu rosto — sugiro.

Ela permite que eu passe o pano por toda a cabeça.

— Obrigada — agradece. — É muito amável. — Seus ombros estão tremendo.

Na mão direita, seguro a faca de cozinha. Quando a retiro de trás das costas, Pip grita. Não faço ideia se é de medo ou por causa de outra contração.

Decido, já que estou em casa, que devo colocar um monte de roupa para lavar. A banalidade das tarefas simples me mantém ocupada durante este interminável período de espera. Separo as peças que estão bagunçadas na área de serviço no porão — uma mistura de roupas de todo mundo. Coloco-as na máquina, mas ela fica cheia apenas até a metade, então pego outros itens de cor semelhante, e estou prestes a enfiá-los também quando noto o sangue.

Sacudo o tecido para abri-lo e identifico uma mancha vermelha onde não deveria haver uma. Não entendo e nem quero tocar naquilo. Metade de mim acredita que isso não pode ser realmente o que penso que é, que deve haver uma explicação racional, enquanto a outra metade sabe exatamente o que significa. Encaro aquilo por mais alguns instantes e decido não colocá-lo na máquina. Em vez disso, enrolo a peça de roupa amarela dentro de uma fronha e escondo-a no fundo do cesto de roupa suja.

— Com certeza não — digo a mim mesma ao sair dali.

Estou sozinha em casa, portanto, checar todos os armários é fácil, embora, a princípio, eu não veja o que estou procurando. É preciso uma vistoria não muito cuidadosa e a desarrumação de alguns itens, o que provavelmente denunciará que andei bisbilhotando e acabará confirmando minhas suspeitas.

Vou para a cozinha, ainda intrigada com o que encontrei. Não faz o menor sentido. A luz da base do telefone está piscando, indicando que deixaram uma mensagem na secretária eletrônica. Não faz muito tempo que voltei. Pressiono o botão e, num primeiro momento, penso que é um trote, porém, em alguma parte, em meio à respiração ofegante e desvairada, há uma voz desesperada de mulher.

— Você está aí? Tem alguém? Me ajude... por favor?

— É Pip! — exclamo, parecendo quase tão ofegante quanto sua mensagem. *Talvez ela tenha entrado em trabalho de parto. Nesse caso, por que não está no hospital? E por que não ligou para a parteira ou para Clive? Espero que não haja algum problema.*

Telefone imediatamente de volta, só para checar se está tudo bem, mas, quando disco seu número, a ligação vai direto para a caixa postal. Fico intrigada, mas me dou conta da hora. Preciso pegar o carro de James na oficina, depois disso talvez eu vá à casa de Pip para verificar se está tudo bem.

Vinte minutos mais tarde, descubro que o carro precisou apenas de uma lâmpada na lanterna traseira e de um ajuste no freio de mão. Ainda distraída, pago a conta e recebo o certificado do teste de segurança anual. Não consigo tirar da cabeça a aflitiva mensagem de Pip. A voz ficou martelando em minha mente, junto com o conteúdo do armário e a roupa suja de sangue. Finalmente tomo uma decisão. É um trajeto curto até a casa dela. Além do mais, ela talvez fique grata por alguém buscar Lilly na escola.

Dez minutos depois, estou estacionando em frente à casa de Pip. Como sempre, seu carro está parado diante da garagem, mas há também uma bicicleta conhecida largada sobre o pavimento. Meu coração estremece ao vê-la. Olho atentamente, enquanto passo caminhando por ela, imaginando o que significa aquilo, esperando que a roda da frente comece a girar e guinchar. Ignoro-a, mas juro ter visto o lampejo do rosto de alguém afastando-se da janela da frente quando me aproximo da porta. Não vi quem era.

Toco a campainha e espero. Ninguém atende. Olho pela janela da sacada, mas a sala está escura e vazia. Enquanto meus olhos vasculham o cômodo, noto xícaras no chão, uma delas quebrada, e um celular despedaçado perto da lareira.

Isso é estranho, penso. Pip sempre é ridiculamente organizada.

Toco novamente a campainha e bato na abertura da caixa de correio na porta. Então, levanto a aba e chamo por ela, gritando seu nome e esperando que, mesmo que esteja no andar de cima, ela me ouça. Não quero deixá-la em pânico, mas não posso evitar aumentar a urgência em minha voz.

— Pip, Pip, você está aí?

Ponho o ouvido na abertura para escutar a resposta. Não ouço nada, nem mesmo o patear das unhas ou o latido esganiçado de seu pequeno cachorro Jack Russell. Fico imaginando se ela saiu para um passeio, a fim de ajudar o trabalho de parto, se, de fato, ela está em trabalho de parto, ou se talvez já tenha sido levada por uma ambulância. Juro, porém, que vi alguém em sua sala de estar.

Sigo pelo caminho que contorna a casa, grata pelo portão não estar trancado. Eu meio que esperava que Jingles viesse aos tropeços me receber, mas o cachorro também não está na área externa da casa. O jardim de Pip é um bem-arrumado quadrado de relva e arbustos podados, com duas bolas de cores brilhantes abandonadas na grama. Um triciclo de plástico está pessimamente estacionado no pátio, do lado de fora da porta da cozinha. Empurro-o para longe com o pé e coloco as mãos em concha no vidro. Desta vez, a pessoa que está lá dentro não tem tempo de sair depressa do caminho.

Ao se virar para me encarar, sua expressão se franze para formar algo que não reconheço — uma emoção que nunca vi antes em ninguém —, mas então, no momento seguinte, ela volta a ser a mesma de sempre, novamente a pessoa que conheço, calma e controlada. Quero suspirar de alívio, pois Pip já tem ajuda, porém algo dentro de mim não deixa que isso aconteça. Para começar, não consigo imaginar o que é, por que não estou me sentindo agradecida por Pip, por aquela ajuda e conforto já terem chegado. Somente quando ela destranca a porta dos fundos e me convence a entrar é que percebo por que meu coração está disparado e meus punhos cerrados em nós de dedos tensos. Mas então é tarde demais.

Zoe.

Claudia.

O cumprimento é falso e pontilhado por aflitos acenos com a cabeça. Tento permanecer calma. Minha mente está pensando a toda velocidade, e sei o que quero dizer, o que devo dizer, mas não digo. Ainda não tenho certeza do que significa tudo aquilo.

— Onde está Pip? Ela está bem? — Dou um passo adiante no interior da cozinha, tentando enxergar a sala. Ela recua dois passos, ainda bloqueando meu caminho. — Ela foi para o hospital?

Ela está balançando a cabeça para tudo o que digo. Suas mãos se erguem, impotentes, e passam pelo cabelo. Caem novamente ao lado do corpo.

— O bebê dela — diz, compassiva, e não sei ao certo se essas três palavras estão cheias de tristeza, alegria, desespero ou algum outro sentimento que ainda não captei.

— O que tem o bebê dela? — pergunto. — Ela já teve o bebê? Você precisa me dizer o que está acontecendo. — Sei que minha voz está se elevando, em pânico, enquanto tento passar por ela, a fim de checar o restante da casa, mas ela dispara à minha frente.

— Não, não, pare com isso! Você não sabe o que está fazendo. — Vejo que ela está chorando. Há muco saindo de seu nariz, e as bochechas estão vermelhas.

Um grito de dor de repente toma a casa, e o som alto de uma pancada no andar de cima faz o teto vibrar ligeiramente.

Ela se vira e sai depressa pelo corredor, subindo dois degraus da escada de cada vez. Subo atrás, mas ela facilmente chega primeiro ao banheiro no andar de cima e fecha a porta com uma forte batida. O trinco se fecha, ao mesmo tempo em que ouço outro gemido de revirar as vísceras.

Ela mantém Pip lá dentro.

Invisto com o ombro contra a porta, mas ela não abre.

— Pelo amor de Deus, me deixe entrar! O que você está fazendo?

Não tenho resposta, mas ouço Pip berrar. Ela grita meu nome duas vezes, e então há o barulho de um tapa, seguido de silêncio.

Bato na porta e tento arremessar o peso do meu corpo contra ela mais algumas vezes; a madeira, contudo, não cede. Paro, tento pensar calmamente por um momento no que está acontecendo, mas é coisa demais, uma dimensão grande demais para ser absorvida. Caminho ouvindo novos gemidos de Pip, à medida que seu trabalho de parto avança.

— Escutem! — berro. — Conseguem me ouvir aí dentro? Por favor, digam apenas se conseguem ouvir!

Segue-se um silêncio interminável, até que finalmente ouço uma voz fraca:

— Sim.

Em seguida, outro grito de paralisar a alma vindo de Pip, quando uma contração vem e depois alivia.

Acima dos leves arquejos e dos soluços aflitos, tento falar, junto à porta fechada, algo que faça sentido. Ainda não tenho certeza do que ela está fazendo.

— Pip está tendo um bebê — digo, querendo bater em mim mesma por afirmar o óbvio. — Ela precisa ser levada a um hospital, onde será devidamente cuidada. Estou certa de que você quer o melhor para ela e para o bebê, não é mesmo? Pip é uma amiga. Por que você quer machucá-la? Está me ouvindo aí dentro?

Ela não responde. Então, ouço o jorro de água corrente, como se alguém estivesse enchendo a banheira. É seguido por um tinido, talvez o som de algo metálico caindo no chão. Não tenho certeza.

— Não, não! Meu Deus, por favor, não! Socorro! — O grito misturado a um apelo não parece mais ser Pip.

O celular cai de minhas mãos trêmulas quando tento pedir ajuda. Apanho-o e ligo primeiro para a emergência, fornecendo os detalhes do modo mais claro possível. Depois ligo para outro número, o tal que nunca pensei que precisaria usar, e com tranquilidade forneço as novas informações. Admito que fracassei e aceito que enfrentarei as consequências, mas os gritos vindos do banheiro — bem mais intensos agora do que os das dores do parto — me fazem, com todo o peso da minha vida, me lançar mais uma vez contra a porta. Preciso tirar Pip dali.

Sinto que a madeira cede um pouco e dou alguns passos para trás. Avanço de novo, arremessando o quadril e o ombro com toda a minha força. Ouço o lascar da madeira, seguido por mais gritos e pancadas, e invisto mais uma vez contra a porta como uma louca. Por mais que eu tenha errado, não posso deixar que nada aconteça a Pip.

De repente, a porta se escancara, e eu caio no banheiro, tropeçando e batendo a bochecha na beirada da pia. Não estou preparada para o que vejo, embora minha mente estivesse lutando com ideias malucas desde o momento em que vi Claudia na cozinha de Pip, usando um jeans justo e acinturado no qual até eu mesma teria dificuldade em entrar.

— Claudia — digo. Estou tão furiosa que minha voz treme. — Ninguém vai machucar você, se ficar calma. Quero que coloque a faca no chão.

O banheiro é pequeno e abafado e já cheira a morte. Ainda não ousei olhar para Pip, mas sei que ela está deitada de costas na banheira. Ouço sua respiração fraca, desesperada, e tenho certeza de que ainda está viva. Não devo tirar os olhos de Claudia e muito menos da faca que ela segura acima da barriga nua de Pip.

— Você precisa me ouvir com muita, muita atenção, Claudia.

Ela se vira e olha diretamente para mim. Seu braço direito está estendido, e o punho aperta o cabo de madeira da faca. Como é possível que essa mulher seja a mesma que me entrevistou, pouco tempo atrás, para ser sua babá, ou a mãe que, à noite, ajeita os gêmeos na cama com o mesmo amor que teria se eles fossem seus filhos naturais? Está faltando algo nos olhos de Claudia quando ela me olha. É como se suas íris tivessem perdido a cor e sua alma não sentisse qualquer compaixão. Não sei se ela é má ou doente.

— A ajuda está a caminho, Claudia. Se você fizer agora o que eu digo, poderemos consertar tudo isso. Sei que não quer machucar Pip nem o bebê dela.

— Não é justo, porra — diz Claudia, numa voz que não reconheço. — Eu quero o bebê dela.

Seu braço se agita violentamente, e lágrimas escorrem por suas faces. Ela se vira rigidamente para olhar Pip, que se agarra à lateral da banheira e chora. Um tom cor-de-rosa tinge os poucos centímetros de água da banheira, e temo que ela tenha sido ferida.

Lembro-me do conteúdo da caixa de lembranças no armário de Claudia — uma desesperada coleção de recordações deploráveis e de esperanças perdidas.

— Sei que não é justo — começo. — Mas também não é justo machucar Pip, não é?

— Eu preciso do bebê dela — diz Claudia, ajoelhando-se ao lado da banheira. — Eu *tenho* que tirá-lo. — Posso ver as linhas de tensão em seu rosto. — O bebê está vindo, e preciso tirá-lo em segurança. — Ela parece sinistramente calma ao colocar a mão esquerda sobre a barriga de Pip, esfregando a palma na parte mais alta.

Dou um passo à frente, mas ela se vira, apontando a faca na minha direção. Recuo, e sua atenção se volta para Pip.

— Quero que você me diga quando estiver no intervalo das contrações — pede, com uma voz diferente, como se fosse uma parteira e tivesse a situação sob controle. — Tirarei seu bebê rapidamente. — Ainda segura a faca em sua mão direita, e os nós dos dedos tornam-se brancos pela força com que a aperta.

Pip não consegue falar. Deitada na banheira, tenta controlar a dor que percorre todo o seu corpo a cada poucos minutos, que a consome muito mais do que o medo. Por um breve instante, olha para mim, implorando para que eu a ajude. Por trás de Claudia, concordo com a cabeça e movimento os lábios para dizer *tudo bem*, esperando que ela entenda.

Então, ouço os ruídos vindos da rua. Rezo para que a ajuda tenha chegado. Espero que Claudia reaja, mas ela está preocupada demais em sentir os movimentos da barriga de Pip. Não sei o que fazer. Se a deixar sozinha e descer a escada, ela poderá, num segundo, enfiar a faca em Pip. Por outro lado, não posso arriscar que alguém bata à porta, pois uma ameaça repentina poderá provocar exatamente o mesmo resultado.

— Por que não espera um momento, Claudia? — sugiro. — Vá com calma. Não há motivo para pressa, e você quer fazer tudo direito, não é mesmo? — É a única coisa em que consigo pensar. Não fui treinada para esse tipo de situação. — Vamos fazer uma bela xícara de chá para Pip?

Lentamente, Claudia ergue os olhos para mim. A ponta da faca está pousada sobre a pele pálida de Pip, que treme, dominada por outra contração. Paro junto à porta, rezando para ter conseguido distraí-la o suficiente para adiar a terrível cirurgia. Eu poderia investir contra Claudia, agarrar a faca, lutar com ela no chão e bater sua cabeça na lateral do vaso sanitário, mas, se algo desse errado ou se ela me dominasse, seria o fim de tudo.

Ouço outro barulho. Com certeza, está vindo da porta da frente. Há gente do lado de fora da casa. Deve ser a polícia.

A cabeça de Claudia se vira de modo brusco.

— Que tal? Parece que Pip também está a fim de um biscoito — digo com uma risada, tentando encobrir o som que vem lá de baixo.

Para minha total descrença, Claudia está concordando com a cabeça, franzindo um pouco a testa, como se, gradualmente, percebesse o horror do que está fazendo. Olha para as próprias mãos, para o brilho da faca no punho direito, para Pip seminua, deitada, impotente e com a respiração ofegante, quando, enfim, as contrações diminuem. Claudia se arrasta de joelhos e agarra a beirada da banheira com as mãos. A faca bate no plástico quando ela se levanta, ainda franzindo a testa, pensando, parecendo quase arrependida.

— Sim, uma xícara de chá — diz ela.

Um inconstante sorriso aparece em seu rosto. Olha para o espelho, como se mirasse o infinito e não a si mesma. A faca está frouxa em sua mão, pendendo ao lado da coxa.

— Isso mesmo — retruco. — Poderemos falar sobre seu bebê. — Olho de relance para Pip, que está num momento de lucidez, apesar da tremedeira, apesar da espuma da saliva nos cantos da boca. — Venha, Claudia, vamos...

Mas a súbita batida à porta da frente muda tudo. Claudia perde o momento de sanidade, cai pesadamente de joelhos e mais uma vez pressiona com força a faca sobre a pele de Pip.

— Você pensa que sou idiota, que não consigo fazer isso, mas eu andei praticando — fala, com determinação. — Desta vez, vou fazer direito.

Passando a língua sobre os lábios, ela inclina a cabeça para o lado, examinando a área abaixo do umbigo de Pip.

Estou apoiada no batente da porta. Lá embaixo, as batidas agora são mais insistentes, e um paramédico está gritando pela abertura da caixa de correio. Mas estou certa de que Claudia atacará se eu descer para deixá-los entrar. Consigo apenas rezar para que a polícia arrombe a porta. Enquanto estiver aqui em cima, haverá uma chance de eu conseguir detê-la.

— Eu devia ter cortado nessa direção, está vendo? — explica Claudia, desenhando com a ponta da faca uma linha horizontal na parte de baixo da barriga. Pip chora baixinho e agarra a lateral da banheira. Com um hábil movimento, Claudia faz sua cabeça recuar e bater com força. Ouço o som da pancada quando o crânio se choca com a torneira. — Não há atalhos, sabe — diz Claudia, olhando para mim, enquanto segura um punhado de cabelo de Pip e pressiona a faca em sua barriga.

A linha de sangue não surge imediatamente, mas então vejo a gota vermelha sair pela superfície do corte. Claudia concentra-se nela, como se isso tivesse aguçado seu apetite para continuar. Não tenho dúvida de que agora ela prosseguirá com aquilo, por isso, quando a porta da frente é derrubada, movo-me com toda a força em direção a Claudia.

Por um segundo, não sinto nada.

Então, ouço Pip gritar. Ouço o barulho dos policiais subindo as escadas. Ouço o grunhido de Claudia quando ela enfia a faca no meu ombro. Ouço minha própria respiração, rascante ao inspirar e expirar, enquanto algo é lentamente registrado em meu cérebro; que alguma coisa não está certa.

Então, sinto as mãos em mim, sacudindo-me para trás, de modo que minha cabeça chicoteia as coxas de alguém. Sinto um lampejo de dúvida enquanto o policial me avalia, decidindo se me põe de pé e me algema, ou se me resgata, e sinto o início da dor quando a primeira pontada aguda encontra o caminho até meu cérebro.

— Largue a arma! — grita o segundo policial. Suas bochechas estão vermelhas por causa do esforço, e voa saliva de sua boca. Vejo as protuberantes linhas dos músculos em seus braços quando ele agarra os pulsos de Claudia e praticamente os gira em um nó atrás das costas dela. Vejo a expressão de choque e desespero percorrer o rosto de Claudia ao perceber que fracassou, que

acabou.

— Estou sangrando — aviso baixinho.

Olho para meus dedos, sem nem mesmo saber que toquei no ferimento do ombro. O policial que está me segurando afrouxa um pouco a pressão e me ajuda a ficar de pé.

— Tudo bem — digo. De modo automático, alcanço o bolso traseiro, mas a dor no ombro impede que eu pegue minha identificação. — Sou policial. Essa mulher precisa imediatamente de ajuda médica.

Diante disso, sou empurrada para o lado, quando o primeiro policial puxa Claudia com violência para o corredor. A faca está caída no chão do banheiro, uma gota de sangue na ponta. Deixo-a exatamente onde está, enquanto os policiais levam Claudia para um dos quartos.

Enquanto isso, uma paramédica e eu cuidamos de Pip, ajudando-a a sair da banheira com uma mistura de água e sangue. Surpreendentemente, ela se recompõe e fixa os olhos em mim, quando a contração seguinte chega. Pip se segura em mim, encolhendo-se e gemendo e respirando de um modo controlado, exatamente como lhe foi ensinado. Outra paramédica entra no cômodo, e nós duas, em meio à cena caótica à nossa volta, fazemos Pip se deitar em sua cama e ficar bem mais confortável. A segunda paramédica pega sua maleta, retira parte do equipamento e inicia uma rápida avaliação.

— Não há tempo para levá-la ao hospital, querida — informa. — Acho que o bebê não vai demorar a chegar.

A mulher olha para o teto quando sua mão enluvada confirma as últimas etapas do trabalho de parto de Pip. A outra paramédica afere sua pressão arterial e cuida do pequeno ferimento em sua barriga, enquanto eu me retiro do quarto. Pip está em boas mãos. Uma máquina de ultrassom portátil sibila o reconfortante zunido de uma nova vida, enquanto desço a escada pressionando o ombro.

— Você precisa mandar ver isso — diz o investigador.

Paraliso no último degrau. Ele está me encarando. Sua parceira está ao lado. Ela franze a testa, enquanto aperto o ferimento com a mão. Nossos olhos se fixam momentaneamente, uma avaliando a outra.

— Sim, senhor — respondo. Desta vez, consigo enfiar os dedos da mão boa no bolso e tirar minha identificação. O hábito me força a mostrá-la rapidamente a eles. — Disfarçada, para o caso de ainda não terem percebido — informo, principalmente por causa da investigadora Fisher. Ela parece mais incrédula do que qualquer outra coisa.

Algo dentro de mim quer lhes mostrar um delirante e impróprio sorriso largo, mas ele não surge em meu rosto. Depois disso, duvido que eu volte a trabalhar em outro lugar. Acho que essa foi a minha última chance de causar uma boa impressão e estraguei tudo. De agora em diante, vou arrumar processos no porão.

— Adam? — ouço a investigadora Fisher chamar, enquanto me encaminho para a sala de estar.

Sinto-me tonta e preciso me sentar. Bato a porta atrás de mim. Não quero ouvi-lo contar a ela ou vê-la compreender tudo. Quero apenas dormir, mas parece que não tenho permissão para isso. Outro paramédico está a meu lado, cortando minha roupa para expor o ferimento a faca em meu ombro.

— É feio, mas você vai sobreviver — diz ele, fazendo careta.

— Não duvido — retruco. — De qualquer modo, nem tudo isso foi do ferimento a faca. Dia desses, caí da bicicleta.

Ouçó mais berros vindos do andar de cima, porém, desta vez, são diferentes. Não são gritos de medo.

O paramédico limpa meu ferimento e faz um curativo. Agradeço-lhe. Ficamos os dois parados, com o ouvido voltado para a porta. Sorrio.

— Ouviu isso? Agora há dois berros — falo, engolindo o nó em minha garganta. Os gritos de dor de Pip se transformaram em choro de alegria, enquanto o segundo som é bem mais suave, mais novo, e quase inaudível no andar de baixo. Imagino o bebê se aconchegando na mãe. Sinto um profundo alívio por ele ter chegado ao mundo em segurança e fico imaginando se é menino ou menina.

Decido não subir para ver Pip agora, e sim esperar para visitá-la daqui a um ou dois dias, quando estiver recuperada. Várias vizinhas já apareceram, sem dúvida alertadas pela chegada das viaturas policiais e da ambulância. Vejo que uma delas teve o bom senso de buscar Lilly na escola. Então, quando Clive finalmente chega em casa, aflito, perturbado e desesperado para ver a esposa e o novo bebê, eu saio silenciosamente. Acho que é a coisa certa a fazer. Os investigadores não ficarão contentes por eu ter saído sem dar um depoimento formal, mas preciso ir para casa.

Somente quando saio na rua é que me dou conta de que não tenho sequer ideia de onde fica a minha casa.

Quando eles chegaram, a entrada para carros no final da rua sem saída já estava tomada por viaturas policiais e por uma ambulância. Meia dúzia de vizinhos saíram de suas casas e foram se aproximando, como se a construção fosse um ímã gigante, atraindo a vizinhança para a agitação na rua normalmente tranquila.

— Parece que perdemos a ação — observou Adam, soltando o cinto de segurança.

Lorraine puxou o freio de mão, eles saíram do carro e caminharam até a casa.

O chamado chegara logo após Matt ter ido embora, enquanto os dois tentavam absorver o que o rapaz havia dito sobre Grace. No caminho, Adam fizera um resumo da situação para Lorraine com base na pouca informação que tinha até então, e passaram o curto trajeto tentando encaixar as peças da investigação que não se encaixavam. Um policial que os dois não conheciam encontrou-os na porta e colocou-os a par dos acontecimentos.

— Senhor, senhora, ainda não sabemos se se trata ou não de uma agressão doméstica. Há uma mulher grávida no andar de cima, com ferimentos leves. Não podemos tirá-la daqui, pois está em estágio avançado de trabalho de parto. — O policial ofegava, como se tivesse acabado de participar de uma briga. — Aparentemente, uma mulher enlouqueceu, tinha uma faca e pretendia causar todo tipo de dano. Acho que foi impedida por uma amiga ou algo assim, pois há outra mulher lá dentro, que estava administrando a situação antes de chegarmos. As testemunhas ainda não foram ouvidas, mas as coisas já estão sob controle, sem fatalidades nem lesões sérias.

— Ótimo. Obrigado — agradeceu Adam, com indiferença.

Entraram na residência e tomaram conhecimento dos fatos. Havia gente demais ali para o gosto de Lorraine. Estava ao lado de Adam, quando uma mulher desceu a escada pressionando o ombro. Ela parou no último degrau.

Era a babá, Zoe, ou seja-lá-qual-fosse-seu-nome. Havia sangue em sua roupa. Lorraine olhou para ela e, por um momento, ambas se encararam. Havia algo nela, como se carregasse uma dor profunda, e não apenas por causa do ferimento.

Então Adam falou:

— Você precisa mandar ver isso — disse, mais uma vez daquele jeito ridículo.

— Sim, senhor — respondeu ela, num tom semelhante, mas sutilmente diferente de quando Lorraine a encontrara antes. Agora, era mais autoritário, como se ela tivesse se livrado de algo falso que a encobria. Havia enfiado a mão no bolso e mostrado sua identificação policial. — Disfarçada, para o caso de ainda não terem percebido. — Isso foi dirigido principalmente a Lorraine, embora seu olhar estivesse voltado para Adam. Havia certa ousadia em sua voz.

Lorraine sentiu um nó na garganta, olhou para Adam e leu sua indecifrável expressão impassível como uma resposta direta — algo nas entrelinhas, talvez —, como se ele soubesse o tempo todo a respeito de Zoe, como se eles tivessem compartilhado um segredo.

— Adam? — chamou Lorraine, enquanto Zoe se retirava para a sala de estar. Um paramédico seguiu-a, fechando a porta. — Que diabo está acontecendo?

— Sei tanto quanto você — falou, sem encará-la. — Mas meu palpite é que tivemos outra cesariana amadora.

— Não, Adam. *Ela*. Aquela mulher. A babá. De repente, você parece... conhecê-la. — Se não fosse casada com ele há tanto tempo, talvez não tivesse percebido. Às vezes, Lorraine achava que o

conhecia melhor do que ele mesmo. — Que tipo de missão secreta ela está fazendo?

Adam colocou as mãos nos quadris, e Lorraine observou seus olhos acompanharem as idas e vindas pelo corredor.

— Não faço a mínima ideia — respondeu, de forma pouco convincente.

— Mas você a conhece. Dá para ver. — Lorraine tinha certeza disso. O que ela queria realmente saber era por que ele não lhe contara isso antes, quando encontraram a mulher.

Adam deu de ombros.

— Você tem razão. Eu a conheço.

Então, subiu apressadamente a escada para encontrar dois policiais no patamar.

Lorraine esperou um momento antes de segui-lo e não teve mais chance de questionar o marido, pois foram levados ao quarto onde a suspeita tinha sido detida. O choque de ver Claudia Morgan-Brown algemada e sendo conduzida por dois policiais para fora do quarto foi como uma explosão, esvaziando sua mente por completo.

*

Nos instantes seguintes, Lorraine ficou contemplativa. Olhava para o pequenino ser embrulhado num cobertor branco e aninhado em segurança nos braços da mãe. Seu rosto enrugado brotava como a cabeça de uma tartaruga surgindo para fora do casco, parecendo sentir a presença da mãe, enquanto sua boquinha perfeita movia-se lateralmente ao menor roçar da roupa ou do dedo materno.

— Menino ou menina? — perguntou Lorraine.

Ela se sentia uma intrusa naquele momento tão pessoal. A julgar pelo modo como pairava junto à porta, ela supunha que Adam sentia o mesmo.

— Outra menininha — respondeu o homem sentado ao lado da cama. — Eu sou Clive — acrescentou, tremendo. — Não sei se devo festejar ou não. Recebi uma dezena de mensagens dizendo que o bebê estava a caminho e, quando chego aqui, descubro que minha mulher quase foi assassinada. Isso não faz sentido.

— Clive... — começou a mulher.

Lorraine achou que ela parecia embriagada por causa do novo bebê. Isso, ou ela ainda estava em choque pelo trauma. Lorraine lembrou-se do doce alívio que se seguia a um parto bem-sucedido, e como estranhamente essa era uma memória a que pouco se recorria durante os caóticos anos de criação dos filhos. De repente se sentiu culpada, como se tivesse descoberto uma dezena de novos álbuns de fotografias que nunca se importara em olhar.

A mulher continuou:

— Não consigo pensar nisso agora, Clive, senão certamente vou ficar com raiva. Vamos apenas nos concentrar em... — hesitou, olhando para a filha. — Como vamos chamá-la? — perguntou, com um sorriso.

— Sortuda! — exclamou Clive.

Lorraine estava pensando a mesma coisa.

*

Ela dirigiu sozinha até sua casa. Estava exausta e emocionalmente esgotada. Adam fora para a delegacia junto com os policiais que haviam efetuado a prisão, e, assim que ela estacionou do lado de fora, ele ligou para dar a notícia. Claudia Morgan-Brown acabara de confessar as agressões a Sally-Ann Frith e a Carla Davis. Ela seria formalmente interrogada no dia seguinte.

Por um momento, Lorraine permaneceu sentada, imóvel, no carro. O mundo continuou girando à sua

volta — o trânsito lento na rua, a mãe empurrando um carrinho com uma criança saltitante dando risadinhas a seu lado, o homem numa bicicleta parando para falar com um colega, o gari empurrando seu equipamento barulhento — e toda aquela atividade cotidiana a fez sentir-se segura, talvez só um pouco distante da vida normal.

Assim que o motor foi desligado, o ar quente dentro do carro não demorou a esfriar. Ela saltou do veículo e entrou em casa, odiando a ideia de voltar para um lugar vazio. A mãe de Kate viera buscar Stella, e Grace...

Ah, Grace, pensou Lorraine com um pesaroso aperto no coração.

Agora eram passado as risadas e as alegres brincadeiras das filhas, quando ela chegava cansada após um dia de trabalho; não haveria mais os afetuosos gracejos de Adam, enquanto, bem-humorados, conversavam à noite, em meio à agitação de refeições apressadas, colocando os assuntos em dia, vinho e, finalmente, exaustão e sono. Ela já sentia falta do caos das noites em família. Em vez disso, tudo o que tinha agora pela frente eram pensamentos sombrios de como havia decepcionado Grace, de ter sido uma mãe negligente para as duas filhas, de ter perdido o amor de sua vida, e, pior de tudo, de ter perdido a confiança em Adam.

Como as coisas poderiam voltar a ser como antes?

Jogou o casaco no corrimão, largou as chaves na mesa perto da entrada e seguiu para a cozinha. Parou junto à porta. Grace estava sentada à mesa. Livros escolares espalhados à sua frente. Grace ergueu o olhar lentamente. Os olhos pareciam cansados por falta de sono, além de tristeza e remorso.

— Oi, mãe — cumprimentou.

— Meu bem — respondeu Lorraine, avançando. — Você está em casa. — Percebeu imediatamente que não devia ter feito aquele comentário. Pareceu artificial demais.

Grace deu de ombros, virando a página do livro de química.

— É — foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Lorraine largou a pesada bolsa de couro numa cadeira da cozinha.

— Não que você se importe — acrescentou Grace, quebrando o silêncio constrangedor. Empurrou alguns livros pela mesa e recostou-se na cadeira.

Lorraine agora podia perceber que ela realmente andara chorando. Não, não exatamente chorando. Isso implicava um tipo de tristeza mundana, cotidiana, que poderia ser expelida num lenço de papel. Era mais do que isso — um choro irrestrito, uma expulsão das profundezas de sua alma. Os olhos vermelhos inchados e os rios de rímel que desciam até o queixo contavam uma história dolorosa.

— Claro que me importo, sua menina boba. — Lorraine sentou-se a seu lado. — Não faço outra coisa desde o dia em que você nasceu.

— Então, por que você e papai vivem discutindo? Por que não podem ser normais como os outros pais?

Lorraine inspirou fundo, querendo argumentar, ao perceber que Grace hesitava, mas se conteve.

— Stella e eu achamos... nós achamos que fomos esquecidas e deixadas de lado. À noite, vocês passam mais tempo conversando sobre o maldito trabalho do que perguntando como estamos nos sentindo. Você já notou que Stella fez mais um furo na orelha?

Lorraine apenas balançou de leve a cabeça. Aquilo doeu muito.

Grace levantou-se e foi até a pia da cozinha. Pegou um copo d'água e virou-se para encarar a mãe.

— Você vive imersa em seu próprio mundo. Tudo o que faz é trabalhar, beber e criticar o papai. O que ele fez com você, mãe? Meu Deus, você nem mesmo dá mais a porra de um sorriso. E, quando há alguma coisa grave, você consegue seguir adiante como se nada tivesse acontecido. Eu saí de *casa*, estava prestes a largar a *escola*, mãe, me *casar*, e você nem mesmo se importou. — A voz de Grace

soava tensa por causa da frustração.

Lorraine sentiu dentro de si um alívio bem-vindo ao perceber que a filha usara o pretérito.

— Você acha mesmo que não me importei? — Ela sentiu um tremor em suas palavras.

— Não sei como pode ter se importado. Você foi até a casa de Matt para me trazer de volta, mas me *deixou* lá. Nunca me quis de volta de verdade. Ficou feliz por eu ter ido embora e...

— Chega! — exclamou Lorraine, levantando-se de novo.

Grace arregalou os olhos.

— Você não faz a menor ideia do que está falando. Você e Stella são a minha vida. Eu literalmente daria a vida por vocês. Mas também tenho um trabalho a fazer, um trabalho estressante e que exige muito de mim. — Deu alguns passos na direção de Grace, que permaneceu firmemente grudada à pia. Uma inspiração profunda a fez manter o foco. — E você tem razão sobre papai e eu estarmos com alguns problemas no momento.

Pronto. Ela havia dito. O que responderia se Grace perguntasse que problemas eram esses?

— Mas nada se compara com a sua felicidade e a de Stella. Sinto muito por você achar que as negligenciei. — Lorraine aproximou-se e segurou delicadamente as mãos de Grace. — Você sabe o que é uma das pessoas que você mais ama no mundo rejeitá-la e sair de sua vida de repente?

Houve um instante em que nenhuma das duas falou nada, então Grace irrompeu em lágrimas.

— Ah, querida. Venha aqui, meu bem. — Lorraine envolveu a filha com os braços e puxou-a para perto. Deixou que ela chorasse em seu ombro pelo tempo que fosse preciso, balançando-a com delicadeza até que a maior parte da tristeza e do desespero passasse.

— Eu sei, mãe. — Grace fungou e apanhou um lenço de papel. — Eu sei exatamente como é. Fiz isso com você e com papai. Sinto muito. — Suas palavras foram marcadas por soluços e fungadas.

Lorraine franziu a testa.

— E Matt? — perguntou, fingindo que não sabia.

Grace assentiu e assoou o nariz.

— Ele me deu o fora esta tarde.

— Lamento ouvir isso — disse Lorraine.

Ela lamentava de verdade, por Grace, que o relacionamento tivesse terminado, embora achasse que os dois poderiam continuar amigos. E Matt pensava a mesma coisa, quando tinha aparecido mais cedo para conversar com os pais de Grace.

— Grace está ficando para trás em sua formação escolar, Sra. Fisher... *investigadora* — acrescentara ele timidamente. — Faz um tempão que ela anda copiando as tarefas de amigas e enganando os professores. E isso está piorando. Nosso namoro estava realmente distraindo Grace. Ela disse que... bem, ela disse que odiava a escola e queria largá-la, que não fazia sentido continuar porque já tinha ficado muito para trás. Eu não percebi que ela se sentia tão pressionada por estarmos juntos. Não quero ser responsável por estragar a vida dela. Acho que ainda há tempo para ela se recuperar.

— Eu não fazia ideia — respondera Lorraine, chocada por não ter percebido nada daquilo. — Sempre achei que ela estava indo bem na escola.

— Mas não está — observara Matt, balançando a cabeça. — Então, ela me disse que queria se casar e... e, ah, meu Deus. — Ele cobriu o rosto. — Eu devia ter dito algo antes, mas pensei que estava fazendo a coisa certa. Acho que fiquei lisonjeado. Entrando no jogo de Grace, pensei que fazia o melhor para ela. Minha mãe é muito legal, não se importa com quem eu levo para casa, e não lhe contamos exatamente a parte sobre o casamento nem sobre Grace deixar a escola.

— Prossiga, Matt. — Lorraine sentira a impaciência de Adam, parado atrás dela.

— Começou umas duas semanas atrás. Grace me avisou que ia deixar a escola e, se não pudéssemos viver juntos e nos casar, então ela ia... ela ia, bem, embora para sempre.

Lorraine inspirara fundo.

— Matt, você fez a coisa certa ao nos contar. Onde ela está agora?

— Na minha casa. Fazendo as malas. Quero lhes dizer que terminei nosso namoro. Pedi que ela voltasse para casa e para a escola.

Nervosa e preocupada, Lorraine deixou uma mensagem de voz na caixa postal de Grace, pedindo-lhe que telefonasse imediatamente, dizendo que tudo ficaria bem, que eles a amavam e que ela devia voltar para casa.

Agora, ali estava ela, tremendo nos braços da mãe, aninhando-se confortavelmente em seu abraço. A princípio, Lorraine achou que ela estava chorando de novo, mas, quando delicadamente inclinou a cabeça da filha para trás, viu que, na verdade, Grace estava rindo.

— Qual é a graça?

— Você. Nós. Tudo isso. — Ela limpou outra vez o nariz e jogou o lenço na lixeira. — Nossa família. Somos um bando de esquisitos, não é? — Outra risada nasal, ranhosa.

— Esquisitos mesmo. Os mais esquisitos dos esquisitos — disse Lorraine.

— Os mais esquisitos dos esquisitos para sempre.

— Quem é esquisito?

As duas se viraram. Stella estava parada junto à porta da cozinha, com Adam atrás dela.

— Todos nós — falou Grace para a irmã mais nova, e as duas explodiram numa gargalhada. — Principalmente você.

Lorraine olhou para Adam. O alívio dele veio na forma de um olhar afetuoso acima das cabeças de Stella e Grace, quando as irmãs se abraçaram.

Senti sua falta, esquisita, ouviram Stella murmurar.

Eu mal fui embora, foi a resposta de Grace.

Adam passou pelas filhas e se aproximou de Lorraine.

— Que dia — falou baixinho em seu ouvido. A sensação da respiração dele em seu pescoço fez com que ela se arrepiasse. Sentiu a perna dele roçar a sua. A sensação foi ainda melhor. De algum modo mais *certa*. Como se ela tivesse ficado o tempo todo apenas um centímetro longe da felicidade.

*

— Então está resolvido. Grace está em casa. Vai voltar para a escola. Acabou o drama.

Ao entrar no escritório, Lorraine soltou um imenso suspiro, um suspiro que parecia ter prendido a vida toda.

Era tarde, e já fazia uma hora que as meninas tinham ido dormir. Ao subir, ela dera uma olhada em cada um dos quartos — um hábito a que se dedicara todas as noites quando elas eram mais novas. Agora, adolescentes, ela não ousava invadir a privacidade das duas, mesmo enquanto dormiam. Mas isso era diferente — o *início* das coisas estava sendo diferente.

— É, acabou — concordou Adam.

O olhar que ele lançou para a mulher, ao tirar os olhos da tela do computador, expressou mais do que qualquer palavra. Um meio sorriso surgiu em seu rosto, mas logo cessou ao lembrar que era possível que Lorraine ainda estivesse muito chateada com ele.

Ela se sentou na cadeira de madeira diante da escrivaninha. O escritório era um espaço pequeno, com o teto inclinado, e que também era usado para guardar as roupas para lavar, além de servir como eventual sala de estudo para as meninas, quando a cozinha estava muito barulhenta, e de quarto com

sofã-cama, onde Adam dormia ultimamente.

— Que bom — respondeu ela.

Por dentro, ainda sentia raiva e ressentimento. Mas, por fora, provavelmente parecia apenas exausta. — Estou feliz por termos Grace de volta.

— Eu também. — Adam levantou-se e deu a volta até o outro lado da escrivaninha. Olhou para Lorraine. Ela sentiu que ele esperava que ela se levantasse e o abraçasse, mas o que Lorraine realmente queria era dar um forte golpe entre as pernas dele com o joelho.

— Eu sei que foi Zoe, ou devo dizer Heather Paige? — Ela agradeceu a Deus por sua voz se manter firme, segura e determinada. Ia continuar, porém, para sua surpresa, Adam já estava confirmando com a cabeça. Não era um gesto particularmente veemente, mas também não era de arrependimento. Era apenas um balançar de cabeça, indicando que ela estava certa.

Ele cruzou os braços.

— Se eu a expusesse, teria havido sérias repercussões. Eu sabia que ela era policial e que, às vezes, trabalhava disfarçada. Ela estava num caso de fraude. Foi uma infeliz coincidência. Tive azar e fui obrigado a ficar calado. O que aconteceu na festa de Natal foi ruim o bastante, imagine pôr em risco as nossas carreiras, revelando o disfarce dela.

— Você machucou meu coração...

— Não comece com clichês.

— Clichês, Adam? Seu comportamento é o único clichê por aqui. Sabe como me sinto neste exato momento, sabendo que vocês compartilhavam um segredo na minha frente? Não esperava que você revelasse que ela era policial, mas me contar que fodeu com ela teria sido a coisa certa a fazer.

Lorraine olhou para a taça de vinho tinto quase cheia em cima da escrivaninha.

— Posso? — perguntou, alcançando-a.

Adam fez que sim e observou-a beber metade. Os dois estavam a poucos centímetros de distância, e ela deixou todas as emoções percorrerem seu corpo. Estava farta de combatê-las, farta de *tê-las*.

— Eu podia botar você para fora, sabe. Contar a Grace e a Stella o que você fez.

Adam assentiu. Ele parecia estar pronto para tudo.

— Eu podia viver sozinha com as meninas. Nós ficaríamos bem.

Por um instante, Lorraine avaliou a situação em sua cabeça. Para ser sincera, não gostou daquela sensação. Grace e Stella precisavam do pai, por mais babaca que ele tivesse sido. Bebeu mais vinho. E, sendo sincera, ela também precisava dele.

Adam permanecia calado.

— Aconteça o que acontecer entre nós, não deve mais haver mentiras — declarou. — Eu não consigo aguentar, e as meninas não merecem isso.

Então, antes que ele pudesse reagir, ela alcançou sua mão. Estava desesperada para tocá-lo. Notou o quanto ele estava tenso, e descobriu-se pensando em tudo o que gostava nele — a paixão pelo esporte e pela boa forma, o modo como incentivava as filhas a participar de times e como ficava na beirada do campo, torcendo por elas sob sol ou chuva. O modo como, ao longo dos anos, flagrara-o olhando-a, como se ela fosse tão fundamental para a vida dele quanto os próprios batimentos cardíacos. O modo como ouvia música alto no carro e como adormecia no cinema. Como comprava presentes horríveis no aniversário dela, e como sempre usava o folgado suéter cinza com um buraco debaixo do braço quando tinha um domingo de folga. O modo como aderira ao golfe, no ano anterior, e desistira em seguida, ou o modo como insistia em usar meias de cores berrantes no tribunal.

Coisas ridículas, pequenas, que, quando colocadas juntas, eram maiores que a própria vida.

O modo como ele simplesmente era... Adam.

Lorraine fechou os olhos. Tudo entrava em colapso em sua mente, fora de controle e de modo quase insuportável, porém, ainda assim, era algo alegre, lindo e inerente. Calor, segurança, paixão, familiaridade, amor, preocupações, esperanças e a necessidade que ela sentia de sua família inundaram seus pensamentos. Ela não podia desistir dele. Aquela família tinha sido a obra de sua vida.

Pousando a taça de vinho, ela puxou-o para mais perto. Tentaria. Tentaria o máximo para esquecer e, a cada dia, quando acordasse, prometeria enxergar o homem com quem se casara, o homem que ela amava e adorava, em vez do homem que Adam se tornara numa breve falta de discernimento.

— Stella precisa de sapatos novos para a escola — cochichou perto de seu pescoço, aproximando o rosto do dele. Adam sentiu calor e familiaridade.

— E a calha do telhado precisa ser limpa — rebateu Adam, deixando que as mãos deslizassem pelos quadris dela.

— Também não temos nada para o café da manhã — comentou Lorraine quando sua boca tocou a dele.

O beijo foi hesitante e delicado, a princípio cheio de desculpas, mas também repleto de perdão. Então, em meio ao encontro dos lábios, mãos e corpos, Lorraine achou que o ouviu murmurar algo sobre sentir muito, sobre amá-la sempre; depois disso, contudo, não se lembrava realmente de muita coisa.

— É você de novo — diz ele, olhando por cima da pilha de trabalho em sua escrivaninha. O professor ri para mim antes de olhar zangado para os gêmeos. No meio deles, há uma torre de Lego que montaram, maior do que eles. Noah está de pé em cima de uma pequena cadeira ao lado, estabilizando o topo da torre, enquanto a estrutura toda se curva no meio.

— Esta é a última vez que vai me ver, prometo.

Ao som da minha voz, os dois meninos erguem o olhar.

— Vivaaa! — berra Oscar. — A Zoe chegou! — Noah pula da cadeira, e os dois correm até mim. A torre desaba, fazendo barulho.

— Peguem suas lancheiras, meninos. Vamos para casa. — Já peguei seus casacos nos cabides do lado de fora da sala. Os dois irmãos estão abraçados às minhas pernas e preciso afastá-los para poder ajeitá-los. — Este é seu, não? — falo para Noah, sabendo muito bem que não é. Ele ri e me dá soquinhos de brincadeira. Por algum motivo, quero chorar.

— Mamãe já está em casa? — pergunta Noah. Sua mão está quente e ligeiramente pegajosa ao se aninhar na minha, e caminhamos pela calçada. Para ser sincera, não quero largá-la.

— Não, não está. — Não faço a menor ideia do que dizer. Nunca esperei me sentir assim em relação a eles quando aceitei o emprego. *Entrar, pegar a informação, sair*. Essa era a instrução básica. Se eu estragasse tudo, sabia que mal conseguiria me manter no emprego, e muito menos teria qualquer outra missão disfarçada. Nessas circunstâncias, fazer chá e engraxar os sapatos do chefe seriam uma sorte.

— Papai já está em casa? — pergunta Oscar, ecoando o irmão. Dou um aperto em sua mão.

— Burro — zomba Noah. Serpenteia entre mim e o irmão, tentando arrancar os dedos de Oscar dos meus. Delicadamente, empurro-o de volta para o meu outro lado.

— Receio que ele também não esteja em casa. Mas sabem de uma coisa? Acho que não vai demorar muito para ele voltar.

Eu já conversei com meu chefe, e ele está entrando em contato com as pessoas certas. Torço para que ele consiga contatar James. Embora os meninos fossem novinhos demais para se lembrar da vez que perderam a mãe, não acho que devam enfrentar essa confusão sem o pai.

— Quem quer uns doces a caminho de casa? — Recebo a resposta que estava esperando, e paramos na banca de jornais no trajeto de volta. Demora uns bons dez minutos para os gêmeos encherem um saquinho de papel com guloseimas cor-de-rosa em formato de camarão, goma de framboesa e balas de discos voadores. Isso distancia a mente deles do que lhes conto no restante do caminho.

— Quer dizer que mamãe foi embora como papai? — pergunta Oscar, quando acabo de explicar.

Espero que Noah reaja com seu habitual comentário mordaz contra o irmão, mas ele permanece pensativo e silencioso, chupando uma bala, ao nos aproximarmos da porta da frente.

— Sim. A mamãe vai ficar longe por algum tempo. Ela fez uma coisa malvada. — Estreito os olhos quando abro a porta e os deixo entrar. Para mim, o resto do dia será fazer as malas e me reapresentar aos meus superiores. Mas antes preciso dar um telefonema.

— Mas agora você vai ser a nossa mamãe, não vai, Zoe? — indaga Oscar, como se já tivesse resolvido tudo.

Agacho-me ao lado deles, enquanto desatam os cadarços dos sapatos e enfiam os pés nos chinelos.

Os sacos com balas estão apertados em suas mãos enquanto lutam para tirar os casacos.

— Não, não vou mais poder tomar conta de vocês. — Não há sentido em mentir para eles. — Eu sinto muito. Mas gostei de ser a babá de vocês. — É verdade. Descubro-me sendo mais afetuosa do que jamais pensei ser possível, mesmo tendo que levantar à noite para dar uma olhada neles ao ouvir algum barulho. Não quis provocar pesadelos em Oscar nem fazer com que ele pensasse que havia um monstro em seu quarto.

Observo o rosto de cada menino e meu coração se deprime um pouco enquanto as bochechas deles enrubescem. Oscar irrompe em lágrimas.

— Bebê — provoca Noah maldosamente, mas sei que ele está sentindo o mesmo.

— Não sou!

É então que sei que ficarão bem. Eles têm um ao outro; são duas metades de um todo. E, com isso, correm para a sala de estar e disputam o controle remoto.

Sei exatamente como eles se sentem.

*

A porta arrombada do escritório continua escancarada. A importuna intrusão dos irmãos de Elizabeth agora faz sentido, depois que falei com meu chefe ao deixar a casa de Pip. Não sabia mais para onde ir, por isso dirigi até aqui e depois caminhei direto até o parque. Sentei-me num banco, traumatizada pelos acontecimentos da tarde. Disquei o número e contei-lhe o que ocorrera. Ele me revelou que os irmãos Sheehan estavam procurando os mesmos documentos que eu.

— Você trabalhou muito bem, Heather — comentou ele, como se não achasse que eu seria bem-sucedida. Permiti-me curtir o elogio. — Sei que seu trabalho foi restringido, mas vários dos documentos que enviou eram fundamentais. A polícia antifraude de Jersey já tem um caso incontestável, graças a você.

Eu achava que essa missão era minha última chance de impressionar. As exigências de Cecelia custaram muito à minha carreira ao longo dos anos. Falta por doença forjada, mais os constantes telefonemas e as visitas enlouquecidas dela à delegacia tornaram quase impossível que eu desempenhasse adequadamente meu trabalho. Ela precisava de cuidados, e não havia mais ninguém para ajudar. Irmãs, assim como irmãos gêmeos, têm que se manter unidas. Prometi isso à mamãe antes de ela morrer, deixando o mundo em seu próprio acesso de irrealidade e delírio, dezoito meses atrás, e sussurrei a mesma coisa no caixão de papai antes de fecharem a tampa, quando era adolescente. Agora, éramos apenas Ceci e eu.

Por isso, ficara perplexa quando me escolheram para aquele caso em particular. A incorrigível e indisciplinada, com uma carreira profissional menos-do-que-mediana, dificilmente seria a melhor opção para uma importante missão envolvendo fraude. Talvez eu apenas fosse mais parecida com uma babá do que qualquer outra no departamento.

— Certamente você teve experiência com crianças, não é? — indagara meu superior após resumir o caso. Era praticamente uma afirmação.

— Não — foi minha resposta sincera.

Tudo aconteceu depressa demais logo que decidiram que seria eu. Zoe Harper foi criada do nada por uma equipe dedicada a produzir passados consistentes como rochas para policiais que trabalham disfarçados. Relativamente novata, eu já ouvira histórias, é claro, mas nunca pensei que fosse me envolver em algo semelhante tão cedo assim em minha carreira.

Passara os cinco dias seguintes imersa em relatórios e páginas de informações e descobri que meu novo currículo continha detalhes que nem mesmo eu conhecia sobre meu eu verdadeiro. Estudei

livros sobre cuidados com crianças, inclusive sobre o método montessoriano, e pesquisei todos os lugares em que eu devia ter estado com as famílias para as quais havia trabalhado anteriormente. Foi uma intensa imersão na vida de outra pessoa; tudo para obter provas de uma contabilidade pessoal inacessível de outra forma.

Era, para ser honesta, exatamente do que eu estava precisando, pois Cecelia estava levando a si mesma, e a mim, totalmente à loucura.

— A propósito, você anda de bicicleta — disseram-me.

— Ando? — Fazia tempo que eu não tinha uma.

— E mantém contato com várias das crianças de que cuidou. — Ele me entregou um maço de cartas, todas abertas e levemente amassadas, com caligrafia infantil na frente, remetidas para um endereço que eu não conhecia. — Foi onde você morou por algum tempo — ele me informou quando percorri o dedo sobre o nome de uma cidade desconhecida. — Itens como esse serão colocados junto aos seus pertences. Tudo ficará pronto vinte e quatro horas antes de você se mudar. Nem pense em levar mais nada com você. Isto é, se conseguir o emprego, é claro — acrescentou, com uma expressão que achei ameaçadora. E estava certa. — E é *melhor* que consiga o emprego — arrematou. — As perdas, se você não conseguir, são inumeráveis. Estamos trabalhando com a Comissão de Valores Mobiliários em Washington nesse caso e não queremos parecer um bando de idiotas. Trata-se de uma pequenina parte da investigação, mas você está na base de tudo e tem a chance de entrar um pouquinho para a história.

Engoli em seco, ouvindo com atenção e sentindo-me absolutamente aterrorizada.

— Centenas de fundos fiduciários em paraísos fiscais por todo o mundo têm sido alimentados com capitais que têm uma origem, digamos, nada correta. Entre em contato com os fundos administrados ilegalmente, avise a equipe de Jersey, e tocará a ponta de uma enorme fraude mundial de lavagem de dinheiro.

Ele me contou que, um ano antes, duzentos e vinte e oito milhões de dólares haviam sido movimentados dos Estados Unidos para várias contas em paraísos fiscais ao redor do mundo, como resultado de um golpe *pump and dump*, em que se aumenta artificialmente o preço de uma ação comprada a preço baixo, para vendê-la posteriormente a um valor mais alto. Seguindo uma agitação criada na internet, o preço das ações da Chencorp, uma nova empresa que se gabava de um contrato superinflacionado de fornecimento de material pedagógico fechado com a China, foi às alturas e deixou os grandes acionistas podres de rico.

— O *pump*, que significa bombear — anunciou ele.

Não entendi exatamente o que meu superior quis dizer, e meio que desliguei, querendo apenas fazer o que tinha que ser feito. Mas então ele me falou que se sucedera uma natural queda do preço das ações, resultado das vendas maciças... o *dump*... E os investidores de verdade, “pessoas comuns, como eu e você”, perderam tudo o que tinham.

Pensei nisso. Estava começando a entender e realmente senti pena das “pessoas comuns” a quem meu chefe se referia. Coisas desse tipo não eram justas, principalmente depois que ele me informou que os acusados se livraram com uma sentença sem prisão, tendo que fazer apenas uma minúscula devolução do investimento em comparação ao que haviam faturado.

— A questão, Heather, é que são figuras que fazem filantropia — alegou, quando resmunguei contra capitalistas. — Eles fazem doações frequentes para os principais órgãos de pesquisas, as instituições médicas, o programa espacial, a educação... o que você imaginar. É assim que o mundo funciona. O melhor que podemos fazer é dificultar ao máximo as coisas para eles. E, para isso, preciso de você naquela casa, na chuvosa Birmingham, cuidando daqueles meninos.

Aceitei o desafio.

Descobriu-se que os irmãos Sheehan eram apenas uma parte muito pequena da atividade criminosa e, sem os documentos que encontrei, talvez eles pudessem tecnicamente escapar. Meu chefe garantiu que, com as provas que eu conseguira em forma de cartas, declarações e e-mails impressos, não haveria como alegarem o desconhecimento da origem do dinheiro que lavavam em benefício de seus clientes. Teríamos provas suficientes para incriminá-los, e eles iriam a julgamento na primavera.

Elizabeth Sheehan não soubera de nada acerca das falcatuas dos irmãos. Seu serviço jurídico era desempenhado na extremidade oposta do espectro social. E, mesmo tendo conhecido James pouco antes da partida dele, eu lamentava que não tivesse saído limpo dessa história. Seu envolvimento com os irmãos de Elizabeth era agora um problema da Marinha, após a descoberta de que ele convenientemente “herdara” fundos fiduciários ilegais em nome da falecida esposa. Haveria um inquérito militar completo e, certamente, exoneração do serviço.

— Na dúvida, fotografe tudo — havia sugerido meu chefe, e isso ficou em minha mente. — Quase tudo. — Ele riu, ao final de nosso telefonema. Ele me informou que já havia destruído as imagens irrelevantes de processos do serviço social que, na dúvida, eu tinha registrado. Eu havia sido instruída, no decorrer de várias semanas, a copiar tudo em que conseguisse botar as mãos, desde o conteúdo dos arquivos repletos de pastas até papéis bagunçados na gaveta do balcão da cozinha. Simplesmente segui as ordens à risca e, pelo que me consta, dei-lhes exatamente aquilo de que precisavam.

Contudo, nunca imaginei sentir tanta apreensão diante da perspectiva de deixar a casa justamente quando Claudia estava prestes a dar à luz. Parecia que eu estava fazendo uma grande sacanagem com ela.

— Nós lhe daremos um motivo plausível para ir embora — afirmara meu chefe. Mas, obviamente, esse motivo não fora necessário.

No momento, sinto-me aturdida, vazia, desolada e, claro, abatida diante da perspectiva do que sei que devo fazer.

Enquanto os meninos veem televisão, dou o telefonema que tanto temia. Terei que informar que precisarão de um lar adotivo, e pedi ao meu chefe que me deixasse cuidar disso pessoalmente. Inspiro fundo e ligo para o departamento de serviço social.

*

— Cheguei — cantarolo timidamente. Parece estranho dizer isso. O apartamento cheira a morango e café. Cecelia está afundada no sofá, com quatro caixas de frutas vermelhas maduras arrumadas à sua volta. Ela ri para mim. Parece até que nunca estive fora.

— Heather — diz ela docemente, quase me convencendo de que está tudo normal. Rezo para que esteja em um bom dia. Há coisas sobre as quais precisamos conversar.

— Ceci — digo, indo direto ao assunto. — Estive pensando. As coisas vão melhorar. — Permaneço com o vapor do inverno emanando de mim. Tiro o casaco.

Ela não reage. Em vez disso, coloca na boca o maior morango que já vi. Ela parece distraída.

Cuide de sua irmã, Heather, pediu mamãe. Ela vai precisar de você pelo resto da vida. Prometa-me que cuidará dela, haja o que houver.

— Olhe, não sei se quase acabei de perder meu emprego por sua causa, ou se o mantive por sua causa. — É o começo do que preciso lhe dizer, coisas que acabei de decidir, a caminho de casa, mas sobre as quais venho pensando há séculos. — Quero cuidar de você, Ceci, juro, mas tudo terá que mudar. *Você* terá que mudar. — Atraio sua atenção. — Sou policial, e esse é um trabalho realmente

árduo. Preciso da sua ajuda.

Seus olhos não revelam se ela sabia disso o tempo todo e simplesmente esqueceu, ou se este é o maior choque de sua vida. De qualquer modo, ela permanece perfeitamente imóvel.

— Precisamos combinar algumas coisas.

Cecelia não faz a menor ideia sobre meu trabalho como agente secreta e não pretendo lhe contar. Ela lembra que, quando eu era uma nerd de dezoito anos, entrei para a polícia num acesso de pânico. Não tinha noção do que fazer com a minha vida. Era a aluna desengonçada e mediana na escola, ao passo que Cecelia sempre foi a estudante artística, criativa e imaginativa. Ela tinha que ser o centro das atenções, mas, sem que soubesse, eu ficava na retaguarda, mantendo os valentões afastados. Sua própria guarda de segurança secreta. Cuidar dela sempre foi meu trabalho.

Atualmente, em seus momentos mais lúcidos, ela fica irritada e desafiadora quando dou de ombros e lhe digo que estou trocando de emprego, que deixei a polícia e trabalho num bar, que sou faxineira ou vendedora porta a porta. Isso explica meus horários irregulares, minhas roupas às vezes estranhas. Em geral, dependendo do caso, conto vagamente a verdade, mas o lado mimado de Ceci sempre surge. Ela percebe quando estou sendo evasiva e sente-se ameaçada. No que lhe diz respeito, estou viva unicamente para cuidar dela. E, na maior parte do tempo, é o que faço.

Mas, nos últimos um ou dois anos, sua apreensão da realidade tem diminuído, e seu foco tem mudado da obsessão sobre meu trabalho para o desejo de querer um bebê. O médico disse que talvez fosse por causa de todas as mudanças na medicação que ela toma. Eles parecem não encontrar a certa.

— Estive pensando muito sobre isso. — Sento-me a seu lado. O sofá geme sob o nosso peso. — Sobre nós, Ceci.

— Morango? — oferece, erguendo um. — Quero fazer joias comestíveis. — Ela coloca a fruta junto ao meu pescoço.

— Para começar, precisamos nos mudar para um novo apartamento. — Será um bendito alívio sair deste lugar minúsculo.

Cecelia baixa a mão e examina o morango antes de lambê-lo. É como se não tivesse me ouvido nem digerido as implicações.

— Podemos nos mandar daqui — digo. — Ir para um lugar melhor, com mais espaço para você fazer suas joias. — Ela fica bem melhor quando está criando. Mais volátil e imprevisível, certamente, mas de algum modo ela parece mais viva. Eu a prefiro desse jeito; do jeito que era para ela ser.

Cecelia tem o temperamento de sua mãe correndo dentro dela, disse-me papai certa vez. *Quando estivermos mortos e enterrados, você terá seu trabalho moldado por isso*. Ele riu, acendeu um cigarro e morreu meses depois. A responsabilidade passou adiante. Às vezes, parece que nossa infância aconteceu com outras pessoas.

Cecelia ri e joga um morango na boca. Quando o morde, o sumo escorre entre os lábios.

— Para onde vamos nos mudar? — pergunta, incrédula. — Nós nunca nos mudamos.

— Exatamente — retruco. — Por isso que está na hora de mudarmos.

Observo-a vasculhar os móveis do apartamento, embalando tudo mentalmente, cuidando para que eu não desfaça sua estimada desordem.

— Tenho algum dinheiro guardado — conto. — Posso usá-lo como depósito. E, em breve, talvez eu ganhe uma promoção. — Ela mal reage à minha boa notícia, mas Ceci é assim mesmo. Meu chefe me mandou um e-mail pedindo para eu encontrá-lo semana que vem. Ele quer que eu requeira uma promoção para um cargo que vai vagar.

— Podemos dar uma festa — sugere ela. — E ter um gato. E talvez eu consiga montar uma lojinha novamente.

Suspiro. É melhor eu continuar com o que quero realmente dizer antes que ela pense demais sobre meu plano.

— Sabe aqueles dois menininhos gêmeos de que lhe falei? — Fecho as mãos, esperando que ela acompanhe meu pensamento. Cecelia tenta parecer desinteressada, mas, mesmo assim, assente com a cabeça. Antes de tudo, quero que mais alguém saiba do destino dos gêmeos, de modo que isso não fique confiado somente aos meus pensamentos. — Eles vão para um lar adotivo. — Depois disso, não sei o que será dos dois. Vai depender do destino do pai deles. — E, por falar em crianças... em bebês... — gaguejo.

Ela não está me ouvindo.

— Cecelia — chamo, segurando suas mãos nas minhas. Seus olhos pesados tentam focar. — Temos que deixar uma coisa bem clara. Você não vai ter um bebê. Está me entendendo?

O olhar vazio não denuncia nada.

— Sei que tem essas ideias na cabeça, e tudo parece emocionante e maravilhoso, mas, acredite em mim, é melhor você se concentrar nos seus projetos. Ponha toda a sua energia nas suas joias, está bem? — concluo.

— Sei — diz ela, de modo inexpressivo. Consigo ver o início de uma explosão surgir a partir dos pés. Ela junta os joelhos com força e prende os braços em volta do corpo num movimento desafiador. Então, vem a inspiração profunda, sugando todo o ar do cômodo, seguida pelas faces vermelhas, pelos dentes trincados e pelo olhar penetrante. Em seguida, nada. A calmaria antes da tempestade. Conheço isso muito bem.

— Falo sério, Ceci. Estou cansada das coisas pelas quais tem me feito passar. Pensei estar agindo certo, cedendo às suas exigências, mas a situação saiu do controle. Para ser sincera, tenho tanta culpa quanto você. Eu devia ter dito um não bem firme desde o início.

Pronto. Saiu. Fui atraída para um canto escuro da mente de Cecelia e colhida pela torrente de seu desejo. Não há a menor possibilidade de ela conseguir cuidar de um bebê, apesar de eu acreditar que poderia ser apenas disso que ela precisava. E também não havia chance de que eu quisesse engravidar. Teria que largar o emprego e cuidar eu mesma da pobre coisinha. Isso nunca esteve em meus planos.

— Quero deixar tudo isso para trás, Ceci, e fingir que nunca aconteceu. Não me orgulho do que fiz, mas não quero mais ouvir falar em bebês, está bem? — Seguro-a pelos ombros e forço-a a olhar para mim.

— Você não faz ideia do quanto quero um bebê — sussurra, numa voz que me desestabiliza. Pela primeira vez em séculos, Cecelia parece... normal, sincera, como se seus pensamentos viessem de alguma parte sã. — Eu *sempre* quis um bebê.

— Ah, coitadinha — digo, e não consigo evitar pensar em Claudia por um instante.

— Desde que era uma menininha, tenho esse enorme desejo de cuidar de um bebê. De amá-lo, alimentá-lo, mantê-lo aquecido e observá-lo crescer. — Há uma pausa. Um momento silencioso de lembranças. — Eu tinha uma boneca — continua, com lágrimas nos olhos. — E rezava para que ela ganhasse vida. Fiz todos os tipos de magia para tornar isso realidade, mas ela apenas permaneceu um frio pedaço de plástico.

— Ceci — digo. — Eu não fazia ideia. — E pensar que vivemos toda a nossa infância sem que eu soubesse disso.

— Talvez fosse porque a mamãe nunca nos amou realmente, de verdade.

É a coisa mais plausível que já saiu da boca de Cecelia.

— Eu... Eu não sei se isso é verdade. Tenho certeza de que ela nos amou à sua maneira. — Em minha cabeça há uma mulher, existindo, interagindo, cuidando de suas filhas, acompanhando as fases da vida; porém, com relação ao amor, não posso dizer se ela realmente se importava. Talvez eu estivesse ocupada demais vigiando Ceci para notar. Como diz Ceci, ter algo para amar ajuda no longo caminho para preencher o vazio que o fato de não ser amado deixa em nós.

— De qualquer modo, sei que você está certa — continua ela, parecendo agora um pouco menos morosa.

— Sabe?

— Sei que não posso ter um bebê — fala baixinho. — Mas isso me deixa profundamente triste. — Há uma finalidade patética nisso, como se sua vida sempre tivesse sido descrita como sem filhos desde o momento de sua própria concepção. — Para ser sincera, eu provavelmente não teria sido uma boa mãe — acrescenta, resignada. — E, Heather? — Seu rosto permanece imperturbavelmente calmo, como se todos aqueles anos de agonia, desejo e ânsia não tivessem sido nada mais do que um sonho malogrado, que deu errado em sua insondável mente.

— O que foi, Ceci? — pergunto. Suas mãos estão quentes nas minhas, ligeiramente grudadas por causa da fruta.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo.

Então, sua cabeça repousa em meu ombro, bem no lugar ao qual ela pertence.

GRAVAÇÃO DE INTERROGATÓRIO

Pessoa interrogada: Claudia Morgan-Brown

Local do interrogatório: Departamento de Polícia, West Midlands, Birmingham

Data do interrogatório: 28/11/12

Hora do início: 10h18 **Hora do término:** 11h14

Duração: 56 minutos (incluindo intervalo)

Número de referência da fita/imagem: 11/BH4/03561

Policiais responsáveis:

Investigador 1093 Adam Scott

Investigadora 2841 Lorraine Fisher

Outras pessoas presentes:

Investigador assistente 8932 Patrick Ainsley

I Scott: Este interrogatório está sendo gravado e pode ser usado como prova, se este caso for levado a julgamento. O interrogatório está sendo realizado na sede do Departamento de Polícia de Birmingham, às dez horas e dezoito minutos da manhã do dia vinte e oito de novembro de dois mil e doze. Sou o investigador Adam Scott, e também estão presentes a investigadora Lorraine Fisher e o investigador assistente Patrick Ainsley. Estamos aqui para interrogá-la acerca das acusações dos crimes pelos quais foi presa. Pode dizer seu nome, por favor?

CMB: Claudia Morgan-Brown.

I Scott: E sua data de nascimento?

CMB: Quatorze de abril de mil novecentos e setenta e dois.

I Scott: E, por favor, pode confirmar, para a gravação, que não há outras pessoas presentes exceto as já mencionadas?

CMB: Sim, posso confirmar isso.

I Scott: Antes de começarmos, devo lembrar-lhe que tem direito a assessoria jurídica independente e gratuita, mas você abriu mão desse direito. Esse, porém, é um direito contínuo e, se mudar de ideia, por favor, avise-me, e eu posso parar o interrogatório para que receba essa assessoria. Devo agora avisá-la que não precisa dizer nada, mas pode prejudicar sua defesa se não mencionar neste interrogatório algo que possa ser revelado posteriormente no tribunal. Tudo que disser poderá ser usado como prova. Ao final do interrogatório, eu lhe explicarei o que acontece com as fitas do seu depoimento.

Sabe por que foi presa e trazida aqui hoje?

CMB: Sei.

I Scott: Por favor, fale alto para o gravador. Você agrediu e matou Sally-Ann Frith e seu bebê, aproximadamente no dia quatorze de novembro de dois mil e doze?

CMB: Sim. Mas não pretendia matá-los.

I Fisher: Pode explicar o que quer dizer com isso?

CMB: Após tirar o bebê de dentro dela, eu ia chamar uma ambulância. Queria que ela ficasse bem. Mas ela reagiu e tornou a operação mais difícil. Ela causou a própria morte.

I Fisher: Você acredita que foi culpa de Sally-Ann ela ter morrido?

CMB: Sim.

I Fisher: Como se sente em relação às mortes?

I Scott: Para registro, a Sra. Morgan-Brown apenas deu de ombros.

CMB: Aquilo dificultou as coisas. Eu estava ficando sem tempo.

Inaudível, devido a alguém bufando.

I Scott: O que quer dizer com isso?

CMB: Uma gravidez falsa não pode durar para sempre. Eu precisava de um bebê na data em que deveria dar à luz. Quando o plano não saiu de acordo com o planejado, entrei em pânico e simplesmente abandonei os dois.

I Fisher: Pode nos dizer por que você... você queria pegar o bebê de Sally-Ann?

Longa pausa.

CMB: Porque todos os meus morreram. Sally-Ann não queria o dela. Caso contrário, eu não teria feito aquilo. Eu a vi na loja de departamento. Ela enlouqueceu, gritou que não queria o bebê. Sou assistente social, investigadora. Sei distinguir uma mãe boa de uma ruim.

Outra pausa.

I Scott: Para registro, a acusada está assentindo.

CBM: Eu tentei ajudá-la. Ela estava destruindo a loja, e eu a acalmei. Depois disso, eu a segui até em casa. Estava louca de preocupação com o bebê e senti que era meu dever ficar de olho nela. Nos meses posteriores, segui-a na faculdade, nas lojas, nas consultas no hospital. Com meu tipo de trabalho, foi fácil fazer isso. Sempre estou visitando mães inaptas. Fiquei superfeliz quando vi sua barriga crescer. Ela tinha seguido meu conselho.

I Fisher: Para a gravação, Claudia Morgan-Brown está bebendo água. E levantou-se.

I Scott: Sente-se e continue, por favor.

CMB: Sally-Ann nunca soube que eu a vigiava, embora tivesse falado rapidamente com ela umas duas vezes. Certa vez, quando toquei em sua barriga na cantina da faculdade, ela me disse que ia ter uma menininha. Ela não me reconheceu.

Investigadora Fisher tosse.

I Scott: Como forjou a própria gravidez?

I Fisher: Para a gravação, a acusada está sorrindo e sacudindo a cabeça.

CMB: Eu nunca acreditei que fosse possível. Essa é a verdade. Ela me disse que, a não ser que

me vissem totalmente nua, ninguém jamais saberia.

I Scott: Quem lhe disse?

CMB: A mulher da internet que faz os trajes. Ela também tinha razão. Por causa do meu histórico médico, James não tinha permissão de me tocar, por isso foi fácil. Ele trabalha longe a maior parte do tempo.

I Fisher: Descreva o traje, por favor.

CMB: Foi feito especialmente para mim. Cabia como uma luva. Eu tive que ir lá para tirar medidas. Ela me disse que vende bastante, que algumas mulheres gostam de se sentir grávidas o tempo todo. Gostam da agitação em torno delas. Mas, para mim, era de verdade. Finalmente, eu estava grávida e não ia abortar. Com o passar do tempo, eu o enchia com gel, como indicavam as instruções. Havia pesos no interior que se mexiam quando eu me mexia. Quando começaram os chutes, eles eram reais. Você nunca desconfiou, não é?

I Fisher: Não.

I Scott: Você usava o traje quando assassinou Sally-Ann?

CMB: Não. Era incômodo. Eu não a assassinei. Ela morreu durante a operação.

I Fisher: Por favor, descreva a... a operação. Conte-nos como fez.

CMB: Fui ao apartamento de Sally-Ann. Ela pareceu um pouco nervosa, a princípio, mas eu a convenci a me deixar entrar. Conversamos sobre bebês e coisas do tipo. Finalmente, ela relaxou.

I Scott: Quer permanecer sentada, por favor? Para registro, a Sra. Morgan-Brown continua se levantando.

CMB: Desculpe. *Inaudível*. Foi engraçado. Ela me disse que ia fazer uma cesariana em alguns dias. Eu estava com sorte.

Pausa.

CMB: Eu lhe disse que poderia fazer a operação naquele momento. Tranquei a porta do apartamento e guardei a chave. Falei que lhe pouparia uma ida ao hospital. A princípio, ela pensou que eu estivesse brincando. Eu lhe disse que seria mais fácil se ela fosse para a banheira, mas ela não quis ir. Mandou que eu fosse embora. Peguei uma faca na gaveta da cozinha. Tentei ao máximo facilitar as coisas para ela, mas tudo que ela fazia era gritar. Devo continuar?

I Scott: Sim.

CMB: O problema é que ela não ficava parada. Eu era mais forte do que ela, mas não o bastante para imobilizá-la, nem para fazer a operação. E não queria machucar o bebê. Ela ia ser minha. Não tive outra opção, a não ser apagar Sally-Ann. Não foi pior do que uma anestesia.

I Fisher: E como você a apagou?

CMB: Achei um martelo no armário debaixo da pia. Ela tentou escapar outra vez. Estava realmente dificultando as coisas.

I Scott: O que fez com o martelo?

CMB: Acertei a cabeça dela.

I Scott: Onde você estava quando a atingiu com o martelo?

CBM: No banheiro. Eu a tinha arrastado para lá.

I Scott: Você acha que ela estava sendo razoável por não querer que tirasse o bebê da barriga dela?

Longa pausa.

CMB: Não.

I Scott: O que aconteceu depois de você atingi-la?

CBM: Ela caiu. Foram necessários dois golpes.

I Fisher: Você acha que ela estava inconsciente ou morta?

CMB: Inconsciente. Pude vê-la respirar. Precisava levar em conta o bebê.

I Scott: Descreva o que aconteceu a seguir.

CMB: Posso beber mais água, por favor?

I Fisher: Para registro, o investigador assistente Ainsley está servindo água. Continue.

CMB: Coloquei-a na banheira. Foi difícil. Ela era pesada. Cortei suas roupas. Depois cortei-a.
Alguma vez já cortou carne humana, investigador?

I Scott: Nós fazemos as perguntas. Por favor, continue.

Investigadora Fisher tosse e pigarreia.

CMB: É surpreendentemente fácil. E eu tinha que tomar cuidado com meu bebê dentro dela.
Cantei uma cantiga de ninar, para o caso de ela poder me ouvir. Fiz uma incisão. Assim.

I Fisher: Para registro, a Sra. Morgan-Brown está indicando uma linha vertical do peito ao baixo-ventre.

CBM: Sei que não está tecnicamente correto, mas eu queria a maior abertura possível. Então, aconteceu uma coisa terrível.

Pausa.

CBM: Ela voltou a si. Estava me encarando, mais ou menos me encarando, então viu o que eu estava fazendo. Subitamente, ficou enlouquecida e começou a gritar e a se debater.

I Scott: Ela disse alguma coisa?

CMB: Implorou para que eu parasse. Foi difícil entendê-la. Então, passou apenas a fazer ruídos altos. Seu ventre iniciou uma espécie de espasmo.

I Scott: Poderia ser o bebê?

CMB: Sim, talvez.

I Scott: O que aconteceu depois?

CMB: Eu a golpeei, e ela desmaiou de novo. Então, meio que puxei a criança. Tentei cortar o cordão, mas estava difícil. A maior parte ainda estava dentro, afundada e enterrada, e os músculos de Sally-Ann estavam muito rígidos... como se ela não quisesse largá-lo.

I Fisher: O bebê estava vivo?

CBM: Sim, estava. Senti que se mexia em minhas mãos. Suas pernas saíram primeiro, depois o bumbum. Então, eu vi. Foi um choque terrível.

I Scott: Viu o quê?

Longa pausa.

CMB: Que era a porra de um menino. Eu estava tendo uma menina.

I Scott: Vamos fazer um curto intervalo. E interromper a gravação.

A gravação fica pausada por dezoito minutos. Policial Mahon entra na sala e o investigador assistente Ainsley permanece. Investigadores Scott e Fisher saem da sala.

I Scott: O interrogatório com Claudia Morgan-Brown é reiniciado às dez e cinquenta e oito da manhã. Estão presentes as mesmas pessoas de antes.

Sra. Morgan-Brown, atacou Carla Davis com o propósito de remover o bebê de seu ventre?

CMB: Sim, ataquei.

I Fisher: Por quê?

CMB: Porque ela também não queria o bebê.

I Scott: Você também a fez desmaiar?

CMB: Não, ela não reagiu.

I Fisher: Por que não, se ela sabia que ia machucá-la?

CMB: Porque eu a droguei.

I Fisher: Com que tipo de droga?

CMB: Ketamina. Uma dose bem alta. Foi fácil fazê-la tomar. Eu lido com pessoas que consomem drogas o tempo todo, e Carla estava sempre atrás de alguma coisa. Ela a tomou de livre e espontânea vontade. Não forcei nada.

I Scott: O que aconteceu depois?

CMB: Ela estava no sofá. Deixei-a confortável, enquanto a droga fazia efeito. Eu tinha levado uma faca. Dessa vez, eu pegaria minha filhinha, chamaria uma ambulância, e Carla ficaria bem após a operação. Mas...

Longa pausa.

I Scott: Para registro, a suspeita acaba de bater o rosto três vezes na mesa. Ela tem sangue nos lábios.

CMB: Eu conhecia Carla havia bastante tempo e devia ter imaginado.

I Fisher: O que quer dizer com isso?

CMB: Obviamente, ela havia tido uma porção de namorados, e não apenas o que eu havia visto com ela. Nunca pensei... Quando abri Carla e vi que era uma menina, meu coração quase parou. Era linda e doce, e eu não queria outra coisa a não ser tê-la como filha.

Pausa.

CMB: Mas James jamais poderia ser o pai dela. A bebê não era branca. Eu me senti profundamente desanimada e decidida a desistir.

I Fisher: Mas não desistiu, não é?

CMB: Não. Não desisti.

I Scott: Era sua intenção, ontem, remover o bebê do ventre de Pip Pearce?

CBM: Só depois que ela me ligou. Ela pediu minha ajuda, investigador. O que eu deveria fazer?

Pausa. Investigadores Scott e Fisher conferenciam de forma inaudível.

I Scott: Então, recapitulando, você está confessando os assassinatos de Sally-Ann Frith e seu bebê, a tentativa de assassinato contra Carla Davis e o assassinato de seu bebê e a tentativa de causar graves ferimentos corporais em Pip Pearce?

Pausa.

CBM: Sim.

I Scott: Tem mais alguma coisa a acrescentar?

CMB suspira fortemente.

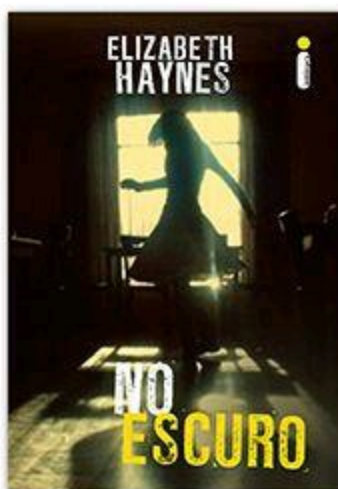
CMB: Querem que eu conte sobre os outros?

Terry Hayes

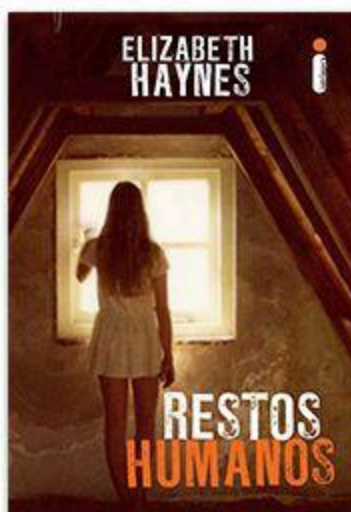


SAMANTHA HAYES queria ser escritora desde criança, mas sua carreira começou apenas em 2003, quando ganhou um concurso de contos. Antes de se dedicar aos livros, trabalhou como garçonne, operária de fábrica e detetive particular. Nascida em West Midlands, largou a escola aos dezesseis anos e viveu em diversos países, incluindo Austrália e Estados Unidos, antes de, finalmente, se estabelecer na Inglaterra, onde vive com o marido e os três filhos. Seus *thrillers*

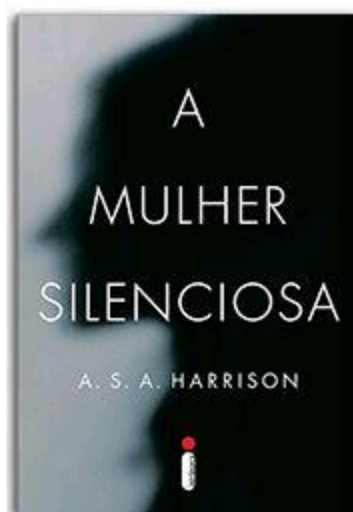
psicológicos ambientados na vida familiar e focados em questões do cotidiano já foram publicados em mais de dez países.



[*No escuro*](#)
[Elizabeth Haynes](#)



[*Restos humanos*](#)
[Elizabeth Haynes](#)



[A mulher silenciosa](#)
[A. S. A. Harrison](#)



[Objetos cortantes](#)
[Gillian Flynn](#)